ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 78
1 9 5 8

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES — 1963

ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 78

1 9 5 8

SUMÁRIO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES — 1963

CORRESPONDÊNCIA PASSIVA
DE COELHO NETO

EXPLICAÇÃO

A publicação da Correspondência Passiva de Coelho Neto, agora incorporada aos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, *constitui documento bastante para que o escritor se entremostre em sua configuração humana. É uma geração inteira, à sombra de problemas e debates imediatos, de questões cotidianas e acontecimentos comuns, que se move em tôrno do autor de* Rei Negro. *Solicitações e testemunhos — devolvidos em constante compreensão — provam que, em sua extraordinária atividade intelectual, Coelho Neto jamais traiu a convivência. A correspondência, assim espontânea, e conseqüência da posição do escritor na inteligência brasileira, perde a gratuidade para converter-se em documentário de significação excepcional.*

O memorialista, que sempre foi Coelho Neto, presente em sua obra de ficcionista — romancista, contista, dramaturgo —, encontra na correspondência passiva a indispensável complementação para o reconhecimento crítico. Essas reações iniciais, primeiros caminhos para a configuração geral, passarão a contar desde agora como chaves de informação. E, se demonstram principalmente um lado do diálogo, refletem a grande receptividade que provocou como escritor dentro da vida.

Fazendo-se pública, a serviço de todos, uma das mais valiosas coleções manuscritas desta Biblioteca, ultrapassa ela o interêsse da exegese erudita e da preocupação de referência literária, para afirmar-se como elemento que — em seu depoimento — auxilia a própria caracterização humana de Coelho Neto. Integra-se o escritor entre os contemporâneos. Não será exagêro declarar-se, pois, que esta é a parte mais válida do julgamento.

ADONIAS FILHO
DIRETOR

OSÓRIO DUQUE-ESTRADA

1.

Netto

Salut!

Ouço dizer que não estás disposto a ir a Campos realisar a conferencia que lá se espera da tua palavra de Mestre. Se assim, é, e se aquelle bom povo tem de ficar privado do supremo regalo espiritual de ouvir-te, proponho-te uma combinação:

Vou eu, e *racho* fraternalmente comtigo o producto da conferencia. Sou lá estimado, offereceram-me festas e banquetes; é possivel que não recusem uma proposta tua nesse sentido, embora saiam bastante roubados com a troca. Móro na rua das Laranjeiras 2. *Un petit mot* au

teu ex-corde

Osorio

Rio, $\frac{28\text{-}6}{908}$

I — 1, 2, 47

2.

Netto

Ahi vão, repetidos, os abraços que te enviei por telegramma.

Agora que sabes bem avaliar quanto custa a lucta para uma collocação definitiva e que, sem mais preoccupação pelo teu futuro, deves julgar quanto vivo amargurado pela injustiça de que fui victima e ha tres annos soffrendo, sem poder realisar o casamento que já tanto me afflige, tortura e abate; agora, digo eu, lembra-te de que podes conquistar para sempre dous corações que já te são affeiçoados, e promove com um impulso decisivo a felicidade de que elles têm tanta sêde!

Empenha-te pela minha causa, intervem junto ao Lyra, em favor da nomeação que é a minha ultima esperança, e verás depois de quanto é capaz o meu coração.

O Edmundo anda preoccupado dia e noite com o caso do Banco União; mostra um máo humor continuo, uma tal indisposição para tudo o mais, que tenho receio de insistir para que procure o Ministro. Disse-me apenas, ha dous dias, que o *Lyra não poderá faltar á palavra dada:* isso, porem, não me tranquilliza, principalmente em vista da restricção que elle fez.

Tenho de ir trabalhar na Camara, para o Correio da Manhã: si tiveres de ser ouvido (certamente serás) sobre o horario das aulas de Literatura, vê si consegues que sejam das 10-10 ás 12-20, ou das 9 ás 11-10.

O principal trabalho será tirar da cabeça do Lyra a supposição de que o Codigo do Ensino obriga á consulta aos lentes, ou estabelece preferencia por estes. Sabes o que está acontecendo actualmente no Gymnasio? Não ha examinadores para o concurso de Logica, apezar do lente de Historia estar regendo interinamente a cadeira dessa disciplina! Já houve um de Grego e outro de Francez para os quaes foi preciso convidar pessoal de fóra! Para avançar na interinidade são todos competentes! A tua posição actual permitte que lembres essas cousas ao Lyra: eu sou apenas *um candidato!*

Meus respeitos á tua Senhora. Abraços do teu

Osorio

10-4-909

I — 1, 2, 48

3.

Netto

Foi convocada para o dia 17 do corrente (Jornal do Commercio de hontem) a sessão extraordinaria do Conselho de Ensino, em que deve ficar resolvido o meu caso. Aperta o Frontin, para que obtenha o voto do Brasilio e do representante da Polytechnica, e o A. Lima para que leve, por sua vez, o do Meschick (representante do Gymnasio). Quanto aos outros, creio que estão seguros e ficam por conta do Aloysio de Castro.

Abraços do teu

Osorio

Rio, 3-5-915

I — 1, 2, 49

4.

Netto

Abraços

Creio que já podemos cantar victoria com o caso do Conselho: fui procurado hoje pelo Pedro Lessa e convidado, em nome do Brasilio Machado, a comparecer amanhã, ás 2 horas, na rua Floriano Peixoto (séde do Conselho). A esse convite acompanhou a declaração de que o cargo de fiscal da Academia só será dado a um bacharel em direito, mas que, em compensação, serei nomeado para fiscalisar dous collegios equiparados ao Gymnasio. Essa accumulação renderá 7:200$000, ao passo que o cargo de fiscal da Academia rende apenas 6:000$000. O serviço é quasi o mesmo e só começará em setembro, mas serei nomeado desde já, para receber logo, adiantadamente, metade dos vencimentos. Que tal?

Não vou dar-te já o primeiro abraço porque o Heitor e o Astolpho Dutra ficaram de vir hoje aqui e sou obrigado a esperal-os.

Recebe-o, porem, nestas linhas, pelo muito que me ajudaste *ex-abundantia cordis.*

Recommenda-nos á Gaby

Teu

Osorio

I — 1, 2, 57

5.

Netto

Foi publicada hoje a minha nomeação de fiscal do Gymnasio do Espirito Santo.

Apezar da estima e da lealdade do C. Maximiliano, a quem a devo em ultima instancia, bem sei que trabalhaste franca e sinceramente por mim. É quanto basta para que eu não deva retardar por mais tempo o meu abraço de agradecimentos.

Saudades á Gaby e aos pequenos

Do teu velho amigo

Osorio

Rio, 26-6-915

I — 1, 2, 50

6.

Netto

Bôa noite!

Como já terás sabido, foi encerrada no dia 5 do corrente a inscripção para a vaga do Sylvio, e a eleição foi marcada para o mez de novembro. Até agora é este o calculo que prevalece:

Não votam: L. Müller, Emilio, O. Cruz, P. Barreto, J. Verissimo e Domicio, havendo uma vaga (Total: 7).

Dos 33 restantes, 16 votam em mim, 9 no F. Brito, 6 no Almachio, e 2 são duvidosos (Inglez e Filinto).

Como vês, indo eu com o Farias a 2.º escrutinio, bastará o teu voto nessa 2.ª phase do pleito, para o meu triunpho, por 17 contra 16. É certo que o mesmo espero do A. Orlando e do M. Azeredo, accrescendo que o Filinto deve ser meu e que ha ainda possibilidade de comparecer o O. Cruz, para votar em mim; mas póde tambem faltar algum dos meus eleitores, como em 1905, e bem vês por isso que o teu suffragio será talvez decisivo. Espero, pois, que não me abandonarás.

Abraços do teu

Osorio

[1915]

I — 1, 2, 58

7.

Netto

Hoje, ás 2 1/2 da tarde, na porta do Garnier, disse-me o dr. Nazareth Menezes, autorizando-me a não guardar reserva sobre a procedencia da informação, que, amanhã, ou depois, um jornal desta cidade (não sei qual delles) publicará uma reportagem relativa ao proximo pleito academico e na qual affirma o informante da mesma folha ter ouvido pessoalmente do dr. Almachio Diniz a seguinte declaração: — *"O unico trabalho que me falta ainda fazer é ir com o Coelho Netto á casa de alguns eleitores do Osorio, para impedir que elles compareçam no dia da eleição"*.

Tão inverosimil e estranha me pareceu a noticia, que não hesitei um momento em pôl-a de quarentena, ou melhor, em julgal-a falsissima.

Teu

Osorio

Rio, 13-11-915.

I — 1, 2, 51

8.

Netto

Desejo ler-te o meu discurso antes de reduzil-o a letra de machina e de envial-o á *censura* da Academia. É possivel fazer essa leitura e ouvir os teus conselhos dentro de dous ou tres dias? O trabalho está concluido desde hontem e foi condensado em 31 laudas de papel: quer dizer que não tomará mais de 50 minutos.

Não sei ainda ao certo o que resolveu a Academia relativamente á farda. De qualquer maneira, e si fôr isso do teu agrado, pedirei para ser recebido nos ultimos dias de julho, ou em principios de agosto.

Aguardo as tuas ordens.

Do velho amigo

Osorio

[1916]

I — 1, 2, 59

9.

Netto amigo,

Abraços

Chegou a hora de metter-te a faca aos peitos, e quem o faz não sou eu, mas a Academia, como verás pelo teor do officio que junto com esta te remetto. Espero que me envies, logo que fôr possivel, o teu discurso e o meu, para serem entregues ao Filinto. Dize de mim o que te aprouver; mas, si me é licito fazer-te um pedido, para que me dês um titulo a que posso aspirar sem ser inspirado pela vaidade, ouso lembrar-te a conveniencia de um simples periodo em que salientes a circunstancia de não ser eu um vadio, nem um desconhecido no movimento intellectual do paiz, pois tendo já 13 volumes publicados e mais 3 em preparo quasi acabado, de quanto tenho esparso em critica e jornalismo durante 30 annos, poderia encher mais alguns milhares de paginas. Com os agradecimentos antecipados, recebe mais um abraço do teu

Saudades a todos.

Osorio

Rio, 20-9-916.

I — 1, 2, 52

10.

Netto

O calor, o furacão e os meus intestinos foram as tres causas (excuzez du peu...) que me impediram de ir hontem levar as minhas palmas ao director da Escola Dramatica. Espero que serei perdoado.

Mando-te junto alguns dos meus peccados poeticos menos inconfessaveis. Piedade para elles, principalmente para os mortos, que são quasi todos, pois só os quatro ultimos foram recentemente publicados.

Lembranças a todos e abraços do teu

Osorio

Rio, 28-9-916.

Como vamos de discurso?

I — 1, 2, 53

11.

Netto

Abraços

O Ataulpho e o Gottuzo preveniram-me de que as Sr.as Azeredo, Santos Lobo e Licinio Cardoso communicaram hoje, a todas as pessoas presentes á conferencia do Luiz de Castro, que será effectuada no dia 21 (sabbado), no Theatro Municipal a festa por ellas organisada em beneficio do Instituto Hannemaniano. Peço, pois, que adoptes a minha primitiva idéa de designar o dia 19 (5.a feira) para a sessão da Academia. Si concordares com o alvitre, manda um aviso amanhã ao Filinto. Os sabbados estão agora todos tomados com festas de caridade; é impossivel contar com elles.

Teu

Osorio

[1916]

I — 1, 2, 60

12.

Netto

Não faço questão do dia 19, e o Filinto tampouco. Si tens algum compromisso para essa data, que a nossa festa seja a 18 ou a 20 (quarta ou sexta feira). A 21 é que seria um desastre, porque quasi toda a sociedade chic do Rio estará compromettida para o Municipal. Si de todo não te convier nenhuma dessas datas, lembro-te, em ultimo logar, a de 23 (2.a feira.) Uma vez fixada, não será mais substituída,

pois o que preciso desde já é a certeza de quando será a recepção, para começar os preparativos. O Ruy embarca a 25 e desejo que elle presida á sessão. O Filinto disse-me hontem que para a Academia é indifferente qualquer data. Reflecte um pouco e, pois que só depende de ti, vê si me fazes esse favor de acceitar um dos tres dias indicados: 18, 19 ou 23.

Abraços do teu

Osorio

[1916]

I — 1, 2, 62

13.

Netto

Visto que tens de ir commigo a Palacio, manda tu, que estás mais perto e és deputado, saber do Presidente o dia em que nos recebe, para ser convidado. Aos ministros convidarei por telegramma. Não sei si já sabes que no dia 23 teremos o último espectaculo do Guitry... Já é caiporismo! Por essa razão, tenho convidado metade do Rio de Janeiro e conto que a concurrencia seja grande e selecta. Mandaste o meu discurso á censura, mas eu já havia dado ao Filinto um exemplar dactylographado, que vai passar agora ás mãos do Augusto de Lima; o Filinto achou que nada havia nelle de incoveniente, ou que precisasse de retoque. Ainda bem!

Sei que o teu está uma belleza, mas, visto que tens guardado reserva, não tenho querido ser indiscreto nem abelhudo.

Manda-me as tuas ordens.

Saudades e abraços do teu

Osorio

P. S. Queres ir commigo, na sexta feira, á noite, á casa do Ruy, para pedir-lhe que vá presidir a sessão?

[1916]

I — 1, 2, 61

14.

Netto

Estive na E. Dramatica das 3 ½ ás 5 ½ ! ! Não se trata mais da minha pessôa e, salvo impedimento teu, bem verás que não ha duas respostas a dar:

Estive com o Ruy; disse-me que deseja ir presidir a sessão, mas só si esta fôr adiada por 48 horas, pois o dia 23 é do anniversario de

M.me Ruy Barbosa, que dá recepção. Que responder? Fiquei de ir hoje á casa delle, ou telegraphar. Manda-me, pois, uma decisão com urgencia. O Filinto está de pleno accôrdo. Accresce que o Guitry se despede na 3.ª feira.

Teu

Osorio

[1916]

I — 1, 2, 63

15.

Ao illustre escriptor Coelho Netto

(Circular)

Saudações. Tendo já obtido das maiores competencias musicaes brasileiras pareceres acerca da pergunta nestes termos formulada — *"É, ou não, perfeitamente adaptavel á musica de Frco Manoel a letra que escrevi para o Hymno Nacional?"*, desejo que V., não como amigo, mas como juiz, com a responsabilidade de seu nome e ainda *sem fazer cotejo com qualquer outra producção similar,* me responda com a maxima franqueza aos seguintes quesitos:

1.º Que pensa V. do merecimento daquella composição poetica, não propriamente como peça literaria ou artistica, mas como trabalho do genero especial a que pertence, isto é, *como letra de hymno?*

2.º Julga V. que a mesma letra synthetisa de alguma fórma os ideaes do povo brasileiro e interpreta satisfatoriamente a vibração patriotica da bella composição de F. Manoel?

Com qualquer resposta, dada ao pé desta carta, muito penhorará v. o.

Confrde admdor
Osório Duque-Estrada.

Rio, 25-1-917.

I — 1, 2, 54

16.

Netto

Saudades

O Aloysio de Castro pediu-me que hoje mesmo te escrevesse duas linhas, solicitando a tua sympathia para a candidatura delle á Academia, na vaga do Oswaldo Cruz.

Não tenho a pretenção de querer servir de patrono do distincto moço, que, muito facilmente, estou certo, conquistará o teu coração

e o teu voto; correspondo apenas á gentileza com que me confiou tal encargo e apresso-me tão sómente a passar na frente de uma timidez, que desconhece a sua grande força e confia ingenuamente na que não tenho. Ahi fica satisfeito o pedido do meu bom amigo e já orgulhoso me confesso por ter sido de algum modo o transmissor dos seus desejos.

Abraços do

Osorio

Rio, 14-2-917

I — 1, 2, 53

17.

Netto

Na perplexidade em que me encontro, por não saber quaes serão as intenções do Edmundo com relação ao jornal, venço ao mesmo tempo um grande constrangimento, para fazer-te uma consulta, em hora de graves apprehensões para mim, certo e seguro, como estou, de que serei uma das primeiras victimas do sitio, tendo tido já a experiencia de 1910. Essa consulta embaraçosa e que espera uma resposta franca, desafogada e sem a menor sombra de constrangimento por parte de um amigo, que mesmo nas circunstancias mais prementes para mim não será absolutamente constrangido no minimo escrupulo, é a seguinte: — Em caso de precisar fugir á sanha dos meus perseguidores, e emquanto procure um refugio definitivo antes que a minha casa seja interdicta, poderei provisoriamente encontrar asylo junto ao teu coração?

Abre-te franca e sinceramente, porque qualquer resposta constrangida de tua parte me vexaria mais que as violencias que me fossem feitas na Correcção ou em qualquer regimento de desalmados.

A surpreza deixou-me aturdido. Dá-me um conselho. Respeitarei qualquer escrupulo teu e nada fará com que se extremeça, siquer, a nossa velha e bôa amizade. Usa, pois, da maxima franqueza com o teu

Osorio

I — 1, 2, 56

18.

Netto

Saudações

Não sei o que Rodrigo Octavio e Medeiros entendem de libretos de opera (o segundo entende de tudo e em tudo se mette!)

Lá estás, porem, como membro do jury, felizmente para mim, que concorro com dous libretos. Não te digo quaes são, porque confio no teu criterio e espirito de justiça, esperando que saberás triunphar da presumpção e da incompetencia. Digo-te apenas que a falta de grande vibração dramatica em taes libretos é antes qualidade que defeito: as operas destinam-se ás alumnas do Instituto...

Abraços do am^o^

Osorio

I — 1, 2, 64

19.

Netto

Abraços.

Não tencionava importunar-te, nem accrescentar uma só linha ao que já te escrevi sobre o concurso do Instituto; desde, porem, que a deslealdade e a má fé entram em scena, muito não é que me previna contra um golpe traiçoeiro. Ouve, pois, uma pequena historia: o R. Barbosa, desaffecto do Abdon, por causa do Nepomuceno (de quem sou amicissimo), ao ler o meu libreto *A Fonte Milagrosa,* mostrou-se affectadamente enthusiasmado, dizendo que *ninguem havia creado ainda uma atmosphera lyrica de tanta belleza,* accrescentando que eu não devia mandar *"aquella joia"* para o concurso e ainda menos destinal-a a alumnas do Instituto. Propunha-me, por isso, dal-a ao Alberto, para este fazer a musica, compromettendo-se elle, Barbosa, a fazer a opera ser representada e cantada pela companhia do Mocchi, no Municipal.

A proposta era seductora, mas a minha palavra estava dada ao Abdon, e por isso não cedi, promettendo ao Alberto fazer outro trabalho. Embora pezaroso, porque tambem gostara muito da *Fonte,* o Alberto concordou; mas o Barbosa, venenoso como é, preparou-se para a desforra. Eis porque está agora mancomunado com o Medeiros (com quem se encontra todos os dias na casa Napoleão) pretendendo que este me classifique em 2.º ou mesmo 3.º logar, isto é, abaixo do Tapajoz (autor da *Iracema*) e até mesmo do Julio Reis (autor da *Jaty*)!!!

Nota: ao saber disso, o proprio Julio Reis exclamou: "Sou apenas musico e não literato; concorri, porque já tenho a musica feita e quero ver si apanho apenas a classificação em 3.º logar. *Seria uma revoltante injustiça collocar-me acima do Osorio e até mesmo do Tapajoz*". O Tapajoz, depois de ler o meu trabalho, não queria concorrer; fel-o, obrigado por mim e declara a todos que so disputa o 2.º logar *"porque o 1.º ninguem pode disputar ao Osorio"*.

Nada mais eloquente. Mas Medeiros é trampolineiro e sophista e capaz de arrastar os musicos membros do jury, que acham que o principal papel de julgadores deve caber aos literatos. Ahi está por que preciso prevenir-te da tramoia. Não quero absolutamente forçar o teu voto: qualquer que elle seja, merecerá o meu acatamento e o meu respeito, porque sei que será dado honestamente, e não com deslealdade.

Abraços do am^{o}

Osorio

I — 1, 2, 65

20.

Netto amigo

Recebi o teu cartão e, em resposta, devo dizer-te que nada tens a agradecer-me. O juizo justo e sincero que fiz e faço do teu alto valor não pode sorprehender-te; e, si não tens conhecimento das referencias constantes feitas á tua pessoa em quasi todas as minhas conferencias do norte e em 2 da exposição (principalmente a proposito de Miguez), *cela tient tout simplement à* me faltar por completo o feitio do engrossador. Pouco *pratico* na vida, sou um animal de queixo duro, e, por isso, só digo e escrevo o que penso. Em todo caso, é para mim alegria e consolo saber que o meu *Registro* foi mais um laço de sympathia a fortificar a nossa camaradagem de 22 anos.

Vinte e dous annos! Eheu, fugaces, Posthume, Posthume, labuntur anni!

Teu

Osorio

I — 1, 6, 39

P. M. GAHISTO

21.

St. Leu, 12 août 1913

Cher Maître,

Avant que vous n'ayiez quitté la France je voudrais vous exprimer en détails les bons souvenirs que je garde des heures où j'ai appris a vous mieux connaître. Permettez-moi de vous le dire en peu de mots

---

• Cartão.

et de ne pas vous prendre tout le temps qui serait nécessaire. Ce temps vous est précieux, et vous savez, je l'ai vu, l'employer excellemment.

Un artiste, un esprit observateur découvrent partout des faits curieux et instructifs. Par suite je n'ai pas cru opportun de vous recommander de voir ceci plutôt que cela. Peut-être pourrais-je seulement penser qu'il y a une spécialité européenne capable de parler éloquemment á un esprit et á une imagination tels que les vôtres. C'est le château féodal, la massive forteresse des barons du moyen-âge. Il en est en Portugal. Ici, les plus proches de Paris sont á deux heures et trois heures de chemin de fer. Pierrefonds, merveilleusement restauré par le savant Viollet-le-Duc, et Coney, ruines grandioses, montagne de tours encore fermées à l'escalade. Gisors est á une heure et demie de Paris, moins important et moins connu.

J'espère que la réception du directeur de La Vie a été satisfaisante. Peut-être avez-vous exprimé votre voeu de faire plus tard une conférence sur le Brésil... La Vie a parfois patroné et organisé des conférences. Quant au N.º manquant á votre suite de la traduction de Fertilité, si vous voulez bien me l'indiquer, je vous le ferai adresser. Hier, de Paris, je vous ai envoyé les Mille Nouvelles Nouvelles, avec le conte — Os Pombos.

Je vous prie de présenter mes respectueux hommages a Madame C. Netto et d'agréer, Cher Maître l'assurance de mon admiration sympathique.

Gahisto.

I — 1, 3, 6

22.

Paris, le 30 Novembre, 1913

155 Faubourg Poissonière

Mon Illustre et Cher Confrère.

Je me faisais une féte de vous revoir à Paris, et de vous entendre encore parler du Brésil comme vous le faites si bien. Le directeur de La Vie m'avait annoncé son intention de réunir si possible pendant votre séjour quelques écrivains de valeur pour que votre présence parmi nous aboutisse à un cordial échange d'idées entre Confrères. A Paris, on n' improvise pas facilement ces rencontres du jour au lendemain...

Voyant les semaines s' écouler, M. Marius Ary Leblond m'a appelé l'autre soir pour me demander la date de votre retour et me

dire qu'il vous croyait rappelé à Rio et rentré directement de Hambourg.

M Leblond m'a chargé alors d'une mission particulière à laquelle j'aurais préféré rester étranger. La Vie organise en ce moment son plan d'action pour l'an prochain. M. Leblond me dit vous avoir parlé d'une subvention officielle du Brésil l'engageant à faire pour le pays une propagande suivie dans sa revue, qui se répand non seulement en France mais dans tous les pays où atteignent les idées modernes. Il désirerait être fixé sur ce point, et je ne puis refuser d'être une fois son interprète en cela, puisque le résultat serait une réclame précieuse pour nos traductions.

Je vous écris donc à Rio, sans perdre l'espoir que vous nous surprendrez bientot ici et que ma lettre sera inutile de ce fait. Je vous adresse en même temps la revue avec un article sur le Vénézuéla, destiné lui aussi à éveiller l'attention du public sur le thème général de l'Amérique du Sud littéraire.

En ce moment, je lis de près CHANAAN, ce roman dont vous m'avez dit quelques mots. Ce roman me parait trop Européen par ses personnages et par ses appréciations. Nous verrons par la suite quel accueil le lecteur fera à des personnages plus près de la nature nés dans le Sertão et façonnés pour lui.

J'ai bien reçu "MIRAGEM" et vous én remercie bien vivement. Je le lis et je l'étudie en détail, en toute éventualité d'avenir. Je n'en ai pas vu encore la conclusion et préfère vous en reparler plus tard.

Que ma lettre vous porte, ou elle vous rejoindra avec mes respectueux hommages pour Madame Netto, l'expression de mes sentiments de profonde admiration littéraire et de ma sympathie bien dévouée.

Gahisto.

I — 1, 3, 7

23.

Paris, le 3 Février 1914
155 Faubourg Poissonnière
Monsieur et Illustre Confrère

Vivement ému par les nouvelles que vous me donnez de la santé de Madame Netto, je m'empresse de vous exprimer tous mes souhaits pour son complet rétablissement, en vous priant de lui présenter mes hommages respectueux.

Précisément nous sommes en train, M Lebesgue et moi, de poursuivre notre travail de traduction. Nous avons relu et mis au

point la semaine dernière "A Tapéra" et l'ébauche de "Céga" est terminée: M Lebesgue va prochainement la réviser. Nous nous proposons de faire encore une tentative pour obtenir la publication de ces nouvelles dans une revue ou un journal. Puis nous chercherons un éditeur qui veuille bien les réunir en volume.

Sur ce point, ne devant pas dépasser 300 pages, nous avons l'intention de limiter un premier recueil à ces choix:

Fertilidade
Mandovi
Céga
A Tapéra
Segundas Núpcias

Ce dernier est le seul dont le nombre de pages s'approche de la limite que nous cherchons. Il aurait l' avantage de vous montrer sous un autre aspect de votre talent et d'introduire dans le recueil un élément féminin sous l'aspect bourgeois, ce qui fera variété dans l'ensemble et peut avoir de l'influence au point de vue de l'effet sur le public français.

Je vous ferai part des résultats bons ou mauvais au fur et à mesure. Avec des oeuvres de ce genre, à notre avis, il ne faut envisager l'édition à compte d'auteur qu'en dernière ressource, lorsque les autres moyéns auront été méthodiquement essayés.

Quant à la question générale de diffusion des idées relatives au Brésil, elle est au dessus des crises passagères, et s'il faut ajourner les manifestations importantes, cela permettra de les préparer plus soigneusement. M. Leblond est tourjours heureux d'ailleurs de recevoir pour La Vie des notices et échos relatifs à l'Amérique Latine. C'est un élément d'intérêt vraiment neuf capable de contribuer au succès de la revue dans tous les centres de vie intellectuelle où elle est en lecture.

Au revoir, mon Cher et illustre Confrère, je vous prie de me croire votre tout dévoué.

Gahisto

P.S. De passage a Paris á l'heure du départ de cette lettre, je tiens a vous renouveler, Mon Cher et Illustre Confrère, l'assurance de mon plus entier devouement. J'eusse vivement desiré pouvoir faire votre connaissance personelle á votre passage en France, et j'ai bien regretté d'autre part d'ignorer votre adresse en Europe et de ne pouvoir venir répondre a l'aimable lettre que vous m'aviez adressé.

J'ai la conviction personnelle que le volume que nous preparons — j'ai mis bien longtemps, n'est-ce pas? à tenir une promesse — sera une révélation ici. Il est impossible que l'on vous ignore plus longtemps en France.

Votre admirateur et ami très fervent

Philéas Lebesgue

Mes hommages et respectueux souhaits à Madame Netto.

I — 1, 3, 8

24.

Paris, le 29 Avril 1914
155 Faubourg Poissonière
Monsieur et Illustre Confrère

Je suis très en retard à répondre et confus de n'avoir pas exprimé plus rapidement l'opinion que vous me demandiez de si flatteuse manière dans votre dernière lettre. C'est que nous sommes fort avancés dans la formation d'un recueil de contes du Sertão et que nous éprouverions un recul si nous voulions commencer un livre d'un autre genre. D'autre part, La Vie doit insérer bientôt Secundas Nupcias — Secondes Noces, et nous espérons placer ailleurs Céga. Ces publications dans la presse suffiraient largement à établir votre renommé dans toutes les réunions d'écrivains qui se tiennent à Paris. On y a fété ainsi Mme de Almeida dont rien n'est traduit encore.

Pour être franc, les récits *sertanejos* ont ma préférence. Je n'ai pas encore lu "A Conquista" que m'a fait parvenir l'editeur, mais je savoure lentement votre *Rei Negro*. La première moitié me paraît admirable, et la fin sera sûrement de même. Notre ami Philéas Lebesgue m'a spontanément écrit son opinion pareille à la mienne. C'est ce beau livre là que nous préférerions entreprendre quand le sort du premier sera fixé.

Peut être faudra-t-il faire les frais de l'édition comme vous le proposez, mais nous souhaiterions un résultat plus honorable. Nous proposerons le recueil sur Les Caboclos à plusieurs grands éditeurs avant de nous avouer battus. Nous estimons que vos oeuvres, traduites avec soin, doivent prendre une place durable dans les bonnes bibliothèques d'ici.

C'est donc un sacrifice de temps que nous faisons. A l'heure actuelle, Céga n'est pas accepté par le journal *Le Temps* et je crois

savoir, que c'est parceque ce journal est protestan de doctrine. Je vais le proposer au Journal des Débats.

En cas de nouvel échec, j'ai pensé au *Figaro*. Ce dernier quotidien insère des communiqués subventionnés par le gouvernement du Brésil. Peut-être vous serait-il possible par cette voie officielle d'obtenir la publication de Céga en feuilleton.

Depuis un mois, la migraine limite chaque jour mon travail en m'interdisant de rédiger. C'est une conséquence de surmenage à laquelle je dois me résigner de temps en temps. Permettez moi de vous remercier des livres que vous m'avez fait adresser à plusieurs reprises, parce que leur arrivée avec votre bon souvenir m'a doublement été agréable dans ces moments un peu mélancoliques. D'irrégularité de la correspondance ne signifie pas l'oubli ni l'abandon des projets de l'été dernier, et en attendant le plaisir de vous envoyer quelque bonne nouvelle plus décisive, je vous prie d'agréer, mon Illustre Confrère et Ami, l'assurance de mon admiration sympathique et dévouée.

Gahisto.

I — 1, 3, 9

25.

Paris, le 10 mai 1914

Monsieur et Cher Maître,

J'ai été profondément ému par votre lettre du mois dernier, et de tout coeur avec vous dans le chagrin qui vous a frappé, je vous prie d'agréer l'expression de ma respectueuse sympathie. Aussitôt, j'ai fait part de vos nouvelles à quelques amis, et certains journaux ont salué votre nom, comme vous l'avez vu sans doute.

Ma réponse a été retardée contre ma volonté et je m'en excuse sincèrement. Outre les difficultés que j'ai éprouvées depuis plusieurs mois à tenir mon travail à jour, à cause du mauvais état de ma santé, j'ai dû attendre une solution de la Revue de l'Amérique latine pour les poèmes de Mme Francisco Cordeiro. Le Rédacteur en Chef les garde, mais sans promettre formellement de les publier, tant il a de copie. Du même coup, il nous annonce qu'il doit differér aussi l'impression du petit roman de Xavier Marques, Janna e Joel. La difficulté provient de ce qu'une partie de la revue est occupée par les questions économiques, mais d'autre part, on ne peut que se réjouir de voir publier en France pour la première fois tous ces articles consacrés à l'Amérique.

Au reçu de votre lettre, j'ai écrit à l'éditeur Crès et Cie, acheteur du fonds de L'Edition française Illustrée, pour savoir où en était la vente du livre MACAMBIRA. D'après la réponse, cet éditeur considère le traité comme périmé, de sorte que nous aurions le droit de faire rééditer l'ouvrage dans une autre maison. Je ne manquerais pas dans ce cas de vous écrire, et aussi de corriger le texte suivant les annotations que vous avez inscrites dans la première s'rie d'épreuves.

Enfin, j'avais proposé en août dernier la nouvelle Aveugle à la revue La Vie des Peuples dirigée par M de Lapradelle. Je vous envoie ci-joint l'accusé de réception du secrétaire avec au dos le calque de ma lettre de rappel. Aucune réponse ne m'est parvenue. Va-t-on publier cette traduction? J'attends une solution, parce que j'essaierai encore, après cela, de trouver un éditeur pour l'emsemble: Fertilidade, A Tapera, Cega, et Os Velhos, tous traduits et une partie connue déjà par quelque revue. Le temps ne fait que confirmer la valeur de ces récits, et ne change rien à notre désir de les voir réunis en volume. *

Nous avons eu l'an dernier une grave désillusion à propos de La Relique du maître Eça de Queiroz. Autorisés à le traduire pour un journal, nous avions ensuite trouvé un éditeur pour le livre. A ce moment, la maison Lelo e Irmão, de Porto, s'est derrobée, prétendant vouloir traiter pour les oeuvres complètes du grand romancier. On ne peut imaginer combien cette manoeuvre nous a causé d'ennuis, lorsqu'il est difficile d'editer, et que nous aurions avantage, dans l'intérêt de toutes les traductions du Portugais, à conquérir la confiance du public par une oeuvre que le recul du temps a consacrée.

[Sem assinatura]

I — 1, 3, 10

26.

Paris, le 19 Octobre 1914

Mon Cher et Illustre Confrère.

Vous avez sans doute reçu la petite revue Isis, du Caire, avec un article occasionnel sur *les Caboclos*. La guerre nous a surpris en plein dans la réalisation de nos projets, de notre campagne méthodique de publicité autour de traductions de livres brésiliens.

A deux reprises, j'ai fait mes préparatifs de départ mais je suis resté ensuite ici en attendant une autre affectation militaire. M

---

* *Vomume*, no original.

Lebesgue, par son âge, a chance de ne pas être enlové à ses travaux, et je le souhaite vivement. Dans ces conditions, et depuis le jour où l'on a vu les troupes allemandes reculer devant Paris, j'ai profité des loisirs dont je dispose pour entamer la traduction de *Rei Negro*. Les préoccupations incessantes de la gigantesque résistance anglo-française et le spectacle quotidien du mouvement des accessoires de l'armée ne me permettaient guère de suivre un travail personnel. Votre beau roman m'a permis d'entreprendre néanmoins un travail littéraire réconfortant et de donner corps à mon ferme espoir dans la victoire finale.

Rei Negro est précisément un exposé de la vitalité de ce principe de nationalité qui paraît séparer nettement aujourd'hui les diplomates "du chiffon de papier" et de la bombe incendiaire de ceux du loyalisme et de la saine morale. Avec la pénétrante impartialité que vous avez mise dans l'étude du dernier héros de la tribu de Munza, vous êtes de la plus vive actualité européenne. Votre Macambira se classe dans la grande famille des héros nés du sol ancestral, avec toute la viguer, tout l'imprévu de l'originalité qu'il vous doit, de son cas étrange, émouvant.

J'arrive à la page 300 du livre. J'admire beaucoup la simplicité si robuste de la construction dont le détail défile ligne par ligne sous mes yeux. C'est un drame de structure classique dont les éléments strictement brésiliens font une réussite, et je crois que les Lettrés de culture latine le verront s'imposer à leur approbation.

Je sais que cette entreprise comporte une part de témérité, et qu'après la guerre, si nous y sommes encore, nous subirons des modes littéraires, un désarroi de l'édition dont on ne peut rien présumer. Au moins aurons nous avancé le travail d'être prêts.

La nature de ces récits me fait souhaiter pour eux une traduction anglaise. Ne manquez pas de me tenir au courant dans l'avenir de ce qui se ferait, et comme je n'ai pas de relations de ce côté pour l'instant, prenez note, je vous prie, quand vous le pourrez, des adresses de critiques Anglais à qui nous devrons envoyer nos traductions quand elles seront parues.

Je forme de vifs souhaits pour que les répercussions de la guerre ne vous soient pas préjudiciables. Je vous prie de présenter mes hommages respectueux à Madame C. Netto, et je vous envoie Monsieur et Illustre Confrère, l'assurance de mes sentiments profondément et amicalement dévoués.

Gahisto.

Je ne vous dis rien des évènements de la guerre, les journaux renseignent. Je ne suis pas militariste, mais je prendrai le fusil avec

plaisir si l'on vient à m'appeler, car l'agression de nos voisins ne mérite aucune pitié dans le châtiment.

I — 1, 3, 11

27.

Paris 2 Octobre 1915
Monsieur et Illustre Confrère.

Depuis deux ou trois jours, les blessés arrivent sans cesse près de l'endroit où je suis occupé, loin de tout danger. Je circule matin et soir le long des trains qui les amènent. La plupart sont atteints legèrement, et sitôt l'arrêt, descendent pour se dégourdir du long trajet, se groupent et causent, malgré les bourrelets de ouate serrés autour d'un pied, du bras, du cou, et quelquefois même du flanc. Ils disent que les Allemands reçoivent une leçon sévère en Champagne, que nous avons peu de morts à cause de la puissance de notre artillerie. Cela concorde parfaitemente avec les communiqués officiels sobres et probes. Est-ce le debut d'une progression générale qui nous approche de la fin du régime des brutalités? On interroge l'avenir avec confiance, et ceux qui savaient ici que la patience s'imposait en viennent a présent à la renier. On a beau compter fermement desormais sur l'issue des opérations, on aspire à les voir toutes concluantes.

Il est vrai que tous les Français ne sont pas comme moi directement intéressés à la liberation de notre sol. J'ai chez moi depuis *plus d' un an* des amis "réfugiés" et il me reste des intérêts dans les régions envahies, où, par exemple, je donnais des articles à plusieurs journaux. Tout cela est détruit. Les inquiétudes de différents amis pour la reconstitution de leur foyer me touchent de près si bien que mes sentiments patriotiques, en somme, sont mêlés de soucis personnels, ce qui les rend très complexes.

Dans le domaine littéraire, la situation est terne: on publie beaucoup, mais seulement des ouvrages sur la Guerre. J'ai vu récemment M. Vallette, directeur du Mercure de France, qui m'a dit ne pas entrevoir la fin de cette spécialisation tyrannique. Cependant, la *Revue* des Revues insère une traduction d'un conte de M. Teixeira Gomez. On ne sait vraiment que penser des succès littéraires de demain.

La nouvelle du jour est la mort de Rémy de Gourmont, un écrivain qui comptait sans avoir usé des procedés intenses de réclame bruyante. On ne la commentera pas assez, la bataille de l'Aisne accapare l'attention. D'ailleurs c'était un homme qui maniait des *idées* et

qui évitait de provoquer des *personnes*. Qui voulez-vous qui parle de lui? En se faisant des ennemis, on raccole pour amis ceux qui n'aiment pas les premiers. R. de Gourmont se tenait au dessus des uns et des autres. Je ne suis jamais allé le voir, il était tout dans ses livres. Peut être lui aurais-je reproche seulement de négliger, dans son humanisme parfait, des distinctions de nuance et de pittoresque que nous apportent les Littératures étrangéres, et qui revivifient aux soleils d'outre-mers la tradition neo-latine.

J'ai passé récemment une après-midi avec notre ami Phileas Lebesgue, qui m'a lu quelques poèmes pathétiques sur les heures de l'invasion. Les Allemands sont venus à une journée à peine de sa terre, et comme il est Maire de la commune, il s'est attendu pendant quelques jours à être fusille sans raison comme M Odent à Senlis ou d'autres magistrats civils analogues. Tout danger a cessé pour lui, heureusement, et il a depuis longtemps rappelé sa femme et ses enfants qu'il avait momentanément envoyes en Normandie.

Je voulais depuis un mois vous écrire malgre le manque de détails intéressants. Le cablogramme heureux devancera ma lettre, il faut l'esperer. Permettez-moi de vous exprimer, Monsieur et illustre Confrère, sans plus attendre, tous mes sentiments d'affectueuse gratitude pour votre action à la Ligue des Allies, ainsi que de sympathie respectueuse et tourjours dévouée.

Gahisto.

I — 1, 3, 12

28.

Paris, le 9 Fevrier 1916.
Mon illustre Confrère et Ami,

J'ai reçu avec le plus vif plaisir votre roman *Tormenta* et votre lettre. Les travaux de statistique fort chargés qui me sont attribués sont cause que je n'ai pas encore lu entièrement le livre et que je réponds tardivement à la lettre.

J'ai trouvé intérêt dans "Tormenta" des personnages d'une autre condition sociale que les Caboclos, un autre aspect de votre beau talent, d'autres figures de ce pays riant que les évènements m'empêcheront désormais pour longtemps de visiter. Ce livre est pour moi d'une lecture très facile parce qu'il n'exige point un vocabulaire pittoresque aussi riche que *Rei Negro.* Ce que j'ai lu est une suite de charmants tableaux d'interieur avec les portraits pleins de finesse des personnages familiers. Le drame commencera plus tard, mais je préfère lire attentivement d'un bout à l'autre.

Ce que vous me dites des Caboclos contribue à fixer mes idées, et l'occasion se présentera sûrement pour moi d'en parler avec plus de détail par la suite. Je ne connais pas encore les oeuvres d'Euclydes da Cunha, qui a donné un préface aux contes d'Alberto Rangel: *Inferno Verde,* dont j'ai pris connaissance tout dernièrement. Ces questions peuvent se trouver inopinement à l'ordre du jour dans l'avenir, quand l'attention sera lassé de se tenir sur les choses d'Europe. Et la monotone durée de la guerre la rend déjà chez les Neutres un sujet de conversation difficile à soutenir.

Je ne vous en dirai rien que les journaux n'aient inséré d'après leurs dépèches. Ce que me racontent les soldats en permission se rapporte aux conditions locales de la vie dans les tranchées et non à la stratégie. Un de mes amis a terminé sur le front sa thèse de doctorat en droit et il est allé en permission pour la soutenance. Il a obtenu la mention bien. J'ajoute qu'il est artilleur, et que l'existence des fantassins est plus pénible. En les écoutant, on a l'impression que les mots ne suffisent pas et que la pensée represente mal l'immense déploiement des redoutes et des tranchées adverses où pleuvent sans cesse les projectiles les plus divers. Et l'on songe aux victimes désarmées, en Pologne, en Serbie, en Arménie, après Louvain et Dinant...

A Paris, nous avons de temps en temps les Zeppelins. Vain gaspillage de millions! Qui oserait se plaindre ici des légers inconvénients du qui vive permanent, de la réduction de l'eclairage, de l'impression poignant des alertes nocturnes par les signaux de trompe des pompiers, lorsque tant d'hommes subissent le même régime depuis bientôt vingt mois?

J'ai personnellement la bonne fortune d'avoir peu de deuils parmi les nombreux jeunes gens de mon entourage mobilisés, appartenant aux divers milieux de province ou de Paris où j'ai vécu, et du plus humble au plus lettré, tous me sont chers en ce moment. La synthése nationale se fait ainsi sous la pression des circonstances.

Chaque soir, je me remets au travail littéraire et je continue notamment ma participation à la revue *La Vie* qui parait soutenir ses promesses d'avenir, et où j'espère trouver toujours un appui pour la diffusion des oeuvres de nationalité amie. Les éditeurs ne publient que des livres sur la guerre mais je pense parfois à l'avenir, on le peut désormais.

Avec mes hommages respectueux, voulez-vous présenter à Madame C. Netto le portrait ci-joint de mon jeune fils, âgé de trois ans juste, et qui était fort encombrant pour ma femme lors de votre passage à Paris. Quand vous reviendrez en Europe, il sera sage et pourra lui offrir des fleurs de bienvenue.

Quant à moi, je vous enverrai mon portrait comme souvenir aussitôt qu'un résultat précis me fera compter, avec notre cher Philéas Lebesgue, comme votre traducteur. Il ne faut pas que la communauté d'idées neo latine soit une simple phrase oratoire. Merci bien vivement de *Tormenta;* je vous prie d'agréer, Maître et Ami, l'assurance de mon admiration dévoué.

Gahisto.

I — 1, 3, 13

29.

Paris, le 11 Février 1917.
155 Faubourg Poissonnière.
Cher Monsieur et Illustre Confrère,

J'ai bien reçu votre dernière lettre l'an passé, et si j'ai laissé depuis lors en suspens une correspondance dont je suis très flatté et réconforté, c'est que j'aurais voulu vous annoncer quelque résultat aux travaux de traduction que, Philéas Lebésgue et moi, nous désirons achever.

Il s'est écoulé une longue période qui n'était favorable à rien, et pendant laquelle les liens d'amitié qui unissent le Brésil et la France se resserraient officieusement dans le sens marqué par les distingués promoteurs de la Ligue pour les Alliés. Nous en profitions ici pour compléter nos préparatifs, mettre nos textes au net. *Rei Negro* est à présent en français presque entièrement transcrit à la machine, et nous ne tarderons pas à le proposer à un éditeur; il nous semblerait préférable de donner ici pour titre au roman le non de son héros: MACAMBIRA, parce que *Roi Nègre* nous paraît ne pas désigner au public un ouvrage du Brésil. On ignore en Europe avec quelle vitalité curieuse subsistent chez les noirs de telles traditions de suzeraineté.

De plus, j'ai commencé de proposer dans des maisons sérieuses des récits do *Sertão,* en même temps que des traductions de contes portugais. Je viens ainsi de recevoir la réponse ci-dessous de la part de M. de Nalèche, directeur du *Journal des Débats,* l'un des trois grands quotidiens de Paris de premier rang.

"26 Janvier 1917 Monsieur, M. de Nalèche me charge de vous dire qu'il a lu les récits exotiques que vous avez bien voulu nous adresser. Il les a trouvés très intéressants, surtout le petit roman "Aveugle" qui est *plein de talent.* Il aurait volontiers accepté ce récit, et l'on avait même marqué avec le crayon les passages à enlever pour nos lecteurs, notamment l'annonce et description des "règles" etc., survenus à la jeune fille. Malheureusement le dénouement, la des-

cription de l'accouchement, glaires, sang, etc., rend, vous le pensez bien, ce joli roman impossible dans un journal comme le nôtre. Quant aux autres récits, ils ne sont pas encore bien ce qu'il nous faudrait. Nous gardons néanmoins *Mandovi*".

Ainsi, nous espérons que Mandovi sera inséré prochainement, nouvelle étape de nos essais. M. Albalat, l'auteur de L'Art d'Écrire, qui m'écrit comme secrétaire des DEBATS, respecte scrupuleusement l'oeuvre écrite et ne cherche pas si la suppression de quelques phrases n'aurait pu *tout concilier,* sauf à donner ensuite dans un tirage en livre, la traduction intégrale. Sa réponse nous guidera pour tenter de mieux réussir ailleurs.

Je ne sais si mes travaux seront suspendus. En ce moment, je prends quelques leçons de conversation en portugais pour le cas où des interprètes seraient nécessaires auprès de nos Alliés lusitanie[ns.] L'avenir en décidera...

M. Lebesgue que j'ai mis au courant me prie de vous transmettre ses meilleures amitiés. Je ne vous envoie pas l'original de la lettre ci-dessus, de crainte qu'elle ne disparaisse dans un torpillage. Je présente mes hommages respectueux à Mme. C. Netto, et je vous prie d'agréer, Cher et admiré Confrère, l'assurance de mes sentiments fidèlement amicaux et dévoués.

Gahisto.

Si l'insertion se fait dans Le Journal des Débats, je vous enverrai aussitôt ce journal.

I — 1, 3, 14

30. *

16 Mars 1917.
Paris

Je complète ma lettre par l'envoi de la fantaisie cicontre. Pour l'instant, je ne parle pas des procédés allemands, mais j'aurai plus tard des *documents précis* venant de personnes actuellement dans les régions envahies. Il semble qu'on ne jugera bien les faits de pillage, de meurtres et d'incendie qu'avec un peu de recul, à moins que l'on n'appartienne à une commission d'enquête où figurent des Neutres. Hommage de votre admirateur et dévoué

Gahisto.

I — 1, 6, 43

* Cartão postal.

31.

Paris le 16 Avril 1917.

155 rue Faubourg Poissonnière

Mon Grand Confrère et Ami,

J'ai été très vivement touché des attentions que vous me marquez dans votre lettre du 20 Mars. Vous avez reçu certainement depuis ce jour un n.º de la revue La Vie qui montrait ma présence à Paris. M. Leblond à qui j'avais communiqué votre précédente lettre a tenu à la publier contre mon opinion. Je désirais garder cette marque de sympathie pour quelques personnes autorisées. — J'en avais communiqué une traduction complète à la Direction du journal Le temps, — mais on m'a répondu qu'il n'y avait point d'indiscrétion à donner ces lignes au public, et qu'il fallait au contraire leur faire prendre date comme salut autorisé de la pensée brésilienne à la France. J'espère que vous ratifierez le fait accompli en raison de ses motifs sérieux à tous égards.

Je suis toujours loin du danger, spécialisé dans un service d'administration assez fatigant, mais sans péril et sans gloire. Avec le temps, les hommes de la même categorie qui son peu être au nombre de 10000 dans tout le pays, iront peut-être aux armées. Cela ne m'effraie pas. La destinée s'est prononcée très douce pour moi jusqu'ici. Elle est seule souveraine dans la période que nous traversons et je n'ai pas l'intention impie de méconnaître son obscur pouvoir. Cependant je suis classé dans une spécialisation assez forte pour que les chances d'y être maintenu soient les plus nombreuses (séquestres — ravitaillement — finances de l'Etat).

C'est pour moi un souci de tous les instants de vivre dans ce tournant de l'histoire et de n'en rien voir... que des murs d'hôpitaux, par l'extérieur. Pour me calmer, je travaille encore aux heures de loisir. J'ai terminé depuis longtemps la traduction de Rei Negro, que M. Lebesgue revoit et met au point en ce moment. Ensuite j'ai composé de petits récits d'actualité sur des détails de psychologie allemande. Récemment j'ai terminé une étude importante de philosophie et de moeurs sur *La Guerre et le Risque*. Je l'ai envoyée à une revue de Buenos Aires, *Nosotros,* qui me demandait un article, et en publiera sans doute une traduction.

Je n'ai jamais désespéré de l'issue de la guerre, bien que j'aie vu de près les menaces du siège de Paris. Cela tient sans doute à mes penchants fidèles pour les êtres de lutte dans toutes les classes sociales J'aime les laborieux, les tenaces et il m'a toujours été donné de rencontrer partout de ces gens là. Mes vieilles connaissances, mes

favoris font la victoire de la France. Certes, ce sont la de graves sujets de méditation, et l'on interroge vainement l'avenir sur tant de problèmes soulevés par la guerre d'Europe, l'Alsace, la Pollogne, la Bohème, Constantinople, Jérusalem... Notre pays se trouverait encore environné de dangers après la victoire, s'il quittait la modération, le goût de la justice plus faciles à pratiquer en ce moment actuel. Je songe beaucoup à tout cela et je me prépare simplement à donner ma modeste part à la restauration des arts de la paix lorsque la mission vengeresse des militaires aura pris fin, en continuant de négliger le cas échéant le souci d'avantages et de profits matériels. Vous voyez donc que dans la grande tourment je parais voué aux devoirs les plus faciles. J'ai désiré vous rassurez tout à fait — M. Lebesgue, plus âgé qui moi encore est également écarté des batailles. Nous espérons mieux vous dire plus tard combien nous éprouvons de gratitude pour les marques de sympathie que vous nous envoyez. Votre bien affectueusement dévoué.

Gahisto.

I — 1, 3, 15

32.

Paris, 6 de junho 1918
155 rua Fg Poissonnière (Ix^{e})

Illustre Confrère
e caro amigo,

Recibio com grande prazer o Discours prononcé le 20 octobre 1917, e viu com isso sua fiel lembrança. No agradeceu-lhe prompto porque teria querido dar-lhe noticias das traducções de suas obras que esperam a publicação. Disse-lhe em o anno 1917 o que me respondiu o Sr. de Naleche, Dr. do Journal des Débats. O conto: *Mandovi* debe apparecer em este. Mas no le viu. Fui a redacção e vi o Sr. Antoine Albalat secretario que respondiu haber a lembrança desse conto mas faltar do logar até então. Me prometteu de no olvidar e pediu que eu tivesse paciência. Ficou assim até hoje.

O mas importante e o caso da Revue de Paris.

Em março de 1917 dirigei ao Sr. Marcel Prevôt, directeur litteraire, uma carta com a traducção da admiravel narração: Cega.

Fui aos informaçaões ao começo de Mayo (1918). O Sr. secretario recibiu-me prompto e disse que *Aveugle* era uma obra muito notavel, e que tido enviado o manuscriptos ao Sr. Marcel Prevot com uma nota muito particular. No pode prever a decisão do Sr. Director mas

me permitten de comprimentar o autor tendo defendido calorosamente a sua causa. Viste o lastima n.º da Revue de Paris. Espero cada dia recebir os ensaios. No faltarei de escrever-lhe duas palavras no mesmo dia que conhecerei esse resultado tão desejavel, *provas em mãos.*

A revista *Le Monde Latin* annonciada em sua último n.º, que debe ter recebido: un groupe d'écrivains prépare la publication d'ouvrages brésiliens en traduction française, notamment ceux du grand romancier Coelho Netto. Essa notícia fué enviado por o excellente escriptor Georges Normandy, boa amigo do paintor Parreiras (Antonio), que conoce nossos aos desejos. Em 1917 Le Monde Latin pedido-me um articulo sobre as obras de S.ª Exc.ª que fiz prompto, pero esse articulo ficou inedito até hoje.

Enfim, creio que a ultima palavra e: esperança, como em a situação militar. Minha mulher esta alem Paris, longe dos canhões; e por mim ignoro o medo. Teme sómente a distrucção dos livros e dos manuscriptos emquanto vou ao serviço regular que continuarei, com o sem o troar da artilheria. O mais barbaro da cousa e por os monumentos do nosso Paris, inteiros até hoje.

Escribio-lhe em sua lingua desculpando me da mau redacção, mas para mostrar-lhe que no olvido essas formosas estudos.

Je vous prie de présenter mes respectueux hommages à Madame Coelho Netto, et d'agréer, Illustre Confrère et cher Ami, l'assurance de mes sentiments affectueux et devouéés.

Gahisto

Philéas Lebesgue de passage à Paris ce matin me prie de le rappeler à votre bon souvenir et partage toujours mes tentatives en toute sympathie.

I — 1, 3, 16

33.*

Paris le 1er février 1919.
155 Faubourg Poissonnière

Mon Illustre Confrère,

L' armistice m'a apporté beaucoup de travail technique et je suis très en retard dans ma correspondance. Je vous envoie ci-joint une colonne de l.ère page du Courrier franco-américain. Peut-être avez-vous déjà reçu ce journal. Ainsi, en vous remerciant des paroles de

---

* Junto à carta, um recorte do *Courrier Franco-Américain* com um artigo sôbre C. N.

sympathie que vous m'adressez et que vous adressez à la France, j'ai le plaisir de vous témoigner que nous aussi, nous pensons à vous avec sympathie.

Aussitôt que la crise du papier sera atténuée, j'espère que l'édition d'un de vos ouvrages en traduction française se fera dans des conditions convenables, et que le public français pourra connaitre *Macambira,* ou bien cinq nouvelles sur le Sertão. *La Revue de Paris* n'a pas encore donné de solution favorable pour la publication de *Céga,* mais jusqu'ici, je n'ai pas été davantage averti d'un refus. Je continue de poursuivre fixement les mêmes projets.

Comme vous le verrez dans le même journal, je m'occupe quelquefois aussi d'écrivains hispano-américaius. Je rechehche les occasions d'affirmer que le continent entier est trop inconnu des Français dans son aspect actuel et avec l'activité intelectuelle qui s'y développe.

Il me serait agréable de recevoir quelques numéros de la Revista Americana. Je manque de documents de littérature brésilienne, ou bien je n'ai que des ouvrages de second ordre. Tout ce qui m'arrive est sérieusement examiné et je cite les auteurs ou les articles quand cela m'est possible.

L'une des joies que m'a apportees la fin de la guerre a été causée par la reprise des communications avec mes parents. J'avais en effet tous mes souvenirs d'enfance, ainsi que des livres, des manuscrits, des meubles, dans la maison de mon Père et de ma Mère, à St. Hilaire, près d'Avesnes sur Helpe. Les Allemands en ont été chassés le 8 novembre. Je suis bien documente sur les procédés vexatoires de l'oppression ennemie, et j'ai perdu des notes manuscrites et des livres, outre les meubles, le linge. Heureusement, mes Parents ont résisté à ce régime. Dans l'intervalle nous avons eu une petite fille, le 1er janvier 1918, et il était impossible de réunir la famille à ce moment. Comme je publiais parfois des articles hostiles aux Allemands, j'avais à me défier et je ne parlais pas de cette séparation. Les *Boches* auraient pu se venger sur mon Père ou ma Mère, s'ils avaient su.

Enfin, tout cela s'est amélioré. A présent, nous travaillons, car l'oeuvre de la civilisation est en retard au préjudice de ceux qui, comme vous, luttent pour la suprématie de l'idée et pour l'encouragement des gens de bien. Je vous prie d'agréer, mon Illustre Confrère et Ami, l'assurance de mes sentiments d'admiration et de sympathie dévouée.

Gahisto.

I — 1, 3, 17

34.

Paris le 14 juillet 1919
155 Faubourg Poissonnière

Mon cher et Illustre Confrère,

Enfin, la vie normale essaie de reprendre. La veillée des Morts, cette nuit, la marche pressée de la foule montant à l'Arc de Triomphe, sans interruption, sous un clair de lune serein, puis le défilé des Armées ce matin, ont magnifiquement clôturé l'épopée des cinq dernières années. Ce jour, je suis heureux de vous envoyer de France un souvenir de profonde sympathie. La *Revue de Paris* va bientôt faire connaître votre nom à un public de lecteurs choisis et nombreux, et j'en ai reçu l'assurance *définitive* la semaine dernière. La publication de notre traduction de *Aveugle* a été retardée pour une raison tout à fait secondaire; parce que plusieurs autres ouvrages publiés dans cette revue comprenaient comme personnage un aveugle — la guerre en était cause —. Mais ce n'est plus l'affaire que de quelques mois.

Je désirerais parvenir ensuite à placer un livre entier de ces traductions de *Sertão* chez un grand éditeur.

Sans doute, la transposition que nous avons faite, Philéas Lebesgue et moi, de vos admirables récits, n'est pas toujours parfaite. Les circonstances présentes, le resserrement des relations commerciales entre le Brésil et la France, permettraient peut-être de trouver un moyen pratique de motiver mon voyage à Rio désormais. J'appartiens en effet à l'administration des douanes (alfandega) et j'ai une connaissance assez étendue de la pratique des opérations, ainsi que des règlements appliqués aux marchandises internationales. Si voux pensiez que le gouvernement brésilien puisse trouver dans ces connaissances techniques une utilisation réelle, je demanderais un congé de un an ou davantage, de manière à aller me perfectionner dans la connaissance de la vie brésilienne avant de continuer à Paris la divulgation de quelques grands écrivains du Brésil. Je n'hésiterais pas à remplir *temporairement* un service technique au Ministère du Commerce à Rio de Janeiro si cela était opportune.

J'ai bien reçu votre recueil de pièces de theâtre. Mon attention s'est surtout portée sur *O Dinheiro*. J'ai étudié la pièce de pris et j'en ai fait un résumé pour un de mes amis qui se proposait d'organiser une fête franco-brésilienne. Cette pièce aurait pu être représentée, ne comportant que quelques personnages et se trouvant très dramatique, le V Acte très nuancé, très habilement conduit. Mais la lenteur des négociations de paix n'a pas permis d'organiser cette fête en bonnes conditions et en temps voulu.

Peut-être viendrez-vous à Paris l'an prochain. Votre séjour y serait, je l'espère, très différent de celui que vous avez fait en 1913, et plus dignement fêté. La crise du papier, la crise du livre ne peuvent indéfiniment entraver la vie intellectuelle large et féconde qui exige l'ère désormais ouverte aux efforts de l'humanité vers l'idéal.

Je vous prie de présenter mes respectueux hommages à Madame C. Netto et d'agréer mon cher et Illustre Confrère, l'assurance de mes sentiments de profonde considération.

Gahisto

Philéas Lebesgue se rappelle à votre bon souvenir. Il dit se rendre prochainement à Lisbonne pour faire des conférences

I — 1, 3, 18

35.

Paris 22 janvier 1920
rue Faubourg Poissonnière 155

Cher Maître et Ami,

Ma dernière lettre de juillet ne vous est-elle pas arrívée? Je n'ai pas reçu de réponse à la bonne nouvelle qu'elle renfermait. Sans doute la *Revue de Paris* met un long délai à insérer les manuscrits *reçus*. D'après ce qui m'a été confirmé, le délai de deux ans ne doit pas étonner.

Cette quinzaine on voit précisément un article sur la littérature brésilienne dans cette revue. Pareil article est une préparation logique de l'insertion de *Cega*.

D'autre part j'ai signé un accord ce matin pour l'édition de votre beau roman *Rei Negro*. Dans quatre mois environ j'espère vous envoyer quelques exemplaires de notre traduction, en volume élégant de la collection: *L'Édition française illustrée,* qui comprend des ouvrages de l'anglais Stevenson.

Dès maintenant, je prépare le lancement de ce livre: je me propose d'en faire un service à quelques critiques de Madrid, de Buenos Ayres, de Santiago du Chili, d'Italie, de Pologne.

Voulez-vous me donner *quelques adresses de revues* du Brésil pour le même but?

Nous aimerions qu'il soit parlé de notre traduction non seulement à Paris mais en certains milieux intellectuels où le français est lu, et où notre effort aurait pour résultat de faire apprécier la sumptuosité de la nature brésilienne et la générosité déjà si renommée du caractère brésilien.

Dès que vous m'aurez donné votre impression de ce nouveau résultat, je vous écrirai d'autres détails. Vous seriez bien aimable de me donner votre acquiescement à la modification du titre qui s'impose à nous. Nous ne pouvons transcrire littéralement *Roi Nègre,* à cause des colonies françaises. Notre public n'imaginerait pas avec ce titre qu'il s'agit d'un roman brésilien, aussi proposons-nous d'appeler la traduction Macambira (Roman brésilien) ce qui a paru à l'éditeur un titre expressif.

Cette anné verra donc sûrement votre oeuvre appréciée en France et sans qu'il vous soit nécessaire de subventionner la publication. Si la vente est assez réussie, il vous reviendra au contraire une part d'auteur. Je serai heureux enfin le jour où vous pourrez recevoir ces textes et tenir en mains notre traduction, *consciencieuse* et aussi fidèle que possible.

En attendant, cher Maître et Ami, je vous prie de croire à la fidelité de mes sentiments d'admiration dévouée.

Gahisto.

I — 1, 3, 19

36.

Paris, le 27 juin 1920
155 Faubourg Poissonnière

Cher Maître,

L'examen des épreuves que vous m'avez renvoyées m'a causé de vifs regrets. Pendant que ces feuillets effectuaient le voyage de Paris à Rio deux séries analogues circulaient en France où M. Lebesgue et moi en faisions la révision. Quand votre réponse m'est parvenue, le livre corrigé par nous était déjà tiré et broché.

Il reste de ce fait deux phrases de notre traduction qui sont inexactes. De plus nous n'avions pu interpréter au juste l'expression: *Filho de mineiro* relative à Macambira. Ce sont des détails secondaires sans doute, mais qui auraient du être mis au point. Malheureusement l'insécurité des courriers ne nous permettait pas depuis 1916 de vous soumettre le manuscrit dactylographié dont nous n'avions qu'un exemplaire. J'ai vu l'éditeur de manière à introduire les rectifications si l'on reprend le tirage après la première mise en vente qui est en cours.

La vente a commencé dans les premiers jours de juin, annoncée par différents journaux en quelques lignes. Le premier compte rendu détaillé est du 5 juin dans *Le Figaro.* On nous dit que le livre est bien présenté. Certaines personnalités brésiliennes fixées à Paris me disent

que le changement de titre est acceptable et que *Macambira* répond assez au caractère de l'ouvrage. Ce changement était nécessaire à cause de l'existence d'une pièce à succès, *Malikoko Roi Nègre,* et pour d'autres raisons. Quant à la suppression de certains passages, elle nous a fait retirer de belles pages de votre manuscrit, primitif et c'est la cherté du papier, argument d'éditeur, qui a été notre tyran.

Attendons maintenant le succès. Nous savons que le livre est déjà en vente à Rome et à Madrid. D'autre part, nous attendons de nos relations personnelles des compte rendus en République Argentine, en Serbie, en Danemark, en Norvège, en Egypte.

Si les circonstances le permettent nous serions heureux de voir éditer les nouvelles de Sertão que nous tenons prêtés depuis 1913. Nous insistirions tout particulièrement à ce propos sur le caractère profondément *national* qu'elles possèdent.

Dans quelques jours je compte pouvoir vous envoyer un exemplaire de livre qui j'ai réclamé. En plusieurs paquets je vous adresserai aussi divers exemplaires ordinaires. Nous désérerions savoir si *Macambira* est en vente à Rio, et comment cette traduction est accueillié.

Croyez bien, cher Maître que le résultat obtenu par nos efforts est bien mince si l'on considère ce qu'il devait être au point de vue de la simple justice litteraire. Nous nous en réjuissons en désirant faire mieux par la suite et nous nous prions de croire aux sentiments de profonde admiration et de sincère dévouement de vos traducteurs.

Gahisto.

I — 1, 3, 20

37.

155 rue Faubourg Poissonnière
14 7bre 1920

Che Maître,

Au reçu de votre lettre du *2 de Agosto,* je me suis rendu chez l'éditeur et je lui en ai fait une traduction. Il m'a immédiatement remis un exemplaire sur papier de luxe, que je vous ai adressé aussitôt. En outre, il m'a promis de vous envoyer d'autres exemplaires pour le service de presse et de s'occuper d'une expédition plus importante destinée à la mise en vente.

Je recherche également des comptes rendus en République Argentine, au Chili, etc., et je parle du livre à mes correspondants. *Manuel Galvez* vient de m'écrire que notre traduction l'intéressait beaucoup. Inutile de dire qu'il vous connait parfaitement. Je vous enverrai une carte de notre célèbre compatriote Pierre Mille qui m'écrit: l'auteur de ce livre *est un grand artiste.* Cette appréciation m'est encore utile ici pour certaines démarches.

Inutile de dire que ce succès me cause une certaine fierté et que je me sens bien dédommagé de la longue attente qui nous fut imposée. Esperons que votre nom sera considéré en France dans quelques années autant que ceux de Perez Galdos, de Valle Inclan, et j'ajouterais de d'Annunzio si le dernier ne s'était fait tapageur et, comme Alcibiade, n'avait perdu la tête de se trouver longtemps l'enfant gâté de son pays.

Les indications que vous nous donnez sur l'accueil fait à *"Macambira"* à Rio sont précieuses. Nous avons besoin de recueillir les renseignements exacts sur la question pour nous guider dans l'avenir. Nous avons terminé la version de plusieurs nouvelles: Fertilité, La Tapéra, Les Vieux, Aveugle, Mandovi. Il s'agit de deviner lequel vaudra mieux: ou bien essayer de faire éditer cet ensemble, ou bien traduire un autre roman, et lequel parmi vos nombreux romans également captivants.

Philéas Lebesgue a été souffrant le mois dernier et a dû suspendre tout travail intellectuel pendant quelques semaines. Cette crise est passée, heureusement. Il est bien entendu qu'il est étroitement associé à ces traductions et que s'il m'est plus facile de faire des démarches, ma connaissance de la langue portugaise n'est pas suffisante pour que j'entreprenne seul de traduire un livre bien écrit. Je suis bien aise de vous voir unir toujours son nom au mien dans vos lettres. C'est un infatigable explorateur des littératures étrangères et un poète érudit d'un caractère unique.

J'espère que les volumes réclamés à l'édition française illustré vous parviendront en même temps que ma lettre et vous donneront pleine satisfaction. A l'avance je vous remercie de l'annonce d'un nouveau roman, dont la lecture fera certainement mes délices. Je vous pris d'agréer, cher Maître et Ami, l'assurance de mes sentiments toujours profondément dévouées.

Gahisto.

I — 1, 3, 21

38.

Paris, le 15 décembre 1932
155 rue faubourg Poissonnière 155

Mon Cher Maître,

Le *Mercure de France* m'a confié cette année la rubrique des *Lettres Brésiliennes,* qui était précédemment attribuée à M. Severiano de Rezende.

Un peu pris au dépourvu par cette distinction, j'ai tardé quelque temps avant de placer votre nom, comme il convenait, dans les pages de cette chronique. Aujourd'hui, néanmoins, un résumé trop insuffisant je le sais, mais aussi documenté que possible, présente votre oeuvre aux lecteurs actuels. Je m'empresse de vous envoyer ci-inclus les pages de ma chronique.

D'autre part, un autre article plus anecdotique est prêt à paraître sur le même thème dans la revue *L'Esprit Français.* Il sortira le 10 janvier prochain.

Ces deux articles ne resteront pas enfouis dans les collections des revues qui en auront la priorité. Je prépare un livre intitulé *Figures Sud Américaines* où leur assemblage formera un chapitre des meilleurs.

Ces *Figures Sud Américaines* sont destinées à montrer au public français la diversité des questions que l'Amérique offre à notre curiosité. Voici leur sommaire:

Actrice et Poète romantique au Brèsil (Castro Alves)
Manuelito Rosas et les poètes de l'Association de Mai
Coelho Netto et son oeuvre
Manuel Galvez et la Société Argentine
Rufino Blanco-Fombona —

Mon coeur vient d'être blessé à vif. Ma chère femme est morte à 44 ans après deux années de maladie. Je suis consterné par la grande séparation.

Je suis présente, mon cher Maître et Ami, l'assurance de mes sentiments d'admiration toujours devouée, auxqueles se joignent aux de Philéas Lebesgue. Bonne santé, bonne année 1933.

Gahisto.

I — 1, 3, 22

39.

Paris, le 16 mai 12.

Cher et aimable Maître!

A cause de mon absence temporaire de Vienne, je ne viens qu'aujourd'hui vous remercier votre aimable lettre, comme aussi l'envoi de votre portrait, des 5 livres expediés de Rio et de vos ouvrages complets, que me parvenaient dernièrement de Lello & Irmão. C'était un beau et charmant cadeau de votre part, que je vous remercie de tout mon coeur. Vos livres si cultivés et si plastiques me causaient la plus vive joie à la lecture, et je me proposait déjà la traduction de certains contes pour nos revues allemandes, dont de chaqu'un un numéro vous sera transmis après l'apparition. Une étude, rendant compte de vos principals ouvrages, paraîtra en peu de temps dans l'"Echo littéraire" à Berlin, où je renseigne regulièrement le public sur les tendances littéraires de l'Amerique du Sud, comme aussi de l'Espagne et de Portugal.

Un recueil de vos contes sera publié de surplus en automne (européen) en Allemagne.

Je vous tiendra toujours au courant de tout ce que vous concerne.

Croyez, cher Monsieur, à l'expression de mes meilleurs sentiments.

Dr. Martin Brusot

(Adresse: Vienne [Autriche] IX Pflugg. 6).

I — 1, 1, 71

40.

Vienne le 18 juin 12

Cher Maître et Confrère!

Je vous espère en possession de ma lettre, que je vous écrivais de Paris vers le milieu du mois passé. J'ai fini cependant la lecture de tous vos ouvrages si intéressants et viens maintenant vous prier *l'autorisation* usuel pour la traduction de vos oeuvres à ma choix, sans quoi aucun éditeur allemand ne publie pas de traductions. Quoique pas une demie douzaine d'ouvrages portugais soient jusqu' aujourd'hui traduit en allemand, j'ai réussi néanmoins d'intéresser l'un de nos éditeur pour les votres, ainsi que j'espère de publier ceux qui me paraissent les plus caractéristiques entre eux.

L'étude, dont je vous parlais déjà paraîtra dans une quinzaine et vous sera transmis.

En avisant votre aimable réponse, agréez, cher Monsieur, ma plus haute considération.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 72

41.

Vienne, le 3 sept. 12.
Sr. Coelho Netto.
Rio de Janeiro

Cher Monsieur

Rentré d'un petit voyage de vacances, je trouve votre aimable lettre, contenant l'autorisation de la traduction proposée.

Je vous remerci de cela, comme de vos charmantes lignes et j'espère vous pouvoir donner en peu de temps de mes nouvelles.

Je suis, Monsieur, votre admirateur devoué

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 73

42.

Vienne, le 30/XI. 12
Sr. Coelho Netto,
Rio

Cher et distingué Maître!

J'ai reçu votre aimable envoit de l'ouvrage "Machado de Assis" de votre eminent confrère Sr. Maya, que j'ai lu avec grand intérêt et dont je rendre compte en peu de temps dans l'"Echo litéraire" à Berlin. Je vous exprime pour votre amabilité mes vifs remercîments. Je voudrais étudier aussi avec plaisir d'autres ouvrages de Sr. Maya, avant tout "Contos crioulos" et "Tapera".

Par la poste d'aujourdhui je vous transmet une traduction de la petite nouvelle "Os pombos", paru dans "Berliner Tageblati", le principal journal d'Allemagne. De ce manière j'espère vous faire connaître pas à pas en Allemagne. — Quant la publication en volume, j'ai traduit les contes suivantes: Praga — O enterro — A tapera — Céga et Os velhos de "Sertão", ensuite: "Segundas nupcias" — Assombramento et Os pombos de "Treva". Mais comme tous ces ouvrages

feraient un volume trop fort, mon éditeur s'est résolu à publier d'abord les 3 pièces: Assombramento, A tapera et Céga dans un premier volume, et le reste comme seconde. Veuillez bien me renseigner, si vous agréez cette combinaison en deux volumes, et d'autre part, si vous voulez bien avoir la bonté, de me reserver exclusivement le droit de la traduction allemande de tous vos ouvrages que s'occupent de la vie *sauvage* brésilienne; quant les autres, je ne vous prié aucune promesse antérieure.

Je faisait avec le plus grand zèle mon possible, cher Monsieur, pour ouvrir une propagande remarquable, et j'espére par les volumes préparés, dont le premier paraître ensuite en janvier ou férvrier, à causer aux lecteurs allemands une grande et agréable surprise.

J'attend maintenant avec vif intérêt votre nouvelle livre de la vie sauvage, annoncé par vôtre dernière lettre, comme aussi votre aimable réponse à mes lignes d'aujourd'hui.

Veuillez agréer, cher Monsieur, l'expression de mes sentiments distingués.

Dr. Martin Brusot

I — 1, 1, 74

43.

Vienne, le 4 janvier 1913.
Sr. Coelho Netto,
Rio de Janeiro.

Cher et aimable Maître.

C'est avec la plus vive joie et sensation de reconnaissance, que je vous remercie votre aimable initiative, me proposer et faire élire Membre correspondant de la fameuse et brillante Academia Brasileira. Croyez-moi, cher Maître, que je sois trés ému, et fier de cette promotion et honoration inespérée et si peu méritée jusqu'au jour, et croyez bien à ma gratitude extraordinaire et sincère.

Pour vous parler de la traduction allemande de votre ouvrage, elle paraîtra probablement en février, sous le titre "Wildnis" (= anglais: Wilderness) et vous sera envoyé tout de suite après sa apparition.

J'ai l'honneur vous remettre, aussi par poste d'aujourd'hui, comme remarque de ma grande gratitude, mon dernier Roman "La ville des chansons", qui s'occupe avec la vie de Haydn, Beethoven,

Schubert et Strauss, et qui faisait — pour rester à la vérité — grand retentissement en Allemagne. En même temps je vous transmets sous ce pli quelques épreuves de votre ouvrage "Wildnis". Quant la demande d'autorisation antérieure, exprimée dans mon dernier lettre, elle dérive naturellement de l'éditeur, dans le but, pouvoir poursuivre judiciairement, au cas donné, des traducteurs non autorisés.

Prenez encore une fois mes remerciments de vos aimables lignes et agréez, cher Monsieur, l'expression de mes sentiments distingués.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 75

44.

Vienne, le 8 mars 1913.
Sr. Coelho Netto,
Rio de Janeiro.

Cher Maître Netto!

Je me proposais vous surprendre déjà en mars avec la traduction de vôtre ouvrage, mais fatalement l'éditeur s'est resolu — à cause de raisons éditoriales — de ne publier la traduction qu'en 2 à 3 mois. Je regrette beaucoup ce rétard imprévu, mais ce sera enfim le meilleur temps — de vue éditoriale — à faire paraître votre livre.

J'ai bien reçu vos aimables lignes et me rejouisse beaucoup de votre information, que le "Jornal do Commercio" publiera un feuilleton sur mon roman comme aussi sur les intentions de l'eminent philologue Sr. João Ribeiro. Je vous remercie d'avance de tout mon coeur votre génerosité et votre promesse, à vouloir bien me communiquer chaque journal, que me concerne. Je vous transmettrai de même les feuilles, que s'occuperont à "Wildnis", comme aussi les 10 exemplaires demandés de votre ouvrage.

Je me felicite déjà à la lecture de votre nouveau livre de caractere brésilien, que vous m'avez avisé, et je vous exprime, cher Monsieur, encore une fois ma gratitude extraordinaire et mes plus vives sympathies.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 76

45.

Vienne, le 25 mars 1913
Sr. Coelho Netto,
Rio de Janeiro

Cher Maître et Confrère!

Ayant reçu les deux grandes périodiques "Jornal do Commercio" et "O Imparcial", je vous remerci de tout mon coeur votre amabilité. Les lignes charmantes de vos deux eminents compatriotes Srs. Lindolpho Collor et João Ribeiro me donnaient de la grande joie. Veuillez-bien exprimer à ces Messieurs mes plus vifs remerciments. Aujourd'hui me parvenait de surplus le livre "Tapera" de Sr. Alcides Maya, dont je rendra compte, comme de tous les autres, dans l'"Echo littéraire" à Berlin.

Votre livre "Wildnis", que se trouve prête pour l'édition, sera publié, comme je l'espère, déjà en quelques semaines.

Je suis, cher Monsieur, vôtre très devoué admirateur.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 77

46.

Vienne, le 7 juin 13
Sr. Coelho Netto,
Rio de Janeiro

Cher Maître Coelho Netto!

Ayant été absent de Vienne pour 2 mois, visitant l'Albanie (Skutari, Valona etc.), c'est aujourd'hui seulement, que je puisse vous répondre à votre aimable lettre du 25 d'avril et vous remercier l'envoi de votre charmant livre "Melusina". Je laissais l'ordre à mon éditeur à Berlin, vous envoyer 10 exemplaires liés de votre livre "Wildnis", et je vous espère cependant en possession des volumes. Je vous crois aussi satisfait de l'extérieur de votre beau livre. Aujourd'hui je vous transmets un numéro de "l'Echo littéraire" à Berlin, contenant un jugement sur votre manière d'art. Je vous transmettrai aussi chaque voix critique, que vous concernera et qu'arrivera à mon savoir.

En même temps, je vous remerci d'avance, cher Monsieur, votre aimable intention, à vouloir me dédier votre prochain ouvrage.

J'accepte ce grand honneur par vive joie et coeur reconnaissant, et je vous prie à vouloir bien croire à ma plus grande vénération.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 78

47.

Vienne, le 24/VII 13.

Cher Maître Coelho Netto —

C'est aujourd'hui précisément, que je reçois votre aimable lettre du 4 juin. Je vous éspère déjà en possession de mon lettre du 7 juin, où je vous renseignais de mon voyage balcanique, vous remerciant en même temps votre charmante intention, me dédier votre prochain ouvrage.

Je suis enchanté de votre information, à vouloir venir me visiter à Vienne, regrettant seulement votre maladie, que vous force chercher rétablissement dans une sanatoire d'Europe. Mais j'éspère néanmoins, que vous remettrez votre santé dans un délai assez court. Comme je passerai les vacances d'été dans les montagnes d'Hongrie, veuillez bien, cher Monsieur, me renseigner à temps de votre arrivée à Vienne, afin que je puisse rentrer à votre rencontre. — Revenant à vos charmantes lignes d'aujourd' hui, je me félicite d'avoir pu vous rendre un service intellectuel, que ne mérite, d'autre part, aucune remerciment de votre côté.

Je le faisais par pur amour à vos ouvrages, et me trouve satisfait et heureux, au momment où je vous sais de même. Je vous remerci l'envoi des 3 journeaux (Imparcial, Journal de Com. A Noticia) vous espérant aussi en possession de l'Echo littéraire" du 1er juin, que je vous transmettais.

Me rejouissant déjà à votre rencontre et enchanté d'avance de pouvoir me jouir de votre société, suis-je, cher Monsieur, votre ancien admirateur.

Martin Brusot.

I — 1, 1, 79

48.

Bazin (Hongrie) le 10 sept. 913

Cher Maître Coelho Netto —

Loin de Vienne, je recevais avec quelque retard votre lettre du 28.8 de Plombières et votre carte du 7.e de ce mois. C'est avec le plus

vif regret, que je reçois l'information, que vous vous trouverez forcé rentrer en Brésil, sans me visiter à Vienne. Je me réjouissais déjà vivement à votre rencontre, et je veux me donner au moins à l'espérance, que cela se réalisera encore un jour.

Je vous envoyais à Rio, depuis le mois de mai (où je rentrais moi-même d'un longue voyage en Albanie) 2 lettres et 2 ou 3 imprimés, que vous retrouverez sans doute à Rio.

Vous souhaitant, cher Monsieur, de vif coeur un rétablissement complet de votre maladie, je me réjouisse aujourd'hui déjà à votre nouvel livre "O Rei Negro".

Vôtre ancien admirateur

Dr. Brusot.

I — 1, 1, 80

49.

Vienne, le 26 janvier 1914.

Cher Maître Coelho Netto!

C'est depuis quelques mois déjà, que je n'entends plus de vous, étant sans réponse sur ma dernière lettre, envoyée à votre adresse à Paris. Comme je me trouvais jusqu'au décembre sur voyages, collectionnant les matériaux pour un roman balcanique de notre temps, il n'est pas impossible, que votre lettre se soit perdu pendant sa réexpédition ou dans un des hôtels, où je logeais, ce que je voudrais beaucoup regretter. C'est à cause de mon absence aussi, que je n'obtenais seulement que peu de journaux, qui s'occupaient de "Wildnis", et dont les principaux je vous transmettais déjà, ainsi qu'à l'honorable Académie brésilienne. J'attendais votre nouvel livre pour décembre avec le plus vif intérêt, sans le recevoir jusqu'aujourd'hui. J'espère que votre santé soit rétablie, et qu'elle vous permettait de perfectionner l'ouvrage.

Quant le second volume de traductions, mon éditeur ne me renseignait encore sur le terme de son publication. Celui-ci est néansmoins prête, ainsi que j'espère, de pouvoir le faire paraître dans un délai assez prochain.

Veuillez-bien me faire plaisir, cher Maître, par quelques lignes de votre main, et agréez en même temps l'expression de ma vénération extraordinaire.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 81

50.

Vienne, le 2 mars 914

Cher Maître Coelho Netto!

J'ai reçu aujourd'hui par votre éditeur à Porto la 2.e édition de "A Conquista" et votre nouveau roman "Rei Negro". Prenez mes grâces, Monsieur. Après leur lecture je vous dirai mes impressions, ainsi que j'en rendrai compte aussi dans la revue "Echo littéraire". Aujourd'hui je vous peu déjà renseigner sur le terme de la publication de ma seconde traduction. Cela se fera assurément en automne prochain (européen), c'est-à-dire au moi d'août ou septembre.

Je vous espère rétablie de votre maladie et à bonne santé. Rejouissez-moi par quelques lignes. —

Votre ancien admirateur

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 82

51.

Vienne, le 29 mars 914

Cher Monsieur.

Votre charmante lettre me parvenait dans ces jours. Cependant j'ai lu "Rei Negro", que m'attirait beaucoup. Pour vous dire mes impressions: je trouve l'ouvrage fascinant, très plastique et convaicant. La vie sauvage, l'homme et nature, est paint avec supériorité extraordinaire.

Sur votre demande je me permets vous renseigner, que je ne possède pas encore ni "Banzo", ni "O Morto".

Pour vous informer du goût allemand dans ces jours, on préfère surtout: 1º de "cuentos" à la "Assombramento" et "Segundas nupcias", c'est-à-dire le *mysterieux* et *surnaturel!*

2º Une incitation: peut-être écrivez-vous un jour aussi un roman demi-historique, jouant dans les temps des "entradas", décrivant la vie primitive de la population aborigène du Brésil, c'est-à-dire des Indiens? —

Sans plus de nouvelles pour aujourd'hui, je reste, cher Monsieur, votre confrère dévoué

Dr. Martin Brusot

I — 1, 1, 83

52.

Vienne, le 5 juin 914

Cher Monsieur Coelho Netto!

Par poste d'aujourd'hui je vous transmets deux revues: "Echo litteraire" et "La génération moderne", d'où vous pouvez vous convaincre, que je lutte sévèrement pour vous rendre connu en Allemagne.

Cette fois je viens vous prier, vouloir-bien me renseigner sur la *signification* de certains mots, annotés sur une feuille speciale, en quelques *indications explicatives.*

Votre livre "O Morto" j'acquitte par mes remerciments.

Agréez, Monsieur, mes salutations
empressées

Dr. Martin Brusot.

[Em fôlha anexa:]

1) Braúna?
2) Codorna?
3) Urucungo?
4) Curiangu?
5) Caboré?
6) Bemtevi?
7) Paineira (le mot français?)?
8) Camaxirra?
9) Jandaia?
10) Gias?
11) Caapora?
12) Podengo?
13) Cajueiros?
14) Guigan?
15) Acanan?
16) Piuveira?
17) Embauba?
18) Jassana?
19) Casuarina?
20) Sanhasso?
21) Calango?
22) Jequitibas?
23) Samambaia?
24) Bertioga?
25) Inubia?
26) Tangapema?

I — 1, 1, 84

53.

Vienne, le 20 janvier 915

Cher Maître bien estimé —

Empêché par — par force majeure, c'est maintenant seulement que je trouve l'occasion vous répondre. Vos dates biographiques me parvenaient — prenez mes vifs remerciments. Aussi pour votre charmante lettre du décembre 1914, si juste et si vrai. J'étais ravi de la chaleur de vos mots — ainsi, que je transmettais votre lettre à la publicité, par publication dans l'Echo littéraire à Berlin. Quant ma traduction de "Urwald", elle fut retenu par l'éditeur pour un temps meilleur après la guerre.

Sans plus de nouvelles, agréez pour aujourd'hui mes salutations bien empressées.

Dr. Martin Brusot.

I — 1, 1, 85

54.

Vienne, le 26 février 1920

Cher et aimable Maître et Confrère!

Cela fut 5 à 6 fois au moins pendant les cinq années dures de la guerre, que je vous écrivais, mais mes lettres me revenaient toujours après quelque temps, impossible de les transmettre en Brésil. Quant à *vos* lettres, je me flattais plus de bonheur, parceque le censeur français leur donnait son laissez-passer. Ainsi je recevais deux fois vos épitres charmantes, à ma plus grande joie, que m'impressionnaient si profondement par leur sentiment noble, pur et chevaleresque, que je les faisais même publier partiellement — quoique à mon régret je ne me pouvais pas procurer votre agrément — dans quelques journeaux et revues, et qui causaient dans les cercles littéraires d'Allemagne une certaine sensation, plein d'acclamation.

Pendant ce temps là, j'ai publié aussi un second volume de vos oeuvres, sous le titre: "Le collecteur mort", que produisait de critiques brillants. Sur cela me vint par de côtés divers la sommation, d'écrire votre biographie et des informations sur le contenu spirituel et artistique de vos livres. Ce fut ainsi, que je publiais sur vous et votre art poétique, une étude étandue dans la "Revue sudaméricaine-allemande", comme aussi en quelques journeaux de Berlin, Leipsic et Munich, et que j'arrangeais même l'admission d'un extrait dans la "Grande Encyclopédie", ainsi, que votre nom figure déjà dans notre "Conversations-Lexicon", fameux Dictionnaire de 30 grands volumes. Comme vous pouvez ainsi convaincre vous-même, cher maître, je faisais mon possible pour vous, par pur admiration et idéalisme, bien loin du moindre intérêt d'égoïsme, afin que vous seriez connu en Allemagne. Et comme les lecteurs enchantés se montraient avide à d'autres ouvrages de votre plume, je traduisais aussi "Rei Negro", "Inverno em Flor" et "Agua de Juventa". Mais, malheureusement, dans le désir de les faire imprimer, je me heurtais jusqu'aujourd'hui d'immenses difficultés. C'est pour cela, que le papier coûte maintenant extrêmement cher et les salaires des imprimeurs sont devenu ennormes, parceque nous sont devenu tout épuisé en Allemagne dans nos moyens (sur quoi vous êtes sans doute bien

informé), souffrant grand manque et d'indigence en tout. C'est la cause, que les éditeurs demandent aussi maintenant, pour l'impression d' une ouvrage, une contribution par l'auteur, que sera remboursé du profit. Pour cette raison, cher Monsieur, si vous voudrez subventionner l'impression de vos livres par 800 à 1 000 Milreis, je pourrais les faire imprimer immédiatement. Je ne fais cette demande, qu'avec une certaine hésitation; mais sachant d'autre part, que cela ne soit qu'une assez petite somme chez vous en Brésil, pays plus heureux. Si vous y consentez, vous pourriez m'envoyer la somme le meilleur par poste, dans une lettre-de-valeur fermée. L'argent vous sera *remboursé* du profit de vos livres. — Ce n'est qu'une chose de confiance. Et vous pouvez avoir, je crois au moins, de confiance en moi et ma réputation publique.

À présent je vous transmets 1 volume "Der tote Kollektor" et 2 études littéraires sur vos oeuvres ("Revue sudaméricaine-allemande", "Nouveau Generation"). Maintenant je n'ai qu'un désir, concernant vos ouvrages, de faire imprimer "Rei Negro" et les autres traductions, prête déjà pour la publication. Peut-être que cela me sera bientôt fait possible par votre assistance? Envoyez-moi aussi, cher Monsieur, tous vos nouveaux ouvrages, publiés depuis le printemps de 1914. — Je veux espérer; qu'aussi votre santé, fragile alors, cependant se soit rétabli, et que vous vous trouvez en bonne santé.

Vous priant d'agréer mes salutations les plus cordiales, je reste, cher Maître, votre ancien admirateur devoué

Dr. Martin Brussot.

Vienne (Autriche) IX Pfluggasse 6.

I — 1, 1, 86

CARLOS MALHEIRO DIAS

55.

Lisboa, 17 janeiro 1901.

Meu Caro Coelho Netto,

A tua carta veio assombrar-me. Esperei-a durante meses e annos com uma febril impaciencia — e para teu mal exgottei n'essa affectuosissima ancia a melhor parte que poderias aproveitar do meu affecto. Afinal acordaste... não te ouso dizer que tarde; e aqui a tenho, pequenina e litteraria, essa grande carta que levei a esperar centos de dias. Mas enfim tu ainda me escreveste, enquanto que os outros até hoje não se lembraram de me mandar duas linhas, por

mais pequeninas e litterarias que fossem, ao canto de um bilhete. Isso absolve-te. Para que esconder-te que essa carta, por mais gelada que me tenha parecido, me deu um sobresalto de alegria, e esses periodos laboriosos do artista se me transformaram até milagrosamente em tenras palavras d'amigo? Por mais vergonha que haja em confessal'o, ahi fica a confissão.

Quero primeiro que beijes por mim os teus dois filhos, com o religioso culto com que eu os beijaria se pudesse. Tel'os, era a mais alta aspiração da tua vida. Sei adivinhar a felicidade que elles trouxeram ao eterno idyllio do teu amor — que outro nunca mais vi tão perfeito. Se soubesses avaliar o quanto te quero, terias, ao nascimento dos dois, escripto duas linhas ao amigo longinquo, que partilharia de muito longe a tua alegria. Não o fizeste. Comprehendo que essas felicidades são das que não carecem de partilhas... E agora que beijei os teus filhos deixa-me pôr aos pés de tua Exma. Esposa a minha imperecivel saudade e o meu profundo culto de respeito. Dize-lhe que nunca a soube esquecer e que d'ella conservo mais do que uma singella recordação, uma religiosissima memoria.

A tua doença — dá-me licença para não acreditar n'ella. O teu rude regimen de trabalho cerebral ha tantos annos porfiado, deve ter-te trasido muita fadiga, é certo. Mas isso é a molestia fatal dos intellectuaes: a vingança de um corpo absorvido por um cerebro. Uma viagem à Europa curava-te promptamente d'essa neurasthenia. Atravessa os mares e vem a Portugal. As tuas despesas de viagem pagava-t'as de sobejo um só romance teu, que te editaria o Tavares Cardoso. E se é que pensas na verdade em fixar aqui residência, lucrarias em reeditar em Lisboa toda a tua notavel obra de romancista, que podia produzir-te algumas dezenas de contos de reis.

O Virgilio Varzea — cujo valor não contesto — está sendo editado em edições primorosas pelo Tavares Cardoso, que lhe dá larga partilha de lucros nas edições. Por ahi vê o que poderia produzir uma edição deffinitiva e revista da tua obra!

Dous annos mesmo que vivesses em Lisboa seriam espantosamente beneficos para ti. Levarias saude e deixarias aqui um grande nome e um bom mercado para os teus livros. Havias de ser recebido com os braços abertos. Vem.

A vida é barata. Com 100$000 fortes por mez viverias, não digo como Petronio, mas na "aurea mediocridade" de Horacio. Um chalet mobilado no Estoril, á beira-mar, entre villas de duquesas e jardins de feeria (também por cá ha d'isso...) custava-te 300$000 por anno,

com cincoenta comboios tramways por dia a ligar-te ao luxo derrancado de Lisboa. Isto ainda é uma terra em que a dusia d'ovos custa 200 reis, a garrafa de Collares 140 e uma bonne inglesa para as crianças fica por uma libra.

Tu trarias meia dusia de correspondencias litterarias para jornaes da tua terra e com o que produsissem os teus livros passarias a vida de um Nababo... no exilio.

Queres um conselho?

Escreve ao Tavares Cardoso, offerece-lhe um romance inedito e propõe-lhe a reedição de toda a tua obra, revista e refundida aqui. Eu cá estou para ajudar no bom conselho e espero que a resposta do livreiro te apressará a fazer as malas e a partir. Experimenta. Os nossos archivos da Torre do Tombo estão á espera de um brasileiro que lhe desentranhe do bojo a riquesa fabulosa que concernente ao Brasil por lá jaz ignorada, na digestão da traça e das baratas. O Eduardo Prado foi d'aqui deslumbrado, promettendo vir residir em Lisboa para a exploração d'essa mina de ouro. Encontrarás por cá muito do teu Brasil. Vem, homem de Deus, vem! para alegria nossa, para fortuna tua!

Isto agora, nos dominios da litteratura, começa a ser exclusivamente vosso — e não vos levo a mal a encarniçada guerra de silencio em que vocês estão recebendo a obra portuguesa. Ahi tens o *Filho das Hervas,* de que nenhum jornal do Brasil fallou e que ahi morreu, como um escandalo que é preciso abaffar.

Não te acontecerá o mesmo aqui com a tua obra. Hemos de recebel'a com ruido, festejal'a com um desinteressado amor.

Pobres dos que são pobres, Netto, porque não conhecem o egoismo!

Para um ingrato como tu julgo serem bastantes duas folhas de papel, onde á mingua de litteratura vae um pouco de coração.

Com a expressão do meu respeito para tua Exma. Esposa, muito minha Senhora, a quem minha mulher se recomenda, um grande abraço do sempre teu

Carlos Malheiro Dias.

t/c.
R. das Chagas, 22.
Lisboa

I — 1, 2, 31

Lis, 6 d'Abril de 1907

Meu querido Coelho Netto

Não quizeste cá vir; vou eu lá. Parto no dia 15, a bordo do "Magellan", para o Rio, onde conto demorar-me uns 4 mezes, regressando em Agosto a Portugal.

O que me leva lá? Quanto teria de ser longa esta minha carta para te esclarecer sobre o programa complexo d'esta minha inesperada viagem! Como sabes, ha um anno que tomei a direcção da "Illustração Portuguesa", transformando-a n'um magazine semanal. Estes longos dose meses foram ingloriamente consumidos em melhorar progressivamente, quer na sua economia, quer na sua bellesa artistica, quer no seu merito litterario, quer no seu interesse, uma publicação que eu recebera desacreditada e fallida. Essa tarefa, a que eu ligara as responsabilidades do meu nome, absorveu toda a minha actividade. Um anno de aspero e laborioso esforço passou. A "Illustração Portuguesa" agitou questões, despertou os indifferentes, escandalisou os timidos, abriu caminho através de todos os obstaculos e acabou por impôr-se, attingindo uma irradiação nunca até hoje alcançada por outra qualquer revista portuguesa.

E é agora, quando consegui um alicerce solido para a minha obra e me encontro dispondo de um poderoso instrumento de publicidade, unico no seu genero, depois de ter obtido exercer uma jurisdição plena sobre as artes e a litteratura portuguesas, que reconheço a indispensabilidade de tentar, com os excepcionaes recursos de que me encontro possuidor, a hegemonia litteraria e artistica do Brasil e de Portugal.

A "Illustração Portuguesa" dispõe hoje de installações magnificas, com salas para conferencias, concertos e exposições. No seu salão de festas acaba de se encerrar a exposição da obra do padre Raphael Bordallo, que El-Rei visitou e com elle tudo quanto de melhor temos em Lisboa. Foi esta a 2.ª das exposições de industrias artisticas realisadas por minha iniciativa. A 1.ª fôra de ourivesaria. Será a 3.ª de faianças portuguesas antigas e a 4.ª de rendas de Peniche e de Villa do Conde. Para intercallar na serie deixo preparadas as exposições de pintura do Columbano, do Carlos Reis e do Carneiro J^or^. Estás a vêr o que isto significa n'uma pequena cidade como Lisboa, onde ao artista falta a larga, animosa e incitante publicidade dos grandes meios de arte. Facil me foi investir a minha revista n'uma especie de pontificado preponderante e — para que deixar de dizel'o? — omnipotente. Mas o exercicio d'estas altas funcções de padroeira das artes de-

manda outro apparato externo, que é difficil dar a um magazine semanal de 100 reis. Para o engrandecer em bellesa é necessario augmentar-lhe os recursos. Eis a segunda das razões que me levam ao Brasil. É preciso que a colonia portuguesa me auxilie e concorra com as suas assignaturas para a viabilidade de um grande *magazine* portugues e brasileiro, destinado a estabelecer uma estreita communhão de ideias entre o Brasil intellectual, onde enxameiam os talentos, e o Portugal tradiccionalista e immovel. A triste verdade, meu querido Netto, é que Portugal desconhece ainda hoje o Brasil... que o alimenta! É necessario revelar o Brasil aos portugueses e procurar quanto antes substituir por solidos motivos de interesse reciproco as rasões de pura sentimentalidade que nos manteem unidos. Queria eu que a Illustração Portuguesa fosse o foco convergente dos esforços no sentido d'essa crusada. E era isso o que eu te agradecia que dissesses se por ventura merecer á tua penna referencia aos motivos da minha viagem.

Leva-me uma curiosidade irreprimivel de conhecer de perto e de tratar de perto com as grandes figuras da politica brasileira contemporanea. Vae commigo um amor nunca amortecido pelo Brasil, de que sou pelo sangue e pelo affecto um pouco filho. Não vou ahi pedir senão que me instruam, que me esclareçam, que me não desilludam... E se como politico eu conseguir concorrer para o estabelecimento de um entreposto commercial privativo do Brasil em Lisboa, e como homem de lettras obtiver approximar da nossa actividade mental a prodigiosa exhuberancia intellectual do Brasil de hoje, eu terei feito uma obra consoladoramente benefica.

Eu vou poderosamente recomendado, tanto ao Brasil official como á colonia portuguesa. Mas reconheço que o terreno me fugirá debaixo dos pés se pennas prestigiosas como a tua me não ajudarem, não patrocinarem a minha causa, não esclarecerem as minhas intenções. É esse poderoso auxilio moral que venho sollicitar do teu affecto. Posso contar comtigo, não é verdade? Ahi me terás nos teus braços no dia 29. Se o Camello Lampreia me deixar, irei hospedar-me no Hotel dos Estrangeiros. Manda-me dizer para a Bahia, para bordo do *Magellan,* a tua morada no Rio. O meu coração reclama que a minha primeira visita seja ao teu lar acolhedor, para beijar a mão a tua Esposa, minha Senhora.

Abraça-te com fervoroso affecto e nunca amortecidas saudades o teu

Ad.^or^ e Amigo dedicado e grato

Carlos Malheiro Dias.

I — 1, 2, 32

57.

Lisboa — Rua da Emenda 76
18 de Fevereiro 1912.

Meu Querido Coelho Netto,

Deves ter recebido o exemplar que te mandei da minha ultima obra "Do Desafio á Debandada". Ella reflecte uma hora bem triste para a minha pobre terra e bem desafortunada para mim. Aprehendida pela policia — pois se cuidara a principio que ella constituia um incitamento á rebellião! — e por ultimo posta a circular entre uma emoção desproporcionada ao seu merito e até ao seu alcance e significação politicos, essa obra de hombridade, se me valeu o applauso dos justos, açulou contra mim as inflammadas coleras dos jacobinos. Tu a terás lido e terás podido avaliar de que lado está a razão... Mas o que importa para esta amargurada carta é fazer-te saber que esse livro me creou — ou antes serviu de pretexto para a objectivar — uma incompatibilidade com a direcção da Illustração Portuguesa, propriedade de uma empresa republicana, e cujo néo-jacobilismo me impoz o unico caminho de accordo com a minha dignidade: a demissão. Como querias tu que eu fosse republicano se na hora da revolução eu era deputado monarchico e em vesperas, talvez, de ser ministro...? A maxima transigencia que me era horrivel, a adoptei: quiz ser imparcial. Isso porem pareceu pouco á demagogia. Com a minha sahida da Illustração, o meu pequeno orçamento desequilibrou-se. Preciso de o reorganisar. Lembro-me para isso de que não seria difficil obter que um dos grandes jornaes do Rio: o Jornal do Commercio, o Correio da Manhã, o Jornal do Brasil ou qualquer outro me convidasse a escrever-lhe chronicas semanaes sobre os acontecimentos portugueses. Pelo grande exito que teem obtido as que escrevo para o Correio Paulistano, e dada a minha cathegoria litteraria, creio que não me seria difficil interessar vivamente os leitores do jornal que me quizesse aproveitar a penna. Podes tu ser meu padrinho n'esta causa? Outro não encontraria com o teu prestigio e com a tua influencia. Se o teu coração se abrisse ao meu pedido, sei que facilmente ganharia esta causa, que junto do teu affecto advogo com a vehemencia de um pae: porque o sou de 3 filhos.

Procura fazer alguma cousa por mim n'esta hora de adversidade. A ninguem me abriria com esta confiança que abstrahe as mais rudimentares noções do orgulho. E para que — a ti! — dizer-te mais do

que já disse? Beijo as mãos de D. Gabbi e com os meus votos de felicidade para todo o teu rancho, abraço-te de encontro ao coração.

Teu velho amigo
e grato

Carlos M. Dias.

I — 1, 2, 33

58.

Meu querido Netto,

Agradeço-te muito a formosissima pagina — ou não fosse tua! — que me mandaste para a Revista. É um presente real que será offerecido aos leitores com as honras que lhe são devidas. Mas nem tu imaginas as complicações a que deu logar a falta do teu artigo sobre a Créche. Está a folha encalhada, como o peixe do Jacyntho, sem poder subir para a machina. Faze o sacrificio de me escrever o artigo para amanhã de manhã, como tencionas e me promettes. Não é necessario que seja extenso. E ainda uma vez muito obrigado por tudo. Minha mulher agradece e retribue os teus cumprimentos — Beijo a mão de D. Gaby.

Teu

Carlos.

I — 1, 2, 34

59.

Meu querido Netto,

Sabes bem que um pedido teu é para mim uma ordem, e por egual sabes que eu não deixaria em silencio uma obra tua. Calculas pois o pesar immenso que sinto de não poder, senão em parte, satisfaser o teu desejo. Para ti, tudo; para o empresario de teu film, a quem deste o teu grande nome, o teu glorioso prestigio, o teu esforço e o teu zelo, não posso ser generoso. É um industrial, que não contente com os elementos de lucro que lhe proporcionaste ainda quer, à sombra do teu prestigio, reclames e annuncios de graça, com a aggravante de não lhe dever a Revista nenhum favor. Antes pelo contrario. Se a Revista me pertencesse eu poderia ainda passar, talvez, sobre essas considerações. Mas não é. Se o Musso vae pagar, como todos os empresarios, os annuncios aos jornais, porque não pagal'os á Revista? Mandei

perguntar-lhe se queria a publicação das photographias, avisando-o de que, independente disso, a Revista faria a Coelho Netto o que a Coelho Netto era devido. O teu empresario achou, parece, que a Revista não lhe serve para os seus reclames. Nós ficamos com o Coelho Netto, mas deitamos fora o sr. Musso.

Todo teu do coração

Carlos.

I — 1, 2, 35

60.

Querido Netto.

Retribuimos com affecto teus votos de boa Paschoa.

Muito obrigado pelo bilhete que me mandas para o photographo.

Devolvo a Dona Gaby o retrato que me confiou e envio-lhe o n.º de amanhã da Revista (exemplar de provas, mal impresso).

Se a Selda não se sentisse ligeiramente doente iria hoje conversar comtigo. Pensei em transformar a projectada festa elegante em beneficio da Cruz Vermelha Portuguesa em uma festa de litteratura e de arte, dedicada à *Tradição,* sem nella envolver de modo algum a Colonia Portuguesa, mas composta apenas de elementos brasileiros. Não se poderia realisar essa festa sob o patrocinio da Academia? Seria então um festival solemne, com teu discurso, versos de Bilac e Murat, numeros de concerto, etc.: — um programa onde tudo seja talento, arte e bellesa.

Queres ajudar-me a pensar nisso?

Se a festa fosse no Municipal, depois della se poderia organisar um baile nos salões do foyer: cousa que nunca se fez e que ficaria memoravel.

Teu

Carlos M.

I — 1, 2, 36

61.

Meu Coelho Netto

Fizeste bem em não ir. O acto acabou entre um silencio glacial, que nem uma unica palma quebrou para premiar o trabalho magnifico da Palmyra Bastos, que aproveitara o ensejo — que a pobre jul-

gara optimo — de se revelar ao publico do Rio de Janeiro como actriz dramatica.

Foi ainda sob a acção d'essa ducha que vim para casa acabar a leitura d'*A Muralha*. A tua peça é realmente admiravel como litteratura e technica. Has de vel-a representada em Lisboa. E não te acontecerá lá o que me aconteceu aqui. A tua obra garante-te um triumpho. Os teus interpretes ficar-te-hão gratos pelos applausos que lhes conquistará o desempenho do teu drama vehemente.

Teu

Carlos

17 — à meia noute.

Ser-me-hia agradavel que o "Correio da Manhã" publicasse o meu conto *A Dôr Faz Medo,* precedendo a publicação de meia duzia de palavras *tuas.*

I — 1, 2, 37

62.

Meu querido Coelho Netto

De todo o coração te agradeço as palavras affectuosas, carinhosas, com que recebeste o primeiro volume das minhas *Cartas de Lisboa.* O teu estylo, tão incomparavelmente sumptuoso, soube tornar bello o que era apenas mediocre e imperfeito. A tua amisade vestiu de galas a nudez da minha forma e por tal maneira a transfigurou, que a mim proprio o livro, hontem soffrivel, me appareceu melhorado e embellecido. Mas ha sobretudo uma passagem na tua chronica primorosa que me sensibilisou muito: é aquella em que tu evocas a minha camaradagem e pareces envaideceres-te, bom amigo! com a minha intimidade. Beijo-te no coração por essas palavras, que me trouxeram ao pensamento as horas de tranquilla ventura e de espiritual encanto, que vivi em tua casa. Eu era então pouco menos do que uma creança; mas uma creança exilada. Cem annos que eu vivesse, nunca poderia esquecer essas longinquas demoras em tua casa; essa illusão generosa de uma familia e de um lar, com que tu mitigaste as minhas tristesas e satisfiseste as mais occultas aspirações do meu coração. Que sabias tu de mim, para me sentares á tua mesa, para me abrires de par em par a tua casa? Como eu seria feliz de poder receber-te agora na minha casa e de poder confiar a minha mulher o suave encargo de agradecer a tua Esposa todos os bens que a sua sympathia me trouxe n'esses tempos de infelicidade! Mas tu não vens, homem inimigo de deslocações e de longinquas viagens!

Enraizaste no teu torrão e pareces temer que estas terras pobres e exgottadas da Europa não bastem para alimentar a flora prodigiosa da tua fantasia. Tens talvez razão, mas, mesmo preparado a uma desillusão, deverias vir. Ninguem mais do que tu é por nós admirado e idolatrado. Nós fariamos quanto em nós estivesse por te suavisar saudades e compensar-te o sacrificio. És capaz de me dizer alguma cousa do João Luso? Como vive elle? Pensa em morrer ahi? Um favor te queria ainda pedir: o de me dizeres, com a possivel urgencia, se existem no museu da Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro os quadros de Domingos Antonio de Sequeira: *A Morte de Camões,* a *Fuga para Egypto* e os retratos dos viscondes de Pedra Branca. Se não todas, ao menos alguma d'essas obras lá está? Terias tu a paciencia de m'a descrever?

Perdoa esta importunidade. Tinha o maximo interesse em poder referir-me a essas telas n'um estudo que estou fazendo, para ser publicado em Paris, sobre a obra prodigiosa de Sequeira.

Adeus. Apresenta os meus affectuosos respeitos a tua Esposa, muito minha Senhora, e crê-me sempre, com uma gratidão fervorosa e uma amisade que a distancia não esmorece.

Teu ad.r e m.to amigo

Carlos Malh.o Dias

I — 1, 2, 38

63.

Meu querido Coelho Netto,

Agradeço-te muito de coração a tua carta, com a informação que me dás sobre a ausencia dos quadros de Sequeira do museu da Academia de Bellas Artes. Que será feito d'elles! Não estarão na Bibliotheca, onde, se bem me lmbro, alguns quadros existem?

Mando-te mais dous volumes meus. Pouco ou nada valem. São a 2.a serie das "Cartas de Lisboa", com algumas monografias sobre casas fidalgas: um residuo de chronicas, que pouco interesse teem para ahi; e uma novella de intriga, escripta n'uma villegiatura de dous mezes para um *magazine* e que por indolencia consenti que se publicasse em volume. É um livro de negocio, mais do que uma obra de litteratura. E por isso mesmo que a elle se não prende a minha vaidade, ouso pedir-te, sem escrupulo, que o protejas como livro de entretenimento, se para tanto lhe reconheceres algum merito.

Põe-me aos pés da tua Ex.ma Esposa, minha Senhora, e crê-me sempre

teu admirador fervoroso e amigo dedicado

C. Malheiro Dias.

I — 1, 2, 39

64. *

Quinta-feira

Meu Querido Coelho Netto,

Da officina de gravura expedem-me um ultimatum: ou lhe entrego até sabbado os originaes para thrichromia, ou não terei o número de Natal. Ora eu não me consolaria de não ter o teu nome no primeiro n.º que faço especialmente para o Natal, da Revista, e o desejo receber com todas as honras, reservando-te uma das poucas paginas a 3 côres de que disponho. Venho, pois, pedir à tua velha amizade o serviço tão facil e o favor tão simples de me enviares com a gravura o *titulo* — só o titulo — do conto, que encontrarás em poucos minutos, se quizeres consagrar-me esses poucos minutos para pensares nisso.

O desenhador amanhã mesmo applicara o titulo à gravura, pintará a moldura ornamental da pagina — e no sabbado tudo estará prompto para responder ao ultimatum da officina.

Muito teu

Carlos.

I — 1, 6, 34

65. *

Meu Querido Netto

Antes que tudo, os votos fervorosos que Selda e eu fazemos pelas tuas melhoras.

Mando-te a peça.

M.me Teffé pergunta-te se não haverá outra hora para encontrar o Nepomuceno no Instituto. Se não houver ella irá amanhã mesmo da 1 às 2 e pede-te o favor de me enviares a carta de apresentação e de exposição do assumpto pela manhã, a fim de que o seu empregado venha procural-a a minha casa às 10 horas.

---

* Cartão.

* Cartão.

Quanto me custa dar-te tantos e repetidos incommodos, abusando assim da tua bondade extrema.

Teu

Carlos.

I— 1, 6, 35

66. *

Meu Querido Netto,

As Senhoras mandam ao seu *padroeiro* a carta para o Murat, pedindo-te o favor de a encaminhares. Ha ansiedade em saber se já temos a Condessa do *Dominó Negro.* M.me de Teffé já deverá ter-te telephonado a dizer o que se passou com o Nepomuceno, que pareceu desejoso de conversar comtigo sobre esse bello numero do programma, indicado pelo teu bom gosto de grande artista.

Beijo as mãos de D. Gaby, a quem a Selda muito carinhosamente se recommenda.

Teu

Carlos.

I — 1, 6, 36

67. *

Meu Querido Coelho Netto

Foi para ti a minha primeira visita. Exigiam'o o coração. Não foi porem com alvoroçada alegria que bati á tua porta, mas com o mais doloroso sobresalto. Pareceu-me comprehender nas referencias vagas do *Correio da Manhã* que tinhas um filho doente. Corri a saber d'elle, de tua Esposa e de ti. Dizem-me que a Sr.a D. Gabbi está ainda de cama e que a tua filhinha está livre de perigo. Deixo em beijos a teus lindos filhos o irreprimivel affecto com que te vinha abraçar e com que quizera ter podido beijar devotamente a mão de tua Esposa.

Carlos Malheiro Dias

I — 1, 6, 37

---

* Cartão.

* Cartão.

68. *

Meu Querido Netto

O Luiz de Magalhães escreveu-me a dizer que tudo se resolvera a bem com os Lellos, que decidiram, a seu conselho, pôr a questão do preço incondicionalmente nas tuas mãos. Logo que chegue a Lisboa e antes de partir para Paris mandar-te-hei os livros de Michaela de Vasconcellos e a edição da Brasileira de Pranzins.

Os nossos cumprimentos affectuosos a D. Gabbi. Beijos a teus filhos. Um grande abraço do teu velho

Carlos.

[29-9-07]

I — 1, 6, 71

OLAVO BRÁS MARTINS DOS GUIMARÃES BILAC

69.

Meu querido Netto.

Tambem eu recebi hontem carta do Luiz. Além d'essa, veio-me ás mãos outra, do Guimarães. Do primeiro já conheces naturalmente o endereço. O do segundo é — Calle 25 de Mayo 266. Ambas dolorosissimas essas duas cartas que tenho relido chorando, — cousa que os meus olhos já haviam ha muito desaprendido. Que amargura! Respondi hoje, e hoje mesmo escrevi ao Manoel Ribeiro Junior d'ahi, empenhando-me com elle para ver se se arranja algum dinheiro que salve os nossos irmãos da miseria, já que do horror do exilio não ha agora quem os possa salvar. — Installei-me hoje na minha casa. Os rapazes aqui deram-lhe o nome de Retiro Espiritual. É mesmo um Retiro: apartada da vida e dos homens, com a convivencia unica dos sapos que coaxam de minuto em minuto. Esta solidão vae bem com a minha melancolia. Que vida! As cartas do Luiz e do Guimarães preoccupam-me a todo o instante.

Adeus, meu querido irmão. Nem te posso escrever... Como o nosso grupo tem sido desgraçado! Abraço-te. Abraça tambem ao todo teu

Olavo Bilac

Juiz de Fóra, 7 de maio de 1894.

---

* Cartão postal.

P.S. Não escrevas directamente a nenhum dos dois: as cartas não iriam lá ter. Escreve por intermedio de — Alfredo Bastos, Montevidéo, calle Cerro Largo 207 a.

Olavo.

I — 1, 1, 46

70.

Meu querido Netto.

Um favor que me vaes fazer. Lembras-te de um jornal de Santos, *Diario da Tarde* creio, cujo correspondente eras, quando moravamos juntos na rua do Riachuelo? Recordas-te talvez que lá sahiu em rodapé uma longa poesia minha — *A Pereira da Costa.* Como sei que costumas guardar papeis velhos, pergunto-te: tens esse numero do mallogrado jornal? Naturalmente, não o tens. Mas, isso nada faz ao caso. Vê se te lembras do nome do dono do jornal — um sujeito alto, bigodudo, fallador, que conheço muito, que sei que mora em Santos, mas cujo nome não me vem á cabeça nem á mão do Deus Padre. Faze um esforço de memoria: foi esse sujeito quem te contractou para correspondente do jornal.

Peço-te isso, porque perdi essa poesia. E, assim, se te lembrasses d'esse nome, talvez, escrevendo ao homem, pudesse eu obter d'elle uma copia dos versos cuja falta me está desesperando. — Escrevi-te á pressa, porque o expresso parte d'aqui a um quarto de hora. Escreve-me e abraça-me. Teu irmão,

Olavo Bilac

Juiz de Fóra, 12 de maio de 94.

P.S. Um milhão de parabens e de abraços pelo contracto com o Magalhães.

O.

I — 1, 1, 47

71.

Rio — 12 dezembro 1901.

Mano querido, um abraço. Deus não me abandonou, apezar dos meus muitos peccados, e, graças á sua bondade, tenho olhos ainda para ver as mulheres bonitas que ha por aqui. Calcula o que deve ser um mez de escuridão e de desespero, n'um quarto escuro, com esta ideia fixa dentro do cerebro: "que será de mim, se fico cégo..."

Ainda não estou bom: mas, n'uma doença como esta, as mais escassas melhoras valem uma resurreição. A tua carta, como todas as que me vêm de ti, foi um balsamo. Agradece por mim a Mme. Netto o interesse generoso que lhe mereceu a minha infelicidade: Deus a abençôe. Vês como estou crente? é a segunda vez que escrevo n'esta pagina o nome de Deus (agora é a terceira): o medo é o pae da crença. Beijo-te as mãos pela boa nova, que me dás, de que levarei á pia, na matriz da princeza do Oeste, o teu terceiro herdeiro. Mas ver-nos-hemos antes d'isso; conto seguir para Caldas na segunda quinzena de fevereiro, e ficarei um par de dias sob o teu tecto: é mesmo possivel que jante comtigo no dia do teu anniversario, ó gato querido! — Ainda uma vez, não te queixes da sorte que te acorrentou a Campinas; eu, com toda a minha feroz e intransigente carioquice, tenho inveja de ti, tão melancolica é actualmente a vida que se passa aqui: tão melancolica, e tão difficil! Parece que, d'esta vez, é a miseria. . . — Fui ao Masson, e dei-lhe o teu recado: tiveste resposta? Esta litteratura anda sordida. Verissimo passou a pontificar no *Correio da Manhã,* e lá vae moendo o seu realejo, como o diabo é servido. Por fallar em *Correio*: disse-me o Ed. Bittencourt, com um grande gaudio, que lhe prometteste um romance; mas até agora não vi cumprida a promessa. Que ha?

Manda-me as tuas ordens, e recebe o meu coração. Saudades e saudações a Mm. Netto, beijos aos pequenos, e um abraço á veneranda Bá que, ao que me consta, está para casar com um fazendeiro rico e ciumento.

Beijo-te.

Todo teu,

Olavo.

I — 1, 1, 48

72.

Netto.

Com todos os diabos! Agora, o intrigado sou eu. . . Que demonio é isto? Escreves-me uma carta alarmada, indagando a causa do meu silencio. Em resposta, mando-te quatro paginas cheias (cousa espantosa em quem, com eu, odeia a epistolographia!) dizendo-te que a causa do meu silencio é a minha preguiça; com essa carta, mando-te o meu livro; e tu, enlapado n'essa medonha e soturna cidade, trancas-te a sete chaves n'um silencio amuado! Que quer dizer isso? Que tens tu contra mim? Desembucha, explica-te, esvasia o sacco da alma,

põe para fora as razões da tua zanga! Quererá isto dizer que já te naturalisaste campineiro, de corpo e alma, e que te dedicas ao amor do café e ao odio da sociabilidade? Falla, escreve, move-te, sacóde-te, vive! — Recommendo-me a M.me Netto, e beijo os pequenos.

Todo teu, apesar de esquecido,

Olavo.

Rio, 1 junho 1902.

I — 1, 1, 49

73.

Meu querido Netto.

Não te escrevi ha mais tempo, porque me haviam dito que não te deixavam ler. Vejo, pelo teu telegramma, que já estás em plena convalescença. Não perderei palavras em te contar o susto que tive a principio, e a satisfação que tive depois, ao ter noticia da operação. Aqui no Rio o interesse foi geral, — na roda dos que teem cerebro. Sem noticias, telegraphei ao Freitas Valle, a quem vou agradecer a bondade da informação. Não encontrei hoje o Leão Velloso: mas hei de encontral-o á noite, ou amanhã, e dar-lhe-hei o teu recado. Tive hoje noticias tuas pelo Bandeira. Como são boas, creio que ficarás livre emfim d'esse inferno que te torturava. Quando me disseram que ias ser operado, quis logo ir a S. Paulo: mas estou sobrecarregado de trabalho, e soffro de uma nevralgia rheumatica, que me não deixa ha dois meses. Pede a qualquer amigo d'ahi que me escreva, dizendo o que foi a operação, e o progresso da convalescença. Até amanhã ou depois de amanhã. Se Madame Netto estiver ahi, apresenta-lhe as minhas saudações. Abraço-te, pedindo a Deus que te ponha quanto antes de pé, rijo e são, para o trabalho e para a amizade. Todo teu,

Olavo

22 — agosto — 1903.

I — 1, 1, 50

74.

Paris, 11 junho 1904

Querido Netto — Hontem, á noite, ao chegar á casa, encontrei a tua carta, que me deu uma adoravel sorpreza. Já sabia da tua chegada ao Rio, — pela *Gazeta*: mas não imaginava que a cousa fosse definitiva. Espanta-me o que me dizes sobre a tua nomeação. O caso estava tão firmemente assentado! Trez dias antes da minha partida ainda o Rio Branco fallava-me de ti com tamanho enthusiasmo!

Espero que os teus receios sejam vãos, e que estas lettras já te vão encontrar diplomata — Paris irradia, deslumbra, esplende, enlouquece, n'este rutilante expirar da *season*. Infelizmente, a Ville Lumière, que realiza todos os milagres, não conseguiu libertar-me desta medonha dôr de cabeça, d'esta satanica e inexplicavel dôr de cabeça que me persegue e acabrunha ha um anno! No dia 16 sahirei d'aqui, para fazer uma excursão atordoadora: Modena, Turim, Genova, Pisa, Roma, Napoles, Florença, Veneza, Verona, Milão, S. Gothardo, Fluelen, Lucerna, Bale, Genebra. Vamos passeiar, — eu e Ella. *Ella* é a minha dôr de cabeça, esposa infernal, companheira infallível, que com certeza não lograrei deixar dentro de qualquer tunnel da Suissa... No dia 15 de julho, devo estar de novo em Paris, de onde não arredarei pé senão para regressar ao seio d'essa infecta e amada patria. Ah! se pudesse viver n'uma perpetua viagem! quando viajo, a Infame dóe menos. Mas não ha dinheiro, — e imaginava que cousa sinistra é esta obrigação de escrever artigos, — com a cabeça estalando! Não sei que diabo tenho dentro d'esta *sacrèe caboche*. . . — Recommendo-me á estima de Mme. Netto, e beijo a pirralhada. E aqui vae o coração do teu

Olavo

Escreve-me para Paris, onde a tua carta já me encontrará. E a Bá, como vae? Não casou em Campinas? dá-lhe uma boa beijoca por mim. — *Olavo*

I — 1, 1, 51

75.

Netto.

A tua ultima carta encheu-me de espanto. Eu imaginava que já estarias nomeado, tal era a força das promessas que havia, e tal era a confiança que as palavras do Rio Branco e do Domicio inspiravam. Não me espanta a birra do Rodrigues Alves: o que me espanta é a falta de energia do Rio Branco, que deveria quebrar lanças por ti. Bem sei que n'essas cousas todos os consolos são futeis. Mas que diabo! tu ainda tens diante de ti uma longa vida, e S. Paulo ha de cançar. O que te digo é que antes Roma do que o Rio de Janeiro: mas, tambem, antes o Rio de Janeiro do que Campinas. Ao menos, ficando no Rio, ficas no teu meio: tu não nasceste para viver em aldeia. Trabalha e espera. O trabalho e a esperança valem mais, afinal, do que a vingança dos politicos. Oh! a politica! eu, quando escrevo esta palavra, vou logo correndo para o water-closet. . . Devo estar ahi no fim de setembro ou no começo de outubro. Já tenho uma pitada de

saudade da minha taba de tamoyos. Quarenta annos! — como esta carga modifica as ideias da gente! Aos vinte e cinco annos, eu, quando pensava que tinha de sahir de Paris, chorava de raiva. E hoje não posso passar aqui quatro meses sem ter saudade da porcaria, do mijo, da estupidez, do mexerico, da safadice da Patria! O patriotismo é como o rheumatismo: um achaque da velhice. Até breve, pois. Recommendo-me á estima de Mme. Netto, e beijo a pirralhada. Um grande abraço fraternal do teu

Olavo.

Paris, 6 agosto 1904.

I — 1, 1, 52

76.

Em, 1 de dezembro de 1908

Netto. No atropello da viagem, não posso fazer despedidas. Aqui te mando um abraço fraternal, pedindo-te que me recommendes a Madame Netto. Se quizeres alguma cousa, escreve-me para o Consulado em Paris, rue Cambon 51. Até breve.

Todo o coração do

Bilac

I — 1, 1, 53

77.

Milão, 9 março 1909.

Meu caro Netto. O livreiro Floury, de Paris, bd. des Capucines, 1, já deve ter remettido para o Rio, com o teu endereço, porte pago, a edição de Balzac. É a edição Calman[n] Levy, em 25 volumes; quando sahi de Paris, ha vinte dias, estava sendo acabada a encadernação. Ha outras edições mais ricas; esta, porém, é a integral, a unica completa, contando, além de todos os romances, o theatro, a correspondencia, as polemicas, os pamphletos, e a historia do labor litterario do monstro. Guardarás, esses volumes como uma lembrança da nossa velha e boa amizade. — Depois de uma semana em Nice, estou errando pela Italia, onde vim encontrar inverno mais duro do que o de França. Antehontem atravessei o Apennino toscano entre altissimas paredes de neve. O espectaculo era maravilhoso á noite; o luar animava prodigiosamente aquelle mundo branco, e passei a noite a imaginar cousas fantasticas, — avalanches, nixes, kobolds, deuses e deusas de carnes fulgidas, poemas de Wagner, — o diabo! a allucinação só se desfez ao romper do dia, graças á intervenção energica de um grog

quente, no wagon-bar. O que é espantoso é que o meu rheumatismo, tão cheio de "partes" quando o fustigava o frio (?) do Rio de Janeiro, agora nem dá signal de vida: queria um castigo, o ladrão! Para a semana, devo estar de novo em Paris; escreve-me para lá (Consulado, rue Cambon 51) dizendo-me se os livros chegaram.

Fortes abraços do

Bilac

Recommendo-me a Mme. Netto.

I — 1, 1, 54

78.

9 fev. 1913

Meu querido Netto.

Apresento-te o sr. Alcides de Souza Brandão, por quem vivamente me interesso. Peço-te que o recebas com affecto, e que lhe dês attenção e amparo. Abraça-te e agradece-te o velho am° de sempre

Bilac.

I — 1, 1, 55

79.

Meu velho. Empurrado pela neurasthenia, parto amanhã para a Europa, — mais uma vez! não sei até quando! Aqui te deixo o meu abraço do Judeu Errante.

Se te fôr possivel, interessa-te, junto do Lauro, sobre a pretenção do Henrique Hollanda (nota annexa): com isto farias mais um grande favor ao teu velho irmão

Olavo.

Rio — 11-2-1913

I — 1, 1, 56

EMÍGDIO DANTAS BARRETO

80.

Rio, 17 de novembro de 1909

Coelho Netto,
Saude.

De posse do teu ultimo cartão fui, no mesmo dia, ter com o Rio Branco. Não estava no Itamaraty. Disse ao director geral o que pre-

tendia do nosso Metternich e deixei-lhe o teu cartão para entregal-o ao homem. O director retirou-se ás 4 horas da tarde sem que o principe houvesse regressado. Deixou por sua vez, o director, o cartão a outro empregado para desempenhar o papel de que eu o havia incumbido (o director é muito amavel). Não tive até agora solução do caso; não devo insistir mais: eis tudo.

Tem havido muita intriga e muitos resentimentos nestes ultimos tempos e eu não sei como estarei pelo *exterior*.

Se, portanto, a minha entrada na Academia depender do nosso querido Rio Branco não vale mais a pena tratar disso.

Aguardo, entretanto, a tua ultima resposta afim de mandar ou não a minha carta de apresentação. Em caso de duvida ficarei como estou.

Teu

Dantas Barreto.

I — 1, 1, 20

81.

Rio, 20 de novembro de 1909

Coelho Netto

Saude

Não podendo ir 5.ª feira ao Rio Branco, por ser dia de despacho no Cattete, escrevi-lhe dando-lhe sciencia da minha candidatura á Academia.

Escrevi ainda, sobre o mesmo assumpto, aos academicos Araripe Junior, José Verissimo, Alcindo Guanabara, Inglez de Souza, Oliveira Lima, A. Azevedo, Lafaette (sem y), Carlos de Laet, Augusto de Lima e Vicente de Carvalho.

Não confio, entretanto, no resultado.

Araripe Junior, entregue aos caprichos de Miss Kate, por essas florestas soberbas da Gavea, não se lembrará de um selvagem brasileiro, e ficará indifferente, no embevecimento que lhe produz a sua loura americana.

Se Lafayette reparar que escrevi-lhe o nome sem -y- decerto votará contra mim, tanto mais sendo um observador intransigente do grande "Polycarpo" que, no meio de todas as suas attribulações, nunca deixou de escrever Cartaxo com x e chouriço com c cedilhado. Lafayette fará propaganda da minha insolente ignorancia e dahi a derrota inevitavel.

Por tudo isso acho que ainda hoje é tempo de retirares a minha candidatura, se assim o entenderes, para me evitares um segundo desastre.

Confio em ti.

O amigo admirador.

Dantas Barreto.

I — 1, 1, 21

82.

Rio, 23 de janeiro de 1910.

Coelho Netto
Saude

Depois de haver mandado lançar á caixa postal a carta que hontem a noite te escrivi, recebi outra carta de Luiz Murat em que êste nosso amigo me aconselha a desistir da minha candidatura, em concorrencia com o Sr. Paulo Barreto, para apresentar-me na vaga de Joaquim Nabuco, que elle acha de facil accesso para mim, em vista de conversa que teve com o Mario de Alencar.

O Murat faz-me considerasões judiciosas a respeito da minha provavel derrota em competencia com aquelle moço e, em tal caso, deixo a ti a solução da desistencia. Dado este desfecho, que me parece rasoavel não serei mais candidato á "Academia" emquanto não for outro o criterio de admissão ali.

Sabes como correm os negocios sobre a minha pretenção e, assim, poderás resolver a questão como te aprouver.

Teu

Dantas Barreto.

I — 1, 1, 22

83.

30 de agôsto de 1910.

Coelho Netto
Saude

O civilismo está em campo contra a minha candidatura á Academia. Estou informado que fiseram alta questão com o Paulo Barreto e que este já não votará comnosco. Que te parece?

Este facto deixa-me a triste impressão de uma decadencia invencivel em intellectuaes que, entretanto, doutrinam em nosso paiz pela imprensa e pelo livro.

Levar a uma instituição de lettras, a um agrupamento de homens que devem ter, em primeiro lugar, o sentimento do bello, as paixões pessoaes que tumultuam nas lutas poli (ti) cas do paiz, é depreciar essa mesma instituição até á nullidade, até o indifferentismo das outras classes da sociedade.

Faço estas observações a ti porque sei que sentes comigo essas miserias e esses descalabros de parte dos nossos intellectuaes.

Comtudo creio que os outros não nos abandonarão. O H. Graça está firme: teremos o seu voto.

Conversaremos depois.

Minha saudações a M.me Gaby.

Teu

Dantas Barreto.

Esta vae de Nictheroy muito ás pressas.

Dantas.

I — 1, 1, 23

84.

Em 26 de março de 1911.

Coelho Netto
Saude.

Habituado ás tuas manifestações de carinhosa amizade nos meus dias de relativa alegria, acho-me deveras impressionado com a falta de uma cartasinha sequer desde 23 deste mes, em que os meus amigos, ainda uma vez distinguiram-me com palavras tocantes que tanto me penhoraram. Creio mesmo que só me faltou a tua palavra generosa.

Fiz-te mal? Disseram-te coisas que me fizessem desmerecer da tua estima?

Tu me referirás o que há.

Teu

Dantas Barreto.

I — 1, 1, 24

85.

Em 3 de maio de 1911.

Coelho Netto.

Só hoje, abrindo o "Paíz", liguei o nome de Gilberto Amado a pessoa daquelle moço aliás de poucas expansões, que eu encontrava em tua casa, quando tinha o tempo que me falta hoje, para ouvir-te e para falarmos de coisas que nos eram gratas. Lembro-me que me falavas do Amado com um enthusiasmo particular, mas entre Gilberto e Amado eu perdi o artista. Lia-o apaixonadamente no Paíz, recebi mesmo um amavel cartão de cumprimentos delle, mas não sabia que se tratava do nosso companheiro de palestra ás vezes presidida por Madame Gaby.

Eu sou um desastrado. Lembras-te do caso de Sousa Bandeira em que tiveste de intervir para que eu não ficasse mal?

É uma calamidade!

Não te vejo ha bastante tempo e isso me desconcerta.

Porque não appareces por cá? És um pouco egoista. Creio até que isso seja uma diathese dos grandes ispiritos, com que aliás eu não me conformo, ao menos tratando-se de um amigo.

E basta.

Teu

Dantas.

I — 1, 1, 25

86.

Recife, 8 de junho de 1912.

Coelho Netto
Saude.

Recebi tua carta e senti com isso uma grande alegria.

Achas que o teu amigo deve substituir o Rio Branco na Academia de Lettras. Não conheço coisa alguma do teu candidato, a não ser a sua qualidade de medico e de professor.

Porque não deixar a escolha do novo acadêmico para depois do encerramento do concurso?

E se for candidato o Nilo, que acaba de se mostrar um escriptor empolgante, fino e cultivado?

Vamos sem compromissos até o fim e depois communiquemo-nos sôbre o caso.

Tenho muitas saudades das nossas palestras no teu gabinete, nesses momentos em que esqueciamos a politica, que desde muito nos absorve, para sermos simplesmente intellectuaes, se é que me concedes esta qualidade.

No entanto somos escravos das situações e dos momentos. E se assim não fosse isto não valia grande coisa.

Para não entrar em tiradas philosophicas termino aqui, pedindo-te que me recommendes a Madame Gaby e que não te esqueças do

Teu

Dantas.

I — 1, 1, 26

87. *

Recife-2-11-912

Coelho Netto
Saude

Acabo de ler um artigo difamatorio de *Osorio Duque Estrada*, a meu respeito, como autor do livro "Destruição de Canudos", ultimamente dado á estampa em 2.ª edição.

Eu não me importaria com as perfidias desse individuo a quem não conheço, se elle não chegasse até a infamia, para um desabafo que o evidencia bem entre os mais afamados calumniadores.

Assim é que para requintar a sua perversidade escreveu o que vae no retalho anexo, servindo-se do seguinte artificio:

Abriu, á pagina 30, o livro; extraiu do 3.º periodo as palavras até *existencia*, em cuja pagina eu me refiro ao coronel Moreira Cezar; depois passou á pagina 33 onde eu falo do Conselheiro; tirou as palavras de *cercado* * *a fantastica* — por fim, passou á pagina 43, onde também me referia ao general Arttur Oscar, copiou as palavras *estatura elegante;* deteve-se no periodo seguinte (4.º); extraiu ainda o pedaço até *commando;* attribuiu tudo isso ao Conselheiro e continuou a sua obra como havia começado.

---

* Ocorre em anexo um recorte do *Correio da Manhã* :

"Depois de affirmar, referindo-se a A. Conselheiro, que os *ruidos do seu nome* já iam *até o retiro* da sua modesta existência, e que a haviam cercado de uma aureola *quasi fantastica*, declara o autor que o monge de Canudos era de *estatura elegante*, e conclúe por esta revelação estupenda :

"*Democrata* por temperamento, perdia comtudo muitas vezes a compostura do *diplomata*, que deve ser o general investido do alto comando."

* *cerado*, no autógrafo.

O que ahi fica dá ideia do que escreveu o miseravel a meu respeito.

Não haverá em nossa legislação penal um castigo para gente desta ordem? Se não há convém prevenir-se o caso. Discute-se o codigo respectivo e, portanto, deve-se aproveitar a opportunidade.

Peço-te que mostres isto ao Felix e também que refiras o caso aos collegas, em reunião da "Academia".

Se não fosse tratar-se de um publicista sem imputabilidade literaria, eu pediria um inquerito academico para julgar do meu livro, sob ponto de vista historico, literario e vernaculo.

Não sei se já recebeste o exemplar que te mandei pelo correio, juntamente com os outros para o Verissimo e Sylvio Romero.

Meus respeitos a Madame Gaby e um abraço do teu

Dantas.

I — 1, 1, 27

88.

Coelho Netto
Recife, 10-11-912

Depois que te escrevi sobre o Osorio fui ler o meu livro e encontrei, effectivamente, dois importantes descuidos que passaram da primeira edição: duas orações com falta de verbo. No preparo da nova edição, devido á multiplicidade de trabalho que tenho ainda hoje, não prestei attenção á materia impressa que constituia a parte antiga do livro e eis ahi o caso, lamentavel decerto.

Mas que diabo, ninguem de boa fé julgaria a obra por semelhante defeito! Era preciso examinal-a sob os seus differentes aspectos: historico, literario e artistico. Os outros descuidos só têm importancia capital para um critico perverso ou para algum maldizente, que nunca foi autor e que, apanhando qualquer falha de um livro, mesmo por informações, torna-se o eco de calumnias boçaes, para dar expansão a despeitos accumulados.

Apezar de tudo o facto contrariou-me bastante e eu accuso o peccado, que o meu livreiro vai, entretanto, corregir nos exemplares que ainda existem por vender.

E ahi tens um desabafo de amigo e de autor.

Muitas recordações a Madame Gaby e um abraço do

Teu

Dantas.

I — 1, 1, 28

89.

Coelho Netto,
Saude.

A tua ultima carta trouxe-me dois sentimentos opostos: de alegria e de tristesa.

No primeiro caso vejo que ainda te lembras de mim, quasi com o mesmo affecto de outros tempos, o que eu já punha em duvida tanto mais melindrado quanto é verdade que não respondeste á saudação amiga que te dirigi ao voltares da Europa.

No segundo caso, para encareceres e excellencia de Goulart de Andrade, fazes acreditar que este seria o preferido dos que me guerreavam na Academia, se o jovem escriptor não se esquivasse nobremente da competencia a que o indusiam. Conclue-se dahi que eu tenho obrigação de dar o meu voto ao brilhante candidato á cadeira do saudoso Heraclyto Graça.

Estou ainda hoje convencido da insignificancia da minha obra literaria; de que só á generosidade dos nossos confrades devo o lugar que occupo na Academia de Letras, mas não me devias trazer á lembrança essa verdade com que os meus inimigos pensam me deprimir.

Esse teu modo de ver o caso em questão não justifica o voto que me pedes: quando muito significa a superioridade do jovem escriptor cuja obra eu não conheço e o favor que me fizeram dando-me entrada naquella importante instituição.

Mas isto pode aborrecer-te e portanto tomemos outro caminho.

Sinto que a *Academia* precisa collocar-se na altura dos seus destinos e dahi a conveniencia de agirmos com a maior severidade na escolha dos candidatos á nossa companhia.

Seleccionar os homens que, em dado tempo, se destacam ou que vêm de epocas distantes com uma bagagem literaria capaz de impressionar um meio intelligente, eis o nosso dever naquella casa de intellectuaes.

Nestas condições me não impressionam as posições, a riquesa ou o poder dos individuos, cujo valor apenas se mede por essas qualidades, decerto valiosas e ambicionadas pela maioria dos homens. Os meus candidatos, portanto, serão os escriptores que, pelo talento, pela originalidade e pela audacia da sua producção, se destaquem de outros escriptores em voga.

Tudo me faz acreditar no valor do teu candidato, mas só depois de conhecer os seus principaes trabalhos, dar-lhe-ei o meu obscuro voto. O ruido do seu nome seria uma garantia decerto valiosa, mas eu quero julgar com as provas á vista. De outro modo não obedeceria ás normas que me tracei.

E aqui termino pedindo-te que me recommendes á gentilissima e graciosa madame Gaby.

Teu amigo muito grato e admirador

Dantas Barreto.

Recife, 22-6-914

I — 1, 1, 29

90.

Coelho Netto
Saude

Sei que trabalhas e que fases letras.

Não sei o que se passa ahi de positivo a respeito de candidatos á "Academia Brasileira" e desejaria que me informasses disso para agir com justiça. Dizem que além do teu são candidatos o Ramis Galvão e o Lauro Müller. Dos tres o que me parece preferivel é o Ramis, tanto mais quanto não conheço coisa alguma do Lauro sobre literatura. Enfim quero que me digas de quem é o teu voto para ao menos *uma vez estar comtigo.*

E adeus do teu

Dantas Barreto

17-7-914.

I — 1, 1, 30

PHILEAS LEBESGUE

91.

Le 15 Octobre 1908.
La Neuville Vault,
par Savignier Oise.

Cher et Illustre Confrère,

Vous devez vous demander ce que j'ai fait de votre adhesion si généreuse et si complète à l'idée d'une traduction française de vos admirables contes.

Malgré mon silence d'un an, je n'en ai rien laissé perdre, et je crois qu'une édition faite par vous-même — à charge pour moi de vous mettre en rapport avec un typographe honnête et soigneux, ce qui est facile — serait le meilleur parti à prendre. Ainsi me le proposiez-vous, et j'ai du vous répondre qu'il ne faudrait peut être pas trop compter sur la firme du "*Mercure de France*".

Toutefois, j'ai pu obtenir qu'un de vos contes ou plusieurs *pourraient être publiés* probablement dans la revue *"Le Mercure de France"*, ce qui est une chose excellente au point de vue de la reuissite ulterieure d'un volume.

Cette publication pourrait être déjà chose faite, si de multiples tracas ne s'étaient abattus sur moi cette année, surtout depuis la mort de mon Père, dont je fus très affligé.

Je me reprends enfin aux chers projets interrompus et je me vois serieusement encombré. Mais j'ai trop haute estime pour votre grand talent pour ne pas vous informer tout de suite que je n'ai rien oublié. Voulez-vous que je vous communique maintenant mon essai d'interpretation de *Mandovi,* dont l'étendu et le caractère me paraissent *des plus convenables pour une première insertion au "Mercure"?* J'ai pu commettre de serieuses inexactitudes dans la rendu des passages en langage *"caboclo"*, et j'en appelle à votre obligeance. J'en ferai de même pour les autres contes: *A Cega, Os velhos, A Espera, Assombramento et Fertilidade,* n'est-ce-pas?

N'avions-nous pas déjà discuté du titre?

Mais qui trop embrasse, mal etreint. Je ne m'en aperçois que trop. Commençons donc par le commencement.

J'attends de coeur, mon Cher et Illustre Confrère, en signe de pardon, une excellente réponse, et vous prie de croire à ma profonde admiration, comme à mon plus parfait dévouement.

De tout coeur.

Philéas Lebesgue.

I — 1, 3, 44

92.

La Neuville Vault, le 31 Janvier 1909
par Savignier-Oise

Mon Cher et Illustre Ami,

Oui, une immense aurore s'est levée sur le monde dans la sang de nos martyrs! Il faut souhaiter que la rédemption soit complète et que les vils appétits ne viennent pas maintenant souiller la juste paix. Les négociateurs ont une tâche immense à accomplir. L'Avenir est ouvert et il convient de l'organiser. Quels temps nous vivons! Il y a quelques mois, il semblait encore que le flot devastateur dût déferler jusque en mon seuil: il a reflué tout à coup jusque par derrière le Rhin, seule barrière efficace et que les Alliés ne doivent pas nous laisser abandonner, quelles que soyent les modalités administratives

à faire intervenir pour mettre d'accord le statut des habitants du Palatinat avec les principes wilsoniens.

Jamais mes compatriotes, (et moi même en particulier), n'oublieront la courageuse initiative de la *Ligue brésilienne en faveur des Alliés*, dont vous avez personnellement secondé l'action de façon si persévérante! Il convient que ce rude faisceau d'energies que vous avez groupées autour de l'idée de Liberté demeure parfaitement uni et continue de répandre les saines vérités.

Car il n'est pas sûr que le teuton ait completement désarmé. Il regroupe ses forces et ses intrigues ne sont peut être pas étrangères aux diverses convulsions que continuent d'agiter le monde.

Espérons qu'un magnifique *essor d'art* aide à balayer bientôt tous les gaz empestés laissés par le cataclysme. Une certaine activité sempre renaître en notre milieu: des curiosités d'eveillant et je pense que nous pourrons bientôt songer, mon ami Gahisto et moi, à publier nos traductions de vos contes et de *Rei Negro*.

Certaines personnes seraient disposées à monter ici, cet été, une pièce brésilienne. J'ai pensé à preparer l'une des vôtres. *Laquelle préférerez-vous?* Gahisto et moi la traduirions, si toutefois cette initiative si interessante se poursuit.

A vous, Mon Cher et Illustre Ami, avec l'assurance de tout mon dévouement très fidèle, l'hommage fervent de mes souhaits de succès toujours plus large de labeur toujours plus fécond!

De tout coeur, avec admiration profonde

Philéas Lebesgue

I — 1, 3, 45

93.

Le 19 mars 1909
Revie *La Vie*
10, Rue du Cardinal Lemoine
Paris

Mon Cher et Illustre Ami,

D'accord avec M.M. Marius Ary Leblond, qui ont su faire de la revue *La Vie* une tribune largement ouverte à la défense des nationalités, j'ai pensé qu'il y aurait un intérêt urgent à preciser publiquement, dans le moment actuel, *les liens intellectuels et moraux, qui unissent la France au monde latin et spécialment au Brésil.*

Ainsi ai-je rédigé le questionnaire suivant:

1º) *Que pensez-vous du génie intellectuel de la France?*

2º) *Quel rôle, selon-vous, doit-il jouer en Europe et dans le monde?*

3º) *Que pensez-vous des services qu'une expansion intellectuelle de la France pourrait rendre aujourd'hui au Brésil, en dehors de toute question politique, républicaine ou laïque, et tout en favorisant l'exaltation du sentiment national brésilien?*

4º) *Quels seraient, selon vous, les moyens pratiques d'utiliser cette expansion pour le plus grand bien du Brésil?*

Nous assistons à l'éclosion dune ère entièrement nouvelle. Il s'agint de remanier la carte du monde d'après le principe des nationalités librement consultées, principe ardemment défendu par la France et par l'Angleterre, à l'encontre de l'Imperialisme allemand, qui rêvait d'asservir l'univers à ses fins économiques. Les réponses seront publiées dans *La Vie.*

Avec l'espoir cordial que vous ne refuserez pas, mon Cher et Illustre Ami, de me donner votre opinion motivée sur ce passionnant sujet, agréez, je vous prie, l'hommage respectueux de mes sentiments dévoués d'admiration profonde et de fidèle sympathie.

Philéas Lebesgue.

La Neuville-Vault, par Savignier (Oise).

I — 1, 3, 46

94.

La Neuville-Vault par Savignier-Oise, le 30 Septembre 1909

Mon Cher et Illustre Ami,

Je reviens de Belgique où je suis allé donner des conférences sur le Rôle civilisateur de la France. Je trouve au retour votre mot aimable de bon souvenir, et je me sens tout confus d'être vis à vis de vous si coupable.

Oui, j'ai bien reçu *Mandovi* et j'en ai remis depuis longtemps au *Mercure de France* le manuscrit français, avec promesse d'insertion.

Pour des raisons que vous comprendrez, je tennais beaucoup à débuter par lá. J'ai encore insisté ces jours-ci.

Cependant je suis sollicité par ailleurs par *La Renaissance du Livre,* qui entreprend d'éditer des nouvelles et contes de tous pays. J'espére bien arriver à quelque chose là, et faire ainsi paraître plusieurs de vos contes, ceux que vous m'avez designés et que prendront place dans le volume que nous avons prémédité.

J'aurai bientôt des renseignements précis d'imprimeur à vous transmettre; car je fais éditer moi-même une fantaisie philosophique *Outre-terre,* pour laquelle j'ai jugé inutile de chercher une grosse forme. Je prendrai celle de la revue qui publia l'ouvrage en premier lieu: *La Phalange,* et nous pourrions en agir ainsi pour votre volume, en cas de refus du *Mercure.*

Certes, j'aimerais pouvoir aller d'entretenir avec vous de tout près de toutes ces choses et de pas mal d'autres, sous votre ciel enchanteur; mais je n'ai ni la réputation ni les moyens de mon illustre compatriote Anatole France. Ah! l'admirable Brésil que vous évoquez si bien! Une tournée de conférences payantes pourrait seule m'attirer là-bas et me permettre d'y séjourner. Peut-être est-ce dans l'idée des choses possibles. Et je vais continuer de travailler en attendant.

Je vous tiendrai au courrant de tout ce que sera fait ici vous concernant. Je fais paraître cette semaine chez Juven, un grand roman adapté du grec; je dois continuer en Janvier par *Os Lazaros* d'Abel Botelho. Ainsi les portes seront ouvertes.

Pouvez-vous me faire envoyer quelques livres de vos confrères pour mes chroniques portugaises trimestrielles? De vous, je n'ai pas eu *Fé, novellas sertanejas,* ni *Esphynge,* ni *Miragem.* Merci d'avance.

A vous de tout coeur, admirativement

Philéas Lebesgue

I — 1, 3, 47

95.

La Neuville Vault, le 16 Avril 1916
par Savignier-Oise

Mon Cher et Illustre Ami,

La France qui souffre, qui combat et qui espère a besoin de sentir que son effort sacré est apprecié à sa juste valeur par tous ceux qui méritent encore le beau nom d'hommes. Elle doit apprendre, au milieu de l'épreuve tragique, que le Brésil intellectuel lui demeure ardemment fidèle et qu'il n'a pas hésité à négliger certaines considérations matérielles, pour embrasser la saint cause de la liberté des peuples.

Ah! comme vos sympathies soutiennent notre foi, comme elles nous rendent le sacrifice leger! Chacun sent bien que les forces morales doivent avoir le dessus dans cette lutte implacable; c'est pourquoi l'aide apportée par la *Ligue brésilienne en faveur des Alliés* nous est si précieuse. L'Allemagne s'en effraie à bon droit et précipite

ses coups. C'est en vain. La France est le soldat de Dieu, elle en a conscience et puise une force invencible en cette conviction, que l'activité de votre propagande vient à chaque instant renforcer. Mais ce n'est pas assez que l'on sache ici que le Brésil est avec nous, parce qu'il est l'ami de l'Angleterre et du Portugal; il faut que l'on insiste sur les liens spirituels que unissent la France à l'Amérique lusitanienne; il faut que l'on dise les noms de ceux qui ont osé braver l'élément germanique installé dans le pays même, pour crier les droits de l'Humanité.

Les documents que vous avez eu l'extrême obligeance de m'envoyer, mon Cher et Illustre Ami, et qui résument l'oeuvre admirable accomplie en un an par votre *Ligue* courageuse, me serviront à renseigner bientôt les lecteurs de *La Vie* et à vous rendre justice. Cela préparera quelque peu la parition future de *Rei Negro* en France... à la paix.

En même temps, je dois commencer, ces jours-ci, une série d'articles sur le Brésil et le Portugal au journal *"Le Rappel"* de Paris. A Verdun, l'Allemagne trouvera son tombeau, telle est la conviction française; mais il faut que l'univers entier signifie à l'Empire prussien sa réprobation motivée.

Vous avez dû recevoir déjà le numero de *La Vie* où je parle de *l'Amérique du Sud intellectuelle*, en bloc, dans ses aspirations. Avez-vous publié de nouveaux livres? Pouvez-vous me communiquer quelques renseignements ou brochures concernant l'importance de l'*élement germanique au Brésil*, son action, son rôle social et politique? N'avez-vous rien écrit personnellement sur ce sujet? Ce que j'ai lu de plus intéressant en la matière, c'est de *Chanaan* de M. Graça Aranha un admirable livre!

Laissez-moi, en terminant, pleurer avec vous l'injuste mort du grand José Verissimo.

Votre admirateur et ami dévoué.

Ex corde

Philéas Lebesgue.

I — 1, 3, 48

96.

La Neuville Vault, le 24 Août 1918.
par Savignier-Oise

Mon Cher et Illustre Ami,

Au moment où les armées alliées, renversant brusquement la situation, pressent vigoureusement l'ennemi en retraite, et dissipent

les vapeurs d'angoisse au milieu desquelles nous vivions, le touchant souvenir que vous m' offrez vient mêler à ma joie quelque chose de particulièrement émouvante. Avec quelle ferveur et quelle conviction vous avez lutté, dès l'origine, pour notre cause sacrée! Cela, je ne saurais l'oublier, et j'aimerais que notre opinion publique, mieux renseignée, put rendre entière justice au Brèsil. Peut-être l'occasion lui en sera-t-elle fournie prochainement, si comme on l'annonce, un Corps expéditionnaire brèsilien vient se joindre aux troupes de l' Entente.

Mais mon rêve, vous le savez, va plus haute. J'aimerais qu'une profonde pénétration intellectuelle pût permettre à mes compatriotes d'apprécier à sa valeur votre mouvement d'art et de lettres. Voilà pourquoi, d'accord avec P. M. Gahisto, nous avons préfacé la traduction française d'un *Choix de vos contes* et de *Rei Negro*. P. M. Gahisto a dû vous dire que nous n'attendons qu'une occasion favorable pour la publication.

Pour ma part, j'aurais pu mieux faire, si j'avais été plus libre et si j'avais habité Paris. Mais la guerre a beaucoup dérangé mes projets. J'espère bien les reprendre un jour prochain.

Absorbés par les problèmes d'ordre politique suscités par la guerre, les lecteurs français désertent quelque peu la littérature pure et simple. Aussi bien, je pense qu'un ouvrage resumant *l'effort du Brésil dans les divers plans de son activité d'aujourd'hui* aurait toutes les chances d'attirer l'attention chez nous, surtout s'il était signé d'un nom brésilien en vue. Un chapitre consacré aux lettres permettrait d'attirer l'attention sur les oeuvres que l'on traduiront plus tard.

Personne d'entre vos confrères ne pourrait-il songer à écrire un tel ouvrage, que nous traduirions bien volontiers M. Gahisto et moi et qui servirait grandement la cause du rapprochement franco-brésilien?

Nous ignorons tant de choses en France!

Ah! l'admirable effort que vous avez poursuivi du côté de la scène, et dont votre volume l'*Argent* est le vivant témoignage!

Bonança fut moralement parlant, la première pierre de votre Theatre Municipal, et vous y avez gravé votre nom impérissablement.

Mais quelle joie ce serait pour moi de révéler aux Français *L'Intrus*, qui les touche de si près! Avec quelle noblesse vous avez traité ce délicat sujet si terriblement tragique, et comme je sens mon coeur battre tout près du vôtre!

J'espère en parler bientôt dans quelque journal ou revue d'ici.

A vous l'hommage affectueux et fervent de mes sentiments dévoués.

Votre admirateur reconnaissant

Philéas Lebesgue

P.S. N'omettez pas de me tenir au courant de tout ce que fait la Ligue pour les Alliés et des transformations qu'elle a pu subir.

J'en informerais les lecteurs de *La Vie.*

Tout à vous encore

P.L.

I — 1, 3, 49

97.

La Neuville-Vault, le 3 Janvier 1920
par Savignier-Oise.

Mon Cher et Illustre Ami,

Au seuil de 1921, je suis heureux de vous offrir bien affectueusement l'hommage fervent de mes meilleurs voeux, voeux de santé meilleure, de travail fécond, de gloire de plus en plus rayonnante.

C'est un grand honneur pour Manoel Gahisto et pour moi que d'avoir été choisis, pour vos interprètes français. Le succès très réel, et du reste hautement mérité, remporté par *Macambira* constitue pour nous le plus précieux des encouragements. Si j'ai personnellement tardé à publier le recueil de vos *Contes,* qui était prêt le premier, c'est que toutes les conditions devaient être réunies pour évitér l'échec sur votre nom, qui est celui d'un maître. Pour la première fois, grâce à votre oeuvre si minutieusement vécue et observée, le Brésil se présente tel qu'il est.

Et c'est une grande révélation pour le public de France, que déçoivent régulièrement trop de pastiches étrangers. Nous espérons bien, M. Gahisto et moi, placer prochainement diverses oeuvres brésiliennes déjà traduites, et d'abord le recueil prestigieux de vos Contes.

Notre marché, malgré de très réelles difficultés issues de la guerre, devient de plus en plus actif.

Vous avez raison de friser au dessus de toutes la traduction française; puissions-nous ne vous avoir pas trop ouvertement trahi dans notre interprétation!

Quelles oeuvres nouvelles préparez-vous? Quels livres récents hautement dignes d'interêt ont paru au Brésil?

J'ai moi-même été possiblement suffrant depuis la fin de l'été, mais déjà je vais mieux et m'efforce à remettre à jour mes travaux en surplus.

Agréez, je vous prie, Mon Cher et Illustre Ami, l'assurance cordiale de ma profonde admiration et de mes sentiments dévoués.

De tout coeur

Philéas Lebesgue

I — 1, 3, 50

98.

1929

La Neuville Vault
par Savignier-Oise
15 Mai

Mon Cher et Illustre Ami,

Comment vous exprimer ma joie fraternelle de vous sentir si pleinement, si généreusement à nos côtés dans la grande lutte que nous soutenons sans merci? On a parlé d'une guerre de comptoirs: ce n'est pas celle que nous poursuivons, vous l'avez compris. Ainsi tolérons-nous assez mal d'être simplement mis *dos à dos* avec nos agresseurs par certains neutralistes outranciers. Nous prétendons que l'on reconnaisse explicitement notre loyauté et, s'il nous est indifférent qu'on nous plaigne ou non comme victimes, du moins ne saurions-nous accepter d'être placés devant l'histoire sur le même pied que ceux qui tentèrent de nous assassiner par les procédés que l'on soit. A ce titre, vous avez admirablement et avec quel art érudit défini le rôle incomparable de la Belgique, martyre de l'honneur.

Ainsi, vous avez pris place courageusement parmi les meilleurs combattants de notre juste Cause, et vous aurez votre part dans la grande Victoire que nous esperons remporter, complète. Que meure la France, et le monde entier rentrera dans les ténèbres; car le fanatisme germanique n'adore que l'immonde Venus d'or et déclare que la fin justifie tous les moyens, même les plus abominables. L'Allemagne, certes, est une merveilleuse organisatrice; mais elle n'a même pas inventé les techniques qu'elle met en oeuvre et si tant de cherchéurs français ou anglais, américains, brésiliens même (je songe à Santos Dumont) n'étaient pas morts à la peine le plus souvent, l'on peut se demander où elle aurait trouvé les armes qu'elle emploie.

Certes, la France a commis bien des fautes, mais si elle s'est placée en état d'infériorité, ce fut bien souvent pour s'être montrée trop généreuse, voire chimérique. Votre beau discours en l'honneur de la Belgique-soeur restera pour moi comme une inoubliable preuve de votre grandeur d'âme et je veux le conserver ici en té-

moignage de profonde admiration. Au fait, je ne pourrais douter de l'âme brésilienne. Il serait désirable que vous pourriez le faire éditer en plaquette avec les beaux vers qui l'ont suivi. J'aime à signaler à *La Vie* (de M. M. Marius Ary Leblond) les manifestations de sympathie à la cause des Alliés, que peuvent survenir dans les pays où j'ai des relations: Portugal, Grèce, Italie, etc. J'espère pouvoir y rendre compte de votre action si noble.

En même temps, je poursuis en Portugal une enquête, à laquelle je serais heureux de vous voir egalement répondre, à titre brésilien.

Mon excellent ami et collaborateur P. M. Gahisto s'occupe, de son côté, de recueillir des opinions dans les pays hispano-américains.

Il importe, en effet, infiniment, à nos soldats, — et l'armée, c'est la nation tout entière debout — de savoir que le monde entier les accompagne de ses voeux. Je dis *le monde entier,* car l'Allemagne, par sa façon de conduire la guerre, s'est placée dès maintenant hors de l'humanité.

Classé dans les services auxiliares, classe 1889, je puis être convoqué moi-même d'un instant à l'autre. En attendant de servir mon pays autrement que par la plume, je m'efforce d'être utile à la grande Cause dans la mesure de nos moyens.

Hélas! nous pouvons anxieusement nous demander ce que restera de notre malheureux peuple, quand cette effroyable lutte aura trouvé son terme nécessaire.

Cependant, notre triomphe n'est pas douteux, et chaque jour qui s'écoule confirme nos espoirs; mais à combien de deuils nous faut-il consentir, quand déjà tout ce qui est valide jusquà de 46 ans se trouve sous les armes? Que de familles sont restés sans chefs! Ah! nous ne marchanderons aucun sacrifice, et nous irons jusqu' au bout, car c'est question de vie ou de mort pour notre pays, mais quel naufrage de nos aspirations pacifiques, et pourquoi fallut-il que nous soyons entraînés dans cette tourmente. C'est quelque chose comme le crucifixion du Christ; mais pour un peuple entier, un peuple que l'on disait athée, et qui sauvera tout ce qui mérite sur terre d'être appelé divin.

Encore Merci, Mon Cher et Illustre Ami, et puissons-nous fêter la paix, avec le triomphe à Paris de *Rei Negro* et de votre grand nom.

A vous de tout coeur affectueusement et respectueusement

Ph. Lebesgue

P.S. Il me sera précieux de recevoir les *revues illustrées* que vous me promettez si géneureusement, tout à vous encore.

P.L.

I — 1, 3, 51

99.

La Neuville Vault le 29 Janvier 1930
par Savignier (Oise)

Mon Cher et Illustre Ami,

J'ai reçu avec une émotion profondément reconnaissante la belle et musicale traduction française de votre *Mano,* cet incomparable poème en prose jailli en des heures douloureuses de votre coeur déchiré. Une scène sensible a été votre interprète et les delicates nuances du portugais ont été respectées dans cette version fidèle. Pourtant c'est dans le texte même que je me plais à relire ces pages maitresses; car vos livres sont la à portée de ma main et je rouvre souvent *Mano.* De vos *Contes,* que sont de chefs d'oeuvre, nous avons, *Gahisto et moi,* préparé depuis longtemps un recueil révélateur. Puissons-nous le voir paraitre bientôt! N'habitant pas à Paris, j'ai moins de facilités que mon collaborateur et disciple. Aussi bien ai-je très amèrement regretté de n'avoir pu faire notre connaissance [rôto o original] de votre venue en France.

Les jours passent hélas! Il fut un moment ou j'esperais visiter un jour le Brésil. Ce rêve sans doute ne pourra se réaliser — je vieilli.

Mais mon admiration profonde et ma fervente amitié vous demeurent inaltérablemente fidèles, croyez-le bien.

A vous, Mon Cher et Illustre Ami, l'hommage respectueux de mes meilleurs voeux de bonne chance pour 1930! Merci encore.

Ex in corde

Philéas Lebesgue.

I — 1, 3, 52

FÉLIX PACHECO

100.

Meu caro Coelho Netto

Já escrevi ao Ruy apresentando a minha candidatura. Apesar de não confiar na victoria, creia que desde já sinto enormemente a falta de seu voto, que não pode deixar de ser dado ao Antonio Lobo.

A mim me basta saber que, pelo coração, você me deseja lá dentro. Creia que procurarei honrar os votos que receber e tambem

o seu, manifestado fora das urnas, como às vezes acontece nas eleições com que nos mandam ou não nos mandam à Camara...

Um abraço affectuoso do

ex-corde

Felix

Evoneas, 5

Rio, 1-12-911

I — 1, 5, 82

101.

2/2/916

Meu caro Coelho Netto

A tua carta foi para mim um delicioso consolo no momento da despedida. Eu me daria por bem pago de tudo com o teu brado, tão alto, tão persuasivo e tão quente! Podes ter a certeza de que elle echoou de um modo formidavel na chapada do Corisco, que tu mesmo baptisaste de Cidade Verde. Estou a rever os annos de generosa sympathia que te devo, desde o dia em que engastaste nas *Fagulhas* da Gazeta os meus *Argonautas*. Professor de ideal e de energia, tu tens sido, nas lettras e na vida, um reducto e um exemplo luminoso e bello contra o desanimo e contra as cousas que emporcalham. Nada me podia ser mais grato, ao emergir do paul, do que achar logo, como achei, a tua grande autoridade espiritual a cobrir-me com a benevolencia constellada de teu applauso.

Beijo-te as mãos reconhecido e ufano da honra que me deste.

Ex-corde

Felix

I — 1, 5, 83

102.

Rio de Janeiro, 10 Julho 1916.

Meu caro Coelho Netto

O teu telegramma rematou com uma nova e captivante benevolencia o apoio com que me honraste por ocasião de minha renuncia. As tuas phrases de Janeiro andaram repetidas nos jornaes do Piauhy por todo este semestre de luta, que agora acabou. Tu nem podes imaginar o prestigio que ellas deram á causa do povo contra os caprichos do Governador. Já contavas ali as mais fortes sympathias.

Posso affirmar-te que essas sympathias augmentaram enormemente. E no meu coração cresceu tambem e se redobra sempre a gratidão pela tua bondade, tão grande como o teu genio.

Deixo-te aqui a segurança de meu velho affecto agradecido e de minha admiração sempre renovada e cada vez maior.

Ex-corde

Felix

I — 1, 5, 84

103.

Rio de Janeiro, 18 Outubro 1916

Meu caro Coelho Netto

Com o Rénan, que te devolvo, vão tambem os meus agradecimentos pelo obsequio e por uma porção de outras bondades de que já perdi a conta. A minha escripta, nesses deveres, anda sempre atrazada. A demora não foi minha, mas do traductor, o nosso Luso, que, pelos modos, andou a saborear lentamente o precioso achado. Estou com o trecho do discurso da Academia engatilhado para disparar sobre o nosso bom amigo Lauro, que não nos ha propriamente *ramèné la victoire*, mas foi acceito por nós como expoente e está positivamente a debochar-nos com a demora da posse.

Um apertado abraço do

Felix

I — 1, 5, 85

104.

Meu querido Netto

Estou regressando lentamente às minhas occupações e não quero reentrar no trabalho sem dizer primeiro aos que me acompanharam com sympathia na minha longa doença o quanto esse carinhoso interesse me commoveu e me penhorou. A ti, porem, não preciso declarar nada; ja tu sabes que, desde vinte annos atraz, sou um escravo da tua bondade, tão grande e tão formosa como o teu genio litterario.

Agradecendo immensamente todas as tuas finezas e attenções, mando-te os votos cordiaes que todos aqui em casa fazemos para a constante ventura tua e dos teus.

O Jorge leva-te dous volumes, para os quaes peço um logar na tua estante. Um é o *No limiar do outomno*, para substituir a bro-

chura sem dedicatoria que te dei, quando me vieste ver com o Martins Fontes e eu ainda não podia usar da mão para escrever. O outro é um trabalho historico em que ha um prefacio do Constancio.

Com os dous volumes vae o coração reconhecido e affectuoso do teu

Felix Pacheco

Rio, 2-I-919.

I — 1, 4, 50

105. *

6/VIII/919

Meu querido Coelho Netto

Vão aqui todos os meus agradecimentos de quarentão pelos teus parabens do dia 2. Quando me lembro que desde mais de 21 a tua bondade me anima e me acompanha, não é sem uma carinhosa commoção que te respondo. Duas decadas assim valem alguma cousa como affirmação de amisade ininterrupta, tão rara hoje, quando as estimas, ainda as que são cimentadas no sonho, se partem amiude. Deus te pague pelos teus votos e cubra sempre de bençams a ti e aos teus.

Ex corde

Felix

I — 1, 6, 56

106.

Rio de Janeiro, 12 de Março de 1924.

Meu caro Netto:

Obrigado a ir a Petropolis para assumptos urgentes, não poderei estar na Academia á hora da sessão.

Presente, o meu voto seria absolutamente contrario á renuncia de Medeiros cuja autoridade pessoal e vibração permanente de intelligencia vão muito bem no logar que lhe designámos.

Se Você quizesse ter a bondade de dizer isso mesmo por mim no momento da votação muito grato lhe ficaria o

Todo seu

Felix Pacheco

I — 1, 4, 51

---

* Cartão.

107.

Meu caro Netto

Cá me chegou o teu amavel cartão. Vae tarda a resposta porque, embora restabelecido, ainda ando meio bambo. Sou muito sensivel e grato á gentileza do velho mestre e amigo e faço tambem votos ardentes para que Deus te conserve a saude preciosa, que é patrimonio do Brasil inteiro. Minhas homenagens e as de minha mulher a tua Ex.ma Senhora.

Muitas saudades e um abraço do teu

ex-corde

Felix

I — 1, 5, 86

108.*

Meu querido Netto

Se o teu voto fôra dos que cahiram na urna, não valera mais para mim do que o que me trouxe o teu telegramma. Habituei-me ja tanto a esse suffragio cordial, que se elle me não tivesse vindo agora, seria como se eu não ficasse eleito. Lá estou e lá te espero. Com que alegria e com que orgulho eu te daria a reler o compromisso que tanto honraste. Tempo ao tempo, e o Maranhão resgatará a grande falta, ou morrerá de vergonha.

Um abraço apertado e novos agradecimentos do

Felix

I — 1, 6, 57

JOÃO RIBEIRO FERNANDES

109.*

Rio - 23 março 913.

Meu caro Coelho Netto,

Venho pedir-lhe uma desgraçada licença de 25 a 30 dias.

Estou com uma grande pedra na bexiga, o que eu não sabia, apesar dos m.tos soffrimentos que tenho passado. O dr. Alvaro Ramos

---

* Cartão.

* Cartão.

determinou que sem perda de tempo me recolhesse ao Strangers Hospital (rua da Passagem) onde devo ser operado sem demora, pois estou sob o risco de infecção mortal.

Entro para o hospital n'esta semana e o mais irá a Deus misericordia.

Um abraço do

João R.

I — 1, 6, 40

110.

Rio, 22 de nov. 1913

Meu Coelho Netto,

Chegas hoje nas primeiras horas da noite; e estou impossibilitado de ir ao teu encontro. Ás mesmas horas, começa um pequeno saráu em nossa casa onde tenho que receber varias pessoas. Commemora-se o dia de *S.ta Cecilia* (onomastico de Xavieria Cecilia).

Iremos, depois, ver-te e a Gaby que aliás devem estar monopolisados pelos filhinhos tão seus donos.

Adeus. Um abraço do

João

P.S.

Na *Escola Dramat.* estamos a concluir os exames. E tudo foi bem.

I — 1, 2, 76

111.

Rio, 30 de abril 1914

Meu caro Coelho Netto,

Peço-lhe exoneração do cargo, que tão bondosamente me confiou, de professor da Escola Dramatica.

Ao chefe, amigo e companheiro excellente, devo toda a minha gratidão, e com ella manterei a perpetua amizade que tanto me desvanece. Infelizmente sempre me considerei inferior e indigno de tão grande honra.

Terei de partir n'esta quinzena para a Europa e um pouco ao acaso do q. possa vir. Mas, vou tranquillo e confiante.

Hei de lhe dar o meu abraço de despedida, logo q. me desembarasse de mil pequenas coisas que me preoccupam.

Do seu, sempre seu,

João Ribeiro

I — 1, 2, 77

112.

Genève 11 julho 914

Meu caro Netto,

Acabo de receber, vindo de Zürich, onde estava, o teu telegramma de hontem, com o pedido de voto para o Dr. Austregesilo.

Acho q. andaste muito de vagar n'este caso; o meu voto já foi enviado ha mais de uma semana p.ª o Gilberto e a pedido do Dantinhas, f.º do Conselheiro Dantas, consul n'esta cidade.

Deves saber que o meu voto na Academia fica sempre ao dispor dos meus melhores amigos e não preciso dizer que és um dos poucos. Comtudo não posso desfazer o que já fiz.

O meu voto p.ª o Gilberto, enviado em carta ao Felix Pacheco, secretario, diz textualm.te que "será dado *para o lugar* a que se apresentar o Gilberto".

Se portanto houver q.lq.r combinação entre os dois candidatos de modo q. *não se apresentem p.ª o mesmo lugar,* é possivel ainda servir aos teus desejos e n'este sentido ajunto a esta um cartão de q. te servirás na occasião propria, se fôr isso possivel.

Até agora não recebi communicação alguma acerca de candidatos.

Tambem recebi do Oliv.ª Lima um quasi pedido p.ª a eleição do principe. Como tenho em grande conta o Oliv.ª Lima, farei a mesma coisa, isto é, votarei no principe desde que não sejam candidatos o Gilberto e o Austregesilo: e ahi está para as 3 vagas existentes.

Meu caro,

Muita coisa haveria que dizer-te de Genève e da Suissa, mas é melhor não escrever e esperar que passes por aqui. Genève com a belleza do Rio tem d'elle todas as vantagens, mas a vil preço. É o Rio dos pobres e tambem dos ricos. Sabes que ha aqui mais de 300 brasileiros? É incrivel.

Só na Universidade ha 16 estudantes de medicina, nossos patricios e quasi todos de S. Paulo.

Diga a Gaby que aqui como lá, na nossa casa, o nome d'ella está sempre em todas as bocas e nos nossos corações.

Tenho por aqui saudades, ou antes, calafrios de saudades q. quasi me fazem partir inopinadam.[te] p.[a] lá. Mas isto passa.

Adeus. Abraço do *João Rib.º* e saudades de todos.

I — 1, 2, 78

113.

Em 6 de fevereiro de 1915

Meu caro C. Netto,

Estou convencido de que é muito difficil, senão impossivel, a m.[a] reentrada p.[a] a *Escola Dramatica*. Com a verba actual dizem-me que é impossivel, e pensar em augmental-a criando cadeira nova é muitissimo improvavel.

Não me resta mais que agradecer os teus bons desejos e resignar-me á crise.

Do m.[to] teu

João Ribeiro

I — 1, 2, 79

114.*

Rio, 14 maio 915.

Coelho Netto

V. deve ter recebido o fasc. I da *Rev. do Centro* de Campinas. O Alberto Faria solicita a sua collaboração p.[a] o proximo numero que se prepara agora mesmo, e pede-me que me empenhe por obter de V. o favor tão ambicionado de algumas linhas suas.

Poderá V. escrevel-as? Diga-m'o com alguma certeza. Sou aliás um intermediario terrivel e é melhor para paz sua despachar-se logo e logo do importuno.

Escreva-me uma palavra

Do seu am.º e cr. leal

João Ribeiro.

I — 1, 6, 41

---

* Bilhete postal.

115.

Rio—5—julho 916

Meu caro C. Netto

Veja se V. arranja um meio de me fazer entrar p.ª a Escola Dramatica q. prefiro á Normal.

O Afranio tem boa vontade, e V. tambem a tem, estou certissimo. Porque não havemos de achar um caminho?

Eis ahi.

Medite sobre isto com a sua imaginação inesgotavel.

Soube-o doente, outro dia q.do estive na Escola com o Werneck mas creio q̃ já estará bom; V. como eu andamos n'este rythmo que é optimo como segurança da vida.

Ando com uma bronchite, mas vae passando.

Adeus. Um abraço do

João Ribeiro

I — 1, 2, 80

116.*

Rio 26 abril.

Meu caro Coelho Netto:

Estava eu no Alves quando chegou um cartão seu. Como poderia eu pensar que V. desejava um exemplar do *Exame de Admissão?* a coisa é estopante e illegível. Explica-se d'esta arte a minha muito voluntaria omissão.

Como eu lá estava, roubei ao Alves o prazer do pequenino favor. Para com V., o meu passivo é insuperavel; mas não quero abrir fallencia. Peça-me ou ordene-me o q̃ for mister. Se todos os estragos que tenho soffrido (e estou quasi liquidado) a amizade escapará intacta

Um abraço do

João.

I — 1, 6, 42

117.

Caro amigo Coelho Netto

Recebi a participação do noivado do seu querido filho João com a gentil Elinor Potter — e felicito a ambos e a vocês, desejando as maiores felicidades de que os dois são dignos.

Do velho am.º

João Ribeiro

I — 1, 2, 81

---

* Bilhete postal.

EDMUNDO BITTENCOURT

118.

Meu caro Coelho Netto
Saude

Si não houvesses tomado a deliberação de me escrever, nunca receberias um vintem pelo teu extraordinario *"Assombramento"*. Vou te diser por que:

Não queria publical-o sem que estivesse pago. Na vespera de minha partida para Buenos Aires, dei a seguinte ordem ao meu secretario: — Publique o *Assombramento* mas, antes escreva de minha parte ao Coelho Netto disendo-lhe isto: — "escreveu-me V. disendo que *A Noticia* lhe pagava 35$ por folhetim de 3 1/2, no maximo 4 tiras. Pagava, por tanto, 10$ por tira. O Assombramento tem cincoenta tiras. Ahi vao quinhentos mil reis".

Eu estava certo, certissimo de que tinha sido cumprida a minha ordem, e nessa certesa teria morrido si me nao houvesse chegado ás mãos, hontem, a tua carta. Fiquei desesperado!

Como nao quero perder um minuto, nem sei onde está o nosso sonoro Bilac, mando-te hoje mesmo os cobres pelo Correio, (de que modo nao sei, porque o Caixa é que vai tratar da remessa.)

Pagarei pelas tuas chronicas cincoenta mil reis. É pagar mal. Lembro-te, porem, que quem paga mal é o publico e nao o pobre proprietario do jornal, como o

teu e semp.[e] adm.[or]

Edm. Bittencourt.

Rio 22 jan.º 902.

I — 1, 1, 57

119.

Netto,
Saude.

Ha muito tempo não recebo uma linha de tua penna, nem para mim nem para o "Correio". Em alguma coisa te desgostamos?

Seja lá como fôr faço questão de dar o teu retrato em photo-gravura em um numero especial, que vamos publicar no dia 1.º Como é que hei de obtel-o?

Tinha pensado em uma cousa. Vê lá si te convem: — Em logar da combinação, que tinhamos sobre a tua colaboração, proponho-te o seguinte: Trezentos mil reis mensaes com a condição de me man-

dares pelo menos um artigo por semana (conto, chronica, politica, o que entenderes).

Serve-te?

Responde ao teu

Edm. Bittencourt.

Rio 9 Dez. 902.

Pelas emendas que leva esta carta podes calcular o esgotamento deploravel em que estou devido ao muito trabalho.

I — 1, 1, 58

120.

Netto.
Saúde.

Ha muito tempo vivo afastado da direcção do "Correio". Duas coisas para isso contribuem: o nojo que eu tenho do nosso povo, ou antes da nossa imprensa, e o meu estado de saude. Um profundo esgottamento nervoso me tornou quase completamente incapaz de trabalhar. Quando, algumas vezes, um pouco de vida me reanima os nervos lassos, e me encaminho para a mesa do trabalho, o meu nojo amarra-me o pulso. Escrever para que? Para que fazer um jornal limpo independente, honesto, numa terra em que os jornaes tem como unica preoccupação o negocio? Digam la o que quiserem, a feição moral de uma folha é o reflexo das qualidades do indivíduo que a dirige. Ora o que pode ser um jornalismo de Salamonde, Rochinha, Zé Carlos, Mendes, Bartholomeu e Alcindo? Isto que ahi temos: uma prostituição vergonhosa. E o nosso povo é tão besta, Netto, que não comprehende isso!... E o nosso povo é tão corrupto que applaude essa miseria, porque, no fundo elle tambem pensa do mesmo modo: — antes de tudo o negocio....

Mas, que diabo, não é isto o que eu te queria dizer, meu caro Netto.

Ha uns dois meses estou mettido aqui na Barra da Gavea, na fazendinha do Ferreira Vianna. Saio uma ou duas vezes no mez, para ir á cidade. Cartas e toda a correspondencia que vai ter ao jornal lê o meu secretario e elle mesmo (por ordem minha) responde sem me dar noticia.

Ora, foi neste retiro em que vivo, que me veiu ter a carta em que te despedes da redacção do Correio. O Pirajibe m'a remetteu, muito penalizado, acompanhada de uma longa exposição dos motivos porque o teu formoso conto foi retardado. A guerra japonesa e o Acre

occuparam por muitos dias a primeira pagina e por isso, elle teve de adiar a publicação das Viuvas.

Si eu estivesse na redacção não aconteceria semelhante cousa!

Si a razão que tens para deixar o "Correio" é só e só a que allegaste, peço-te que revogues a tua resolução. Não poderás dizer que seja falta de apreço. Tu te conheces e deves conhecer os teus amigos...

Todavia, para que dora em diante nenhuma razão tenhas contra nós proponho te o seguinte:

— Tomarás um dia na semana, na quinzena, no mez, como quiseres. Esse dia sera para um trabalho teu, conto, critica, chronica, phantasia, o que quiseres. O preço do teu trabalho tu mesmo o farás. Ou receberás artigo por artigo, ou receberás mensalmente.

Outra cousa mais:

Quando quiseres vir para o Rio terás um ordenado de quinhentos mil reis a um conto por mez.

Agora dize la tu, Netto: quem te fala deste geito podia lá consentir que um trabalho teu e sobretudo um mimo de sentimento e arte, como sao as *Viúvas,* ficasse na estante do jornal?....

Não, tu vais abandonar a tua resoluçao, que tanto me magoou. Escreve-me com franqueza. Manda-me dizer tudo, tudo o que mal te impressionou contra o Correio, porque eu a tudo darei explicaçao.

teu sempre

Edmundo.

Barra da Gavea 20-fev. 904.

P.S. Si me escreveres poe na carta —*pessoal*— para que nao seja aberta no jornal e me chegue logo às mãos.

I — 1, 1, 59

121.*

Netto.

Parto amanhã no Jonic com destino a Carlsbad. Mal tenho tempo de te escrever estas linhas para te dizer que pelo muito que te devemos em delicadezas, o "Correio da Manhã" e eu, somos cousa tua de que podes dispor a teu sabor. Muito pouca é a minha fé na seriedade do Rio Branco. Entretanto, si achas que a nossa intervenção pode servir de alguma maneira para a tua nomeação dá as tuas ordens. Para te poder abraçar em Roma sou capaz de verdadeiro sacrificio.

Teu sempre

Edmundo

23 abril 904.

I — 1, 6, 10

* Cartão.

122.

Rio, 4 de junho 912

Netto,

Parto amanha para a Europa. Levo um grande pesar: nao ter podido ir á tua casa beijar as mãos de D. Gaby e reatar num grande abraço a nossa velha amizade. O teu procedimento no caso do Velloso foi de um homem digno, de um homem de coraçao. Quasi bemdigo a miseria da nossa desgraçada politica, porque, num dos piores momentos, ella revelou me a nobre creatura, que tu és.

Até a volta.

teu

Edmundo Bittencourt.

I — 1, 1, 61

123.

Lisboa, 5 de abril 915

Meu querido Netto

Recebi a tua delicada carta. Devo começar a resposta falando da tua eleição, ou melhor do teu reconhecimento, porque isso é o que mais nos interessa. Não creio que corras perigo. A tua conducta, sempre nobre e elevada, grangeou-te, na camara e fora della, grande numero de amigos dedicados, que não consentirão sejas sacrificado em benificio do Luiz Domingues. Escrevi immediatamente ao Velloso dizendo lhe que pusesse o "Correio" á tua disposição, o que, estou certo, elle faria independente do meu pedido. O grande acto de independencia e dignidade que praticaste em favor do reconhecimento delle, nao é cousa que se esqueça; e elle, de certo, não o esquecerá. Por minha parte, meu querido Netto, estou inteiramente á tua disposição. Si achares que a minha intervenção te pode ser util, manda-me um telegramma que, por telegramma, farei o que quiseres.

Na Camara, ou fora della, em quanto eu estiver no "Correio" ou la estiver um filho meu, (porque nao cesso de ensinar aos meus filhos a admiração e a amisade que te devem) terás sempre um bom logar á tua disposição.

De mim, pouco tenho a diser-te. Afundei na tranquillidade obscura de um cantinho de Lisboa, e sinto me muito feliz. Quando

voltarei ao Brasil? Não sei. Talvez nem la mais torne. Tenho mudado muito com a idade. Não vás agora suppor que estou um gágá, ou um grande commodista. Nada disto! A ti, muito em segredo, posso diser o ditoso mal de que enfermei e que me torna inapto para a brutalidade e a rellice da vida publica, no Brasil: não tenho odios nem paixões. Sinto me muito mais inclinado á bondade e, sobretudo, á piedade do despreso, do que á aggressão e á violencia. Não é com virtudes evangelicas que se faz jornalismo num meio de odios e paixões como o Brasil. Faz se, porem, cousa muito melhor e mais fecunda — a nossa propria felicidade. Disto é que eu me occupo agora, meu querido Netto, e com vantagem.

Dá um grande e muito apertado abraço em D. Gaby, de quem o Paulo me tem falado com grande amizade.

teu velho

Edmundo Bittencourt.

I — 1, 1, 62

124.

9 de Jan.º 916

Meu caro Netto,

Para ti, sempre ha de haver logar no "Correio", e em qualquer sitiõ onde eu estiver. Manda me diser o que pretendes fazer e quanto precisas que te renda. Uma cousa devo diser te: este anno os lucros do "Correio" não me pertencem; são para o Velloso, que está ficando velho e precisa ter o seu honesto descanso. Isto me tolhe, muito mais que os apertos da crise, a liberdade de augmentar as despesas da folha. Estou, porém, certo de que o Velloso considerará, como eu, que a publicação de artigos teus é lucro, e não despesa para a folha. Recommenda-me muito a D. Gaby e dise lhe que tanto Amalia, como eu, teremos um grande e sincero praser si vocês vierem, com a meninada, passar uns dias na fasenda. No dia de Reis lembrei me muito de ti: dei um samba á negrada, com paraty, pão e carne. Foi uma festa ingenua e curiosissima.

teu sempre

Edmundo

I — 1, 1, 63

JEAN DURIAU

125.

Paris

Monsieur et Illustre Maître,

Veuillez m'excuser si, n'ayant pas l'honneur d'être connu de vous, je me permets de vous écrire, et, circonstance aggravante, en Français; je sais que vous aurez moins de difficultés à lire ma langue que je n'en aurais à écrire la votre. Ayant ainsi sollicité votre indulgence, j'en viens au but de ma lettre:

J'ai longtemps habité votre merveilleux pays dont je garde des "saudades" qui dureront autant que moi; j'ai vécu à Rio et à Santos, à la solde d'une entreprise Française, pendant environ cinq ans, et, tant à Rio qu'à Santos, je me suis intéressé non seulement à la magnificence des paysages brésiliens comme aussi à la richesse des lettres Brésiliennes; j'ai lu énormèment de livres brésiliens, et, après la guerre que je suis rentré en France faire, ma situation modifiée m'ayant obligé de rester en France, je n'ai pas oublié cependant que je savais lire le Portuguais et ai continué de m'intéresser à la littérature Brésilienne.

Il y a environ un mois j'ai eu l'occasion de lire "TURBILHÃO" que je ne connaissais pas encore et j'ai été si vivement impressioné par la lecture de votre merveilleux roman, si vivant, si caractéristique de la vie "carioca" que j'ai conçu le dessein de le traduire en Français, ce que j'ai, au reste commencé.

Et je viens vous demander respectueusement si vous m'autorisez à poursuivre mon ouvrage et, lorsque je l'aurai terminé à vous le faire parvenir. Je suis un inconnu dans les milieux littéraires Français, mais j'ai la conviction absolue que votre roman intéresserait bon nombre de lettrés de langue Française si toutefois ma version vous agréeait. De plus, j'estime que le Brésil mal connu en Europe gagnerait à être un peu mieux étudié et, notamment au point de vue littéraire, en ce qui concerne les hommes les plus représentatifs du mouvement actuel. Et, si la fortune voulait que mon travail suscitat de l'intéret, peut être aurait on le désir dans nos pays de connaitre des oeuvres comme la votre dont j'ai si vivement subi le charme.

Si je vous avais écrit en Portuguais, j'aurais fait trop de fautes de grammaire: j'ai une grande habitude de sa lecture, mais je l'écris très mal, dont je vous prie de m'excuser de nouveau.

Veuillez agréer, Monsieur et illustre maitre l'assurance de mes sentiments très respectueux et très sincèrement admiratifs.

Jean Duriau. —

24 Novembre 1924. —

I — 1, 2, 66

126.

Paris ce 15 Janvier 1925
29 Boulevard Murat XVI
Monsieur et Illustre Maître,

J'ai l'honneur de vous accuser réception de votre si aimable lettre en date du 15 Décembre, ainsi que du paquet de vos livres que vous avez eu la charmante pensée de me faire parvenir.

J'aurai voulu, en vous répondant aujourd'hui, pourvoir vous annoncer l'envoi de ma traduction; mais, l'homme propose et la vie dispose et, comme je ne peux pas me consacrer entièrement au travail si intéressant que j'ai entrepris de traduire "O Turbilhão", et qu'il me faut, de par mes fonctions au ministère du Commerce, m'occuper des accords franco allemands j'ai eu fort peu de temps pour mener à bien ces derniers temps mon travail qui, cependant, approche de sa fin. Aussitot que je l'aurai fait dactylographier je vous l'enverrai. J'avais bien remarqué votre "lapsus calami" au premier chapitre et avais pris soin de traduire bengala par parapluie pour me rapprocher devantage des conditions climatèriques de cette nuit chuvosa. J'ai pour m'aider dans mon travail le dictionnaire de Vieira qui, je crois est très bien fait, mais il y a cependant des mots que je n'ai pas pu traduire, bien que j'en ai saisi parfaitement le sens. Dans la copie que je vous enverrai je mettrai des annotations qui vous permettront de me renseigner. Je vous suis extrèmement reconnaissant de l'autorisation que vous voulez bien me donner. Lorsque je serai pret je me mettrai en rapport avec Valéry Larbaud le jeune écrivain Français qui s'est spécialisé dans les rapports avec les littérateurs que l'on désigne communènent ici sous le nom d'hispagnolisants et espère, grace à son concours trouver à faire éditer votre oeuvre si toutefois je me suis contenté d'être un traductore et non un traditore. J'ai la persuasion que votre livre intéressera vivement les lettrés de langue Française car de plus en plus la curiosité va aux choses exotiques étant donnée la pénurie actuel le de notre littérature. De plus on se rend compte, et il n'en est que temps, de la puissance des lettres étrangères et notamment des lettres sud américaines. Le Brésil a sa personnalité nettement accusée et je regrette infiniment d'être trop imparfaitement versé en portuguais pour tenter de traduire "Sertão" qui est un

livre tellement caractéristique. Peut-être pourrai de m'y atteler plus tard quand j'aurai un connaissance meilleure de votre langue.

J'avais tenté de vous écrire ce que je vous écris en portuguais mais, vraiment je fais tant de fautes et si grossières que j'ai préféré solliciter à nouveau votre indulgence et vous écrire en Français.

Veuillez, Monsieur et Illustre Maitre, croire à mes sentiments de très respectueuse reconnaissance pour l'aimable accueil que vous avez bien voulu me réserver et agréer l'assurance de toute ma très sincère admiration.

Jean Duriau

I — 1, 2, 67

127.

Paris 29 Boulevard Murat XVI
le 15 Juin 1925
Monsieur et cher Maitre,

J'ai reçu hier votre paquet contenant une nouvelle édition de O Turbilhão et A Capital Federal. Je vous remercie de tout coeur de votre amabilité. Je n'ai pas encore lu "a capital federal", mais l'ai parcouru, et je suis certain que ce livre m'intéressera énormèment, ainsi que d'ailleurs, tout ce qui touche Rio et le Brésil.

Votre dernière lettre datée du 15 de Março m'annonçait l'envoi des renseignements que je vous avais demandés concernant votre oeuvre et votre personne, ainsi que, peut être des livres de "contos", mais jusqu'à présent je n'ai rien reçu et me demande si vous avez oublié de me faire l'envoi annoncé, ou si la poste est responsable de celá. J'aimerai bien avoir le plus tot possible tous renseignements vous concernant, car, après um trabalho de burro de carga, j'ai réussi à finir la traduction du "turbilhão" et mon ouvrage est entre les mains d'un lecteur. En France, les éditeurs ont à côté d'eux des gens de notoriété soit littéraire soit scientifique qui lisent ou ne lisent pas les manuscrits et en jugent. J'ai eu la chance de rencontrer à Paris, chez un des premiers éditeurs, un lecteur ami qui a commencé la lecture de ma traduction. Il est probable que de nombreux remaniments seront à faire, car je ne me suis pas permis la moindre adultération du texte, et me suis contenté d'épouser fidèlement, autant que la chose est possible entre deux langues qui ont leurs personnalités si marquées, le récit. J'attends les informations que me donnera mon ami, et, avant de faire quoique ce soit, vous en référerait.

De toute manière, et quelque soit le sort réservé à ma traduction, je suis infiniment heureux de l'avoir entreprise, car cet ouvrage a été pour moi une joie très grande; d'abord je me suis senti encore au

Brésil dont j'ai tant de saudades, celà m'a permis de ne pas négliger une langue que j'aime, et celà m'a enfin donné la très fine joie de connaitre un des aspects de la littérature brésilienne que je connais mal encore. La vie est bien brève pour pouvoir en gouter toutes les joies, mais je dirai volontiers avec le poète: "a thing of beauty is a joyce for ever", et de celà je vous suis très reconnaissant.

Je ne désespère pas de retourner au Brésil un jour, non point pour m'y fixer, car ma santé a été très ébranlée par les séjours que j'y ai faits et notamment par le dernier, où, au sortir de la guerre, je me suis trouvé en état d'infériorité et "apanhei a maleita" dont j'ai grand peine à me défaire. Ce nonobstant, je serais bien content de venir à Rio pour quelques mois, et, si ce souhait se réalise, je vous demanderais l'autorisation de venir vous saluer et de vous dire tout mon admiration et toute ma reconnaissance pour votre bien-veillance.

Veuillez croire, Monsieur, et cher Maitre à mes sentiments très dévoués et très respectueux.

Jean Duriau

P. S. Ainda não achei o sentido d'"um camalote de ahingàs" — "Yara" deve ser um geniè des eaux. Mas não encontrei essas palavras no Vieira. Tambem não ha um bom diccionario português ou brasileiro francês.

I — 1, 2, 68

128.

27 Février 1926

Monsieur et Cher Maitre,

Je reçois votre lettre du 3 courant; la Direction de la Revue de l'Amérique Latine que je viens de consulter m'a informé que les numéros de la revue, contenant ma traduction de Fertulidade, vous sont envoyés aujourd'hui même; je pense que vous les recevrez avant de recevoir cette lettre; le service de la revue devait vous être fait régulièrement, mais, à la suite du changement des tarifs postaux, la personne qui avait à sa charge l'expédition à l'étranger de la revue avait supprimé simplement votre adresse. Je crois que maintenant ma Revue vous parviendra en son temps. Je souhaite que ma traduction ait votre approbation; j'ai eu beaucoup de mal à la faire, car il m'a été impossible de faire passer en français le dialecte caipira que vous reproduisez si fidèlement; je me suis contenté de traduire le sens, sans essayer de transporter en Français les déformations linguistiques caractéristiques. J'ai traduit aussi de vous "O Bom Jesus da Matta", et je travaille

"No Rancho" extrait de "Banzo"; j'avais l'intention de traduire Sertão, mais Manoel Ganisto et Ph. Lebesgue ont terminé leur version de ce livre et je ne veux pas marcher sur leurs brisées.

Mon désir serait de faire connaitre en France une littérature pour laquelle j'aì beaucoup de respect et de tendresse, et surtout, vos oeuvres qui m'émeuvent si profondèment; malheureusement mon enthousiasme est unilatéral, et bien que divers éditeurs aient trouvé ma traduction de "O Turbilhão", fort intéressante, aucun d'eux ne veut la publier en ce moment, arguant pour ce faire de la difficulté actuelle de toute entreprise de librairie, et aussi de ce fait qu'un mouvement d'opinion favorable à la littérature Brésilienne, qui commence à se dessiner, grace à la Rebue de l'Amérique Latine, n'est pas assez développé encore pour ne pas risquer un lancement difficile; nimporte, je travaille quand même; celà m'est une façon de vivre encore dans un pays pour lequel j'ai tant de sympathie et qui m'a laissé tant de saudades.

Je profite de l'occasion que j'ai de vous répondre pour vous prier d'aviser tous les littérateurs que vous connaissez que je rendrai compte dans la revue de tous les livres qui me seront adressés; après quoi, j'en ferai don à la Bibliothèque Brésilienne de l'Université de Paris, de la part de leurs auteurs. Je pense que ce moyen serait le meilleur pour faire connaitre le Brésil cultivé et lettré et établir des liens étroits entre deux pays faits pour se comprendre et s'aimer. C'est à la Bibliothèque dont s'occupe Mr. Le Gentil que j'ai pu lire vos oeuvres et commencer les traductions, qui je l'espère vous feront connaitre comme je le désirerais. Si, vous pouviez, grâce à vos relations officielles ou amicales, nous faire parvenir des documents dans toutes les formes de l'activité intellectuelle Brésilienne, je les remettrais à cette Bibliothèque après les avoir étudiés, et après en avoir rendu compte. J'ai demandé la même chose à Monteiro Lobato, dont je traduis également des nouvelles, et j'espère qu'en mendiant ainsi à diverses portes, j'obtiendrai les élèments d'un travail coordonné.

Ainsi que je vous l'ai déjà écrit, je serais heureux de pouvoir vous être utile à Paris, et souhaite que vous ne manquiez pas de me mettre à contribution, le cas échéant.

Je désirerais beaucoup entrer en relations avec Mr. Sylvio Romero dont je viens de lire la "pequena historia da litteratura Brasileira" qu'un de mes amis m'a envoyée de Rio. Je crois que cet écrivain a recueilli les lègendes du Brésil, et je souhaiterai avoir ce livre pour le traduire à l'intention d'une colection dirigée par un éditeur intelligent qui publie toutes les légendes du monde. Serait ce trop vous demander que de transmettre mon désir à cet écrivain, ou bien pourriez vous me faire savoir où lui écrire?

J'attends impatiemment les livres que vous m'annoncez; c'est pour moi un plaisir que de vous lire et de ressentir, grace à vous, toutes les émotions que vous dépeignez si profondèment. Malgré le peu de chance de mes traductions je persiste à en faire car je sais que bientot le moment viendra où je pourrai les "dar à luz", et alors j'en aurai une grande quantité à placer.

J'espère que mes demandes ne vous paraitront pas importunes ni excessives, et vous prie de croire, Monsieur et Cher Maitre, à ma très respectueuse admiration très affectueuse.

Jean Duriau

I — 1, 2, 69

129.

Paris le 25 Septembre 1926

Bien cher Monsieur et Cher Maitre,

Hontem recebi a sua carta do dia 30 de Agosto; o que ha, ou o que houve? Nada. ou, pelo menos, pouca coisa; a minha penultima carta afogada ou mal dirigida, não sei, e prompto!... Em todo caso tinha lhe escripto ha mais de cinco mezes, à recepção do seu ultimo romance "Immortalidade", e escrevi-lhe tambem no começo deste mez, exactamente no dia 10.

J'adresse une prière fervente aux Dieux immortels et leur demande de vous faire parvenir cette lettre que je vous écris aujourd' hui pour vous prier d'excuser mon silence, tout involontaire, croyez le bien, e cujo a culpa não é minha.

Pour vous répèter ce que je vous écrivais dans ma lettre dernière, je suis en train de traduire "No Rancho", extrait de votre recueil "Banzo" et espère finir ce travail avant la fin de l'année et pouvoir le montrer à Valery Larbaud, le jeune écrivain Français qui s' occupe de faire connaitre en France les littératures étrangères S'il peut mettre son crèdit à ma disposition, je tacherai de faire paraitre un recueil de traductions de vous comprenant: "Fertilidade, No Rancho, Traição, Banzo". Mais, il est nécessaire que vous m'envoyez une lettre me donnant *plenos poderes pour traiter en votre nom et place avec un éditeur, les conditions auxquelles vous m'autorisez à publier mes traductions de vos oeuvres,* tant celles que j'ai dèjà faites que celles que je pourrais faire, afin que je sois en mesure d'aplanir toutes les difficultés éventuelles qui se présenteront si les actuelles circonstances économiques en France n'empèchent paz mon projet d'aboutir.

Votre recueil "Banzo" m'a été prêté par un ami; j'ai si peu de livres à part ceux que vous m'avez envoyés et dont je vous remercie encore de tout coeur; je ne demande pas mieux que de continuer à essayer de faire connaitre la littérature Brésilienne et de consacrer à ce travail mes heures de loisir, trop rares hèlas, à mon gré, mais vous seriez le plus aimable des hommes si vous vouliez bien mettre votre autorité à mon service et obtenir de vos confrères qu'ils m'envoient livres, journaux, revues, en un mot tout ce qui pourrait contribuer à me faciliter mon travail; je suis entré en relations avec Monteiro Lobato, qui m'a envoyé quelques livres, notamment des siens, mais, d'ici peu, je vais me trouver sans plus rien et comme un mouvement se dessine en faveur de la littérature brésilienne, il me semble que le moment serait bien choisi pour battre le fer tant qu' il est chaud; je ne peux vraiment pas aller à la recherche d'éditeurs si je ne leur apporte pas un gros bagage dans lequel ils puissent choisir ce qui leur paraitra le mieux adapté aux goûts de notre public français. J'ai confiance que vous voudrez bien m'aider et dans cet espoir, en vous renouvelant mes excuses très sincères pour mon silence involontaire, je vous prie de croire, Monsieur et cher Maître, à mes sentiments très respectueux et très cordialement dévoués.

Jean Duriau

I — 1, 2, 70

130.

Paris le 21 Novembre 1926
Bien cher Monsieur et Cher Maitre,

Je suis heureux de vous annoncer que mes démarches commencent à être couronnées de succès; j'ai réussi à intéresser à mon travail un jeune écrivain Français: Valèry Larbaud dont le nom ne doit pas vous être inconnu; il s'occupe de littératures étrangères, espagnoles, anglaises et italienne et a contribué à faire connaitre en France un très grand nombre d'oeuvres écrites en ces langues; il ignorait le Portugais; j'ai eu le plaisir d'entrer en relations avec lui et de lui soumettre quelques unes de mes traductions de vos oeuvres. Grace à l'autorité de son nom, ma traduction de "No rancho" va paraitre l'an prochain dans la "Revue de Paris". Ce journal est la première revue littéraire Française, tant comme ancienneté que comme valeur. Et, Valèry Larbaud m'assure que maintenant je n'aurai plus à solliciter ni les revues ni les éditeurs, mais que ce seront ceux ci qui me feront des oeuvres; j'en ai du reste pas mal à leur offrir. Je publie également

"Mau sangue" en province et vous enverrai ma traduction quand elle sera parue, c'est à dire à la fin du mois prochain. Enfin "Traição" est en lecture dans une autre revue.

J'ai donc maintenant la quasi certitude que je vais réussir et je me permets d'insister à nouveau auprès de vous pour que vous me fassiez parvenir ainsi que vous me l'avez promis, des textes, soit livres, soit journaux ou revues; il me faut en effet des matèriaux pour travailler, et je ne doute pas que vous ne compreniez l'intèret de mon travail et que vous ne mettiez tout en oeuvre pour me le faciliter. Veuillez croire, Monsieur et cher Maître à mes sentiments très respectueux et devoués.

Jean Duriau

I — 1, 2, 71

131.

Paris 29 Boulevart Murat XVI
le 5 Février 1927

Bien cher Monsieur et cher Maître,

J'aurais du répondre plus tôt à votre lettre du 31 Décembre dernier et je l'eusse certainement fait si je n'avais été suffisamment grippé pour être obligé de négliger toutes mes occupations; je vous prie donc d'excuser mon retard tout involontaire.

Je vous remercie infiniment de votre démarche en ma faveur auprès de vos collègues de l'Acadèmie et je crois comme vous que si vous les avez émus par votre insistance, ils n'en resteront pas moins dans leur tour d'ivoire et continueront à m'ignorer. Je le déplore d'autant plus vivement que leur inertie me paralyse complètement et m' interdit d'entreprendre les études approfondies que je voulais mener à bien sur le mouvement actuel au Brésil; je me berçais de l'illusion que ma tentative susciterait un mouvement de sympathie qui me procurerait des appuis de la part de ceux qui, en somme, du moins je le croyais, seraient les premiers à profiter du succès probable de mon entreprise. Je constate avec un gros regret que vos collègues ne se soucient pas d'être connus en France; ils n'ont pas, comme vous, le dèsir d'un rapprochement et d'une entente intellectuelle, pourtant bien légitimes, entre deux peuples de même race, de mêmes tendances et de même culture. J'aurais beaucoup déiré recevoir des livres, des revues, des journaux afin de réunir autour de moi tous les documents nécessaires à une étude sérieuse et de bonne foi. J'ai trouvé une amicale et charmante aide auprès de Monteiro Lobato qui m'a

envoyé beaucoup de livres, mais pas encore assez, et je ne puis plus lui demander de m'en envoyer d'autres, bien qu' il comprenne très bien le sentiment qui me fait agir; bien que je n'aie aucune vergonha à mendier je commencerai à en avoir puisque je constate que mon dessein ne rencontre aucune sympathie.

Je me contenterai donc de me cantonner dans vos livres et il y a matière à travailler, dans ceux que Monteiro Lobato m'a fait parvenir et si, en France, on sollicite mon concours pour des études, des critiques, ce qui commence à se produire, je répondrai: impossible, je ne puis vous parler que de deux auteurs contemporains, les autres je les ignore comme ils m'ignorent. Il ne faudra pas alors m'accuser d' être partial et de malconnaître le Brésil; je ne puis pas l'inventer, en l'absence de documents qui me permettent de l'étudier. Tant pis! Au fait, mon travail présente-t-il un intèret. Faut-il que, malgré l'indifférence des écrivains brésiliens, malgré l'indifférence d'un public moutonnier je continue à essayer de l'intéresser à un pays qui, à mon sens, est plein de possibilités prodigieuses pour un très prochain avenir??? Je le répète une fois encore; tant pis! Mais je ne veux pas manquer à vous remercier chaleureusement d'avoir essayé de secouer l'inertie de vos collègues. Dois je voir dans cette apathie une manifestation de ce sentiment que je devine au Brésil d'une propension marquée vers l'Amérique du Nord. Les yankees sont si riches: l'attirance du veau d'or est bien puissante. Passons! Ma mélancolie n'est entachée d'aucune envie, elle est faite de la tristesse de l'écroulement de mes espérances, mais, passons!

Je ne demande pas mieux que de traduire votre piéce "O Dinheiro", mais encore faudrait-il pour celà, que je l'eusse. Envoyez la moi, je vous prie et je verrai si elle peut convenir au public habitué des théatres de Paris. Qui est ce Francen qui pourrait peut-être la monter? Je ne le connais pas du tout. Je vais essayer de publier d'autres traductions de vos contes dans d'autres revues; je vais me mettre à traduire "os velhoss" du volume "Sertão". "Praga" a été traduit par Manoel Gahisto mais il ne trouve pas d'éditeur et j'ai tout lieu de croire que lorsque "No rancho" aura paru dans la Revue de Paris, les portes s'ouvriront plus facilement tant pour mon confrère que pour moi, car si une revue de cette importance déclanche le mouvement, il sera en bonne voie. Je vous remercie encore infiniment dé vos demarches bien qu'elles aient été infructueuses; si, cependant, vous trouviez un Mécène, race à peu près disparue, et qu'il veuille s'intéresser à mon travail, mon très grand désir est des journaux, des revues, des livres et surtout: l'Histoire de Rocha Pombo et la Rondonia qui ne se trouve dans aucune bibliothèque de Paris; mais, vox clamans in deserto...

Merci de tout coeur de votre amitié qui m'honore et dont je sens tout le prix et croyez à mes sentiments les plus respectueux comme les plus affectueux.

Jean Duriau

Post scriptum.

J'oubliais de vous répondre au sujet de "Immortalidade"; j'ai infiniment goûté ce livre qui a, pour moi, ce prècieux avantage de vous isoler des nécessités quotidiennes de la vie et de vous plonger dans le monde de la fantaisie et du rève, deux choses dont nous sommes désaccoutumés à l'heure actuelle; il est plein d'une poèsie et d'un mysticisme qui pourraient peut-être convenir aux tendances actuelles et j'ai bien l'intention de le mettre en Français, mais pour le moment, je crois que ce qui conviendrait le mieux aux désirs du peuple qui lit ce seraient vos ouvrages sertanistes; le français, même intelligent ne peut aborder les littératures étrangères que par ce qu'elles ont de plus différent de la sienne propre et, des nouvelles commes les vôtres, qui traitent de moeurs et de pays complètement incoonus ont plus de chance d'intéresser le lecteur; ensuite, quand ils connaîtront l'auteur on pourra leur faire lire d'autres oeuvres, mais pour le moment il faut essayer avec la plus grande prudence; l'essentiel, à mon sens n'est pas d'atteindre le public lettré, mais le public qui lit et il y a une grande différence entre ces deux espèces de gens qui achètent des livres. Il y a en France bien peu de gens qui lisent Stendhal, mais il y en a beaucoup qui ont lu "la garçonne" et qui ignorent la Chartreuse de Parme. Mais l'éducation se fera j'en ai la persuasion. Si je mèdis de mes contemporains c'est que je les aime bien et que je suis sûr qu'ils sont capables de mieux.

Avez vous dans votre oeuvre d'autres livres concernant le sertão? Si oui, envoyez les moi, je vous prie; vous savez que je travaille avec joie et facilement et que mon seul désir est de vous servir, vous comme les autres écrivains d'un pays qui a laissé en moi une profonde impression.

J. D.

I — 1, 2, 72

132.

Paris le 5 Février 1928

Bien Cher Monsieur et Cher Maître,

Je suis plein de confusion et dois faire appel à toute votre indulgence pour que vous excusiez mon trop long silence; voilà au

moins six mois que je veux vous écrire et que je n'en trouve pas le temps. Je sais que vous ne m'en voudrez pas; vous ne devez pas ignorer que je serais très heureux de pouvoir vous écrire souvent; mais les nécessités d'une vie quotidiennement plus âpre et plus dure m'empèchent de faire ce que je désire. D'autre part, j'aurais voulu pouvoir vous annoncer une bonne nouvelle à propos de mes travaux, mais, hèlas encore, il nous faut attendre: les circonstances économiques sont mauvaises en ce moment pour qu'un éditeur courre le risque de lancer un auteur totalement inconnu en France, malgré le succès de Macambira d'autre part, personne ne peut, en ce moment disposer d'assez d'argent pour faire la réclame nécessaire au lancement de toute oeuvre; mais, la maison Plon qui est une des maisons d'édition les plus cotées de Paris, me laisse entrevoir l'éspoir qu'elle publiera l'an prochain dans une collection de luxe un recueil de vos contes traduits par moi. Mais, pour celà, il faut que je sache quelles sont les conventions qui vous lient avec votre éditeur portugais; les conditions des traités en France, sont les suivantes: 10% de la vente à partager entre le traducteur et l'auteur, sous réserve de traités particuliers passés par l'auteur avec son éditeur habituel. Pouvez vous me dire ce qu'il en est et me donner, par la même occasion, une autorisation de traiter en votre nom et place, le cas échéant?

J'ai reçu vos derniers livres. Vous lirez dans la Revue de l'Amèrique Latine mes critiques de vos deux ouvrages que j'aime infiniment. Malheureusement, la Revue ne dispose que de peu de place pour mes papiers et là aussi, il faut attendre. Quant à la Revue de Paris elle ne peut pas encore publier ma traduction de "No Rancho" car elle est débordée d'ouvrage. Je sais bien que c'est décourageant, mais, que voulez vous, il n'y a là rien de ma faute. J'ai beaucoup de mal, je lutte et malgré tous mes efforts n'arrive à rien encore; mais, à force de battre le fer, j'arriverai à ce que je veux. Le Brésil est totalement inconnu chez nous; ce n'est pas mauvaise volonté de la part de mes compatriotes mais, à l'heure actuelle, nous vivons des heures si troubles et si peu intellectuelles qu'il ne faut pas s'étonner du peu de réussite des tentatives intelligentes. Règne de l'argent, règne de la brutalité, heure dépourvue d'élègance et de goût. Que sortira-t-il de tout celà? Je ne le sais et n'ose le prèvoir. Je regrette chaque jour d'avantage les plages cariocas, ma petite maison de Beira mar à Santos et les jours pénibles de Mars. Mais j'espère que tous ceux avec qui j'entretiens des relations comme celles que j'entretiens avec vous, me conserveront leur appui, malgré mon peu de réussite actuelle. Monteiro Lobato m'écrit tout le temps courage, não desanimá labor improbus omnia vincit. Je continue donc avec le meilleur de mon coeur.

Je serais très heureux de connaitre également vos autres volumes de théatre. O Dinheiro est entre les mains d'un acteur de renom je ne sais pas encore quelle est son opinion. Il est dèjà beau que j'ai pu réussir à lui faire tenir mon manuscrit.

J'ai reçu une longue lettre de Madame de Mendonça; je ne lui ai pas encore répondu; vous lirez dans la revue du mois de Mars un article de Philéas Lebesgue commentant des traductions que j'ai faites de certains de ces poèmes qui sont parmi les plus jolis que j'ai encore lus. Je vous remercie de m'avoir fait connaitre cette belle artiste.

Je vous ai une reconnaissance infinie de votre confiance; vous l'avez bien placée en la mettant en moi car nul ne vous sert avec tant de dévoument. J'espère que bientôt je pourrai vous donner des nouvelles intéressantes. Attendons pour celà que la situation politique et économique ait été fixée par les élections qui ne vont pas tarder. Si les choses se stabilisent, les affaires vont reprendre et nous pourrons alois voir les notres couronnées de succès.

Pardonnez moi de ne vous écrire que si rarement; je vous assure que j'ai une vie de forçat, tant elle est difficile de toute manière.

Croyez Monsieur et bien cher Maitre, à mes sentiments les plus chaleureusement dévoués et respectueux.

Jean Duriau

I — 1, 2, 73

DOMÍCIO DA GAMA

133.

Petropolis, 22 de Março 1903

Meu Netto,

Cá recebi a sua carta tão melancolica. Imagino que Campinas lhe abafa a natural alacridade. Espero que não dure indefinidamente esse abatimento. Antes que eu lhe falasse no seu nome, disse-me o Barão que considerava uma honra para o Corpo Diplomatico a sua entrada para o serviço do Brasil no estrangeiro e que na primeira opportunidade, quando forem creados novos postos (o que será talvez este anno) Você não será esquecido. Elle me pede agora que lhe diga quanto lhe ficou reconhecido pela sua bella carta de janeiro. Não respondeu, porque não tem tempo para escrever cartas, nem mesmo á familia. D'elle só recebi uma carta do Brasil, e foi escripta no dia da chegada, ás tres da madrugada. Depois d'isso só telegrammas de serviço.

Tenho estado duas vezes no Rio e pouco tenho visto os amigos. O Bilac almoçou hontem aqui. O Aluizio vae ser nomeado consul no Salto. Entra para o quadro dos consules, esperando melhoria de posto opportunamente. (Opportunamente é um odioso adverbio, mas encontro nelle um mundo de philosophia...)

Adeus, meu bravo Netto. Cheer up! Não fique n'esse fundão pessimista em que falta o ar e a claridade. Ponha a cabeça á janella gradeada e respire.

Seu do coração

Domício

I — 1, 3, 26

134.

Meu caro Coelho Netto, escrevi ha dias ao Paulo, para que lhe desse coragem, a coragem de esperar mais uns mezes, que lhe passe essa molestia de ser grande homem de provincia, para ser um feliz pequeno secretario de legação em "terra clara". Essa é a tenção do Barão: Você começará por um posto que lhe aproveite e o beneficie primeiro. Sempre será tempo depois de vir servir nos de importancia, que são os da América (consolação para os ambiciosos). Paciencia, meu Netto! Você sabe que nós cá estamos... Está claro que lhe telegrapharei a noticia. Mas agora, com Guachalla por cá e com a urgencia de se fazer o tratado, não tem o Barão tempo para tratar da creação de postos, ou antes, do seu provimento, porque já foi para o Congresso o projecto no orçamento geral.

Tres livros tem você? Grande homem, com três livros... eu por mais que faça não consigo passar de um!

Adeus. Saudades do seu

Domicio

Petropolis, 14 de julho de 1903

I — 1, 3, 27

135.

Petropolis, 1.º de Fev.º 1904

Meu querido Netto

Acabo de receber a sua anciosa carta, a que ainda não posso responder fixando a data da sua nomeação. Apenas lhe digo que tenha paciencia mais uns dias, mais umas semanas. É este maldito Acre que demora tudo: relatorio annual, reforma da Secretaria, movimento di-

plomatico, litteratura de imaginação e epistolar, expediente das Legações estrangeiras e das nossas, tudo o que depende da especial attenção do Barão. Felizmente já se annunciam as famosas manifestações, que vão dar logar a tanta exhibição oratoria, a tanta repetição das nossas conhecidas phrases glorificantes, a essas marches aux flambeaux em que a claridade dá primeiro no porta-facho.

Depois virá o socego, o trabalho silencioso, a abertura das portas para os que querem trabalhar. Você entrará, esteja seguro, meu Netto. É a unica promessa de que o Barão faz menção quando fala em compromissos tomados para a nomeação de secretarios. Bem pode imaginar quantas dezenas de pedidos elle tem recebido. Mas não duvide e tenha paciencia: o seu enterramento vae cessar.

Isto é escripto às carreiras, antes de ir jantar. Chove a potes e alaguei-me todo ao sahir da barca. Tenho visto os seus amigos. O Bilac não lhe escreveu por mim?

Seu de coração

Domicio

I — 1, 3, 28

136.

Meu caro Netto

Sei que o Capistrano lhe fallou ha dias sobre a nossa decepção. Foi a pedido meu que não podia ir procural-o para lhe dar esse desagrado.

Agora venho pedir-lhe que não falle ao Presidente antes de conversar commigo. Isso é por servir ao Barão e a mim.

Seu de coração

Domicio

Rio, 7 de Julho 1904.

I — 1, 3, 29

137.

Petropolis, 18 de Dez.º, 1904

Meu caro Netto,

Perdoe-me esta demora em responder á sua carta de 8. Andei doente e triste. Andei tambem com esperança de que a *reforma,* que se lhe afigura "um facto" se realisasse sem as mutilações capitaes que lhe fizeram os barbaros orçamenteiros. Entre os logares propostos havia um que lhe servia: o de redactor. Cortaram-no sem piedade.

O *Jornal* se pronunciou contra o luxo de redactores externos. Os outros não lhe servem. Você não póde ser ammanuense.

Queria falar-lhe, quando não fôsse senão para certifical-o de que V. não foi posto de lado. Você andará cansado de promessas, e isso mesmo ainda mais me afflige para adiar ainda uma vez o pagamento do que lhe é devido...

Se quizer vir almoçar commigo na terça-feira ao meio dia no Brito, lá me achará.

Sempre seu do coração

Domicio

I — 1, 3, 30

138.

Washington 2 de Dez.º 1915

Meu caro Coelho Netto,

Lembra-se Você de mim? Lembra-se V. d'isto, que me dedicou ha quasi vinte e oito anos? Encontrei-o entre litteratura minha d'esse tempo e a sua leitura deu-me uma grande saudade. Depois li a *Conquista,* que o Paulo de Godoy mandara vir para mim e tambem puzme a contar historias do tempo antigo. Imagine só a gente ficando velha, contando historias, memorias... Penso que lhe será agradavel revêr esse retalho da "Cidade do Rio" de 6 de Abril de 1888 em que ainda o Barão de Sta. Maria Magdalena libertava negros com a condição de lhe "fazerem a colheita neste anno" e se agradecia ao Octaviano o seu concurso "para abreviar a hora da redempção da Patria". Enquanto isso meu pae, confiado e optimista á sua maneira, comprava os negros bons que se lhe offereciam, porque eram baratos e porque o Estado lhe garantia a posse d'elles, desde que percebia o imposto de transmissão d'essa propriedade. Tempos heroicos!

Não posso escrever-lhe muito. Tenho de poupar-me para a bagaceira da rotina diaria, que é de uma grande monotonia na sua apparente variedade. E ha dois annos ando trabalhando só com o olho esquerdo; o direito descansa por traz de uma turvação, que por muito tempo me affligiu, mas á qual me vou acostumando, á medida que melhora. Tive um mau verão, cheio de molestias e trabalhos. Mas êste outomno, muito lindo, restaurou-me as forças. E ahi vêm o inverno duro e cheio de congressos e brigas e massadas diplomaticas e mundanas, que a gente tem de aturar com um ar de quem "gosta muito da novidade".

Adeus, meu caro. Nem sei se V. ainda é deputado. Mas escrevo-lhe para a Camara, certo de que lá saberão seu paradeiro se já alli não estiver.

Sempre seu de coração

Domicio

I — 1, 3, 31

139.

Washington 20 de Abril 1916

Meu caro Coelho Netto,

Acabo de receber seu teleg.[a] pedindo-me o voto para o Oscar Lopes na vaga do Orlando na Academia. Está morrendo toda a Academia, então? Sem duvida porque muito viveram são chamados a morrer mais cedo os homens illustres e o preço da gloria será a brevidade da vida. Mas para os que ficam é uma grande pena.

Com muito gosto aceitaria a sua indicação e votaria no nome do Oscar Lopes, de quem sou amigo e cujo talento literario muito estimo, se não fosse conhecida de varios candidatos em passadas e futuras eleições minha resolução de não votar emquanto estiver cá fóra. Foi meu voto sorprehendido em tres ou quatro eleições e, para manter minha independencia, achei preferivel abster-me emquanto não posso ao menos discutir chanças senão meritos nas eleições em que eu esteja presente. Peço-lhe que diga isto ao Lopes e lhe transmitta o meu voto por que seja eleito.

Causa-me sempre prazer vêr como é disputado o accesso á camara alta das letras brasileiras. É bom signal para a nossa vida moral. Se nos mantivermos fieis á superstição intellectual das letras, poderemos resistir á dissolução do jornalismo baixo, egualitario, que confunde noções e mistura democracia com canalhismo. Sempre quero dizer-lhe que, comparando bem, acho o nosso jornalismo ainda superior ao dos Estados Unidos, como expressão e respeito á intelligencia dos leitores.

Estive muito doente 24 horas no mez passado, mas já estou bom. Hoje parto por uns tres ou quatro dias para umas aguas aqui perto (10 horas de trem) na Virginia e voltarei no dia 24 ou mesmo antes. Ha sempre muito que fazer na Embaixada, que é um pequeno centro politico.

Não sei se V. recebeu uma carta que lhe escrevi ha tempos, depois de lêr a Conquista, e que era só para mandar-lhe as minhas saudades. Ás vezes penso que estamos ficando velhos, que somos uns precurso-

res em literatura... Mas não fica bem render-se a gente ainda válida. E velhice é voltar-nos para o passado, quando o futuro é que interessa.

Adeus, meu caro, heroico homem de letras. Se lhe sobrar tempo escreva ao seu fiel amigo

Domicio

I — 1, 3, 32

VICENTE AUGUSTO DE CARVALHO

140.

Meu grande e querido Coelho Netto

Recebi a tua carta, e não preciso dizer-te o desvanecimento que me causou. Acceito e agradeço o teu voto glorioso com a maior effusão. Para a minha candidatura, quer para esta eleição, quer para a da cadeira deixada pelo Patrocinio, conto os votos pela qualidade, e não pelo numero; é porisso que não me conformo com o não ter o voto do Bilac, que nem me respondeu. Esteve aqui o Osorio Duque Estrada que me veiu pedir que desistisse dos votos que vou ter a seu favor. Não o fiz, e não o faria. Os que vão votar em mim dão-me uma dessas honras de que se não abdica. Votos como o teu são demasiado preciosos á minha vaidade e ao meu coração, para que eu delles desistisse. Nisso, o que eu posso fazer é desejal-os, recebel-os, agradecer, e ficar orgulhoso. Peço-te que, si tiveres occasião, transmittas o que ahi deixo dito aos que pretendem votar em mim, e que são, que eu saiba, o Raymundo, o Filinto, o Affonso Celso, — e talvez o Araripe, e o João Ribeiro, e o Rodrigo Octavio. Do Medeiros e Albuquerque nada sei a respeito da eleição; sei que elle escreveu da *Rosa de Amor*... — que era uma obra prima de lyrismo. Não pensas que isso devia, de certo modo, obrigar o seu voto na eleição do dia 15?

Em todo caso, conto comtigo e com o teu prestigio, não só para esta eleição, mas para a da cadeira do Patrocinio, que ficas autorisado a lançar desde que seja conhecido o resultado da eleição proxima. Que diabo, da nossa geração eu sou um dos poucos escriptores conservados fora da Academia, onde estão tantos que vieram muito depois. É verdade que sou um escriptor provinciano; mas a Academia não é — da rua do Ouvidor; e a minha candidatura, ao que penso, devia ser sympathica por isso mesmo, porque sou um resistente, e ha mais de vinte anos me mantenho escrevendo no meio hostil que tu conheces — cercado por uma athmo[s]phera suffocante feita de café e de cambio.

Outro assumpto. Vou fundar aqui um jornal, que parece destinado a larga carreira. Será da firma J. Filinto & Cia., e terá como gerente o José Filinto. Desejo muito obter que escrevas umas chronicas litterarias para as segundas-feiras. Em que condições o poderás fazer?

Aceita um abraço
Do amigo e admirador

Vicente Carvalho

Santos, 12-2-905

I — 1, 2, 3

141. *

Coelho Netto

Penso em ser candidato à cadeira de Arthur Azevedo na Academia. Estaràs disposto, como sempre, a apoiar essa candidatura proviciana? Dize-me alguma cousa a respeito.

Do teu

Vicente

R. Victoria 19 A — S. Paulo.
24-10-08.

I — 1, 6, 14

142.

S. Paulo, 15 de Novembro de 1908

Meu caro Coelho Netto.

Escrevo-te da cama, muito doente, fisica e moralmente. Perdi ha tres dias minha mãe, a melhor das mães, e que era uma das grandes paixões da minha vida. O golpe veiu ferir-me quando já eu me achava muito doente — ameaçado talvez de uma laparotomia... Desculpa, pois, a letra e o desalinhado desta carta.

Escrevo-te porque acabo de receber carta do Euclydes da Cunha dizendo-me que até hontem não havias recebido o meu livro *Poemas e Canções* que te enviei no dia 8. Calculo por ahi que não recebeste igualmente um cartão que ha uns vinte dias te escrevi sobre a minha candidatura a Academia. Foste dos primeiros a quem consultei sobre a apresentação dessa candidatura; e seria da minha parte falta e ingratidão injustificaveis se assim não fosse. Não tendo tido resposta, atribui a ausencia dela a teres, conforme noticia que me chegou, com-

---

* Cartão.

promisso com outro candidato; e supus que te calasses por acanhamento de negar apoio a um amigo velho... assim comprehendia e estimei a falta da resposta. Agora, sabendo que nem um livro grande te foi entregue pelo Correio, fico crente de que com razão melhor se terá extraviado um pequeno cartão. Pus assim o endereço: Sr. Dr. *Coelho Netto, Rio.* Acreditei ingenuamente que o Correio te descobriria nesse Rio, que não é um palheiro e a ti, que não és uma agulha. Vejo agora que errei como um estupido: para o nosso Correio não há celebridade capaz de o comover e mesmo de o mover.

Peço-te que reclames do Correio o livro; e, si la não o encontrares, que me avises, para mandar-te imediatamente outro exemplar. É um belo livro — como trabalho tipográfico: impresso em papel de linho, formato grande, com 242 paginas, bem encadernado. Tem um vigoroso prefacio do Euclydes. Digo-te essas cousas para mostrar que vale a pena de o procurares no Correio, a que o confiei, e, caso la não t'o entreguem, a de reclamares. Outro, que com prazer enviarei logo. Faço grande empenho em que, ainda que intimamente, me digas a impressão que ele te causar. Nem me refiro ja a possibilidade de o honrares com algumas linhas primorosas na imprensa.

Quanto á minha candidatura, desola-me a idea de não ter o teu voto. Será uma sombra na minha eleição — ainda mesmo no caso de triunfo. Mas não desespero de conseguir essa distinção, desvanecedora para o meu amor proprio e gratissima á minha amizade — ou dando-se o caso de desistencia por parte do teu candidato, ou na hipótese de um segundo escrutinio. Qualquer das hipóteses não me parece improvavel; e, em qualquer delas, parece-me certissimo o teu voto. Não tenho razão? Adeus, meu querido Coelho Netto.

Sempre teu, do coração

Vicente de Carvalho

I — 1, 2, 4

143.

S. Paulo, 29 de Abril de 1909

Meu caro Coelho Netto

Aceitei a incumbencia de organisar uma Antologia de modernos poetas brasileiros (1880-900) — dos poetas da nossa geração. Venho pedir-te versos com que nela figures, como deves figurar. Apesar da tua vida tão heroicamente trabalhada, poderás copiar e mandar-me ao menos umas 10 ou 15 paginas de belos versos? E a data do teu nascimento, e um retrato? A cousa é urgentissima: eu embarco para

a Europa a 11 de Maio proximo. Devo passar ahi a 12. O livro será editado em Portugal. Não o prives do teu concurso, peço-t'o em nome da nossa velha e boa amizade. Eu sou um relaxado, e não possuo nenhum verso teu... Tenho conseguido, por muito favor, guardar alguns dos meus, e, ainda assim, por complacencia do acaso.

Com um abraço do

Amigo e Admirador

Vicente de Carvalho

I — 1, 2, 5

144. *

Meu caro Coelho Netto.

Passo ai, no *Habsburg*, da Hamburg Amerika Linie, a 5 de Agosto. Teria grande prazer em abraçar-te — o que só poderá ser a bordo, porque o vapor sai para a Europa no mesmo dia. Si tiveres tempo, faze o sacrificio.

Do

Vicente de Carvalho

S. Paulo, 31-7-912.

I — 1, 6, 15

145.

S. Paulo, 31.1.919

Coelho Netto

Não pude, como pretendia, e graças ao mau tempo e á minha má saude, procural-o na casa do Freitas Valle; nem poderei ir aplaudil-o no Palestra Italia, associando-me ás homenajens que la serão prestadas ao glorioso artista da palavra que é V.

O que posso é, apenas, mandar-lhe um grande abraço.

Do velho amigo e admirador

Vicente de Carvalho

I — 1, 2, 6

---

* Bilhete postal (fotografia da família de Vicente de Carvalho).

146.*

Meu caro Coelho Netto

É portador deste o meu amigo Dr. José Paulo de Macedo Soares, que lhe apresento. De clichés, bastará que sejam publicados os dous que agora mando. Os que V. levou podem ser postos à margem, como imprestaveis. Peço-lhe que me avize logo que puder, do dia em que o meu artigo sairá publicado, o que, espero, será sem grande demora.

Envio hoje ao Presidente da Academia o meu exemplar das *Ardentias*, isto é, o documento authentico que o A. F. "Da Academia Brasileira", tão em meu desabono citou em falso.

Beijo as mãos á D. Gaby, e mando-lhe um abraço.

Vicente de Carvalho

S. Paulo, 25.3.922.

I — 1, 6, 16

TOMÁS LOPES

147.

Montevideo, 11-Junho-1908-

Admiravel mestre e amigo-

Antes de tudo, os mais calorosos parabens por essa linda Esphynge que *O Paiz* está publicando e que é mais um purissimo fructo do seu extraordinario talento. Tive grande satisfação ao vêr essa pagina de arte offerecida ao mais admiravel moço do meu paiz — ao Fontes.

Meu caro Netto, si Você lêr no *Paiz* um artigo meu sobre Montevideo, perdôe-me ter mudado uma phraze sua, infinitamente melhor do que a minha, *ça va sans dire,* mas que talvez chocasse a pudicicia montevidiana. Como sei que você perdôa, de antemão lh'o agradeço.

Ao romance de que lhe falei, n'aquella inolvidavel tarde de Janeiro, faltam alguns capitulos para passar a limpo; mas fiz aqui um livro de contos, — *O Cysne Branco,* cujos originaes lhe remetterei, si você ainda estiver nas mesmas generosas disposições de patrocinar a sua publicação no editor do Porto. Não use commigo da menor ceremonia, e si quizer dar-me a alegria de uma carta sua, dirija-a para a Legação.

---

* Cartão.

Até outra vez, querido e bom Amigo. Ponha as minhas homenagens aos pés de Mme. Coelho Netto, lembre-me á sua prole e V. disponha como quizer do incondicional admirador e amigo

Thomas Lopes

I — 1, 3, 72

148.

Montevideo, 24-Setembro-1908

Meu querido Coelho Netto-

Só hoje respondo á tua deliciosa carta de 15 de Agosto; mandei-a ao Rio, para que Papae a lêsse, e ella me foi devolvida pelo ultimo correio.

Beijo-te a mão generosa que escreveu tanta coisa agradavel. É preciso ser um homem de talento, um artista como tu, para elogiar com tanto enthusiasmo. Como o José Verissimo é sobrio!... Comprehenderás a minha alegria vendo *Um Coração Sensivel* tão completamente entendido. — É curiosa a critica no Brasil; ella levou-me sem nem um criterio ás nuvens quando publiquei o *Sonho,* livro muito sentido, muito apaixonado, mas com graves imperfeições de fórma; sai o *Livro do Espirito,* com todos os rythimos classicos, demonstrando um longo e consciencioso estudo de versificação, e forma-se-lhe em torno a covarde campanha do silencio. A mesma coisa, meu caro, com as *Historias da Vida e da Morte* e *Um Coração Sensivel.* — Esqueceste o poeta, e eu acho muito natural; reconheço que como prosador transmitto um pouco da minha emoção, ao passo que como poeta (si é que mereço esse lindo nome), a emoção, talvez mais intensa, não consegue romper as paredes espessas da minh'alma. — Meu querido Netto, tu tiveste a suprema bondade de citar Maupassant falando em mim. Com essa benevola approximação, tu fizeste o elogio mais commovedor que ainda recebi na minha vida de artista.

— Por Maupassant: durante um anno estudei profundamente a sua obra soffredora e genial; no novo livro — *O Cysne Branco,* ha um conto — *O Invalido,* dedicado a Mme. Coelho Netto, no qual fiz uma defesa contra a estúpida accusação de loucura do immenso Guy. — O Garnier está editando *Terras de França* e *Corpo e Alma de Paris;* estou escrevendo o penultimo capitulo do romance, que se chama, não sei si sabes, — *A Vida.*

Desculpa falar tanto em mim; Anatole France declara gostar muito d'este genero de litteratura, — por ser o mais sincero. De accordo, mas quando é feito com talento.

— Pelos jornaes do Rio estou a par dos teus triumphos theatraes, e com mal contida curiosidade espero ler o *Quebranto,* já que me não é dado o prazer de lhe assistir a representação. E o *Jardim das Oliveiras?* Manda-m'o, pelo amor de Jesus! — Essas coisas ditas de um discipulo para um Mestre são quasi sempre suspeitas, como com tanta clareza Bourget observa no seu extraordinario *Un Saint;* mas eu me considero na excepção da regra, pela minha sinceridade. Pelo querido Fontes deves saber que admiro tudo quanto vem da tua excelsa alma de artista, do teu maravilhoso talento. Manda-me o *Jardim das Oliveiras.*

Estou contentissimo, meu querido Henrique: descobri um poeta, Poeta com P. grande. Angel Falco é o assumpto da minha proxima carta para o *Paiz.* Lê estes dois tercettos:

"Se perderán mis átomos dispersos,
Mas, sobre esa catástrofe, mis versos
Perpetuarán como un dolor mis huellas,

Como al morir el Sol en el Tramonto,
Quedan flotando sobre el negro Ponto
Náufragos de la Noche, las estrellas!"

E este soneto:

"Asi, mi amor

¡Dame que te posea! ¡que te aliente mi pecho
El minuto supremo de um abrazo no más!
¡Y entre las blancas ondas de tu sagrado lecho,
A modo de una Venus en triunfo surgirás!

Yo he de modelar tus formas á mi espasmo que es hecho
De convulsión y fiebres que no cesan jamás;
¡Por mi amor tu Belleza se erigirá en derecho,
Y por mi serás Reina y adorable además!

Toda una Biblia immensa de amor hay en mi anhelo;
¡Yo sé de las dulzuras de la torcaz en celo,
Del urlo en el desierto, que estremece el León!

Yo sé de la caricia como sé del rugido:
¡Dame que te posea y hallarás en mi nido,
Arruellos de palomo y aletajos de halcón!"

— Que te parece?

Zizi e Herculano agradecem as tuas bondades. O Dr. Calmon se recommenda.

Pôe-me aos pés de Mme. Coelho Netto, muito Senhora minha, lembra-me à prole, e abraça ao velho amigo e discipulo

Thomaz.

P.S. Preciso ir em Maio ao Rio. *T.*

I — 1, 3, 73

149.

Haya- 9- Setembro- 1910.

Meu brilhante Mestre e Amigo:

Foi num dia nebuloso, um dos primeiros dias de outono do Norte, que me chegou ás mãos o teu luminoso discurso da recepção do Paulo Barreto. A tua rutilante prosa foi como o sol da nossa terra alegrando a paizagem melancólica da Hollanda, enchendo-me de esperança e de coragem. E atravez de uma dôce e amarga saudade, todo um passado reviveu na tua phrase, ao lado da figura inesquecível do Guima e do porte ironico do João do Rio, cujo triunpho me enche de enthusiasmo, pois elle representa a minha geração, ainda inexpressiva e indeterminada.

Netto amigo, tu és o homem raro, o homem único, numa epoca de egoísmos e de individualismos; ninguem, como tu, tem a nobre generosidade do louvor, o gozo homerico de plantar pavilhões ao sol. No Brasil, quem quer que trabalhe em litteratura, tem de se mirar em ti; na honestidade religiosa da tua obra, no heroísmo da tua luta. A posteridade será obrigada a reconhecer que tu, sósinho, com a tua fantasia, com as tuas chimeras, com a tua bôa fé, com a tua credulidade e com os teus eternos vinte annos, modificaste o caracter das lettras patrias e que de um passa-tempo fizeste uma religião.

Deste meu novo exilio te tenho enviado varios postaes; não os recebeste?

Apresenta as nossas homenagens á Dona Gaby, lembranças ás creanças, e tu, meu velho, abraça o teu

Thomaz.

P.S. Manda-me o teu ultimo livro e escreve-me.

T.

I — 1, 3, 74

150.

27 — Rue de Florence

Bruxellas, 29 de Agosto de 1911.

Meu querido Coelho Netto:

Ando ha mezes com uma grande saudade tua, uma profunda saudade que vem da recordação do teu luminosissimo espírito, da tua immensa e servidora bondade, e sobretudo, do teu coração leal e sincero, tão flor rara nesse postiço moderno do Rio, egoista, futil e pedante.

Escreve-me um pouco; manda-me, atravez da tua prosa de oiro, um fulgor de sympathia e de amizade, mais, ainda, de solidariedade humana.

Ando triste por haver verificado que nessa linda e amada terra brasileira o sagrado esforço intellectual não merece, já não digo carinho, mas respeito. A terrivel sociedade do elogio mutuo matou-me as *Paizagens de Hespanha,* por meio de uma covarde campanha de silêncio, como já o fizera com o *Coração Sensivel.* A obra de quatro annos de amor, de estudo, de deslumbramento de mocidade e de observação, passou pelo *Binóculo* como a brochura de um desoccupado, como um leve folheto de caixeiro viajante. Não me admirarei que ainda um dia se diga que nunca estive na Hespanha. — Ah! meu nobre amigo, como agora comprehendo o orgulhoso silencio do Aloizio Azevedo! — Quem mora longe do Brasil, da panellinha provinciana, não pode trabalhar porque não vale a pena. É claro que um livro não vale pelo que delle se possa dizer; falem mal, que diabo!, mas falem alguma coisa! Tenham "parti-pris", como Medeiros e Albuquerque tem contra mim, apesar da admiração que eu lhe voto, mas não fiquem na sombra e no silencio! Digam que o Snr. Thomaz Lopes é um burro, mas digam isso com as cinco lettras! — Creio que vou deixar de publicar, pelo menos por alguns annos; tenho no Garnier o romance e o livro *Sete Soes;* mas os quatro que estão em casa e outros que possa escrever, talvez que os deixe para que sejam posthumos. Só os mortos têm razão. Tudo é preferivel á magua immensa de ver o seu esforço desrespeitado ou sujeito ao bom ou mau humor do primeiro localista.

O Lello tem procedido mal commigo, inexplicavelmente mal. Dei-lhe inteira liberdade para resolver como quizer o assumpto das *Paizagens.* Dada, porém, a demora com o *Cysne Branco,* do qual ainda não recebi as primeiras provas anunciadas em dezembro, escrevi-lhe ha tres mezes uma carta muito cortez dizendo-lhe mais ou menos o seguinte: que era evidente estar a typographia muito occupada, e que

por conseguinte me devolvesse os originaes; que si para a livraria do Porto eu era um autor desconhecido não o era para o meu editor de Paris; e que "o facto de ter sido apresentado a Lello & Irmão pelo meu querido amigo Coelho Netto", não devia ser motivo de hesitação da parte delles, etc. — Sem resposta, ha 15 dias escrevi-lhes uma carta registrada, tambem muito cortez, reiterando o pedido de devolução dos originaes, visto não haver contracto de especie alguma, e até hoje nada! Vê si consegues que elles, ao menos, m'os devolvam!

— E agora falemos em coisas brilhantes: falemos dos teus livros. Manda-me alguma coisa apparecida ùltimamente, isto é, depois que d'ahi sahi, em abril de 1910. Tenho as tuas obras do Garnier — *"Capital Federal"* — as *"Conferencias"*; tenho *"A Bico de Penna"*, *"Jardim das Oliveiras"* e *"A Esphinge"* (— do Afranio é ESFINGE), mas como vês tenho muito poucos. Justamente um dos meus livros futuros pretende ser um vasto estudo sobre os três poetas — Bilac, Raymundo Corrêa e Alberto de Oliveira, e os três prosadores, — Coelho Netto, Machado de Assis e Aloizio Azevedo. Acabei de reler todo o Machado. Dôa velho, grande artista!

— Sei que estás gordo e bem disposto: vi-te no baile do conde Fernando Mendes.

— Que é feito desse immenso canalha, que por cumulo do cavalheirismo ousa chamar-se Da Rosa?

— E os amigos? — O impulsivo Goulart de Andrade e o dôce e bonissimo Fontes? Toda essa gente pensa que não vivo...

— A Belgica é um dos bons recantos da Europa: ha aqui estudo e muita arte; os museus são esplendidos, com abundancia de Rubens e de Van Dyck. E a gente é boa. E ha lindas mulheres.

— Deputado, que politica fazes?

— Artista, aquelle livro sinistro e glorioso, de que me leste o *Cupiar*, já appareceu?

— Pae de familia, apresenta as minhas homenagens de profundo respeito e mui respeitosa estima a Exª Senhora D. Gaby, e acaricía por mim as creanças.

— Homem do mundo, vê si de todo não cáio no esquecimento daquella nossa admiravel e intelligentissima Amiga!

— Christão, perdôa o irmão copioso, confuso e difuso, que é o teu dedicadissimo

Thomaz.

I — 1, 3, 75

151.

27 — Rue de Florence —
Bruxellas, 18 — Setembro — 1911 —

Meu querido Amigo:

Ás pressas: mando-te aqui a leal e franca explicação do Lello & Irmão. O *Binoculo* matou-me as *Paizagens* descompondo a edição. Amigo urso...

Sempre teu

Thomaz.

I — 1, 3, 76

152.

27 — Rue de Florence
Bruxellas, 16 de Novembro — 1911-

Meu querido Coelho Netto:

— "Perge"! —

Continúa, homem bom, artista extraordinario! Continúa o teu glorioso combate, não mais contra os moinhos mas contra os Sanchos Panças! Continúa na tua pureza de lirio entre esse espesso lamaçal de intriga, de bajulação e de falta de brio! Continua, paladino heroico, a tua santa cruzada, sem um estremecimento, sem uma hesitação! Continúa a ser homem entre bonecos, amigo entre falsos, litterato entre negociantes! Perge! No teu lar, tens a companheira tão nobre das tuas dôres e das tuas alegrias, e esse outro rebento da tua fecundidade, — os teus filhos; lá fora, para vencer a matilha dos invejósos, tens pelo menos uma duzia de companheiros fieis, os discipulos que em ti se honram e que em ti miram como num espelho que nunca teve mancha; mais para fora, tens o grande publico que te ama e para o qual o teu gigantesco trabalho já começa a assumir as proporções de uma lenda; e mais para fora ainda terás a posteridade. Perge! Para traz os pensamentos melancólicos, nascidos numa hora de magua secreta ou de contemplação doentia! Para traz o vampiro de "Horla"! Para traz esse mau movimento contra a tua coragem! Um homem como tu chega aos setenta annos com o coração tão moço e a intelligencia tão lucida, que pergunta aos ceus: "Meu Deus, quando farei trinta annos?" — Perge!

Meu querido Mestre, eu recebi a tua linda carta de 7 de outubro no turbilhão de Paris, em pleno esplendor da civilisação latina e no

seu momento de maior esplendor. Refiro-me á extraordinaria victoria da França sobre a Allemanha; acabou-se, meu velho, o fantasma de 1870; a França é a mais viva de todas as nações da terra e a que tem em mais alto grao o sentimento do seu valor politico. Pela primeira vez fui Steinbroken; contive-me para não gritar no bulevard o meu enthusiasmo de filho adoptivo da França. Além disso, Netto amigo, eu amo Paris como nem um parisiense; amo essa cidade maravilhosa com paixão, com respeito, com furia, com volupia, com ternura, com o amor divino e com o amor profano. No mundo ha cidades; mas só ha 3 Cidades: a nossa, Londres e Paris. Paris é a gloria de uma civilisação e orgulho de uma raça; é eterna como a inspiração, como o amor e como a morte. Chego a Paris e me transformo em cem homens; e os cem homens que de mim saem quereriam ser mil para mais completamente gozar a indizível seducção de Paris. Oscar te contará o que lá fiz.

— Ahi vae *A Vida.* Triumphará? Ella tem folego para isso.

— Netto amigo, faço minhas as palavras do Oscar no artigo d' *O Paiz.* É de ti que nós todos esperamos o clarim para o ataque. A minha lança te pertence, como as dos Castros pertenciam aos Ramires na corrida contra os de Bayjão. Para o Norte já dei o signal de ataque.

— Vae um destes dias o meu artigo sobre Raymundo Corrêa; não, vai hoje e aqui.

Apresenta a D. Gaby os cumprimentos de Zizi e os meus.

Até outra vez, Cid.

Todo teu, pelo espirito e pelo coração

Thomaz.

I — 1, 3, 77

153.

27 — Rue de Florence
Bruxellas — 20 janeiro — 1912

Meu querido Amigo:

Com Zizi e Herculano retribúo os votos de feliz Anno-Novo, pedindo-te que os transmittas a tua Ex.ª Senhora e a nobre prole.

Penso que terás recebido uma longa carta minha, acompanhada de um artigo sobre Raymundo Corrêa. Penso tambem que o Lausac te terá dado *A Vida* e os *Sete Soes.* Então porque não escreves? É a política? Vê si te sobra um pouco de tempo para o teu humilde amigo que tão profundamente te quer, respeita, admira e estima. Não me deixes ter a horrivel impressão de que estou esquecido! Lembra-te de

que aqui no Norte não ha sol no inverno; ha um mes não lhe vejo a cara. — Manda-me o sol do teu espírito.

— E os livros que te pedi?

— Espero que Oscar te tenha falado sôbre a organisação de uma antologia, em sueco, de prosadores brasileiros, pelo D.r Göran Björkmnan. Não deixes de lhe mandar alguma coisa, a este endereço:

"D.r Göran Björkmnan — Consul du Brésil 77 — Linnígatan — Stockolm — Suède.

Incumbi ao Papae e ao Ingles de Souza de mandarem á Academia 10 exemplares d'*A Vida;* quero concorrer ao premio.

Communico-te que o meu poema — *Os Sete Reinos Encantados* — vae de vento em pôpa. E tu, em que grande obra trabalhas? E aquelles maravilhosos contos brasileiros?

Até outra vez, querido Mestre e Amigo.

Lembra-me ao Corcovado, ao Pão de Assucar, á Guanabara, á rua do Ouvidor, á Avenida, ao Sol, e crê na sincera amizade do teu, muito teu,

Thomaz.

I — 1, 3, 78

ALMÁQUIO DINIS

154.

Bahia, 21-11-908

Carissimo Mestre e Amigo:

Mais uma vez tenho de importunal-o.

É para lhe pedir alguns momentos de sua preciosa attenção em favor de meu novo livro *Zoilos e Esthetas.*

Nelle, à pagina 122, está o seu nome referido. Á primeira vista parecerá que não fui justo lhe incluindo alli. Mas de minha parte não houve perfidia nem perversidade. Disse o que sentia: notei sempre a sua approximação de escriptores valiosos. Sem talento, sem merito, sem vontade, ninguem se aproxima dos grandes pensadores. Talento, merito e vontade não faltam ao brilhante espiritualista de *A Esphynge*: bastar-me-iam as suas sobras dessas qualidades. Mesmo a escriptura dizia: *chega-te aos bons e serás um deles.* Que escriptura? perguntar-me-à. E eu direi: a rica escriptura popular, o proverbio, o brocardo philosophico mas anonymo, porque é de todo o mundo que pensa. Os *bons* são os que lhe guiaram a intuição literaria: Murger, Tolstoi, Ibsen, Maupassant, Daudet, Flaubert e Eça de Queiroz, de quem, francamente, não gosto, porque... não gosto!

Pois bem! O meu *Zoilos* é a minha historia natural. Descrevo-me desde os meus primordios de analphabeto. Eu fui o selvicola no mundo das letras. Armei-me de arco e frècha e luctei pela vida. Contra a minha adaptação de intellectual vieram mastodontes e dinotherios. Fui um triunfador. Dos que me enfrentaram, livrei-me pela rendição: uns rendendo-se a mim, e eu rendendo-me a outros. Aos rispidos destinei rispidez. Nem por isso deixo de ser amigo de alguns destes. É o que se dá com o sr. Josè Verissimo, a quem préso como o meu mestre na serena imparcialidade de critico. Escrevendo, portanto, a historia da minha criação intellectual, não tive a preoccupação de ser agradavel a quem quer que fosse. Escrevi um livro de combate rijo e fero contra os que me embargaram o passo. E, como o primitivo que se isolou nas habitações sobre as aguas para se livrar dos perigosos mammiferos seus contemporaneos, vendo em todos estes alvos para as suas settas quer fossem, ou não, inimigos de minha fé literaria, eu me isolei do meu tempo, combati a todos os que me pareciam meus maiores, e fui adversario de todos. Humanisei-me, porem. E, agora que volto à convivencia, como o homem que trocou a tanga mais o arco e a flecha pela casaca e mais roupas *smarts,* sou o mesmo admirador, e cada vez mais franco, dos verdadeiros superhomens de meu tempo, entre os quaes, conservando o culto antigo e verdadeiro, inclúo Coelho Netto, e comecei de apreciar José Verissimo.

Aqui está, meu mestre das *Balladilhas,* o fundamento logico e natural dos *Zoilos e Esthetas.*

Bem conhece o quanto o amo. E eu sei bem quanto a sua obra fantasista influiu no meu espirito. Deante de tudo isto, pois, a sua opinião sobre o Zoilos será um *veredictum* para mim.

Aguardo-a serenamente como discipulo e amigo fervoroso.

Almachio Dinis.

Rua do Mocambinho, 19.

I — 1, 2, 40

155.

Bahia, 2 de Agosto de 1911

Meu prezadissimo Mestre e Amigo,

Procuro-o como as aguas de um regato que procura o oceano. Abebero-me de forças, para o trabalho, nas suas letras que são o meu estimulo. Toda a vez que o leio, mesmo numa simples carta, profiro para mim mesmo: ainda hei de escrever assim. Tolere-me, pois, e responda-me.

Preciso de sua opinião sobre o meu trabalho — *Domingos Guimarães* — de que lhe enviei um exemplar. Abstraia-se do estudado e fale do estudo. Quero saber como julga essa minha obra de critica que Max Nordau acaba de classificar: compréhensive, pénétrante, créatrice et scientifique. Não se excuse a essa honra que lhe peço. Faça-me o bem do seu conceito. Vivo como o heliantho acompanhando-o: volto-me sempre para onde está o seu verbo dignificador.

E quando me chegará ás mãos o *Rei Negro* para dar numa edição especial de *A Seára de Ruth*? E o seu retrato? Não me esqueça. Dê as minhas recommendações à Ex.ma D. Gaby e aceite o abraço do muito seu

Almachio Dinis

I — 1, 2, 41

156.

Bahia, 17 de Janeiro de 1912

Prezadissimo Amigo, sr. Coelho Netto,

O seu silencio mette-me medo. E por elle promovo as maiores accusações ao serviço postal.

Mais de dez cartas sem resposta. O que pensa o amigo de minha candidatura á vaga do Araripe, não sei. Nem é disso que quero tratar. Procuro desabafar, neste momento, com os meus melhores amigos. Grande é a oppressão minha: como bem representou São Paulo, a Bahia está de lucto. Não é justo que me sinta bem deante desse facto doloroso.

O bombardeio de 10 de janeiro, consumindo instituições bahianas pela inclemencia dos incendios e massacrando innumeras victimas da paixão partidaria pelos projecteis desnorteados da soldadesca infrene, aterrorisando as familias e excitando a nobreza de caracter do povo bahiano que protesta contra as usurpações de que foi alvo, perturbou a existencia normal da Bahia, levando-a a um estado perigoso de ameaças, de oppressões e de vindictas que não sei quando deixarão de cair sobre as nossas cabeças.

Escrevi ao Ruy minuciosamente sobre o caso. Agora, em segundo lugar, lhe escrevo. Ao Ruy nada devo pedir: elle é bahiano ardoroso. Vive para a Bahia. Sacrificar-se-á em seu beneficio. Appello, porem, para o meu amigo. Considero-o, intimamente, solidario com a nossa dor. Bem póde ser que a politica não dê ensanchas á sua palavra amiga. O que não é possivel é que eu deixe de procural-o para

o allivio que o seu verbo amigo poderá dar-me nesta conjunctura horrorosa.

Quando se tem amor á terra em que se nasceu, tem-se tambem um alúde de soffrimentos a desabar de hora em hora sobre o coração. Soffre-se pela terra como se soffre pela nossa propria existencia. E deante das ruinas materiaes da cidade natal, choramos muitas vezes como si deante do sarcophago de pessôa amiga. Não contenho, meu prezadissimo amigo, as lagrimas espontaneas deante das cavernas do edificio em que viçava a nossa secular bibliotheca com cerca de quarenta e dois mil volumes, alguns dos quaes verdadeiras raridades bibliographicas. Não sei explicar como a obra de quatro ou cinco gerações, atravez de cento e um annos, se dissipa em poucas horas nas labarêdas de um incendio proposital. Proposital, sim! Foi uma granada das arremessadas contra o edificio do palacio do governo pelo Forte do Barbalho que varou o edificio pela janella principal, incendiando, na sua passagem, o bello cortinado de rendas, e indo explodir no recesso mesmo do archivo da Directoria de Terras, de onde irrompeu indomavel, para execração dos saqueadores das liberdades da Bahia, o fogo destruidor e barbaro. Entretanto, os responsaveis por essa catastrophe que enlucta a alma do povo bahiano, declinam a autoria do crime sobre a pobre policia — heroina a mais não poder ser — desalojada do predio muito depois do incendio lavrar sem poder que o contivesse.

Bem póde ser que a Bahia permaneça no poder dessa gente malfeitora e assassina, verdadeiramente assassina. Mas, temos o direito e o dever de augurar mal de um governo que começa incendiando bibliothecas e apagando assim um poderoso fóco de luzes espirituais, em que se abeberava com assiduidade a mocidade pobre desta capital. E não foi só uma bibliotheca que se perdeu. Outra granada alcançou a casa de residencia do illustre dr. Bonifacio Costa, incendiando-a egualmente, desapparecendo nas chammas a bibliotheca particular desse homem ledor. Não era uma grande bibliotheca deante da Publica. Mas importára em mais de quarenta contos de reis ao seu proprietario, contendo uma grande collecção de clássicos e de diccionaristas da nossa e de outras linguas, bem como todas as principaes encyclopedias até hoje publicadas.

Deante de tantos horrores, meu prezadissimo confrade e amigo, nem sei o que leio, e muito menos o que escrevo. O ruido menos vulgar impressiona-me mal. Não é que eu tenha medo delle. É que me arreceio de novas destruições, pois a verdade é que o Seabra, abusando da inconsciencia marechalicia, tem a deshumanidade de querer subir por sobre montões de cadaveres, servido pelo assassinio de seus irmãos e pelos saques das posições publicas. Escreva-me, meu preza-

díssimo amigo. Lance o balsamo de seu verbo delicioso sobre a alma afflicta do seu, muito seu

Almachio Dinis

I — 1, 2, 42

157.

27-5-912
Bahia.
Mestre e Amigo, sr. Coelho Netto.

Ando saudoso de suas letras. São-me ellas tão caras que me fazem saudades quando não vêm como eu desejava. Bem sei das suas enormes occupações o alude que lhe reduz o tempo. Mas não esmoreço e espero alegrar-me com suas letras.

A Livraria Catilina, desta capital, do sr. Romualdo dos Santos, uma das mais antigas e mais serias do Brazil quer entrar em negocio com o meu prezadissimo amigo para editar um livro qualquer seu. Não se importa que se trate mesmo de uma reedição. Pagar-lhe-á á vista (que é a assignatura do contracto) o preço que fôr combinado; dar-lhe-á um certo numero de exemplares para os seus deveres de autor, e fará um bello trabalho graphico como as suas producções bem o merecem.

Peço-lhe, pois, informações a este respeito, para então o sr. Romualdo dos Santos fazer-lhe a proposta.

Que livro tem para ser assim editado? É negocio feito.

Responda-me, com toda urgencia.

É possivel que a sua resposta se cruze com um estudo meu em que exalto, como de justiça, as suas forças psychologicas reveladas na pagina brilhante de arte scientifica que é o *Inverno em flor,* uma das melhores obras da literatura nacional.

Escreva-me e aceite aqui o muito apertado abraço do muito amigo pelo coração

Rua Democrata, 8 — *Almachio Dinis*
Bahia.

I — 1, 2, 43

158.

Bahia, 8 de Junho de 1912

Prezadissimo Coelho Netto,

Escrevo-lhe do ponto extraordinario em que me acho por acaso: o comodo da escripta da Livraria Catilina, muito cheio de livros, e

muito atormentado pela poeira das demolições, porque o destruidor Seabra arranjou reduzir a cidade a ruinas, não sei si para ser mesmo reconstruida...

Deante dos meus olhos está a sua ultima cartinha.

É hoje um dia de festas para mim. Ganhei impulso, lendo as suas palavras, para escrever sem descanso milhões de letras... Ha no meu intimo duas almas: a que me chegou com a sua "missiva de saudade", e a que vive suspirando por essas missivas de saudades...

Quero dizer-lhe, porem, que, de qualquer modo, a primeira edição do *Rudá* ou do *Euterpe,* já se considera promettida e esperando contracto com o meu amigo sr. Romualdo dos Santos. Isto, no entanto, póde demorar muito. E todos nós queremos vel-o editado já. Lembro-lhe, pois, de accordo com aquelle livreiro amigo, a possibilidade de fazer-se, por meio de um contracto mais em conta, um livro em que se colleccionem as suas bellissimas cartas escriptas, em 1903, para o *Jornal de Noticias,* daqui e que estão perdidas nas paginas da gazeta, esquecidas, quando devem ser rememoradas, escondidas, quando devem estar bem propagadas, desconhecidas, quando devem estar aos olhos de todo o mundo... Creio mesmo que o meu amigo nem se lembra dellas, nem as tem... Posso dar-lhe uma collecção, para que o seu espirito de grande artista arranje a epigraphe do livro, que seja o laço de fita que sustente o florido ramalhete.

Responda-me pois. Emquanto esperamos o *Rudá* ou o *Euterpe,* quer arranjar uma edição das mencionadas cartas para vender ao sr. Romualdo dos Santos?

Aguardo com anciedade a sua resposta.

Hygia — a deusa da saúde — já ha de lhe ter felicitado a gloriosa existencia. Penso e quero assim, aqui, com os meus respeitos á exma. sra d. Gaby, enviando-lhe um abraço.

Almachio Dinis.

I — 1, 2, 44

159.

Amigo sr. Coelho Netto:

Sinto-me grandemente feliz por ver que a Bahia tambem lhe serve de editora: o meu amigo Romualdo dos Santos aceita a sua proposta de uma edição do seu livro *Contos Escolhidos* — de 3 000 exemplares, pela quantia de 1:000$000 reis, pagos na occasião de assignatura do contracto ahi. Isto dá-lhe, porém, o direito de preferencia para o *Babel,* logo que esteja prompto. Pede o sr. Romualdo

que indique o sr. directamente a elle como quer o contracto, ou o faça logo em duas vias, mando-as assignadas para aqui elle subscrever uma e assignar a outra. Peço-lhe a distincção de enviar o autographo por meo intermedio. Poderá a revisão ser feita por mim? Escreva-me dizendo tudo quanto quizer a respeito. Não deixe, entretanto, de fazer volumoso o livro dos *Contos escolhidos,* sim? É um pedido do editor. Mandei-lhe um exemplar de *A Escarpa.* Fiz-lhe umas alterações profundas. Que tal a achou? Creia na grande amizade do

pelo coração

S. C. B^a^. 28 Junho 1912 *Almachio Dinis.*
Rua Democrata, 8.

I — 1, 2, 45

MANUEL DE OLIVEIRA LIMA

160.

Bruxellas, 31 agosto 1909.

Meu caro compadre e amigo:

Recebi a sua carta de 6 do corr.te e m.to agradeço a sua bibliographia tão completa, tão cuidada e o seu excellente retrato. Pelo que me escreve o Finst, director da *Revue,* os seus leitores estão tomando interesse pelo q̃ o Snr. chama apresentação e o Finst denomina revolução da nossa litteratura. Como lhe disse, tenciono alongar o artigo que lhe diz respeito quando os artigos actuaes apparecerem em volume, e por isso lhe agradeço m.to a remessa do volume — *Miragem.* Tenho seus, aqui, os livros que foram editados em Portugal. Não posso pretender que mande tudo quanto me falta, mas si acha que entre o número se encontram alguns m.to representativos da sua maneira ou essenciais á compreensão da sua obra, será favor remetter-m'os. Estimei que lhe tivessem agradado as traducções incluidas no artigo, e o traductor está á sua disposição porq̃ sou eu. Penso aliás que um brazileiro só pode ser bem traduzido por um brazileiro — não basta verter as palavras. O espírito é tudo. O defeito único q̃ acho nas traducções do Sr̃. Orban, m.to esmeradas, m.to litterarias. e q̃ respeitam o *sentimento* é esse de se afastarem do *espirito* aqui e além. Ninguém, porém, no estrangeiro as poderia fazer melhor. Elle agora começa a preparar uma anthologia de auctores brazileiros, que eu prefaciarei e q̃ contribuirá m.to p. dar a conhecer á Europa q̃ se interessa por essas coisas, a nossa producção intellectual desde o seculo 16 até hoje. O Sr. Orban possui aliás uma condição rarissima e fundamental p.a a sua empreza — a de estimar e admirar as nossas coisas litterarias. Não é um

mercenario: é inteiram.te o contrário, um apaixonado, um sincero. Na anthologia as traducções serão tôdas dele. O Sr. ahi terá também a parte q̃ lhe compete como uma das nossas figuras literárias culminantes da actualidade.

Não quero tomar-lhe m.s tempo. Mandei-lhe ha poucos dias o volume que aqui editei após o teu, cuja edição aqui dirigi e dei o nome Machado de Assis. A edição ficou bonita, como terá visto.

Que immensa pena tive da morte do Euclydes da Cunha, inteligencia que tanto admirava e caracter que tanto prezava! Não me posso consolar da sua perda, cujas circunstancias aliás foram tão dramaticas e tão imprevistas, e desculpa-me si n'esta carta inclúo este assumpto. Não posso esquecel-o um instante.

Creia-me sempre, meu caro confrade e amigo,

seu am.º cordialmente

M. de Oliveira Lima

Eis os seus livros que aqui tenho:

Agua de Juventa
Esphynge
Sertão
J.m das Oliveiras
Theatro 2.º
Quebranto
A bico de penna
Romanceiro
Fabulario
Miragem

I — 1, 3, 57

161.

Bruxellas, 12 de Jan.º 1910

Meu caro confrade e amigo

Agradeço e cordialmente retribúo as suas boas festas. Desejo-lhe um anno m.to feliz sob todos os aspectos. Não digo um anno fecundo de producção litteraria, porque o sr̃. não conta, felizmente para todos nós, annos estereis. Devo tambem resposta á sua ultima carta de 25 de Setembro que recebi a caminho de Stockholmo. O meu livreiro aqui remeteu-lhe, a 1.º de Novembro, p. a Camara, 2 exemplares da *Revue* daquela data, com o meu pequeno estudo sôbre o Bilac, um dos exem-

plares p. ser entregue a este. Como o Bilac não me accusou recepção do fasciculo, nem o sr̃. também, imagino que se extraviariam — o q̃ é tanto m.s possivel quanto não foram registrados. Sentirei m.to que assim tivesse acontecido. Não recebi ainda a sua promettida remessa de *Treva* e *Inverno em flôr*. Não me esqueço porq̃ desejo possuir a sua collecção o mais completa possivel. Reli com o mesmo prazer e a mesma emoção a *Miragem*, q̃ considero dos seus melhores livros. Minha mulher o está lendo presentemente. Quando chegam os *Barbaros*?

Eu trabalho na m.a serie de escriptores nacionaes e n'um livrinho sobre a Suecia, que completarei e publicarei si lá voltar este verão, como pretendo. No *Estado de S. Paulo* publiquei algumas cartas a respeito. Tambem pretendo fazer este inverno, a pedido da Sociedade de Geographia de Bruxelles, uma conferencia brazileira.

Escreva-me sempre e aceite entretanto as melhores expressões da sympathia do seu

am.o aff.o e adm.or

M. de Oliveira Lima

I — 1, 3, 58

162.

Bruxellas, 3 de Março 910

Meu caro confrade e amigo:

Recebi hontem seu telegramma da mesma data, pedindo meu voto para o general Dantas Barreto na vaga de Joaq.m Nabuco em nossa Academia. Infelizmente não posso servil-o, porq̃ já dei meu voto a Alfredo de Carvalho, por cuja eleição me empenho m.to Sinto tanto m.s quanto já tive que recusar meu voto em eleições anteriores ao general Barreto, por tel-o dado a V. de Carvalho e ao J. do Rio.

Recebi e m.to agradeço a sua carta de 3 de fv.o, com todas as boas e amaveis palavras a meu respeito e do pouco que tenho podido fazer em prol do nosso espirito. Estou aqui m.to satisfeito porq̃ consegui, depois que o Rei Alberto decidiu assistir á m.a conferencia, feita a convite da Sociedade de Geographia de Bruxellas, introduzir no programma uma parte da musica brazileira. Não foi facil por causa do lucto da côrte, mas tanto se sophisma n'este mundo e dando-se ao concerto o nome de audição musical (qual a differença?) houve meio de fazer passar a coisa. Tocar-se-ha, além do hymno nacional, o seg.te programma: Pe. J. Maurício, Guarany, Suite Bresilienne do Nepomuceno e *ouverture do Tiradentes,* a opera ou antes drama lyrico que

aqui está sendo orchestrado pelo maestro Macedo. Penso que a festa será bonita e como assiste o Rei, assistirá seg.^{do} o velho proverbio, a côrte. Aguardo ansioso seus promettidos livros. Os seus annos de quasi esterilidade, como lhes chama, são outros annos de producção immensa. A sua fertilidade litteraria é colossal. Penso que os seus prognosticos, que erão tambem os meus, não se realizaram felizm.^{te} A eleição parece ter-se passado calmam.^{te} Pelo menos, não houve até agora noticia por aqui de barulhos. Ainda bem. Isto era o essencial, ou pelo menos o principal. Não se esqueça das suas prometidas remessas. E até ahi porq̃ conto ir este anno matar saudades de Pernambuco e do Rio.

Seu m.^{to} cordialmente

M. de Oliveira Lima

I — 1, 3, 59

163.

Bruxellas, 11 Jan.^{o} 911.

Meu caro amigo:

M.^{to} obrigado pelo seu cartão de boas festas, q̃ cordialm.^{te} retribuo, com os votos mais sinceros pela sua felicidade no decorrer do anno que já começou. Não lhe tenho escripto porq̃ ha mezes li que estava de viagem marcada p. Europa, e até que devia fazer algumas conferencias em Portugal. Espero por isso aqui ter o grande prazer de vel-o e de palestrarmos. Não sei si sua viagem foi adiada simplesm.^{te} ou si não pensa mais n'isso. Em qualq.^{r} das 2 hypotheses, creia que terei a mais viva satisfacção em recebel-o. Recebi os dois ultimos volumes, q̃ ha perto de 1 anno me enviou — *Tormenta — Turbilhão.* Agora é q̃ conheço melhor a sua obra, o q̃ quer dizer que a admiro mais, e vejo quão imperfeito está o pequeno estudo que lhe dediquei na *Revue.* Felizmente estou muito a tempo p. reparar a falta, refundindo e augmentando m.^{to} êsse estudo quando ele apparecer em volume como os demais, cuja serie ainda não terminou. Agora mesmo, a 15, deverá sahir o artigo sobre o C. de Laet, grande jornalista porq̃, como terá visto, tomei as personalidades como representativas dos varios generos litterarios.

P.^{a} adiantar a publicação, vou mandar alguns dos estudos p. o "Bulletin" do "Groupem.^{t} des Universités" que o Hachette está editando e q̃ não sei se conhece. Aliás estou n'este mom.^{to} m.^{to} occupado com a preparação das 12 conferencias ou licções que deverei fazer na Sorbonne em Março, Abril e Maio proximos sobre a formação his-

torica da nossa nacionalidade. O convite para inaugurar a cadeira de estudos brazileiros chegou-me um pouco tarde e tenho tido que trabalhar m^{to} p. ficar promptas a tempo. Deverá ter recebido a "Anthologia". A parte que lhe é dedicada não corresponde entant.^{o} ao seu merito litterario, nem à posição que o sr̃. occupa nas nossas lettras, mas o Orban teve que concluir m^{to} depressa o trabalho p. sahir durante a Exposição. O comissariado era q.^{m} custeava a despeza de impressão, sem o q̃ não se poderia fazer a edição. Agora, que o Garnier está disposto a fazer 2^{a}. edição, poder-se-ha fazer melhor — eliminar alguns e avolumar a parte de outros, mais importantes: Alencar, Aluizio Azevedo, Alb.^{o} de Oliveira, Sylvio Romero, entre outros, reclamão m^{to} mais do que lhes foi attribuido.

Não deixe de mandar-me o livro de *Apologos* que ha pouco publicou (é uma feição mais do seu espirito que preciso conhecer) e os *Barbaros,* q.^{do} sahir o livro. Que lhe disse o tal viennense q̃ queria traduzir o "Sertão", de q̃ me fallou em sua ultima carta? Não o conheço. O Gilesmin conheço de citação não sei q^{m} seja.

Desejaria exprimir-lhe um desejo, talvez immodesto — o q̃ faço porq̃ sei q̃ o Theatro Municipal está um tanto sob a sua egide. Gostaria de vêr representado, se fosse ao Rio, êste anno ou p. o anno, o meu "Secretario d'El Rey". Penso q̃ não é inferior a algumas cousas nossas que alli foram representadas ultimam.^{te} e estimaria, antes de fazer outra peça, a vêr o effeito dessa em scena. Não é um inédito porq̃ o Garnier a publicou, e o nosso Machado gostava da peça, q̃ revio: mas nunca foi representada, o q̃ p. uma producção theatral é o inedito. Como devo fazer, e o q̃ pode o meu caro confrade fazer a respeito? Desculpe-me si o importuno. Não é m^{to} sestro meu. Incommodo os outros pouquissimo, tenho esta convicção e esta prosapia, mas alguma vez acontecerá e sua gentileza é a maior culpada desse atrevimento.

Seu cordialm^{te}

M. O. Lima

I — 1, 3, 60

164.

Bruxellas, 25 de Junho 912.

Meu prezado confrade e amigo:

Agradeço m.^{to} a sua carta de 24 de Maio pp. Ella não é m.^{to} jubilosa e vejo de uma neurasthenia q̃ quero crêr seja m.^{s} imaginaria do que proveniente de enfermidades reaes. O peor é que se soffre

com a imaginação ou pela imaginação tanto quanto na realidade. O seu caso é, porém, de cura q̃ se me afigura facil. Todo o organismo carece de repouso, e a inteligencia ou o espirito m.s ainda do q̃ o corpo. Porq̃ não vem passar uns tempos na Europa e descançar, não esfalfar-se, como fazem erradam.te m.tos, n'um clima diverso, m.s ameno no q̃ diz respeito a calor m.s severo no que diz respeito a frio, mas por isso mesmo pela differença, util e proveitoso aos incommodos nervosos? Teria o maior prazer em vel-o por cá e conversarmos longamente.

Não lhe mando o meu voto em favor do Dr. Austregesilo, porq̃ já dispuz d'elle, e duplamente. Votarei no Dr. Ramiz Galvão, a menos q̃ o meu chefe, Dr. Lauro Müller, se apresente e me peça meu voto. N'este caso, como funccionario disciplinado, q̃ possui o sentimento da hierarchia, não deixarei de votar no meu ilustre chefe, a q.m aliás m.to admiro e aprecio.

Aprecio igualmente m.to o Dr. Austregesilo, e não ha na m.a forçada recusa sombra de prevenção contra elle.

Aliás, manda dizer-me o Medeiros e Albuquerque que a candidatura do Dr. Austregesilo fôra posta de lado e que o sñr. mesmo adherira à do Dr. Lauro Müller, a qual não vi contudo ainda officialmente annunciada. Lembro-me agora, depois de aconselhar-lhe a viagem, de q̃ em carta anterior me dissera que tencionava de facto vir em 1912. Não vejo, porém, indicios de sua vinda. N'essa carta a q̃ alludo, fazia-me um pedido, de que me estou occupando e sobre o qual espero escrever-lhe brevemente. Peço-lhe q̃, por seu lado, e sendo possivel, q̃ se não esqueça do q̃ lhe pedi.

Depois dos *Apologos,* não recebi mais livro nenhum seu. Os q̃ tencionava publicar o anno passado, não appareceram afinal ainda? Sabe quanto gosto de lel-o e dahi a reclamação. Mande-me sempre suas ordens e creia-me com a maior sympathia e apreço

seu m.to att.o confr. am.o

M. de Oliveira Lima

I — 1, 3, 61

165.

18 Nov.o 918

Meu caro amigo:

Recebi seu telegramma sobre a candidatura do Snr. Humberto Campos e recebêra o anterior, ao q.l pretendia dar resposta verbal contando regressar m.s cedo. Tenho-me porém deixado ficar por aqui,

interessado no q̃ vejo — escrevendo um volume de impressões, a ajuntar aos outros attentados literários, que venho cometendo na minha vida. Sinto m.to dizer-lhe q̃ decidi não tomar m.s parte nas votações academicas, e afastar-me mesmo da Academia, de q̃ não tenho aggrado algum. Julgo porém essa resolução favoravel à espiritual q̃ desejo impor-me d'ora avante. Sinto q̃ a lei da nossa Academia não me permite dispôr da cadeira, isto é, renunciar a ella em favor de algum candidato q̃ poderia n'esse caso ser o sñr. Humberto Campos, já que tanto a appetece. A unica coisa boa q̃ tem essa cadeira é o nome do seu patrono — Varnhagen. Creio q̃ o não excluirão como filho de allemão porq̃ nunca houve melhor brazileiro.

Não me posso conformar com vel-o fóra da Camara, depois do seu grande esforço. Creia-me sempre com a maior sympathia e apreço

seu aff.o

M. O. Lima

I — 1, 3, 62

ANTÔNIO MARIANO ALBERTO DE OLIVEIRA

166.

Meu Netto

Mando-te pelo Pedrinho o meu apertado abraço de boas-vindas, que te não vou pessoalmente dar, e á D. Gaby, por achar-se minha mulher muito afflicta com uma forte nevrite do trigemeo. Desculpa-me, e talvez até amanhã.

Teu do coração

Alberto

22-11-913

I — 1, 4, 40

167.

Coelho Netto.

Se em vez de homem, nascesses arvore e fôssem suas folhas as de teus livros, nenhuma haveria ahi mais copada nem mais formosa e nenhuma variaria mais os murmurios, desde os amorosos e idylicos até aos solemnes e tragicos.

Para tecer a folhagem de uma arvore assim, consome a Natureza toda poderosa annos e annos, pondo em contribuição no trabalho

forças da terra, do ar e do sol. Tu, desajudado de todos, de fortuna e até de saude, sósinho, em pouco mais de seis lustros, conseguiste formar essa quasi centuria de obras primas que ahi estão e a todos nos maravilham. É a tua copa triumphal, accrescida agora, com o 5.º volume de theatro, de mais 237 folhas.

Parabéns e toda a admiração de

teu velho am.º

Alberto de Oliveira

S. João de 1918.

I — 1, 4, 41

168.

Coelho Netto.

Ha muitos dias não leio, não escrevo, nada faço senão soffrer, acompanhando os soffrimentos de minha mulher. Saio obrigadamente uma ou outra vez, deixando-a por breve espaço entregue aos cuidados dos filhos e de uma de minhas irmãs. Ausente, é como se em casa estivesse, a ouvir-lhe os gemidos.

Nesta situação afflictiva recebo o conforto de tua amizade, recebendo teu novo livro — *Falando...* Antes havias-me offerecido essa maravilha, que é o teu conto *Os moleiros*. Venho agradecer-te com um abraço as duas lembranças, — com um abraço, e não com a penna, incapaz que está de redigir duas linhas.

Obrigado, meu grande e querido Netto.

Alberto de Oliveira.

13 de maio
de 1919.

I — 1, 4, 42

169.

Petropolis, 1.º de março de 1920.

Coelho Netto

No grupo escolar que o dr. Raul Veiga determinou se edificasse junto ao cedro, na Varzea de Therezopolis, além dos livros propriamente de ensino e dos de expediente, de matricula, frequencia e termos de visitas, um convém que haja e se guarde, no qual, desde Agassiz até Coelho Netto, se fale daquella arvore, formando o que a respeito do vegetal se tem publicado um dos capitulos — e que formoso capitulo! de sua biographia. Ahi, na primeira pagina, pudesse eu e faria trans-

crever em letras de ouro, com cercaduras de fino lavor, as palavras do Presidente do Estado do Rio, no telegramma que me dirigiu e que valem por edificante lição de zêlo e amor das cousas de nossa terra; viriam depois, nos mesmos caracteres, o teu artigo, o do Lima Barreto, o do Gustavo Barroso e tudo quanto disse a imprensa, propugnando a causa da conservação da arvore e da creação do grupo no terreno sobre que levanta aquella o tronco robusto e encurva os galhos gigantes. Esse livro, — album da historia de uma planta, a mais bella que ainda viram meus olhos, trabalharei por que se faça e se conserve, dando-me, entretanto, desde já por sobejamente recompensado do meu esforço, com o acto meritorio de Raul Veiga e com ver que o cedro de Therezopolis te inspirou uma das mais encantadoras paginas que tenho lido.

Teu velho e dedicado amigo

Alberto de Oliveira.

I — 1, 4, 43

170.

Prata, 14 de Fevereiro de 1926.

Coelho Netto:

Conversei com Amadeu Amaral sobre o "caso" da Academia. Amadeu confessou-se-me profundamente maguado com o que ahi se passou. O mais que a minha amizade pôde conseguir delle foi que, embora haver declarado irrevogavel a sua resolução, retirará a exoneração que se deu, desde que Medeiros e Albuquerque proceda igualmente, retirando tambem a sua renuncia. É ver agora algum dos amigos mais intimos de Medeiros para que com elle se esforce neste sentido.

Teu velho amigo

Alberto de Oliveira.

I — 1, 4, 44

171.*

Coelho Netto

O soneto é inedito, mas nada vale. Creio que ainda chegará a tempo. Olha a revisão!

Até 4.ª feira. Teu

Alberto

Petropolis.

I — 1, 6, 55

* Cartão.

ANTÔNIO PARREIRAS

172.

Meu Caro Coelho Netto.

Com grande praser eu recebi a tua carta de 20 de Setembro, que ficou, não sei quanto tempo no consulado, onde jamais vou. Foi o Severiano de Resende quem, vindo a nossa casa, me avisou, que lá, no consulado, havia uma carta de você para mim. O quadro que te dei, aqui está — elle não me pertence mais, pois não costumo a tomar o que dou, pois tenho medo de ficar corcunda. Veio para Paris, em logar de ir p.ª tua casa porque, tanto elle agradou, que resolvi fazer outro em ponto grande, para figurar na minha exposição aqui. Já comecei — e no dia que daqui partir um dos meus collegas, o que vai se dar em breve — elle levará o quadro e te o entregará — o que não vai é a moldura. Fica pois tranquilo — fia-te na minha amizade e honestidade.

Você falla-me em um concurso, para um quadro relativo a nossa independencia — e no projecto do José Bonifacio que você me diz enviar. Nada recebi — nada sei deste concurso, por isto te peço me dar todas as informações pois realmente me interessa — e se fôr realmente cousa seria eu não deixarei de concorrer, embora saiba desde já, que vou ser vencido.

O meu am.º George Normandy — critico de arte — já por diversas vezes citou teu nome em jornaes. Elle esta escrevendo sobre o Brasil e seus homens illustres em diversos jornaes — e portanto não pode deixar de fallar de ti. Manda-me um dos teus livros — *a elle dedicado* — e eu te mandarei o que elle escrever sobre voce. Elle acaba de escrever sobre Luiz de Murat, sobre o ultimo livro que elle publicou. Normandy lê o portugues e pretende traduzir alguns livros nossos.

Recommenda muito a Gaby, beija os sobrinhos e abraça bem fortemente o teu velho amº

A. Parreiras

Paris, 23 Nov. de 1917

Adresse: Ant.º Parreiras

6, Rue Duval Grase — Paris — 5e. Arrt.

I — 1, 4, 52

173.

Meu Caro Netto

Recebi a tua carta de 10 de janeiro e o projecto sobre o quadro historico e o monumento sobre a Independencia do Brasil.

O projecto do José Bonifácio não é de todo mal — realizado será — um bom precedente —.

Apenas não o acho bem claro quanto aos assumptos que me parecem mal escolhidos e por demais amplos.

Vou estudar o projecto mais calmamente e algo brevemente te direi a respeito.

Recebi os dois folhetos com o teu discurso — e amanhã devo almoçar com o Normandy e lhe entregarei aquelle que para elle é destinado e lhe perguntarei se elle recebeu o teu livro.

Quanto a "Aguada" — deixa a escada ou de esta — breve ella servirá p.ª auxiliar a pendurar o quadro, que te remetterei pelo meu sobrinho Dr. Decio Parreiras que ahi deve chegar em Maio. Lembranças a Gaby e abraça o teu velho am.º

A. Parreiras

Paris, 3 de M.ço de 1918.

I — 1, 4, 53

174.

Paris, 23 de Maio de 1918.

Meu Netto.

Pelo mesmo correio te remetto — Le Monde Latin — onde você encontrará um artigo do Normandy sobre — En guerre — do Castro Menezes.

Acredito que a leitura do artigo dar-te-ha e ao Menezes bastante prazer, como a mim me deu.

Espero agora o que Normandy vai dizer sobre o teu livro que muito e muito lhe agradou. Elle tem por ti verdadeira admiração.

Lendo o teu livro chorei de saudades da nossa terra, do sertão...

E tu, auctor de livros que cauzam admiração aos criticos de arte do velho mundo, perdes tempo em escrever artigos sobre a politica do Maranhão!... E discutes pela imprensa com verdadeiras nullidades! Onde diabo tens tu óh! meu Netto o juízo?..

Já que a tua modestia não te deixa lembrar, deixa que eu te diga — O nome de Coelho Netto ha muito que é um patrimonio nacional. Tu não tens o direito de uzal-o para discutir com politiqueiros.

Demais tu não tens razão. Não te elegendo deputado só te fizeram bem.

A sala do congresso é acanhada de mais para as aguias. Deixa-la aos papagaios.

Volta a tua meza de trabalho para a gloria de todos nós. Promettes escrever um livro sobre a politica do Maranhão!!

Não, não escreva. O assumpto é detestavel. Deixa-o para o Medeiros de Albuquerque.

Entra pelo sertão e traz de la novas esmeraldas, punhados de predras preciosas como as que contem — Trevas.

Teu irmão

Antonio

Lembranças a Gaby.

I — 1, 4, 54

175.

Paris, 6 julho de 1918

Meu caro Coelho Netto.

Ha tempos te escrevi e enviei — Le Monde Latin — p.ª a redacção da "Noite" porque não ha meio de me recordar do numero da tua casa, onde devido a esta longa ausencia, não vou ha tantos annos. Manda-me dizer se la chegaram a revista e a carta, foram ambas registradas. A revista se occupa do bello livro do Castro Menezes. Agora de novo sou obrigado a te enviar esta carta, um livro e uma revista para a redacção da "Noite" pois não tenho o teu adresse. A Revista se occupa de ti — O livro é do meu amigo Pierre Aguétant que acaba de ser premiado pela Academia (de) Franceza. Aguétant é o auctor de La Tour d'Ivoire — e do Poeme du Bugey — e de muitos outros livros bons.

Mas o que ainda mais me faz estimal-o é o interesse e a admiração que elle tem por ti, pelo Bilac e Murat. Tenho passado noites a ler com elle os teus livros. Elle pretende ir ao Brasil e eu lhe prometti a tua bôa camaradagem.

Se me queres, meu Caro Netto, prestar um grande serviço, fazer um prazer enorme escreva em diversos jornaes algumas linhas sobre o livro que te remetto. Facil te sera fazer o que te peço que tambem me auxiliara nos intuitos que tenho de estabelecer entre vocês e os escriptores franceses relações de amizade.

Manda me os jornaes registrados — e eu aqui farei a tradução do que escreveres e darei ao Aguétant.

Certo de receber pela volta do correio esses jornaes muito e muito agradecido eu te abraço fraternalmente

Teu

Antonio

Lembranças a Gaby.

I — 1, 4, 55

176.

Paris, 3 de Novembro de 1918

Netto

Recebi hoje a tua carta de 13 de setembro — o teu jornal que mandei logo ao Normandy assim como escrevi ao Aguétant sobre a entrega do livro a Academia.

Eu parto para ahi no fim deste mez ou em principios de Dbro. Já estou de passagem comprada.

O Dr. Camillo de Hollanda presidente do Est. da Parahyba que commigo tratou um quadro historico, pela importancia de 25000, francos — apesar do contracto até hoje não pagou uma só das prestações nem mesmo respondeu uma só das minhas cartas e telegrammas pedindo o pagamento. Resultado — tenho que vender as minhas joias para poder pagar o material e a moldura do quadro e comprar a minha passagem!... Enquanto se faz isto a um artista brasileiro — se manda pagar a artistas estrangeiros (em ouro) trabalhos que estão parados desde 1914! E é um patife deste que é governador de um estado — eis tu o typo comum dos politicos de nossa terra. A tua "aguada" vai commigo, pois d'aqui não partirei sem os meus trabalhos, embora até hoje só se possa embarcar com 20 K. de bagagem. Adeus Netto, lembranças a Gaby e abraça o teu sempre am.º

Antonio

Os quadros da Parahyba e do Rio Grande do Norte estão concluidos.

I — 1, 4, 56

177.

Meu Coelho Netto.

Eu tenho por habito jamais guardar cartas, mas as tuas eu sempre as guardei. Hoje, as fui procurar e em uma dellas, no alto encontrei

o teu adresse. Fiquei contentissimo, pois acabava de receber os dois livro[s] que você me enviou — Versos — e Trevas — Obrigado.

Pelo mesmo correio eu te remetto trez volumes de versos de "Aguetant" — um delles — La tour d'Ivoire — acaba de ser premiado pela Academia Française. Estes livros são offerecidos a nossa Academia — e a ti os entrego p.ª seres o portador delles — esperando que o faças de modo a ficar Aguetant satisfeito. Agora escuta. Eu estou ligado aqui a muitos homens de letras e criticos de arte. Quero que sejas aqui conhecido e honrado com teus direitos — e facil me será se você me ajudar e se fôr de teu agrado. Não faltam artigos teus escriptos sobre a nossa cara França — Alguns desses artigos, alguns livros — teus entregues por mim a "Aguetant" ou a Normandy — pª um o[u] outro entregar a Academia Francesa — (artigos traduzidos em frances — o teu discurso (batalha de l'Iser) me permitira obter pelo menos pª ti o que da Academia Brasileira puderes obter p.ª "Aguetant" — como por exemplo socio correspondente — e premio por um livro. O frances não deixa jamais de retribuir uma gentileza — e é sempre agradecido a quem rende homenagem a seus homens e a sua patria.

Porque deixal-os na ignorancia a nossa grande amizade para com França? Para que não fazel-os ler o que tu e outros com tanto amor escrevem sobre ella? — É preciso que não continuemos neste mau proceder para que não se ignore até hoje que ha 22 annos no Brazil — 14 de julho é festa nacional — cousa que só agora os Estados Unidos decretou e que tanto e tanto penhorou os francezes que julgam ser os Estados Unidos, quem tanta honra fez a França, honra esta que ha vinte e dois annos nós espontaneamente rendemos sem o menor interesse.

Não repares nesta carta — eu estou burro de um modo incrivel — imagina voce que ha trez dias que não tomo cafe e ha cinco que não fumo um cigarro. Tenho na boca uma velha piteira mas o diabo não tem fumaça — e quasi ja não tenho mesmo cheiro de fumo, mesmo assim eu só a deixo quando vou dormir. Eu não sei o que daria por um Barbacena ou mesmo um espanta filantes de grosso papel e fumo picado fedendo a barata.

Lembranças a Gaby.

Teu

Antonio

I — 1, 4, 57

178. *

10-2-904.
Petropolis 511 — 44 — 7 h.
Coelho Netto. Campinas

Beijo-lhe as mãos pelo seu telegramma de 5 e pelas muitas finezas que lhe devo pedindo-lhe me perdoe a falta de cartas minhas nem á meus filhos na Europa pude ainda escrever uma só carta desde que cheguei

Rio Branco

I — 1, 4, 84

179. *

Petropolis — 132 — 18 — 11/3 1050 h.
Coelho Netto Campinas

Nenhum fundamento noticia publicada seu candidato muito prezente na memoria breve tratarei assumpto.

Rio Branco.

[1904]

I — 1, 4, 85

180. *

Rio-Branco, já restabelecido, saúda affect.[e] e agradece o seu amavel bilhete postal de 5.

11 Abril 1907.

I — 1, 6, 64

181. *

A Coelho Netto

saúda afft.[e] o seu adm.[or] e amigo

Rio-Branco

e m.[to] lhe agradece o amavel teleg.[a] de 20 de Abril.

1907

I — 1, 6, 65

* Telegrama.
* Telegrama.
* Cartão.
* Cartão.

182.*

Caro amigo e Sr. Coelho Netto

Em vez do almoço, teremos jantar *às* 6½, porque só ás 2 ou 3 chega o Cordova. A casaca não é de rigor. Ferrero estará em traje de viagem.

Rio-Branco

I — 1, 6, 66

ARTUR PINTO DA ROCHA

183.

Porto Alegre 25 de Dezembro 1906
Meu illustre amigo

Receba os meus affectuosos cumprimentos de boas festas, com os votos que faço pelo brilhante resultado da sua tournée.

Junto encontrará com a óde impressa os dois trechos que retirei: vão elles respectivamente numerados pela ordem que deverão guardar quando apparecerem na Revista á qual a sua generosidade os destina.

Segue tambem o soneto que me pediu; se não lhe agradar atire-o ao cesto dos papeis inuteis.

Aqui fica inteiramente às suas ordens, para o que lhe [for] util ou agradavel o

confrade, amigo
e adm.dor
reconhecido

P. Alegre 25-XII-906

A. Pinto da Rocha

I — 1, 4, 86

184.

Meu distincto amigo Coelho Netto.

Pelo seu proprio punho endereçado recebi o exemplar da *Renascença* que deu a publico a *Ave-Maria*. Agradeço-lhe ambas as gentilezas, profundamente reconhecido á benevolencia que as inspirou. Aqui esteve um representante da revista, moço sympathico e delicado que teve

---

* Cartão.

a bondade de me procurar para auxilial-o no empenho de conseguir elementos para um numero especial dedicado ao Rio Grande do Sul, semelhante ao que foi publicado a respeito do Paraná. Pouco ou mesmo nada me foi dado fazer nesse sentido: a recommendação official realizou tudo quanto o seu representante podia desejar.

Prometti-lhe a minha obscura collaboração a insistentes pedidos que me fez, mas as muitas occupações da minha trabalhosa existencia impediram-me de cumprir a minha promessa, o que faço agora por intermedio do nosso commum amigo Dr Fabio Barros que é o portador d'esta e de um soneto.

Esses quatorse versos pertencem a um dialogo do *Sonho da Zaga* drama lyrico em 3 actos que conclui e vou entregar ao Eduardo Victorino em sua proxima visita a esta cidade.

O nosso amigo Alcides Maya teve a idea soberba de iniciar uma campanha em favor da inauguração de um busto em bronze de Araujo Porto Alegre, em uma praça d'esta capital. Foi bem acolhida a ideia e brevemente começará a agitação por meio de conferencias, concertos, representações theatrais, festas ao ar livre e outros processos dignos afim de se obter a importancia para acquisição do busto que foi encommendado a Teixeira Lopes.

É uma boa nova que lhe dou: venha da sua penna um alento e a promessa = de Coelho Netto e de Olavo Bilac = de estarem aqui para a festa inaugural do monumento. É a contribuição que a alma do Norte virá trazer ao pampa; a embaixada gentil da mentalidade brasileira enviada aos pés do Cantor de Colombo para sagração da sua gloria.

Aqui fica inteiramente as ordens o

adm.or amigo
e discipulo

P. Alegre, 15 de Abril 1907.

A. Pinto da Rocha

[Em fôlha anexa:]

Garças

Minha branca e serena miniatura
que eu trouxe encastoada ao pensamento
como viva e sagrada illuminura
dos antigos missaes de algum convento...

perdoa-me o travor d'esse tormento
que a vida te incrustou na desventura,
e volta para mim o firmamento
d'esses olhos tão cheios de ternura!

Quero vêr outra vez essas pupillas
puras e vivas, liriaes e francas,
frescas e doces como duas flores

e sobre as minhas essas mãos tranquillas,
como se fossem duas garças brancas
fazendo o ninho para os seus amores!

Pinto da Rocha.

I — 1, 4, 87

185.

Rio, 15 de Fevereiro 1913

Meu presadissimo amigo e illustre confrade
dr. Coelho Netto.

Releve-me a liberdade que tomo apresentando-lhe o meu velho amigo e companheiro de estudos em Coimbra, o distinctissimo jornalista portuguez dr. Joaquim Madureira, o Sarcey da imprensa de Lisboa, que muito deseja fazer-lhe uma visita e travar relações com o grande vulto das lettras brasileiras.

Serei feliz se souber que o eminente escriptor do *Inverno em flor* apertou alegremente a mão do mais sincero dos amigos de que me orgulho.

É inutil repetir que o meu querido amigo continúa a dispor sempre e inteiramente do

adm.dor am.o e
m.to grato

S. C.

Pinto da Rocha

Rua 1.º de Março 13, 2.º

I — 1, 4. 88

186.

Meu presado Mestre e amigo

Dr Coelho Netto.

Tive o descôco de encarar o sol e fiquei deslumbrado: d'ahi a obcessão que me persegue de ser immortal: — apresentei a minha candidatura á vaga de Alcindo Guanabara. Venho agora pedir ao Mestre que perdôe e ao amigo que ampare essa aspiração do meu obscuro espirito, se á sua consciencia não repugnar, naquelle templo,

a companhia de quem, por ser apenas Pinto, não devia pensar em sahir da *barde-cour*.

Á sua grande bondade entrego a sorte do meu sonho.

Do am.º, adm.dor
e obg.mo

Rio 3 de Setembro de 1918.
Rua 1º de Março 13, 2.º
Sua Casa.

A. Pinto da Rocha

I — 1, 4, 89

187.

Rio, 28 de Setembro de 1928.

Presado amigo
Coelho Netto
M.D. Ministro Plenipotenciario e
Enviado Extraordinario do
Brasil à Rep. Argentina.

Em 1906, em Porto Alegre, um impenitente romantico do Pampa teve a feliz inspiração de recitar no Theatro de S. Pedro, por occasião da grande homenagem ao Mestre, uma ode, embora modesta, exaltando as arvores e dedicada ao escriptor illustre que levava, ao extremo Sul do Brasil, os sentimentos da alma do extremo Norte: era o Maranhão que encantava o Rio-Grande do Sul, e aquelle romantico impenitente, com a psychologia da Flora das cochilhas, brindava o espirito radioso de Coelho Netto, a fronde maravilhosa das florestas tropicaes.

Hoje, que um Governo Brasileiro, vinte e dois [anos] depois, lhe fez a justiça de o incorporar ao quadro brilhante da diplomacia da Patria, para que elle represente, na Argentina, a cultura opulenta e nobre da terra de tantos talentos e genios, o velho romantico impenitente exulta com esse gesto do Itamaraty endossado pelo Catette e, com um carinhoso e apertado abraço de felicitações que lhe envia, faz votos ardentes para que seja um rosario de excelsos triumphos a missão em boa hora confiada a tão alta celebração.

Oxalá, depois dessa victoria que estou vendo nitida, ruidosa, clara e fecunda de beneficios, ao regressar áquelle pequeno Paraiso da Rua do Roso, de cujo ambiente venturoso ha sahido tanta obra-prima da arte brasileira, Deus inspire o Chefe da Nação, para que torne definitiva a missão extraordinaria de agora, de modo que o

mago das letras brasileiras, o grande estylista, o brilhante hellenista, o fecundo romancista, o glorioso maranhense possa continuar na Carreira, honrando as tradições modernas de Nabuco, Ruy Barbosa, Oliveira Lima, Magalhães Azeredo, e Fontoura Xavier e as memorias illustres de Porto Alegre, Rio Branco e Francisco Octaviano.

Acceite, meu eminente e presado amigo, e faça-me a gentileza de consentir em offerecer a Sua Exma Esposa e minha Senhora as mais effusivas saudações pela elevada distincção com que a Republica se honrou, exaltando o merito, dignificando a intelligencia recompensando um brasileiro notavel entre os mais illustres e dando á Patria o ensejo de applaudir esse gesto delicado que ennobreceu o Governo.

Repetindo o meu abraço,
subscrevo-me, como sempre
o velho admirador
e amigo

A. Pinto da Rocha.

I — 1, 4, 90

JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE SOUSA

188.*

11/2/1907

Exmo. Dr. Coelho Neto
De Quarahy A
Legação Brasileira
Montevideo.

O recado telephonico que me passastes ao partir e o acto generozo que praticastes oferecendo a caridade o producto da conferencia, são attestados eloquentes dos vossos sentimentos de altruismo grandeza dalma e superioridade de espirito, acceitae os protestos de veneração e respeito dos povos desta região austral da nossa patria. Com á segurança do meu maior apreço estima e affecto peço á deus que sempre acompanhe o eminente patricio. Carinhozo abraço

João Francisco

I — 1, 5, 25

---

* Telegrama.

189.

Caty, 3 de maio de 1907.

Exmo. Am° Snr. Dr. Coelho Netto.

Asseitai as minhas affetuozissimas saudações.

Vos escrevi em 14 março agradecendo o retrato que V.ª Ex.ª teve a gentileza de enviar-me, o que muito apreciei, e o conservo como lembrança do meu nobre prezadissimo amigo. Em 19 de março escrevi de novo enviando os photographias pedidas, tudo por Rivera via Montevideu.

Pela sua ultima carta e telegramma soube que V.ª Ex.ª não recebeu tal correspondencia, e apezar de ter reclamado da administração do Correio Uruguayo ainda não tive solução.

Agora aproveito o meu amigo Dr. Rivadavia para vos remeter esta carta com segurança. Não lhe remeto já novas photographias por não te-las promptas, o que farei logo que possa, enviando-as pelo nosso correio que tera mais demora, porem irão mais seguras.

Se V.ª Ex.ª tem pressa, pode pedir ao Senador Pinheiro Machado, um album que por elle enviei para a espozição de productos Riograndenses, no qual encontrareis as photographias que precizais.

Sua comadre Julinha sempre que brinca com a Jacy recorda-se de vós. Amalia agradece as vossas saudações e pede-vos que aprezenteis os seus cumprimentos a sua ex.ma familia.

Abraça-vos carinhozam.te o am.° dedicado, e obg.mo

João Fran.co P. de Sousa

I — 1, 5, 26

190.

Rio Grande do Sul.
Livramento 15 de junho de 1918.

Ex.mo Snr. Dr. Coelho Neto.

Estimado amigo.
Acceitai as minhas cordiais saudações.

Com pezar vi a injustiça dos politicos dominantes eliminando o distincto amigo da representação nacional. Mas o que fazer? o mundo esta povoado de ingratos!

Não seria dificil que eu com outros amigos, resolvessemos organizar aqui e no Prata, um syndicato para adquirir terras e explorar a industria agro-pecuaria no seu bello Maranhão. A criação de gado com o systema mixto: — campos naturais e cultivados, fazendo gran-

des rezervas de forragens em silos para a epoca das secas; melhoram.to das raças pela mestiçagem com as melhores especies etc., etc.; fundação de frigorificos e saladeros para preparar e exportar carnes frigorificadas, conservadas, presuntos, gorduras e todos os demais productos derivados da pecuaria etc., etc.

Pesso ao bom amigo informar-me se conhece alli umas fazendas com campos e matas nas margens do rio Iguaçú, com sahida pelo porto da Gambarra? Quem são os proprietarios de ditas fazendas? quanto pedem por ellas? que estenção tem? As terras publicas para cultura e criação quanto valem? qual o seu preço oficial? Deve existir alli uma lei de terras que estabelessa os processos usuais para a acquizição de terras publicas. Neste cazo agradecerei se me-o mandar.

Qual os preços do gado para criar: — bovino, suino, caprino, equino? Que concessões fará o governo do Maranhão a uma empreza de tal ordem? Emfim, tudo que possa interessar a estes negocios, o nobre amigo me informará.

Depois eu rezolverei ir por ahi a Maranhão.

Com muita estima e consideração sou sempre seu amigo att^{o} cr^{o} e obr^{o}

João Franco Pereira.

I — 1, 5, 27

191. *

Caty, 8

Excellentissimo Snr. Dr. Coelho Netto.
Saudações cordeães.

Depois que vossa excellencia partiu d'aqui passei o dia de hontem todo occupadissimo, attendendo serviços innadiaveis. ** Hoje de madrugada sahi para o campo, e nesse momento 10 e ½ a.m., ao chegar em casa, soube pelo telephone que os sant'Annences não vos receberam com as honras devidas ao vosso alto e incontestavel merito. A' pessôa que me relatou attribue tudo ao pouco zelo da commissão respectiva, a qual me dizem que está convencida que não andou bem, e quer d'ora emdeante emmendar o herro offerecendo-vos todas as homenagens de que sois credor. Fiquei muittissimo contrariado quando soube de tal falta, e senti não ter pessoalmente vos acompanhado ate ahi, por que então não teria havido taes faltas, já enviei aos responsaveis o meu prottesto, e hagora peço a vossa Ex.cia que os perdoe,

---

* Telegrama.

** *imabiaveis*, no original.

e que acceite com o cavalheirismo e benevolencia de vosso grande coração, as manifestações que d'ora em deante esse povo, vos aprezentar. Com que muito vossa ex.cia penhorará, ao vosso patricio amigo e admirador

João Fran.co Pereira de Souza

I — 1, 5, 28

192.*

Caty, 9

Excellentissimo Snr. Dr. Coelho Netto
Livramento
Eminente patricio e caro amigo.

Com a espressão mais pura da minha alma vos agradeço as benevolas e honrosas expressões que vossa Ex.cia acaba de derigir-me. Tudo deixa bem patente a nobreza da vossa alma e creio que tudo quanto tenho feito pela vossa pessôa não é mais que o cumprimento do dever civico alliado a grande sympathia que me inspirou o iminente literato, o grande brasileiro e nobre republicano, que temos a honra de hospedar.

Sou com o maior affecto vosso amigo e admirador

João Francisco

I — 1, 5, 29

MIGUEL COUTO

193.

7 de Abril de 1907

Meu eminente amigo

Abençoada cabeça que, reduzida á metade, ainda inspira tão bella cartinha. Agora comprehendo melhor, como integrada, ella concebe e realisa a sua obra phenomenal.

Por essa restitutio ad integrum me responsabiliso eu.

Não ingira muitos remedios. Porque não vai ao Simões Corrêa tomar umas duchas, mornas algumas e depois escossesas? Porque não faz injecções de soro nevrosthenico de Fraisse, que agora mesmo acaba de levantar um doente meu em maior abandono moral que o seu?

---

* Telegrama.

Porque não vai passar uns dous dias na Tijuca, ou Paineiras, ou Sta. Thereza? Agora reparo que a phrase sahiu interrogativa, quando a queria sentenciosa; faça isso, meu caro amigo; e começará logo a melhorar.

Até breve.

Am.º ad.or

Miguel Couto

I — 1, 2, 18

194. *

Berlim, 2 de Setembro de 1912.
Passauer-Strasse 15.

Meu caro amigo

Que ineffavel alegria ao surprehender hoje no "Berliner Tageblatt", em puro allemão — *Die Trauben* — as suas bellas *Pombas.*

Não preciso dizer que a esta lingua incivil, que a gente fala escarrando, eu prefiro o nosso português, sobretudo o seu português, que eu comparo aqui à musica de Wagner, difficil ou extranha talvez a ouvidos duros, mas, na verdade, extraordinaria de energia e sentimento.

Como fiquei orgulhoso ouvindo a professora de meus filhos, que é uma moça profundamente erudita, e versada nas literaturas francesa, inglesa e allemã, analysar as belesas das *Tauben,* e reconhecer a personalidade do seu autor.

Nossos respeitos a D. Gabi, e um abraço affectuoso do
amigo admirador

Miguel Couto.

I — 1, 6, 19

195.

19 de Setembro de 1918

Meu querido amigo

Ahi vai um optimo remedio para a sua tosse anserina — Othona tem provavelmente o seu nome tirado do de um dos cavallos do Sol, de que tratou o incomparavel Ovidio, e o conduzirá a redeas soltas

---

* Cartão.

à cura. Tome-lhe 30 gottas por vez, tres a quatro vezes por dia, em agua assucarada.

Respeitos à Senhora e abraços do

sempre amigo

Couto

I — 1, 6, 20

196.

Cabo Frio, Março, 1928.

Meu querido amigo

Para as minhas ferias de Cabo Frio, muito reduzidas este anno, trouxe o seu Canteiro de Saudades, onde nos deliciamos esta manhã em colhêr todas as suas flores.

Nunca comprehendi a perennidade dos grandes rios, por mais que os expliquem e reexpliquem os sabios. Aquellas aguas que passam como mares rolantes, e se encachoeiram e se encatadupam, entra seculo e sahe seculo, e não param, não diminuem, sempre novas, sempre outras, fazem-me crer em Deus. Só Deus! Certos cerebros donde fluem caudaes de pensamentos, sempre outros, sempre novos, e não param, não diminuem, não se consomem, sahe anno e entra anno — só Deus!

Como Lhe pagarmos em obras a dadiva de dois Amazonas?

Seu amigo

Miguel Couto.

I — 1, 5, 76

197.

Meu caro Dr. Coelho Netto.

Pretendia ir, em pessoa, amparal-o na sua asthenia grippal, com 2 dedos de prosa suggestiva; mas, sou forçado a acudir em Nictheroy, a um irmão doente. Irei logo, ou, si voltar tarde, amanhã.

Tenha paciencia o meu amigo, está vendo que Broussais se enganara, e que a grippe não é uma invenção de gente sem vintem e sem trabalho. Não lhe parece, ao contrario, um inferno inteiro?

Enq.^{to} me espera, peço-lhe tomar uma pilula das que lhe receito agora, e submetter-se a uma injecção de melharsinato (por um dos Simões Corrêa).

Amigo adm.^{dor}

Miguel Couto

I — 1, 2, 19

DOMINGOS BARBOSA

198.

1911
Novembro
9

Mestre

Deixe que lhe mande aqui toda a minha muita gratidão pela gentileza da sua carta.

Tem a reforma da Imprensa Oficial demorado um pouco os *Contos da minha terra.* Logo que sáiam do prélo, mandá-los-ei.

Quanto ao nosso querido Antonio Lobo já lhe telegrafei dizendo a rezolução que elle tomou. Diante da candidatura Oswaldo Cruz concorrerá á vaga Araripe.

Que me diz a isso?

Como me pede notícias de trabalhos meus, aí vão ellas:

— Além dos *Contos da minha terra,* tenho no prélo — *Silhuetas.* É um livro quaze íntimo, de impressões pessoais sobre vultos nossos com os quais privei. Isso além de dois, prontos: *Henriques Leal,* a sua vida e a sua obra, e *Os tipos eçaneanos,* rezenha, por ordem alfabética, dos personajens da Obra de Eça de Queiroz, e de dois romances, o primeiro em trabalho de revizão do orijinal, e o segundo quaze pronto: *O Lucas Sampaio,* e *Sinhá Limeira,* ambos naturalistas e de costumes nossos.

Sem falar da reunião, já preparada para prelo, de crónicas editadas no *Diario do Maranhão* sob a epígrafe *A esmo,* que será a do livro.

O meio, meu querido mestre e bom amigo, é que é indiferente, quaze hostil.

Editar um livro aqui é uma Africa a conquistar. Enfim, vai-se lutando e, com a ajuda de Deus, caminhando.

Tem recebido o *Diario Oficial,* depois da reforma por que o fiz passar?

É tão pouco de confiar o nosso correio...

E aqui me tem, aguardando suas ordens para, fielmente, cumprir.

Seu, sempre,

dicípulo, patr. adm.^{or} e am.

Domingos Barbosa.

I — 1, 1, 15

199.

1911
Novembro
11

Mestre

Escrevi-lhe confirmando o telegrama que passei sobre a rezolução do Antonio Lobo, o nosso querido amigo.

Acontece, porém, que o Fernando Mendes telegráfa agora o Luis Domingues insistindo para que o Lobo seja candidato. Porisso escreve elle ao Prezidente da Academia nesse sentido.

Mande-me as suas ordens.

Patr. dicipulo, adm.[or] am.

Domingos Barbosa.

I — 1, 1, 16

200.

Maranhão, 3 jan. 1918

Meu caro Henrique

Antes do mais, um abraço. E com êle, os meus mais cordiais agradecimentos, pela escolha que de mim fizeste, para te representar na inauguração da estátua do nosso João Lisbôa.

Foi, podes crer, uma glorificação em tudo á altura da glória excelsa do patrício glorificado.

Remeto-te um exemplar do folheto com que foi a solenidade comemorada pela nossa Academia. A propósito: — Não recebeste, ha tempos, um ofício meu participando-te a tua eleição, por proposta minha, para membro correspondente dela?

Recebi a tua carta, vinda pelo Celso António.

Já é dos meus melhores amigos. Poderia deixar de assim ser, sendo teu? É um artista de largo futuro e uma alma encantadora. Estamos juntos todos os dias. Farei por êle tudo quanto puder, fica certo.

Correram por aqui, vindos daí, uns boatos da tua retirada da chapa. Não creio. Tu não és um representante maranhense. És, sem lisonja, o Maranhão mental representando-se a si mesmo no Congresso.

Pela tua eleição, que julgo aliás segura, farei quanto esteja ao meu alcance. Creio que bem o sabes.

Recomenda-nos muito aos teus.

Abençôa o Henriquinho e abraça o teu,

Todo e sempre,

Domingos Barbosa.

I — 1, 1, 17

201.

Maranhão, 29 janeiro 1918

Confidencial

Caríssimo Henrique

Recebe, com os teus, os nossos mais cordiaes saudares.

Escrevi-te pelo vapor passado sobre vários assuntos, e faço-o agora, com a reserva que a minha situação partidaria exige, sobre a tua exclusão da chapa.

Para evitá-la, fiz o que podia, e que era procurar atrair para a tua candidatura as simpatias de mais de uma influência na situação dominante. De parte, pelo menos, do que nesse sentido fiz é testemunha ocular o nosso Celso Antonio.

Sabes que, se dependesse de mim, estarias na chapa.

Estou, porém, ligado por fortíssimos laços de lealdade política e de gratidão pessoal ao actual governo.

Que posso, pois, fazer por ti, nesse sentido? Afirmar-te, como te afirmo, com toda a sinceridade de que sou capaz, que se mais não faço é porque mais não posso, e que profundamente lamento a tua não reeleição.

Recomenda-nos muito á bôa Gaby e aos teus filhos.

Abençôa o Henriquinho.

Abraça o teu,

sempre,

Domingos Barboza.

I — 1, 1, 18

202.

Em 5 mço 1918

Meu caro Henrique

Informam-me agora mesmo da tua viajem hoje para o Rio.

Acamado ha três dias, com um ataque reumático, não te posso levar pessoalmente os meus votos de feliz viagem.

Abençôa o Henriquinho e abraça o

compadre e amigo

Domingos Barboza.

I — 1, 1, 19

JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO

203.

Paris, 31 de julho, 1913

Meu querido Netto

Perdoe-me vir tão rapidamente recorrer á sua amizade. Soube hontem, porém, depois que nos deixamos, que o dr. Souza Dantas, nosso consul aqui, solicitaria do Ministerio do Exterior a minha nomeação para o Consulado.

Uma palavra sua ao Lauro Müller póde talvez decidir da resolução d'este caso, com grandes probabilidades de bom exito e, sobretudo, com a urgencia que elle reclama. Porque a verdade é que eu estou morrendo de fome.

Você que me conhece, imaginará a minha situação por esta confissão, que é dolorosissima, mesmo quando feita a um amigo da sua tempera. Eis porque o encommodo para pedir-lhe que escreva ao Lauro uma carta interessando-se pela minha nomeação e pela sua urgência: minha mãe irá entregál-a pessoalmente.

Conto em absoluto com você e, por isso, permittir-me-ei passar pelo seu hotel amanhã, sexta feira, 1 de agosto, das 6 para as 6 1/4 da tarde.

Não se dê, entretanto, ao trabalho de esperar-me: deixe-me a carta no *bureau* do hotel, com a recommendação de entregarem-m'a. Mas não deixe de escrever.

Desculpando-me de novo pelo encommodo que lhe dou, peço-lhe que beije por mim a mão a Gaby e que acolha, sem restricção, o coração reconhecido do seu

José do Patrocinio, filho

5, *rue de Vintimille*
Consulat Général du Brésil
23, rue Drouot.

I — 1, 4, 58

204.

Pariz, 26 de Setembro, 1913

Meu bom e querido Netto

Agradeço-te penhorado o bilhete que tiveste a amabilidade de enviar-me, mas não o posso acceitar, porque para ir à Opera falta-me n'este momento a *toilette*.

Permitte-me, por isso, que te devolva o bilhete que poderás talvez utilisar e recebe, *quand même*, os meus melhores agradecimentos.

Não extranhes tambem que eu ainda os não tenha ido ver: ando n'um deploravel estado de espirito e faria uma bem triste visita.

Recommenda-me de todo coração a Gaby e recebe um saudoso abraço reconhecido do teu

Zéca

I — 1, 4, 59

205.

Paris, 28 de outubro, 1913.

Meu bom Henrique

Estarás zangado commigo? Estarás doente?

Ha dias já que te escrevi e não tive resposta; quatro ou cinco vezes telephonei e não estavas. De sorte que, indeciso e confuso, não ouso lá ir...

Prefiro, porém, que seja zanga a que seja molestia: se fôr zanga tenho Gaby para deffender-me, enquanto que com a molestia nada posso.

Confio, todavia, em que não seja nem uma nem outra cousa e, com o meu feroz egoismo, logo te pergunto si tiveste resposta do Lello sobre a *Rua da Amargura*. Sim ou não? Rogo-te que me respondas sinceramente o que ha, embora já imagine que a resposta foi má. Se fôra bôa, de certo já m'a terias dado, sem me fazer esperar.

Escreve-me, porém, ou telephona-me — 225-91 Central — para meu definitivo governo. Mas si queres que te appareça, escreve ou telephona — do contrario não me tornas a ver, si não na estação.

Beija por mim a mão a Gaby e recebe a fraternal *accolade* do teu pobre

Zéca

I — 1, 4, 60

206.

Paris, 27 de Novembro, 1913

Meu bom Henrique

Já deves ter recebido a esta hora a visita de minha Mãe, a quem escrevi pedindo que fosse tomar noticias de Gaby e espero em breve recebel-as bôas, graças ao repouso da viagem e aos ares patrios. Espero igualmente que esses dois tonicos tenham dissipado em ti os aborrecimentos que te envenenavam os ultimos dias que passaste n'este terrivel Paris e que estas linhas, no teu lar amigo, encontrem mais alegria que a que levam.

Que dizer-te d'aqui? Na debandada dos patricios que regressam, sinto-me mais só, depois que vocês partiram. Em roda de mim, nem mais uma só affeição sincera — mais nada. Sinto-me cada vez mais doente e mais acabrunhado. Em vão tento trabalhar, desabaffar com o papel o que me vai n'alma: não sei que me impede de escrever, cresta-me as idéas nasceturas, emperra-me a penna, trava-me a dialectica. É uma ancia terrivel, exhaustiva, cruciante!

Meu unico consolo — que é a *Rua da Amargura* — a ti o devo. O Lello respondeu-me dizendo-me que só lhe mandasse os originaes em janeiro, de sorte que passo as noites a relel-os, a endireitar aqui e acolá alguma cousa, com uma consoladora esperança. Só pelo que te devo, com isso, de assistencia moral, devia dedicar-te esse livro. Ha muito, porém, que o dedicára à Mamãe e conservei a dedicatoria. Permittir-me-ás, todavia, que inscreva o teu nome no que se lhe seguirá e de que me suggeriste o titulo: *Parisina*. Fal-o-ei da dolorosa experiencia que me ha de dar este inverno que começa annunciando-se tremendo e direi n'elle todo esse reverso que, em tão pouco tempo, observaste tão bem.

Vês? Apezar de tudo ainda faço projectos e, de escrever-te, com os olhos razos d'agua, sinto-me como que aliviado. Estas linhas vão talvez importunar-te na extraordinaria actividade da tua vida, mas — por teus filhos t'o peço — manda-me duas linhas em resposta: que não imaginas como é bom saber a gente que não está esquecido por aquelles em cuja amizade acredita.

Esta carta, porém, tem um fito; deixa-me dizer-t'o. Presinto que vou morrer e é para a hipothese da minha morte que te quero fazer um pedido. Além da *Rua da Amargura*, espero muito breve ter colleccionados outros dois livros: *Parisina*, de contos e *Vida vertiginosa*, de chronicas. Si eu morrer, esses originaes irão ter ás tuas mãos; peço-te que os leias, que os julgues, que os queimes ou que os mandes a um editor. Dedico-te a *Parisina*, dedico ao Alcindo a *Vida Vertiginosa*. É só.

Adeus meu querido Henrique. Beija por mim a mão à minha bôa irmã Gaby e abraça os teus pequenos, entre os quaes colloco tambem o nosso Alcides Maya. Escreve-me, quando poderes, duas palavras que cahirão em minh'alma como a gotta refrigerante e fecunda n'uma areia febril.

Com um[a] immensa saudade, recebe o coração do teu

José do Patrocínio, filho

23, rue Drouot
Paris

P. S. — Pede ao Alcides de minha parte que me mande o ultimo livro d'elle e dá-lhe um grande abraço no dia da recepção na Academia.

Zéca.

I — 1, 4, 61

207.

Domingo

Meu bom Henrique

Só a situação dolorosa e premente em que me encontro far-me-ia encommodar-te.

Mas tenho um compromisso grave, em que vai do meu brio, adiado durante quatro dias e irremessivel hoje. Não hesito mais e bato à tua porta, para pedir-te que me emprestes duzentos francos.

Devia ir fallar-te pessoalmente, mas estou em tal estado de abatimento que nem ouso sahir. Perdôa-me, pois, e responde-me pelo portador e desde já beija-te as mãos o

teu

Jose do Patrocínio, filho

I — 1, 4, 62

J. VIANA DA MOTA

208.

20 d'Agosto 1913
Meu prezado amigo.

Estimei muito ter noticias suas e espero ter o prazer de vel-os aqui.

Terei a maior satisfação em lhe escolher um piano de Bechstein 1/4 de cauda. O preço d'este formato (1,84 m. de comprimento) é

1750 marcos. Se lhe convier assim, peço-lhe o favor de me indicar para onde quer que o Bechstein lh'o mande.

Lembra-se que n'aquella sessão da Academia o meu amigo nos prometteu o seu "romance do Negro"? Aguçou-nos o appetite e afinal esqueceu-se da sua amavel promessa e como não sabiamos o titulo da sua obra nem a podémos comprar. Seria uma obra de caridade satisfazer-nos a curiosidade que excitou n'estes seus grandes admiradores.

Não me indica direcção em Plombières, espero que mesmo assim venha a receber esta carta.

Minha Mulher recommenda-se á sua.

Desejando-lhe bons resultados da sua cura, e sempre á sua disposição para o que quizer d'aqui,

seu am.º e admirador

J. Vianna da Motta.

I — 1, 4, 22

209.

28 Agosto 1913

Meu prezado amigo

O que me diz do seu "Rei Negro" excita a nossa curiosidade ao mais alto gráo e quem conhece o vigor das suas concepções e a belleza da sua linguagem fica esperando desde já uma obra empolgante. Muito lhe agradeço a sua promessa de me fazer enviar o seu livro e lastimo que tenha que esperar ainda tanto tempo até o conhecer.

Fui hoje ao armazem de Bechstein escolher o piano para si. Vi varios pianos do modelo mais pequeno e do modelo seguinte maior. Julgo dever recommendar-lhe o modelo maior pelas seguintes razões:

1.ª a differença de sonori[da]de é muito grande. Não se trata do *augmento* de sonoridade, mas sim da *qualidade*. O "crapaud" (modelo A) é um pouco surdo, os baixos teem pouca duração, o modelo B *canta* muito mais, tem baixos magnificos parecidos ao orgão, o som em geral é mais suave e dura mais tempo.

2. A differença do comprimento é apenas de 19 centimetros: O modelo A tem 1,m84 de comprimento, o B. tem 2,m03.

3. O modelo B. tem mais 3 notas nos agudos.

4. A differença de preço é pequena: *A* custa 1750 marcos, *B.* 2000 marcos. Sobre estes preços tem o meu amigo 2% de abatimento, assim fica-lhe o piano A por 1715, B por 1960, a differença de portanto apenas 245 marcos.

Não receie que o modelo B seja *forte* de mais para a sua sala, porque mesmo esse modelo ainda é um piano pequeno, só tem mais 19 centimetros que o crapaud. Não digo que fique mal servido com o crapaud, mas é que o crapaud afinal não faz grande differença. O modelo B faz muito mais differença do crapaud que este do vertical.

Mandei reservar de cada modelo o melhor exemplar que lá encontrei e que examinei minuciosamente podendo garantir-lhe que qualquer d'elles é um instrumento perfeito quanto a sonoridade e mecanismo. Mas o Bechstein não os póde reservar mais tempo do que até 2.ª-feira proxima, de maneira que lhe peço para me telegraphar a sua resolução. Basta uma letra: se disser A vae o crapaud, se disser B vae o modelo maior.

As despezas de transporte diz elle que não póde determinar de antemão, essas terá o meu amigo que pagar lá. O que paga agora é o importe do piano mais a caixa de zinco que custa 70 marcos para qualquer dos pianos. Logo que o meu amigo mandar o cheque ao Bechstein, este envia-lhe o recibo e despacha o piano.

Quanto a declaral-o piano usado diz o Bechstein que sente muito não poder fazel-o. Se se viesse a descobrir, nunca mais poderia mandar um piano para o Brasil. Não terá o meu amigo alguem lá que lhe possa diminuir as despezas de alfandega?

Lembra-me agora uma coisa. O consul português d'aqui parte brevemente para o Rio para onde vai como consul. É o Alberto d'Oliveira que talvez conheça como poeta. Eu estou nas melhores relações com elle e posso pedir-lhe para levar o piano como se fosse seu (d'elle). O Bechstein faria o despacho dirigido ao consul portuguez no Rio. E assim o piano entraria lá sem pagar direitos. O que não sei é se depois lá poderia passar para sua casa. Talvez o Oliveira ou o meu amigo possam saber isso. Em todo o caso amanhã fallarei já ao Oliveira n'isto. Se elle o poder fazer com certeza se prestará a isso, pois terá todo o prazer em ser agradavel ao primeiro escriptor brazileiro da actualidade. O que não sei é se os consules pertencem ao corpo diplomatico e teem entrada livre para todos os seus moveis.

Até 2.ª-feira 1 Set. espero portanto o seu telegramma.

Minha mulher recommenda-se a sua esposa assim como eu e para si envia cumprimentos admirativos o

seu am.º ded.º

J. Vianna da Motta.

I — 1, 4, 23

210.

29 d'Agosto 1913

Meu prezado amigo

Acabo de fallar com o Alberto d'Oliveira. Elle proprio não póde levar o seu piano porque a sua ida para o Rio ainda é incerta visto uma filha d'elle estar doente. Mas indicou um meio simples de fazer entrar o piano sem pagar direitos alguns: é mandal-o para qualquer legação como comprado por essa legação e a legação depois manda-o para sua casa. Se o meu amigo não tem relações com nenhum ministro estrangeiro no Rio, talvez eu lhe podesse arranjar isso por intermédio do nosso ministro Bernardino Machado. Diz o Oliveira que isso é uma coisa que se faz muitas vezes e que é perfeitamente licita. N'esse caso o Bechstein passaria aqui a conta em nome do ministro e despachava o piano para elle.

Como não ha pressa em expedir o piano, visto o meu amigo só regressar para lá em Novembro, ha tempo para o meu amigo escrever para lá e esperar-se a resposta.

Tem graça que o Oliveira ia no mesmo vapor em que o meu amigo foi para Boulogne, mas só quando elle sahiu em Southampton é que soube que o meu amigo ia no mesmo vapor por vêr o seu nome nas malas e ficou com enorme pena de não ter feito o seu conhecimento porque diz elle que tem por si "immensa admiração".

Se quizer arranjar a coisa com o Bernardino Machado, peço-lhe o favor de me dizer se lhe quer escrever directamente o seu pedido fazendo eu a sua apresentação (aliás desnecessaria) ou se quer que eu proprio faça o pedido ao Bernardino.

Estimo muito ter descoberto um meio de lhe poupar as despezas de alfandega.

Com m.os compr.os seu am.o ded.o

J. Vianna da Motta.

I — 1, 4, 24

211.

Berlim 16 Set. 1913

Meu presado amigo.

Senti muito as más notícias que me dá da sua saude. Antes tivesse vindo consultar algum dos grandes especialistas aqui que os ha excellentes.

A respeito do piano enganou-se o Alberto d'Oliveira julgando que os ministros se prestam a favores d'este genero.

O Batalha Reis (nosso ministro em S. Petersburgo) que é o mais intimo amigo do B. Machado, disse-me que não se póde pedir isso ao B. Machado porque elle decerto não o faria, visto ser uma fraude que se faria ao governo brasileiro. Lamento devéras não ter conseguido isto.

Vejo pelo seu bilhete que não se conseguindo este meio se resigna a receber o piano com alfandega e tudo, portanto dei ordem ao Bechstein para o mandar ao S. Delage.

Chegará lá antes do meu amigo.

A Casa Soermecken diz que quem vende as suas pennas em Paris é a casa *Jacoby Belmont,* mas não sabem a direcção. Decerto a poderá indagar ahi no Bottin.

Tenho muita pena de ter que renunciar ao prazer de os cumprimentar aqui. Minha mulher deu-me ha 8 dias uma segunda filhinha. Tem tudo corrido tão bem que minha mulher já se levanta desde hontem e a creança augmenta de 90 gramas por dia. Muito desejaria apresentar-lhes as nossas duas filhas. Quando será?

Minha mulher recommenda-se muito à sua assim como eu.

Seu am.º e adm.or

J. Vianna da Motta.

I — 1, 4, 25

212

Berlim 12 d'Abril 1914

Meu prezado amigo

Tive o prazer de receber dois livros seus: o rei negro e a Conquista, e estava esperando uma notícia sua com a sua morada para lhe agradecer a sua grande amabilidade e lhe dizer as minhas impressões. Por enquanto só li ainda o rei negro que me deixou esmagado. É uma obra forte, em que se desencadeam as paixões com uma vehemencia tal como a que deve ter sido a da humanidade primitiva. O meu amigo trata aqui um assumpto que a nenhum escriptor ainda se apresentou, e tratou-o com um vigor que só a poucos escriptores seria dado desenvolver. É de um folego terrivel e inexgotavel. Desde as primeiras phrases o leitor tem a impressão de se sentir entre garras de ferro que não o largam mais até á ultima palavra. Se já sempre admirava o seu estylo pregnante e plastico, n'esta obra acho que a plasticidade toma relevos de marmore e de fogo, as suas descripções são

esculpturais até ao ponto de evocarem visões quasi palpaveis, a sua linguagem é de uma certeza absoluta e uma concisão inexcedivel. E que composição, que architetura!

Sómente lhe confesso que não comprehendi alguns termos que talvez sejam formações proprias do seu paiz não usadas no nosso, ou talvez provenham do dialecto fallado pelos negros.

Agradeço-lhe de todo o coração de me ter feito conhecer este colosso. Vou agora devorar "a Conquista", com o interesse que todas as suas obras me suggerem.

Estimo muito que o piano lhe agradasse, mas lamento que o afinador já o tenha prejudicado. Effectivamente falta tanto ahi, como em Portugal, um tecnico que soubesse tratar d'esses instrumentos. Mas espero que o seu piano se restabeleça.

É possivel que para o proximo anno eu tenha o prazer de os ir visitar ahi e então me convencerei se o piano soffreu muito com as inepcias do afinador.

Minha mulher e eu recommendamo-nos muito á sua e eu sou sempre seu amigo e admirador

J. Vianna da Motta.

I — 1, 4, 26

JOSÉ OITICICA

213.

Rio 4 de Maio de 1914

Il.mo Snr. Director da Escola Dramatica
Saúdo a V. S.

Profundamente penhorado com o honroso convite que me fez V. S. para assumir a regencia da cadeira de prosodia da Escola Dramatica em substituição ao provecto professor João Ribeiro, respondo a V. S. agradecendo a confiança que em mim deposita e promptificando-me a secundar o nobre esforço de V. S. fazendo quanto em mim couber por não desmerecer de tão alta incumbencia.

Aguardando as ordens de V. S.

subscrevo-me
admirador e obrigado

José Oiticica

I — 1, 4, 35

214.

Dilstrasse 16 — III^te — 1.
Hamburgo — 1-12-29

Caro compadre — Não sei se tem recebido cartões meus. Aos numerosíssimos cartões enviados ninguém me responde e hoje recebi uma carta amarga de Sinhazinha queixando-se de não ter cartas minhas há mais de um mês, quando escrevo todas as semanas registrando as cartas. Temos aí correio ou casa de Orates?

Com as pressas da saida não pude assentar nada quanto ao pedido de seus livros para a Universidade. Rogo-lhe que escreva ao Lelo solicitando êsse presente valioso. Quero aqui uma *Coelhiana* completa e autêntica.

Minha primeira aula, na Universidade, aos alunos adiantados do *Proseminar*, que falam português, foi sôbre sua obra. Lemos um trecho do *Rei Negro*, expliquei o vocabulário, expús o assunto e terminamos as duas horas de trabalhos com um apanhado do *Rajá*, cujo tema serviu para falar nas três raças caldeadas no Brasil.

Houve enorme interêsse por essas cousas novas e desejo de conhecer sua obra. Não pude entretanto adotar, como base de estudo, o *Rei Negro*, ou outro qualquer romance seu, por não haver exemplares no mercado. Para o semestre de verão vou mandar buscar em Portugal o *Sertão*, tendo em vista a tradução já feita que pode auxiliar os ainda pouco trenados, isto é, a maioria.

Recado a minha comadre: se quer descansar o resto da vida podendo soltar o marido sem receio, venha para a Alemanha. Aqui, o brasileiro, com a flama tropical no sangue, tem ímpetos de investir para as louras, embora de pé grande. Sorri para elas. Elas, invariàvelmente, sorriem derretidas. Êle vai-se chegando e logo percebe irritações pituitárias refreantes. Funga um pouco, espirra, porém, com a pressão das três caldeiras acesas, achega-se e fala. Ela sorri de perto e mostra uns dentes encardidos, ou postiços ou, em noventa por cento dos casos, um ou mais dentes de ouro. O desgraçado coça a cabeça, quer vastar, mas o empuxo é forte e êle rasca o alemão convidativo com erros de declinação e pronuncia jequíssima. Ainda mais delambida fica a loura, pois o brasileiro é cotado, mas, ao dizer *ja*, a *fräulein* dá um *soluço pra dentro*, de apagar todo o braseiro tropical, ainda maranhense! Não há labareda capaz de resistir á ducha dêsse ignóbil retrosoluço, a coisa mais anti-estética, mais desilusionante, mais desentusiasmadora do mundo!

Reuna agora as três cousas: cheirume, dente de ouro, soluço, e veja se há Netto inferior em santidade a qualquér S. Francisco invulnerável!

Minha comadre que se mude quanto antes.

Ainda não sentimos frio. Hoje, por exemplo, apesar da chuva, fui, ás 11 1/2 do dia, a um concerto, sem capote, pois não aguentaria o calor. Estou escrevendo às 12 1/2 da noite, de pijama, só com o quarto das meninas aquecido.

Em geral, nestas alturas, já desce o termómetro abaixo de zero. O máximo tem sido 2 graus acima de zero. Estou ansioso por ver neve.

Serviço aqui muito, sobretudo o estudo do alemão, o caso mais sério da vida. Para falar e escrever correctamente, como pretendo, é um buraco. Mas há de ir.

Tive de mudar todo o programa das conferências. Não tratarei ainda de literatura. Estou ensinando primeiro o que é o Brasil de que não se tem aqui nenhuma idéa. Felizmente as quatro já feitas obtiveram êxito completo. O auditório alemão vai aumentando e, quando eu poder dispôr de projecções luminosas, melhor será.

Rogo-lhe que me envie os verbetes até hoje prontos do dicionário. Estou às ordens caso precisem de mim para alguma consulta ou informação lexicográfica. Não poderia a Academia mandar um exemplar da sua revista com a colecção já publicada para a biblioteca do Seminário? Poderia mesmo trocar com a revista do nosso seminário (Volkstum und Kultur der Romanen-Sprache, Dichtung, Litte), de que já saíram dois números interessantes, sobretudo pelo estudo do dr. Kruger sobre nomes populares na Espanha e Portugal.

Um apertado abraço na comadre e na filhotada, com as saudades do am.º obr.

Jose Oiticica.

I — 1, 4, 36

215.

Hamburgo — 16-8-30.

Caro compadre

Não sei se receberam os dois cartões postais, escritos a lápis, em Colónia, diante da catedral. Não podemos ter confiança no nosso correio, *bagunça* igual à grande *bagunça* brasileira! Sòmente na estranja pode a gente avaliar bem quão desageitada vai a gangorra ordinaríssima do Brasil: cámbio miserável; três návios do Lloyd, aqui, sob corrente judicial, para garantia de 100.000 libras, quanto já deve essa

companhia de malucos ou larápios aos estaleiros e fornecedores hamburgueses; passeios ridículos de S. Ex., o futuro, com grande comitiva e gastos correspondentes; assassínios políticos; vida caríssima, e o mais, tudo concorrendo para nossa crescente desmoralização.

Meu pessoal aqui chegou com as seis cabeças femininas. Fomos, eu, Dulce e Sónia, recebê-las ao Havre sorpreendendo-as muito. Minha intenção era passar o resto do mês de agosto em Paris. Para lá fôra eu, em princípios, a completar minhas memórias ao Congresso de Americanistas, em setembro.

Infelizmente, vários motivos, inclusive doença de Vanda, impediram o desembarque de Sinhazinha e, deixando Dulce e Sónia a bordo, voltei por terra, demorando-me apenas cinco dias em Paris, onde mal pude consultar os livros mais indispensáveis.

Disse-me Sinhazinha que o ministro Mangabeira se queixou do meu silêncio e está sem saber que faço aqui. Sinal sòmente da moxinifada brasileira. Escrevi-lhe, dois meses depois de aqui chegar, um longo relatório, expondo um programa vasto de acção para propaganda de nossa língua, literatura, música, pintura, etc. Pedia-lhe intercedesse junto às repartições públicas para me enviarem material informativo sôbre toda a nossa actividade. Propunha-lhe um negócio arranjado por mim com a casa Böhm afim de vir a uma grande excursão artística (32 concertos nas maiores cidades da Europa) o *trio brasileiro* (aqui não tocam melhor que êles). O govêrno apenas arriscaria uns 25 contos, que, se fossem bem sucedidos os artistas, reverteriam para o Tesouro. Sua Exc., disse-me o Falcão, recebeu a carta e entregou-a, creio que sem ler, ao Ronald. De tudo não tive a menór resposta e fiquei com cara de asno perante o gerente da casa Böhm que aguardava solução. Soube, entretanto, que, tendo o *trio* comparecido ao Itamarati, lhes dissera o ministro: "Os snrs. vão ganhar dinheiro na Europa e ainda querem auxílio!" Ora, na carta avisara eu ser quási certo algum *deficit* por virem êles em fins de estação, por serem desconhecidos e, ainda mais, brasileiros, isto é, semi-selvagens. Mas a garantia do governo viria abrir o Sesamo alemão aos artistas brasileiros! Citei o exemplo da Belgica e o do Chile com o agora célebre pianista chileno Claudio Arrau, cujos primeiros concertos foram garantidos pelo govêrno e agora tem as casas abarrotadas.

Tudo prova, pois, que S. Ex. não leu a carta. Não deu o auxílio ao trio porém mandou para a Alemanha com formidável ajuda de custo (tão grande que lhe permitiu fazer um seguro de cem contos) e ordenado principesco, ao snr. Raul Campos, oficial do ministério, para *propaganda* do Brasil. Êsse homem, beberrão inveterado, envergonhou os brasileiros no Cap Arcona e só foi mandado para a Alemanha,

explicou-me o Falcão, porque fazia *meetings* contra o govêrno em palácio! Alcoolatra e femeeiro aqui morreu; o govêrno (ministério do exterior) pagou-lhe as enormes contas, gastando, só no embalsamamento e transporte, mais de 60 contos.

Aqui aportam, todo mês, médicos e engenheiros em comissão. Um confessou-me que só veio para tratar da filha tuberculosa e por sugestão do seu ministro; outro anda pela Palestina trocando pernas e me confessou também sua cavação. E é isso o Brasil.

Para as minhas conferências tive de arranjar-me como pude aproveitando material daqui e o que me remeteram o Roquete e o Falcão.

Em abril escrevi outra carta a S. Ex. pedindo me nomeasse representante do Brasil ao Congresso de Americanistas, expondo quanto pretendo fazer. O govêrno não gastaria um vintém. Para mim seria outra coisa apresentar-me como enviado de um país sulamericano, e, esperando fazer figura, reverteria tudo em nosso favor. Insisti, na carta, que me dessem resposta afirmativa ou negativa para meu govêrno. Até hoje não mereci o mais insignificante cartão!

Sinto-me, assim, inteiramente descorçoado e suponho importuníssimos quaisquer informações ou pedidos.

Vou fazendo propaganda nossa como posso, em conferências na União Brasileira e, agora que tomei casa, em reuniões três vezes por semana para os alemães que desejem praticar o português. Eu, Sinhazinha, as meninas e outros amigos brasileiros vamos manter essas reuniões, satisfazendo a uma necessidade premente dos estudantes que aprendem a teoria, lêm, escrevem, mas não podem falar por não terem onde.

Vou reinsistir na vinda do *trio*, êste inverno. Não sei com qual ministro. Aconselharei ao *trio* que se vá entender com o novo papai grande. Se me não quiserem ouvir, fecharei o bico, pedindo apenas que me deixem ficar aqui, onde não há João Ribeiros, nem piolhos dessa marca, onde se estuda de verdade e onde se prezam os estudiosos! Para isso, rogo todo o seu valioso préstimo de amigo.

Esta carta é reservadíssima. Se estivér com o ministro pode dizerlhe o que convém e certificá-lo de que cumpro aqui estrictamente o meu dever e a minha promessa de trabalhar. Tenho vasto programa que vou realizando e melhór desenvolverei quando manejar com segurança o alemão (trabalho de Titães!).

Quando se lembrarão os doidos dessa terra de canalizarem com proveito os dinheiros esbanjados em favores e sinecuras? Há tanto que fazer!

Não leve a mal êste espiche; recomende-me à comadre, ao Pedrinho, á filharada e creia na gratidão e saudade do seu de sempre

comp. e amigo

José

Novo enderêço:
Isestrasse 79-I-1.
(bei Wiesener)

I — 1, 4, 37

216.

Hamburgo — 6-11-30
Carissimo compadre

Sãos e salvos, V. e os seus, da bernarda antibernardista vencedora, não? Emquanto o Brasil viva os triunfadores, oxalá trabalhem êles sinceramente pelo progresso material e mental dessa tão mal servida grande terra.

Mudadas profundamente as coisas lá, não sei que vai ser de mim aqui, embora revolucionário de quatro costados. Quererá o novo govêrno manter o curso de português aqui? Como tenho contracto com a universidade até março, penso que, pelo menos até êste fim de semestre, aqui devo ficar.

Peço-lhe, pois, mais uma grande maçada que V. suportará estoicamente como sempre: a de procurar o ministro do exterior (Mello Franco?) e expôr-lhe o meu caso (fui *convidado* pela U. de Hamburgo para reger a cadeira de português; o govêrno extincto aceitou o convite e me enviou *em comissão* com ordenado mensal de 600 £ que me tem sido pagas adiantadamente, de modo que já receberei em 1.º de dezembro o último ordenado dêste ano). Sendo assim, é de toda importância decidir o ministério, quanto antes: 1.º) se quer continuar a manter um professor brasileiro na regência da cadeira de português aqui; 2.º) se não, decidir se devo ficar só até março para não assinar novo contracto; 3.º) mandar *em dezembro* ordem á *Tesouraria em Londres* que ponha essas 600 libras mensais *de 1.º de janeiro* em diante à disposição do consulado de Hamburgo. Caso o não façam, minha situação será dura. A vida aqui corre monótona, minha gente com muito frio prague ja que não querem ficar aqui!!! A vida encarece rapidamente com o plano Young; a crise é formidável!

Queremos notícias da comadre e dos mais.

Um grande e muito grato abraço do seu

José.

I — 1, 4, 38

217.

Meu caro Coelho Netto

Consegui saber que o Governo, o admiravel governo do nosso desgraçado país, decretou a promoção em massa dos alunos matriculados e ouvintes de todos os ginásios do Brasil. Insultado, caluniado, encarcerado, acusado das mais hediondas intenções, até a de estuprador, tenho a energia suficiente para protestar, com todas as forças, contra esse vilipendio, essa vergonha, essa dissolução. O governo do meu país vendendo exames a dez mil reis!!! Não lhe parece uma nova simonia?

E são êles os patriotas e eu o eversor da sociedade brasileira. Faze que este meu protesto seja publicado de qualquer forma, protesto de um exaltado amante da sua terra, que a vê desmantelada, abismada, pela inconciencia e pela irresponsabilidade.

Teu

J. Oiticica

I — 1, 4, 39

GEORGES NORMANDY

218.

5 Nov 1918

Mon cher et illustre confrère,

Notre grand Antonio Parreiras m'a fait parvenir le numéro de l'excellent *Jornal do Commercio* contenant la traduction des quelques lignes que j'ai voulu consacrer au magnifique *En Guerre!* de Castro Menezes.

Ce n'est pas la première fois que vos belles gazettes me font l'honneur d'imprimer mom nom, — mais le plaisir que j'éprouve à sentir que, par delà les Grandes-Eaux, vos sympathies répondent chaleureusement aux nôtres — qui sont ardentes (et que nous propageons dans notre élite et notre peuple) est toujours aussi profond.

C'est à vous, cette fois, que je dois la joie d'être en contact avec nos frères brésiliens. Soyez remercié, sans phrases mais du fond du coeur et sachez qui si le Brésil a en moi un admirateur et un partisan, Coelho Netto a en Normandy non seulement un admirateur et un partisan, mais um *ami* bien sincèrement devoué.

Cela s'écrit. Cela se prouve aussi: Cela sera prouvé en toute occasion.

Il est probable d'ailleurs, que je ferai appel, — dès que j'aurai cessé, la guerre finie, de porter l'uniforme, — à votre précieux concours pour mener à bien les divers projets d'union franco-brésilienne que je muris depuis longtemps — En ce qui vous concerne je ne serai content que lorsque j'aurai fait publier en France l'integralité de votre oeuvre — et j'écrirai le Préface du 1.er volume de la série, si cela vous convient.

Attendons que la paix soit conclue: cela ne tardera plus guère — et pour l'heure il me faut contenter de songer à mes actes de demain à coté de ma bibliotheque où la section des ouvrages ralatifs au Brésil s'augmente tous les jours — en augmentant mon affection et mon admiration pour votre patrie.

Mais l'heure passe... Je n'ai pas le loisir de relire ce mot griffonné à la hâte. Pardonnez-moi de style du grimoire et ne voyez en lui qu' un temoignage d'affection — et d'admiration sans réserve.

Mes sentiments cordiaux

Georges Normandy

Pied-à-terre à Paris: 51, rue de Rocher (8.e arrt.)

I — 1, 4, 31

219.

Paris, le 12 Mars 1919

Mon cher et illustre Confrère

J'ai reçu avec le plus vif plaisir votre vibrante lettre du 10 de Janeiro et le très agréable *Jardins de Heloïsa* de Castro Menezes. Je regrette d'être trop surmené pour pouvoir vous écrire aussi longuement que je le voudrais; vous me pardonnerez et vous lisez, entre ces lignes rapides, toute l' affection et toute l' admiration que j'ai pour vous. Oui, nous avons vécu des heures magnifiques. Le cauchemar s'est achevé en apotheose. Le sang qui baigna notre terre s'est élevé dans les nues.

Maintenant, Paris reste grave, après s'être abandonné 15 jours à la joie. Nous ne voulons pas, en effet, être *vaincu par notre propre victoire* — et il en sérait aussi si la Conférence du Quai D'Orsay ne mettait pas assez complètement l'envahisseur séculaire (il nous envahissait en 1914 pour la 33.e fois, depuis les origines!) hors d'état de recommencer.

En ce qui concerne le Brésil, vous avez pu voir quelle place lui a été réservée à la Conférence. Je l'écrivais l'autre jour (à Parreiras, je crois): "Vous êtes pour l'Amérique du Sud ce que les U.S.A. sont

à nos yeux dans l'Amérique du Nord." Votre gloire et votre prospérité ne peuvent que croître — et vous avez en France des amis indépendants, tels que moi, qui ne se lasseront jamais de vous faire admirer et aimer.

Que devient Parreiras? Il est très silencieux — ou les paquebots sont bien rares! Je lui disais, dans une lettre récente, tout le regret que manifestait notre élite en apprenant la mort de votre grand Olavo Bilac. Son nom ne mourra pas.

Je vois en tête du Jardins de Heloïsa l'*ex-libris* de Castro Menezes. Et cela me donne l'idée de faire un travail *d'ensemble* sur les *ex-libris brésiliens*. Je viens de voir à ce propos le Directeur de la *Revue Internationale de l'Ex-libris* (à laquelle je collabore) et *c'est entendu. Il publiera mon travail. Je viens donc vous demander à vous, à vos collègues de l'Académie Brésilienne, à Parreiras, à Castro Menezes et à tous les bibliophiles du Brésil de m'envoyer leur ex--libris — et des notes explicatives* (intentions et symboles, génealogie du bibliophile etc.) Je compte faire quelque chose d'assez complet et chanter, à ce propos, la gloire de votre pays — ce que "portera" beaucoup sur nos lecteurs de Belgique, de Suède, d'Italie, de Suisse... et de France.

Cela, en attendant mon grand ouvrage sur le Brésil que j'ai décidé la *Société des Editions Louis-Michaud* (à Paris) à éditer. J'ai écrit, à ce propos, à Antonio Parreiras — mais ce prodigieux artiste doit être prodigieusement surmené puisqu'il oublie Normandy lui-même!

Enfin, une question m'est posée. Vous m'obligeriez en y répondant *si vous le pouvez*. Un individu, nommé Rodert ou Röder, est à Paris. Il se donne comme ancien *Dr. de la Bibliothèque Nationale de Rio*. Cela semble étrange à la personne qui me pose la question. *De vous à moi*, et *en toute discrétion, ce personnage a-t-il occupée la situation indiquée? Et l'a-t-il occupée dignement?* Les Français, victimes de leur générosité, sont devenus, depuis la guerre, un peu plus méfiants. (Pour combien de temps?)

Je vous remercie d'avance et je vous serre bien cordialement la main.

Georges Normandy

Georges NORMANDY

51, Rue du Rocher, PARIS — 8e

I — 1, 4, 32

220.

Paris, le 5 Juillet 1920
Mon cher Confrère

J'ai le plaisir de vous apprendre que, sur ma proposition, le *Comité de la Société des Poètes français* vous à décerné le titre de membre correspondant — en même temps qu'au critique Gérard Walch d'Amsterdam.

Je suis très heureux que cette décision — qui honore autant notre Compagnie que le grand ami de la France qui en est l' objet — coincide avec l'apparition de votre *Macambira* (qui est parti pour obtenir un succès plus grand, chez nous, que le *Chanaan* de G. A.)

Parreiras doit me croire mort car je ne l'ai pas vu et ne lui ai pas écrit depuis longtemps. Mais mon installation à Beurville et les difficultés de main-d'oeuvre *terribles* qui sont les conséquences de la guerre ne me laissent aucun loisir.

Dès que je serai tout à fait installé je reprendrai ma correspondance avec le plus grand peintre brésilien vivant.

Que le plus grand romancier brésilien vivant, lui, me pardonne ma brièveté! Et qu'il partage ma joie de le voir honoré à Paris un peu — *en attendant mieux.*

Je vous serre la main très affectueusement.

Georges Normandy

Chateau de Beurville par Chateauvillain (Haute Marne)

P. S. — Vous serez avisé officiellement de la décision du Comité. — Et L'Academie Brésilienne, pense-t-elle un peu, elle aussi, aux écrivains français amis du grand Brésil?

GN.

I — 1, 4, 33

221.

Le 25 Septembre 1926
Mon cher Confrère et ami

Il y a une éternité que je suis sans nouvelle de vous — et aussi de Parreiras. Son neveu Decio m'a écrit deux fois l'an dernier — *mais d'Antonio rien!!*

Il n'a pas répondu à une lettre de moi... et vous non plus: je vous demandais votre *ex-libris* pour le faire reproduire dans une étude de cette spécialité artistique qui à paru, à Paris, dans *l' A. B. C.* magazine d'art.

Aujourd'hui je recommande ma lettre pour être sur qu' elle vous parviendra.

J'espère que vous me renseignerez sur Antonio Parreiras: aurait-il péri dans cette explosion de poudrière, je crois, qui eut lieu il y a... longtemps dejà à Nichteroy? Je ne le crois pas.

Avez-vous publié de nouveaux livres? Et Castro Menezes? Et tous ces beaux écrivains de ce Brésil que je préfère toujours à toutes les autres républiques de L'Amérique Latine?

Le but principal de cette lettre-ci est de vous apprendre qui avant-hier, au cours d'un entretien avec mon ami l' écrivain américain-européen Ventura Garcia Calderón (qui dirige à Paris la Librairie Excelsior) j'ai eu l'occasion de citer votre nom comme celui du plus *franchement brésilien des écrivains du Brésil*. C'est mon avis, car Graça Aranha s'est fortement *internationalisé* dans les ambassades.

Calderon va inaugurer une nouvelle collection d'ouvrages français, italiens, spagnols, et américains sur le titre général *Les Cahiers Latins*. Il s'est décidé tout de suite à donner dans quelques mois, *une oeuvre de vous* et m'a démandé de présenter l'oeuvre et l'auteur dans une *préface* un peu sérieuse. Je l'écrirai avec grand plaisir.

Les trois premier[s] ouvrages de la collection vont paraître. Ce-sont *les lettres de Jean Lorrais à sa mère* (avec un préface de moi); un *inédit de Claudel* et le *Journal inédit de Pierre Louys*.

Si l'idée de Calderon vous plait, un mot et je la préciserai avec lui et avec vous.

Mes sentiments affectueux *en attendant la longue lettre que j'espère de vous*

Georges Normandy

Adresse: *Brie-Comte-Robert*
France (*Seine-et-Marne*)
Et si Antonio Parreiras est à Rio, *grondez-le* de ma part.
S'il est à Paris je le ferai moi-même — *et vigoureusement!*

GN.

I — 1, 4, 34

222. *

Brie-Comte Robert
(Seine et Marne) le 23 Mars 1927

Mon cher ami, les agences me communiquent un aimable article *sans signature* paru dans *O Patria* (du 23 Janvier 1927): *A loucura*

---

* Cartão postal.

de Guy de Maupassant. Cet article est-il de vous? Si oui je tiens à vous dire *merci* de tout coeur. Sinon, à qui le dois-je? Je reprondrai à votre bonne lettre dès que Calderon m'aura fixé pour les *Cahiers Latins* devant comprendre une de vos oeuvres. Que devient Parreiras? De vos nouvelles à vous et de votre pays que j'aime comme une autre France.

Tout votre

Georges Normandy

Vous aurez bientôt un livre nouveau de moi.

G. N.

I — 1, 6, 53

SÍLVIO JÚLIO DE ALBUQUERQUE LIMA

223.

Grande e ilustre mestre Sr. Dr. Coêlho Neto.

Respeitosas saudações.

Embora não mantenha V. Ex. relações amistosas comigo, tomo a liberdade, como homenagem a seus méritos, de lhe comunicar que me inscreví candidato á Academía de Letras na vaga de Alberto Faria. Acredito que V. Ex., que me conhece o caráter, saberá ver nesta noticia o desejo que tenho de lhe mostrar que, acima de quaesquer divergência pessoaes, invariavelmente coloco a justiça. Agora mesmo aparece um tomo de ensaios, "Penhascos", e nele ha um capítulo de sincero elogío a suas qualidades superiores. Dentro de cinco ou oito dias o receberá, para comprovar o que lhe afirmo.

V. Ex. vae ser juiz. A eleição é disputadíssima. Creio que não lhe são extranhos meus livros "Pampa", "Estudos hispano-americanos", "Apostólicamente", "Idéas e combates" e "Fundamentos da poesía brasileira". V. Ex. já os elogiou oralmente e por escrito em duas dedicatorias que me fez em 1926 e 1927. Remeter-lhe-ei amanhã "Cérebro e coração de Bolívar". Consinta V. Ex. que lhe suplique leia e analize este volume. É favôr que agradecerei.

Os nossos caríssimos Gregorio da Fonseca e Alcides Maia talvez hajam tratado com V. Ex. de minha pretensão de ser académico. V. Ex. agirá com independencia. Si me nobilitar com um voto, rogo-lhe que mo dê no 4.º escrutinio.

Disponha V. Ex. do discípulo que o admira e respeita,

Silvio Julio de Albuquerque Lima

S. C. Rio de Janeiro. Tijuca. Clovis Bevilaqua 41.
Tel.: 8-0652 ou 4-4418.
(17-2-1932)

I — 1, 3, 63

224.

Meu inesquecível e grande mestre Coêlho Neto.

Deus lhe dê vida e paz, já que, por seus ocultos desígnios, lhe tirou em sua nobre e digna Esposa toda a felicidade que o acompanhava aquí na terra. V. Ex. sabe que posso avaliar de sua incuravel melancolía, pois a vontade do Onipotente tambem me levou a criatura que neste mundo era para mím tudo, tudo.

Afastado, por motivos ocasionais e alheios a nosso livre arbítrio, do convívio intelectual e social de V. Ex., é lógico que me sinta agora algo constrangido ao lhe rogar licença para escrever-lhe. Veja V. Ex. na minha deliberação homenagem a seus indiscutíveis méritos de cavalheiro e de escritor. Não desejo regressar-lhe á presença com recomendações de terceiros, nem processos indiretos. V. Ex. não gostaría que eu lançasse mão de processos indirectos, nem de recomendações de terceiros. É indispensavel que lhe comuníque que me inscreví candidato á Academía de Letras na vaga de Alberto Faría. V. Ex. tem o dever de me julgar e a todos os outros concorrentes. Sua sentença decidirá da sorte dos varios literatos que disputam esse posto. Logo, — que meio mais honesto para colocar-me sob o peso de seu inapelavel voto? Creio que nenhum. O menos impróprio parece-me o de entregar-lhe meus livros e a justiça de minha causa. É o que faço.

V. Ex. envelheceu trabalhando. Seu nome é orgulho de nossa literatura. Acredito que V. Ex. não o queira manchar, cometendo atos que não são louvaveis em varão de barba. Sua posição de juiz o eleva aos olhos de todos, e não concebo que V. Ex. se desvíe do caminho da lei, da equidade, da pureza moral. Confío-lhe minha candidatura, e o êxito da mesma está ao fío de seu criterio.

Compare, por favôr, meus livros e os de meus respeitados rivais. De acordo com sua consciencia, independente de quaisquer insinuações, opíne. O que V. Ex. resolver, bem estará. Eu não ousarei discutir-lhe a sentença, nem atribuí-la sinão a seu bom e alto senso de justiça.

Si V. Ex., depois de reler "Pampa", "Estudos hispano-americanos", "Apostólicamente", "Idéas e combates", "Fundamentos da poesía brasileira", "Cérebro e coração de Bolívar", etc. me acha merece-

dor de um sufragio na eleição de Abríl, conto que mo conceda no quarto escrutínio, que é o derradeiro e ninguem quer. Agradecer-lhe-ei eternamente a benevolencia.

Ignoro qual o fim da peleja. Vencerei ou não? Depende da altivez e da capacidade dos srs. acadêmicos. Eles decidirão, como homens...

Si pereo, manibus hominum periisse juvabit.

(Virgilius, Aeneis, lib. III)

Terminei a correção das provas do meu livro "Penhascos". Nele ha um longo estudo a seu respeito, sereno e imparcial. Digo que V. Ex. é o prosador que cria a lingua, e não o que a repete e rumina. Quanto á personalidade, provo que a sua é complexa e encantadora. Pretendo mandar-lhe, antes do surgimento dos meus "Penhascos", essas páginas de franca admiração.

Disponha do leal e firme discípulo, que o aplaude, e a.s.m.

Silvio Julio de Albuquerque Lima

Rio de Janeiro. Tijuca. Clovis Bevilaqua 41.
8-0652 e 4-4418.
(28 de Março de 1932)

I — 1, 3, 64

225.

Grande, querido e respeitado mestre.
Saudações.

Afirmou-me o nosso bom e dígno Alcides Maia que V. Ex., no 4.º escrutínio da eleição de 7 de Abríl, votou em mim. Isto me orgulha. Isto me eleva. Isto será motivo justo de satisfação e vaidade, porque seu prestígio e seu imenso talento bastam para nobilitar qualquer discípulo.

Obrigado. Creia que minha admiração comprovada por V. Ex. aumentou e se solidificou.

Venho suplicar-lhe a fineza de me permitir que lhe fale sobre o novo pleito. V. Ex. póde amparar-me. Sua generosidade não me abandonará. Solicito-lhe o favôr de me auxiliar no 1.º escrutínio e no 2.º É indispensavel. Eu saberei mostrar-me grato a sua alta benevolencia.

Escritor, V. Ex. com certeza não concordará com candidaturas de mediocres políticos, e seu voto concorrerá para a vitoria dos literatos de verdade.

Disponha V. Ex. do discípulo, admirador e sincero confrade,

Silvio Julio

Rio de Janeiro. 17 de Abril de 1932.
(8-0652 e 4-4418)

I — 1, 3, 65

226.

Illustre amigo e mestre.
Respeitosas saudações.

Tomo a liberdade de remetter-lhe o meu ultimo livrinho. Peço-lhe a fineza de o acceitar como humilde homenagem á sua cultura, a seu talento e á sua altivez.

Acabo de ler sua nomeiação para a banca de literatura da Escola Normal. Este facto em nada influe sobre a enviatura de meu trabalho, pois nunca o deixaria de mandar a quem tanto acato. Antes já lhe levára á casa os "Estudos hispano-americanos", o "Apostolicamente" e as "Idéas e combates".

De qualquer sorte, sua presença na mesa conforta e me anima, que, salvo ella e a de Antenor Nascentes, e de outros parece um sonho. Baste-me que lhe afirme jurar por todos os santos conhecer, seguramente, os votos dos Snrs. Nestor e Lima. Não os darei por suspeitos. Acho que ambos tinham o dever de afastar-se espontaneamente.

Satisfar-me-ei com o meu comparecimento ao tribunal, disposto a debater com os Snrs. Nestor e Lima a minha these.

Eu os conheço bem e não ignoro que a cadeira me virá ás mãos.

Desculpe que me estenda a tal respeito.

O maldito temperamento a isto me arrasta.

Do discipulo que o cumprimenta e applaude

Sylvio Julio

I — 1, 3, 66

EUCLIDES RODRIGUES DA CUNHA

227.

Lorena — 10-9-903
Coelho Netto,

O vento sul que ahi está destoucando as roseiras de Campinas, sacode neste momento as palmeiras imperiaes da minha melancholica Lorena... e é uma lufada apenas, um fragmento do sudoeste bravo que a estas horas se estira e tumultua precipitado nas planuras dos pampas e dos chacos!.. O diabo é que elle tambem me bate nos nervos; e aqui estou doente — a vibrar, a vibrar atôa como aquellas harpas da gongorica peroração de Mont'Alverne. Isto não me impede, porem, de te responder logo — ainda que o faça impellido por um interesse. De facto, sendo a eleição da Academia no dia 15 (disse-me

isto Machado de Assis q.do estive no Rio) temo que alguns immortaes não votem, distrahidos pelos acontecimentos; e como não me ficaria bem lembrar-lhes tal coisa, peço-te que escrevas a respeito aos que te forem mais intimos. Estou longe, a braços com esta profissão, e a minha candidatura ainda pode sossobrar. Mando-te a lista dos votos com que conto com absoluta segurança: O teu, e os do Lucio, Salvador, Araripe, Machado, Rio Branco, Af. Celso, Ing. Sousa, Silva Ramos, Arthur, Verissimo, J. Ribeiro, Garcia, Filinto, Raymundo, Murat e Arinos (se tomar posse).

Já vês que ha, desgraçadamente, nesta carta um movel egoistico. Contingencia humana...

Adeus; até breve. Recommenda-nos a todos os teus. Abraço-te fraternalmente

Euclydes da Cunha

I — 1, 2, 21

228.

Manaos — 10-3-905
Coelho Netto,

quando fui hoje ao correio para assistir a abertura da mala do "Gonçalves Dias" levava a preoccupação absorvente de encontrar cartas de casa — porque vai para dous meses que não as recebo. Nem uma!.. Mas (temperamento singular o meu, feito para todas as dôres e para todas as alegrias!) recebi toda garrida, embora vestida de preto, a tua carta gentilissima. E foi como uma janella que se abrisse de repente no quarto de um doente... Obrigado, meu esplendido companheiro de armas! Jamais avaliarás os resultados da tua verve tumultuaria neste meu tedio lugubre de Manaos. Manaos — ha uma onomatopeia complicada e sinistra nesta palavra — feita do toar melancholico dos borés e da tristeza incuravel do Barbaro. Não te direi os dias que aqui passo, a aguardar o meu deserto, o meu deserto bravio e salvador onde pretendo entrar com os insucessos britannicos de Levingstone e a desesperança italiana de um Lara; em busca de um capitulo novo ao romance mal arranjado desta minha vida.... E eu já devia estar dominando as cabeceiras do rio mysterioso, exhausto nos primeiros boléos dos Andes ondulados. Mas, que queres? Manietaram-nos aqui as malhas da nossa administração indecifrável — e só a 19 ou 20 destes receberemos as instrucções que nos facultarão a partida. Imagina, se puderes as minhas impaciencias! Esta Manaos, rasgada em avenidas largas e longas, pelas audacias do Pensador, faz-me o effeito de um quartinho estreito — Vivo sem ar e sem luz, meio afogado e num eston-

teamento. Nada te direi da terra e da gente. Depois, ahi, e num livro, "Um paraiso perdido", onde procurarei vingar a Hilae maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o seculo XVII. Que tarefa, e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas emmaranhadas e tragicas....

Vamos a outro assumpto. Chegou tarde o teu pedido sobre a proxima eleição da Academia. Já o Verissimo me communicara a renuncia do Vicente — indicando-me o Sousa Bandeira. Mandei-lhe o meu voto pelo vapor passado. Entretanto da tua carta á delle medearam apenas 30 e poucas horas, que foi o avançamento do "S. Salvador" sobre o "Gonçalves Dias". Caprichos da fortuna...

Não te esqueças de ir com a tua Snra. a visitarem as minhas quatro enormes saudades na minha fazendinha de Laranjeiras.

Escreva-me sempre e sempre. As tuas cartas serão recebidas mesmo no Alto Purús.

12.º filho! Não sei se devo dar-te parabens por êste transbordamento da vida... Neste tempo e nesta terra as criancinhas deviam nascer de cabelos brancos e de coração murcho, meu velho Coelho Netto. De mim penso que uns restos de mocidade imemorial estão nas almas de meia duzia de sexagenarios dos bons tempos de outrora. Entre estes desfibrados imbecis e jovens tenho ás vezes vontade de perguntar a um Andrade Figueira, a um Lafayette e a um Ouro-Preto se já fizeram vinte annos. Mas façamos ponto, alto! neste rolar pelo declive do meu pessimismo abominavel.

Adeus. Até a volta, porque — infallivelmente — ainda te apertará num abraço o teu

Euclydes da Cunha

I — 1, 5, 77

229.

Rio-30-6-908.

Coelho Netto

Elysée Reclus, Ayres do Casal, D'Abbeville, Varnhagen, Pero Lopes, Capistrano, (vae de cambulhada) e todos os fazedores de mappas, e todos os velhos chronistas do século XVI, são com certeza os sujeitos mais pacientes e soffredores deste mundo! Supportam-me. Aturam-me. Não se rebellam contra a minha curiosidade aggressiva e insaciável! Agora ando ás voltas com um hespanhol velho e de nome arrevesado... Em compensação vingam-se tranquillamente — tirando-me o tempo para outros deveres.

Como vai o teu filhinho?

Ha mais de 8 dias que me occorreu ir, pessoalmente, fazer esta pergunta. Mas neste adextrar-me em pular por cima dos seculos, já perdi a noção do tempo. As horas andam-me ás disparadas... Desculpa-me, portanto, a indagação tardia.

Trazia hoje um exemplar do "Inferno Verde" para Você, mas o Arthur de Azevedo, tomou-m'o. Levarei breve, outro. Manda-me pelo portador o que ahi está.

Aguardo o promettido artigo sobre o livro do meu velho companheiro dos tempos de "calças curtas". O Medeiros e outros escreverão; mas não dispenso o teu juizo.

Recommendações nossas a D. Gabi e a todos.

Abraça-te

Euclydes.

I — 1, 5, 78

230.

Coelho Netto,

Um bravo pela tua delicadeza moral! Seria cruel se eu recebesse a noite aquelle telgrama...

Mas não seguirei o teu conselho. O revez desafoga-me: merecido castigo ao deslize de haver tentado deslocar um concorrente officialmente mais amparado pelo Direito.

A linha recta, diante das vacillações do Governo, é esta: renunciar. É o que vou fazer já, por telegramma.

E sinto-me verdadeiramente feliz, porque nesta longa *fox hunting*, — que principia no voto do Accioli e termina nas tendencias sympathicas de alguns poderosos — em tudo isto, descobri uma alma honesta e perfeitamente clara, a tua.

Logo ou amanhã te abraçará, agradecido o teu

Euclydes

I — 1, 2, 22

MANUEL DE SOUSA PINTO

231.

Lisbôa 1906. Janeiro 4.

Meu caro Coelho Netto.

Já ha muito tempo que tenciono agradecer-lhe a lista das suas obras que, por intermédio do nosso bom amigo Dr. Rodrigo Octavio,

recebi satisfeito. Como porem quereria mandar-lhe com os meus agradecimentos um numero de revista em que me occuparia de si — a proposito do *"Agua de Juventa"* — fui retardando a realisação d'esse desejo que é um dever essencial. A revista, no entanto, demora ainda e por isso a seu tempo a receberá.

O que não se pode retardar mais é o meu agradecimento para com a sua excelsa fineza que constituirá grande base para o meu promettido e projectado estudo sobre toda a sua vasta e bella obra. O que o meu caro amigo vae ler, d'aqui a tempos, na revista p.ª que o destino, é apenas um artigo ligeiro de impressões sobre a sua pessoa.

Queira pois certificar-se da minha gratidão para com todos os seus favôres e da esperança em que vivo de um dia commentar dignamente a sua obra.

Acceite tambem todos os meus cumprimentos festivos d'anno novo e que elle nos traga as suas promettidas obras novas. Queira apresentar os meus mais respeitosos cumprimentos a sua Ex.ma Esposa e com os meus votos pela felicidade de seus meninos, cá fico incondicionalmente ao seu dispôr

como admirador e amigo obg.do

Manoel de Sousa Pinto

S/c.
Praça Duque de Saldanha 12 — 1.º P.to

I — 1, 4, 72

232.

Florença 1906. Outubro 15.

Amigo e illustre artista

Parecer-lhe-ha muito justificadamente quasi criminosa a minha calada ingratidão para comsigo. Eu mesmo, ao encarar hoje a data da sua estimadissima carta, empallideci como se visse fugir a hora do perdão e comtudo estou certo que tudo me desculpará, quando eu lhe disser que ha oito mezes peregrino artisticamente pela Italia magnifica d'onde só me ausentei para visitar a Suissa e o Tyrol.

A sua excellente carta e os seus dois bellos volumes não me encontraram portanto em Lisboa, que deixei a 22 de Fevereiro. De lá mandaram-mos para Milão mas, como eu *azulára* para o sul — para a mísera Napoles formosa, para a Sicilia fecunda, para a magestosa licção de Roma — foi só tornando a Milão em Julho, para chronicar na *"Lucta"*, de Lisbôa, a exposição d'este anno, que eu recebi as suas gentilissimas palavras e a captivante dadiva dos seus dois volumes —

Treva e *Turbilhão* — a que a sempre leal amizade do Dr. Rodrigo Octavio juntava depois duas conferencias suas: *A Agua* e *O Fôgo*.

Immediatamente lhe escrevi o réles postal antecipando o agradecimento e promettendo esta carta para breve. Afinal só vae hoje porque não quereria escrevê-la sem ter lido conscenciosamente os volumes e o bom amigo sabe a voracidade das horas em viagem. A necessidade de consultar guias, monographias, catalogos, a fadiga que annulla as noites, o cuidado das partidas, a imposição semanal da minha chronica, tudo isto atrazou um boccado o legitimo prazer de, em hora quieta, saborear a sua prosa: Florença tranquila, onde uma maior estação fiz, permittiu-me esse luxo de lêr devagar. Enthusiasticamente o saudo pela *Treva* que é o gemeo primôr do *Sertão* meu querido. Os novos contos continuam em belleza os primeiros. O seu segredo da paizagem selvagem e ardente, o seu poder de figurar esses seres até agora distantes da arte crearam essa sua technica poderosissima pouco egualavel.

O *Turbilhão* ao lado do opulento scenario e da hallucinante prosa do companheiro é um lago sereno ao pé d'uma cascata irisada. Agradou-me muito nelle a segura, não facil, meia-tinta em que o meu caro amigo conservou constantemente a adoravel figura de D. Julia — a mãe — fazendo-a no emtanto, talvez pela verdade das lagrimas, a heroina real do drama realissimo.

Aqui fica á ligeira a minha desauctorisada opinião.

Ha oito mezes que em pura romagem artistica faço por abrir os olhos nesta admiravel Italia elucidante e creia que na visão diaria d'obras primas, as soberbas paginas do *Assombramento* e essa genial tela da *Fertilidade* se integraram perfeitamente.

Um artigo que ha tempo lhe anunciara, sobre a sua pessoa, nunca sahiu á luz porque a revista — e era a minha — morreu. Regresso em principios de Novembro e procurarei remediar a involuntaria falta de palavra.

Quanto ao projectado estudo sobre a sua obra toda, o tempo o trará porque a boa vontade o serve.

Espero anciosamente *Os Barbaros*. Dos livros editados pelo Lello, em que me falla, não recebi nenhum; naturalmente esperam a minha volta.

Respeitosos cumprimentos a sua Ex.ma esposa, felicidades para os meninos e o meu caro amigo, cuja saude desejo, queira bem a este inutil mas sincero admirador affeiçoado

Manoel de Sousa Pinto.

Praça Duque de Saldanha 12.

I — 1, 4, 73

233.

Lisboa 1911. Maio 13.
S/c. Praça Duque de Saldanha 12 — 1.º P.to

Meu caro amigo

Se outras alegrias me não tivesse trazido a publicação do meu *Terra Moça,* bastar-me-hia a reforçar o prazer real que tive ao escreve-lo, esse facto, para mim summamente agradavel, de elle ter vindo reatar as nossas relações por escripto. Desde que lhe promettera occupar-me, com o carinho e admiração que inalteravelmente me merecem, da sua atrahente pessoa e da sua maravilhosa obra, e, por falta de publicação condigna onde o fizesse com a largueza e importancia requeridas, via decorrer os mezes sem realisar a promessa e sem receber novas suas directamente, andava em sobresaltos remordentes de traidor. Deu-me o meu livro a melhor occasião de me desempenhar, como soube, d'isso que era para mim um dever: dever de coração, pelo que o estimo; dever de espírito, pelo muito que o admiro. Pela sua preciosa carta de 2 de Fevereiro — a que varios affazeres me impediram até hoje de responder — vejo que, por fortuna minha, logrei faze-lo a seu aprazimento, e, se bem tenha de descontar a parte importante que a sua bondade incluiu no caloroso louvor que me dirige, o seu elogio, como não podia deixar de succeder, animou-me e envaideceu-me. Muito obrigado.

Diz-me o meu illustre amigo que devo voltar a recolher os louros. Com que alegria eu me iria de novo a embarcar, para refrescar esta saudade da linda terra, que, talvez porque a trago no sangue, nunca esqueço, se para a travessia bastassem a pureza e intensidade do sentimento. Infelizmente não são o bastante, e tenho de aguardar que um ensejo favoravel ou alguma proposta acceitavel, que d'ahi me venham, me permittam fazer de novo a encantadora, a tentadora travessia até á patria. Se um dia, o meu caro amigo puder influir com alguem a esse respeito, não se esqueça que, tratando-se de voltar a *terra moça,* a minha mala está sempre prompta e o viajante sempre disposto.

Dá-me na sua carta a gloriosa esperança de o abraçar aqui. Que bella promessa! Se vier, não deixe de avisar-me.

Noticia-me tambem que os *Barbaros* — esse punhado admiravel de paginas que lhe ouvi esboçar e tive a felicidade de annunciar no meu livro — devem estar promptos a esta hora. Quero por tal mandar-lhe effusivas saudações, apezar de dever, antes de mais nada, felicitar-me a mim proprio pela gentilissima nova. Aguardo-os com muita, com toda a anciedade.

Agora, ouso esperar e pedir-lhe encarecidamente que uma vez por outra me mande, alem dos volumes que ahi publicar, noticias

suas. Aqui, a meudo, me perguntam por si e pelas suas coisas, e eu sinto ás vezes um doloroso pudor de confessar que não sei mais do que o que vem nos jornaes... Evite-me esse vexame.

Peço licença para apresentar a sua esposa os meus melhores cumprimentos e para desejar a seus filhos mil venturas.

Com o affecto de sempre, sabe que tem em mim, sem mudança, o muito seu

Manoel de Sousa Pinto

I — 1, 4, 74

234.

Lisboa 1913. Setembro 13

S/c: Avenida da Liberdade 178 — 4.º Esq.

Meu caro amigo

Disse-me o nosso amigo Henrique de Hollanda que o meu querido prosador lhe escrevera a inquirir da minha morada e que, em resposta, me dera como habitante do n.º 149. Ora, eu não assisto nos impares, mas sim no n.º 178 da mesma Avenida da Liberdade que Hollanda lhe indicou. Receando, por isso, que qualquer carta ou postal, que amavelmente me despache, erre o seu caminho, apresso-me a adverti-lo do pequeno equivoco.

Como teem passado? Essa França, como lhes sorriu? E a sua saude?

Poucos dias depois de haver tido o prazer sincero de os tornar a ver, mandei-lhe para Paris o meu ultimo livro: *O Gomil dos Noivados*. Recebeu?

Calculando que todo o tempo lhes não chegue para sorverem a plenos pulmões o doce ar europeu, não quero cercea-lo com uma longa missiva inopportuna.

Pedir-lhei apenas, e muito encarecidamente, que me previna da sua volta. O Hollanda parte, segundo me communicou, qualquer dia para o Rio, e não podendo, por conseguinte, contar com o aviso d'elle, receio não os ver no regresso á nossa terra — o que, por certo, o meu caro amigo não deseja. Queira, pois, tomar conta!

Muitos cumprimentos a D. Gaby e um affectuoso aperto de mão do am.º e ad.or m.to certo

Manoel de Sousa Pinto

I — 1, 4, 75

PAULO OSÓRIO

235.

Lisboa, 3 — Nov.º — 1910

Meu illustre confrade:

Tenho já em impressão tipographica, um novo livro de artigos dispersos, que espero seja publicado ainda este anno.

Uma parte d'esse livro inserirá algumas das chronicas que ha tempos sahiram assignados por mim na folha fluminense *Correio da Manhã.*

Quis dedicar essa parte do meu livro a um escriptor brasileiro e lembrei-me do nome de V. Ex.ª por ser o d'aquelle que mais preso e admiro.

Muito desejaria saber porem se essa dedicatoria lhe não é desagradavel.

De V. Ex.ª
o mais modesto dos camaradas
e o mais fervoroso dos admiradores

Paulo Osorio

I — 1, 4, 46

236.

Lisboa, 25 — Jan - 1911

Meu illustre confrade:

Mal diria eu quando, ha bem pouco tempo lhe pedi para consentir que inscrevesse o seu nome glorioso n'uma das paginas d'um livro meu (ainda no prélo), que teria de vir importuná-lo novamente por um motivo sem duvida menos agradavel, infinitamente mais triste. E é talvez com excessiva audacia que o faço. Mas, desde que, pela leitura dos seus livros me costumei a admirá-lo, insensivelmente me fui convencendo de que um homem com o seu talento não poderia deixar de ser bom. É essa certeza que me leva a escrever-lhe nos termos em que só aos amigos mais queridos é costume fazê-lo.

Procurarei resumir o que tenho a contar-lhe:

Fui director d'um orgão do governo no tempo do ministerio João Franco. Foi essa a minha unica illusão politica. A figura d'esse homem, muito differente d'aquilo que, tanto os seus admiradores como os seus detratores, a consideram, dar-me-ha talvez um livro, se um dia eu tiver socego bastante para o escrever. Franco cahiu, com o assassi-

nio do rei, e eu, afastado desde logo do *franquismo* (que não tinha razão de ser sem elle) apenas appareci mais tarde, ha pouco, na scena politica como candidato a deputado nas eleições feitas pelo ultimo governo da Monarchia.

Acceitei a republica, e sinceramente lhe digo que o seu advento era inevitavel pela inepcia e pela corrupção dos monarchicos, e sinceramente lhe digo tambem que toda a tentativa de restauração se me afigura criminosa e inutil. V. Ex.ª sabe porém, pela Historia, como as revoluções são sempre o pretexto para a explosão de pequeninas invejas, emulações reprimidas, inconfessaveis odios. Para a escumalha dos mediocres, que é, afinal, entre nós quem agora manda, eu fiquei sempre o *thalassa* (conhece a applicação politica do termo, não é verdade?) e, como tal, suspeito, e, como tal, condemnado á inactividade, á morte civil, para me consentirem — e, como tal, apontado a dêdo na imminencia de nossas revindictas. É inutil luctar assim. Emigro. Quando esta carta lhe chegar ás mãos, espero estar em Paris, para onde V. Ex.ª endereçará (*Posta Restante*) a resposta que porventura a minha sollicitação possa merecer-lhe. V. Ex.ª tem por certo influencia em muitos, se não em todos, os jornaes do Brasil. Não é debalde que, n'um paiz culto se possue o seu nome; não é debalde que, n'um paiz que sabe reconhecer o merito dos seus filhos, se subscreve uma obra como a sua. Pois bem: eu peço-lhe que seja o meu patrono, para conseguir que, n'algum ou n'alguns d'esses jornaes, sejam acceitos serviços meus, prestados em Paris. Sem duvida, eu prefiro escrever chronicas litterarias. Mas, fá-las-hei noticiosas, se preciso fôr. Nada mais digo, se não que muito confio na sua generosidade, antes de mais nada para me perdoar o que ha de importuno, de impertinente, n'este meu pedido.

Creia-me de V. Ex.ª

com a mais fervorosa admiração

Paulo Osorio

I — 1, 4, 47

237.

Paris,
9, rue Chernoviz

Meu illustre confrade:

Escrevi-lhe ha cêrca de 6 mezes uma longa carta e ha pouco mais de dois mandei-lhe um livro que em grande parte lhe era dedicado. Peço-lhe muito encarecidamente que me diga se recebeu uma coisa

e outra. V. Ex.ª comprehenderá sem duvida a razão de ser de todo o interesse que ponho n'esse pedido e não verá n'elle, — espero-o — uma censura que não está nem podia estar nas minhas intenções.

Disponha V. Ex.ª sempre de mim, no pouco que valho e creia-me o mais humilde dos camaradas e o mais fervoroso dos admiradores

Paulo Osorio

5/8/1911

I — 1, 4, 48

238.

22 Dez 1911

Meu illustre confrade:

Perdoe-me só hoje lhe agradecer a sua carta, tão gentil e tão penhorante para mim. N'ella me fala V. Exa. d'um livro meu que recebeu. Fiquei na duvida, porque lhe enviei dois: um — *No Fado* — e outro, de antes — *Vida Efemera.* Ambos lhe chegaram às mãos?

Quanto à minha collaboração na imprensa d'ahi eu confio na sua generosa promessa contando eu que não poupará os seus esforços para m'a obter.

A minha vida aqui é difficilima e eu outra coisa não desejo senão ter onde trabalhar.

Disponha V. Exa. sempre de mim no pouco que valho e considere-me sempre o mais humilde dos seus confrades e o mais fervoroso e mais grato dos seus admiradores.

Paulo Osorio

De todo o meu coração, o desejo d'umas festas tranquillas e d'um anno excellente.

P.O.

I — 1, 4, 49

LUÍS MURAT

239.

Meu caro Netto.

Pelo teu jubileo litterario envio um apertado abraço. Outro não haverá, meu velho amigo, mais sincero e expontaneo. Guarda-o como uma recordação inilludivel, das mais fundas e effusivas de tempos de heroismo e de grandeza moral que, ai! de nós! não voltarão nunca mais! A minha fé autorisa-me a garantir-te que não é só neste estadio,

tão ephemero da vida do homem, que as allianças e as affinidades se effectuam, se prolongam, se aprimoram.

Na outra, crê, são apanagio e surto mais grandioso, soldando-se a novas faculdades e inclinações que só um coração mais puro, verdadeiramente pode aquilatar e engrandecer.

O que se fez aqui, lá, certamente, se não vae perder. Que a nossa amisade não tenha o fim transitorio das cousas terrestres. Que o espirito, que a animou, continue a prestigial-a, levantando-a acima das tristesas, das miserias e das contingencias, tão proprias do terreno, em que abrochamos. para, mais tarde, receber o verdadeiro sopro e a verdadeira luz.

Muitos abraços a Comadrinha e aos petizes.

Do teu velho e sempre o mesmo

Luiz

Rio, 13 de
Outubro de 1911.

I — 1, 5, 79

240.

Meu caro Netto

Acabo de ler com immenso jubilo a noticia da tua nomeação para lente da Cadeira de Litteratura do Gymnasio.

Infelizmente não posso ir abraçar-te como quizera: faço-o, entretanto, por meio desta.

Vieram-me aos olhos lagrimas de contentamento, prova ainda de que a affeição é calor.

Transmitte-me outro abraço á Comadrinha e beijos nos *terriveis,* futuros herdeiros da cathedra e do fulgor.

Teu *Luis*

I — 1, 5, 80

241.

Meu caro Netto.

Acabo de receber o teu telegrama. Já contava com o teu desgosto. És um grande amigo, cioso dos meus fóros de poeta, do meu nome literario.

Porisso, imagino a cara com que ficaste, quando desceo o panno, sem que a Srª despejasse no recinto augusto os versos que tanto apreciaste.

Não me incommodei, fica certo. Não sinto mais afflicções, se taes incidentes occorem no meu caminho.

Esses versos — esta é que é a verdade, fil-os a teu pedido. Achaste-os dignos do poeta e do teu alto espírito? Está acabado. Nada mais quero. Agora se entenderes que é necessario publical-os no *O Paiz,* faze-o, mandando á redacção a prova impressa que te entreguei, pois ahi está escorreita a poesia.

Explica o que se deo e guarda-me o numero da folha em que sahir, pois nem sempre leio o *Paiz.*

Abraços á comadrinha e os meninos.

Terça feira ao meio dia ahi estarei com o *Guilherme II,* que me parece mais alevantado e de mais dificil factura.

Teu velho

Luiz.

I — 1, 5, 81

242.*

Meu caro Netto
Abraços a todos.

Soube que o meu livro, enviado ao *O Paiz,* está nas mãos do Belizário. Se for elle que se incumbir de dar noticia do mesmo nunca mais sahirá. Não é a primeira vez que isto me accontece, sendo aliás, esse rapaz meu velho amigo e admirador.

Peço-te providenciares, pois conheces o meu genio, revesso a tratar de mim ou do que meu é.

Preciso muito exgotar a edição das *Poesias Especiaes.* Outros livros precisam seguir-se-lhe.

Até um dia destes, à noite.

Do teu

Luiz.

I — 1, 6, 49

JULIÃO MACHADO

243.

Netto

Ahi vae o livro e muito obrigado. Só hoje t'o posso mandar porque só hoje posso dispôr de portador.

---

* Cartão.

Estou vexadissimo com a demora das illustrações, mas tel-as-has, todas, até fim de Dezembro. É vergonhoso, mas aquelle recibo do Jacintho enguiçou-me!...

Outra cousa: — esteve hontem aqui o D. Antonio que me disse do Guilherme da Rosa o que Mafoma não disse do toucinho, nem actualmente, os turcos dizem dos italianos.

Perguntei-lhe se não lhe tinhas dado a encommenda do *D. Quixote* que em tempos pediras ao Guilherme. Disse-me que não, mas que se a quizesses, lhe escrevesses, para Barcelona — Calle Luis Antúnez 5, 2.º Como supponho que te terias esquecido ahi vae a lembrança. Elle mostrou-se pezaroso de não poder voltar a tua casa para te fallar n'isso.

Deus lhe dê a desforra das semsaborias que soffreu com o famoso emprezario!

Lembranças à Comadre e aos pequenos.

Sempre teu

Julião

8 Novembro 1911

I — 1, 3, 84

244.

Netto.

Acabo de ser "assombrado" (é a palavra) pela noticia que a Honorina me traz.

A Comadre queixa-se de mim n'um sentido que me deixa attonito de mágoa!

Na impossibilidade de ir immediatamente obter os esclarecimentos que certamente davão a chave de tão desagradavel enygma — asseguro-te com a firmeza de um homem que interesse algum obrigaria a mentir, que ha, forçosamente, um mal entendido a que sou extranho! (Decididamente, ando n'uma horrivel atmosphera de azar!...)

Pela funda estima que tenho por ti e pela comadre, julgo do meu dever enviar-te já esta affirmação, esperando o ensejo de conversarmos e de esclarecermos esta "tragédia".

Não me faltava mais nada!...

Dize-me quando posso encontrar-te

Teu do Coração.

Julião

3 de Janeiro de 1912 (Lindo começo de anno!)
59. Rua General Rocca

I — 1, 3, 85

245.

Netto.

Recebo do Santos Tavares essa *coupure* que elle me envia para que t'a faça chegar. Supponho, como elle, que o assumpto deve interessar-te.

Faltam-me quatorze desenhos para concluir o *Alma*. Imagina que para illustrar cada capítulo tenho de deixar passar o tempo necessario para esquecer a *illustração* que o homem do Porto lhe pespegou!... O demonio é que as cousas monstruosas esquecem-se difficilmente!

E quando nos encontramos?

Os meus respeitos à Comadre e lembranças para a pequenada toda.

Teu do coração

23 — Fev.º 1912
59. Rua General Rocca.

Julião

I — 1, 3, 86

246.*

Meu querido Coelho Netto

Acabo de ler o trecho do S. Sebastião publicado hoje e não resisto ao prazer de escrever com a mão ainda tremula do enthusiasmo com que me saccudiste: Bravo! Grande artista!

Julião Machado.

I — 1, 6, 48

ARISTEU SEIXAS

247.

S. Paulo, 21
de outubro de 1916.

Meu illustre Mestre, Sr. Coelho Netto:

Com as mais affectuosas saudações, levo-lhe, pressuroso, os melhores e sinceros agradecimentos pela apreciação sobremaneira generosa, que se dignou fazer, em delicado cartão de 19 do corrente, á traducção que diligenciei levar a cabo dos "Versos Áureos", de Pythágoras.

---

* Cartão.

Não póde imaginar o distincto homem de letras o anceio que em mim despertou, com a menção que fez do trabalho de Luiz Antonio de Azevedo sôbre o mesmo assumpto. E o desejo que tenho de o conhecer é de molde tal, que me vence o natural acanhamento de o importunar, pedindo-lhe que me indique onde o posso encontrar, para acquisição definitiva ou para simples leitura.

A sua obsequiosa resposta muito e muito penhorará a quem, renovando os seus agradecimentos, se subscreve com a mais viva sympathia e velha admiração,

patricio e menor discípulo

Aristêo Seixas.

À rua Theodoro
Sampaio, n.º 3.

I — 1, 5, 13

248.

29.X.916.

Mestre eminente:

Cá estão os *Versos de ouro,* trazidos pessoalmente a nossa casa pelo preclaro e bondoso Valois de Castro. Beijo-lhe as mãos agradecido, dando-lhe aqui a mais completa segurança de que o precioso livro será lido e devolvido com as justificáveis cautelas com que a sua nímia gentileza m'o confiou.

Pude vêr em uma *nota,* completa e magnifica, que a razão está inteiramente comigo no caso do *envie,* ou antes do φθόνον por *envie.* Só isto me valia o sacrifício de ir ao Rio copiar o livro, e valeu o pezar que tive de incommodar o mestre illustre pela fórma por que o fiz.

Creia-me seu muito admirador

e amigo penhoradissimo

Aristêo Seixas.

I — 1, 5, 14

249.

S. Paulo, 27.XI.916.

Mestre:

Pelo primeiro portador de confiança — e será por certo o Conselheiro Teixeira de Abreu nos primeiros dias da próxima semana — devolver-lhe-ei o *Thesouro,* que o é, no gênero, dos de mais subido valor.

Já havia extrahido do seu exemplar as notas mais interessantes, quando me foi dado adquirir uma cópia na bibliotheca de Eduardo

Prado, agora a venda, por quantia que ainda me não foi fixada. Veja lá o Mestre como os deuses me andam a proteger neste caso interessante! Eu faria todos os sacrificios compativeis com a minha situação p.ª o obter, e o obtive, como vê, tão facilmente.

Pelo mesmo correio envio-lhe dois livrinhos de versos dos que tenho produzido: *Epithalámio* e *No limiar*. Leia, com a benevolência de mestre, a obrinha do principiante.

Saudações affectuosas do

Amigo m.to ad.or e

discipulo grato

Aristêo Seixas.

I — 1, 5, 15

250.

Mestre:

Só agora o Sr. Conselheiro Dr. Teixeira de Abreu, que tenho a honra de apresentar-lhe, pôde deixar S. Paulo; e, por isso, só agora lhe devolvo, com mil sinceros agradecimentos, o seu precioso exemplar dos "Versos de Ouro". Poderia tel-o já feito por intermedio de algum outro portador, tambem seguro; mas, em verdade, ninguem com mais superioridade e interesse poderia externar-lhe a minha gratidão que o distincto e culto amigo, que ora levo á sua presença, na convicção de que, desfructando eu desse acto um benefício para mim, proporciono concomitantemente a ambos o ensejo de se conhecerem pessoalmente, e de confundirem por alguns instantes a luz farta e brilhante de duas excepcionaes intelligencias.

De resto, um affectuoso aperto de mão do seu m.to ad.or e amigo grato

Aristêo Seixas

S. Paulo, 16.1.917.

I — 1, 5, 16

CIRO DE FREITAS VALE

251.

34, rua Domingos de Moraes
São Paulo, em 31 de janeiro de 1918.

Meu querido amigo —

tambem eu quiz juntar o meu protesto á grita formidavel, como nunca se registou tamanha, que está provocando sua exclusão

da Camara Federal. É um pequenino a bradar que isso não póde ser. É um coração de moço que talvez ainda acredite na justiça dos homens e alimente sobre politica illusões que sabe serem enganosas. Para protestar, arrimei-me ao "Echo", uma revista que tem enorme circulação no norte do Brasil — e que talvez seja a unica que ainda não reclamou contra as manobras da villanagem politiqueira de seu grande estado, que talvez já fosse um mal para elle, mas que agora, com o affastamento de seu maior representante, passou a ser um mal para o nosso querido Brasil. Eu ainda espero que os moços do Maranhão saibam livrar o seu estado da vergonha da exclusão da sua maior gloria — o inegualavel Coelho Netto.

Muitas saudades do Papae e do muito seu —

C. de Freitas Valle.

I — 1, 5, 39

252.

Wardman Park Sun
Washington, em 28 de abril de 1919.

Meu querido amigo —

ha uma porção de tempo que era meu desejo escrever-lhe, afim de agradecer a você e á dona Gaby o incommodo de haverem ido levar-me ao vapor. Mas, de proposito, eu me demorava, querendo mostrar quanto tempo vivia em mim a enternecida gratidão por tão fidalgo gesto de gentileza. Decidiu-me a romper o silencio uma sua maravilhosa chronica a proposito do Carnaval, lida agora, ao mesmo tempo que outra, em que diz da religião dos artistas, que Deus sabe pregar até quando é a estranha moda do *Jongleur de Notre Dame.* A leitura de ambas me foi facultada, em vista do regresso para o Brazil do Medeiros. Abrimos, nós, os rapazes da Embaixada, as *Noites* que vinham destinadas a elle, e que chegaram, como acontece quasi sempre, com um formidavel atrazo. Mas tal prazer estaria para se estancar si não tivessemos a idea (e lhe falo em nome de todos) de constituir você nosso advogado, afim de conseguir que continúe tão rico diario a ser remettido para a Embaixada. Além do mais, é obra patriotica ajudar os representantes do paiz a não perder o contacto com as cousas brazileiras — e estamos todos certos de que uma sua palavra será decisiva. Note que o pedido representa a descoberta de uma paradoxal utilidade da "Noite", pois que a queremos para não ficar na treva...

De Nova York, disse-lhe em postal, rapido como todas as cousas de lá, que não me succederia o mesmo que ao Bilac. Ainda quando espantado, eu ficaría. Mas o facto é que, por arte do cinematographo, já não pode a gente se espantar com cousa alguma. Tudo ali é colossal, mas esperado. E como o effeito pretendido é o da impressão, os que a não soffrem acham tudo natural. Isso é que é ridiculo — não lhe parece? —: achar todas as cousas americanas muito naturaes... Mas foi o que senti. E lhe posso assegurar que daría muito para, ao contrario, quedar-me estarrecido deante da illuminação apotheotica da *Broadway* ou da circulação parisiense, mas em ponto grande, da *5th Avenue*. Materialmente, nada se pode imaginar de melhor e de mais grandioso. Mas é só — e você concordará que, sendo assim, fica a faltar muita outra cousa. Os costumes é que são espantosos. Debaixo da capa do mais puritano protestantismo (aqui, aos domingos, nem se dança), campeia a corrupção por fórma assombrosa. Não se distinguem bem umas classes das outras: ha, mesmo, entre as mais oppostas, positivos pontos de contacto. E é tão grande a liberdade da mulher, que o mais que póde, a respeito da propria, pretender um marido é a duvida. Tudo isso é para provinciano da minha laia uma cousa fóra do natural e eu quero crêr que, palpada a realidade do que parece mentira, tambem o venho a ser para gente muito mais *civilizada*. Em regra geral, o brazileiro passa depressa por Nova York e não tem tempo de observar senão as cousas materiaes. Por exemplo, ha um instante, debruçando-me á janella, vi uma linda senhora, toda vestida de seda, curvada e de pernas abertas, na extra-prosaica posição de quem acciona a manivella para pôr em movimento o motor do seu automovel. A olhos brazileiros isso deve, sem discussão, parecer bizarro e curioso, mas mais curiosas e mais bizarras são as cousas que com calma se pódem descobrir nos costumes *yankees*.

Não me puz a escrever-lhe para falar mal dos E. U. e, muito menos, das *girls* faceis e encantadoras, mas para recordar um pouco dos momentos deliciosos, que foram os últimos de São Paulo, em que tive a honra de ser admittido como um anjo bom e ingenuo na sua olympica intimidade. Ha cousa de duas semanas, mandei á dona Gaby um cartão recordando quanto ella foi amavel para commigo e nesta, que leva idêntico objectivo, em relação a você, peço licença para confundir em um só abraço as duas entidades do casal admiravel. Quando tirar o seu retrato, o que é necessidade immediata, não se esqueça da promessa que me fez no Rio. Em meu apartamento, o logar para elle está guardado. E quando um collega me perguntou si eu lhe queria

um bem tão grande assim, mandei que medisse o tamanho da minha affeição pelo do apreço que todos os brazileiros, e elle mesmo, tributam ao nosso maior homem, áquelle que, acima de todos, é o nosso paredro.

Perdôe tanta liberdade e tenha sempre um sorriso de benevolência para o seu amigo

C. de Freitas Valle.

I — 1, 5, 40

253. *

Montevidéo, em 22. novembro. 1929.

Meu caro Coelho Netto —

para agradecer o grande presente da edição franceza de *Mano,* ahi mando duas instantaneas de José-Luis e de Isabel, que eu espero poder ensinar, como aprendi com meu Pae, a querer bem a todos dessa querida casa.

Nossas saudades a dona Gaby! E um abraço do velho e reconhecido amigo

Cyro.

I — 1, 6, 69

254.

Haya, em 4. janeiro. 1932.

Meu querido amigo —

não lhe preciso dizer a amargura que nos tomou ao saber da morte da querida dona Gaby. Minha mulher e eu ahi lhe mandamos nosso sentido abraço, com a affirmação renovada da velha amizade de sempre.

Muito seu sempre — o

Cyro.

I — 1, 5, 41

---

* Cartão.

ALUÍSIO TANCREDO GONÇALVES DE AZEVEDO

255.*

Ao velho amigo e camarada Coelho Netto envia Aluizio Azevedo um abraço de gratidão pelo seu — Instantaneo — da "Tribuna" de 26 do mez passado.

Cardiff, 15 de Agosto 1905

Aluizio Azevedo

I — 1, 6, 2

256.

Buenos Aires, 30 de Julho de 1912

Carissimo Netto

Estou em feia falta comtigo demorando deste modo a resposta da tua querida carta de fins de Maio, com que reclamaste meu voto para o Sr. Dr. Ant.º Austregesilo na vaga do Rio Branco, mas a tua complacencia é sempre maior que as faltas de cortezia de teus amigos e por isso conto que me concederás absolvição plenaria. Pouco depois de receber tua carta, chegou-me ás mãos uma outra do João do Rio, pedindo-me o voto para o Lauro Muller e dizendo que estava ao par do que me havias escripto e que sabia que tu tambem votavas no Muller; ora, eu que ia votar no teu illustre recommendado apenas por te não contrariar e, por outro lado, estou convencido de que o Muller é o unico candidato que está a calhar para aquella difficil vaga, confesso que não hesitei um momento em aproveitar tão propicia vez de render-lhe um pequeno preito ao seu grande talento e ao seu prestígio de bemfeitor de nossa terra e, nem só respondi logo com enthusiasmo ao chamado do Paulo Barreto, como até escrevi ao nosso Mario de Alencar, empenhando-me para que este, no seio da Directoria, levantasse essa previlegiada candidatura, a qual, ao meu ver, devia, só por si, fazer enconchar-se toda e qualquer outra que pretendesse preencher a vaga de Rio Branco.

Que fiasco faremos nós se deixarmos escapar-nos o Lauro Muller! Será o caso de mandar depois fazer um letreiro como o que a Academia Franceza pôz por debaixo do busto de Molière. Mas creio que não

* Cartão.

será preciso nenhum letreiro, porque elle está ahi, está dentro, e tu sem duvida o empurrarás nesse sentido.

Recebe saudades do teu velho amigo e camarada

Aluizio Azevedo.

I — 1, 1, 12

257.*

Petropolis, 2 de março

Meu caro Netto

Como vae o amigo? E Gaby? E a criançada?

Ha tres ou quatro dias que ensaio uma resposta a tua cartinha sobre o nosso amigo Osorio mas tantas têm sido as minhas preoccupações, que tenho deixado de cumprir esse prazer e dever ao mesmo tempo.

Estou prompto a auxiliar-te nesta empreza, pois, o Osorio merece e já é tempo delle arranjar alguma cousa. Pretendo descer na semana proxima e então combinaremos a acção.

Teu

Azevedo

I — 1, 6, 3

ARTUR NAPOLEÃO

258.

1.º de Agosto 1907

Meu caro Coelho Netto.

Recebi a carta que V. me dirigio em relação ao novo Centro Artistico.

Póde V. dispôr de mim como bem entender. Eu sempre me considerarei honrado accompanhando-o em qualquer tentativa — mòrmente d'esta especie — não só pela admiração que me inspira o seu talento como pela amizade que lhe consagro.

De V. S. am.º obrº e crº

Arthur Napoleão

I — 1, 4, 28

---

* Cartão.

259. *

1.º Dezembro 1909

Meu caro Coelho Netto.

Envio-te provisoriamente um pequeno piano Bechshein enquanto não chega o novo de cauda que substituirá difinitivamente o teu piano que me cedeste para a minha viagem ao Sul. Beijo-te as mãos e de tua amabilíssima Senhora.

Teu

Arthur Napoleão

I — 1, 6, 50

260.

Rio 11 de Dezembro

Meu caro Coelho Netto

Incluso os bilhetes mas creio que transfiro a festa para o dia 15 Terça-feira — Este tempo mata-nos a venda avulsa — Em todo o caso pelos anuncios saberão de qualquer resolução tomada —

Affectuosos comprimentos

Arthur Napoleão

I — 1, 4, 29

JOÃO PEDRO DA VEIGA MIRANDA

261.

Meu carissimo e grande Mestre Coelho Netto

Creia que desde que recebi sua carta não deixo um instante de pensar na maneira de exprimir-lhe a minha gratidão. A minha gratidão e com ella o meu desvanecimento. Nunca esperei tão alto premio pelo meu pobre esforço litterario! Deslumbrado pelas suas palavras (e incitado pelo Felix, que aqui estava e que já me havia transmittido tambem a sua generosa phrase de animação) não me pude conter e... deixei publicar a sua querida carta, sem ponderar que me faltava autorização para fazel-o! De sorte que eis-me a seus pés por dois motivos: para um protesto de immensa gratidão e para um pedido de desculpas

* Cartão.

pela precipitação, com que agi dando logo publicidade ás suas honrosissimas e ultra-generosas expressões.

Leve-o á conta, realmente, do meu atordoamento de enthusiasmo e de alegria. A sua carta foi para mim um desses gosos espirituaes que não têm comparação e ficará como a maior recompensa até hoje obtida na minha vida de escriptor meio sertanejo.

Quero, porém, com o atrevimento que me vem da sua bondade, pedir-lhe um outro grande obsequio: o de permittir que, na primeira pagina do *Mao Olhado,* em volume, eu inscreva o seu nome, como meu mestre na paisagem e na narrativa brasileira. O Felix encarregou-se gentilmente de arranjar-me editor (creio que será o Jacyntho R. dos Santos) e acredito verei sahir o volume até dezembro ou janeiro. Quero dedical-o ao mestre que me veio tão espontaneamente ao encontro, dando-me a confortadora recompensa do seu alto louvor.

O *Mao Olhado* passou a ter, para mim, um valor inesperado e agora trabalharei os seus ultimos capitulos com decuplicado carinho.

Peço licença para beijar a mão excelsa á sua Exma Senhora e confessar-me o mais humilde de seus servidores e patricios.

E ao meu Caro Mestre não sei que palavras dizer de gratidão immensa. Obrigado, muito e muito obrigado!

Veiga Miranda

S. Paulo, 16.Nov.1907.

I — 1, 5, 74

262.

Meu Querido Mestre Coelho Netto.

Vou dizer-lhe uma coisa em que naturalmente não acreditará: estive duas vezes, ahi, á sua porta, para levar-lhe um grande abraço de gratidão e... não tive animo de bater! Que se passava em mim? Um mixto de atordoamento, de vexame, de mysterioso receio, como quem vae profanar alguma cousa, introduzir-se em um santuario de que não é digno!... Ia levar-lhe o meu abraço de gratidão, repito, pelo seu affectuoso cartão de 11 de abril, a proposito de meu aniversario. E até hoje estou assim nessa falta, culpado para quem vive no meu espirito e no meu coração como sobre um throno. Vou, porém, breve *para* o Rio, morar lá, residir lá. E então perderei, de certo, a inexplicavel timidez (leia melhor — Caipirismo) que me deteve interdicto á sua porta.

Com a Gentilissima Senhora, minha excelsa Madrinha, receba as sinceras homenagens do

Veiga Miranda

S. Paulo (R. Guayanases, 5 a) 19.6.919

I — 1, 4, 13

263.

S. Paulo, 28, Janeiro.

Meu carissimo Amigo e Mestre, Coelho Netto

Sua bondosissima carta de 20 do corrente encheu-me do maior desvanecimento; communicando-me o seu compromisso actual com o brilhante poeta Humberto de Campos, tem o meu Caro Mestre a generosida[de] de prometter-me o seu valioso apoio para outra qualquer vaga, "a primeira que se venha a dar". Basta-me saber que no seu conceito eu sou digno de entrar para a Academia para crescer o meu orgulho, para sentir já as alegrias de um verdadeiro triumpho. Pouco se me dá afora do facto em si. Virtualmente já recebi a consagração que ambicionava.

— Nada tem a agradecer-me pelo que escrevi sobre a sua candidatura. O Alvaro de Carvalho disse-me ter telegraphado ao Sr. Urbano Santos com muita insistencia. Penso que terá fracassado a conjura infeliz contra o seu glorioso nome, mas se isso ainda não aconteceu aqui estou para levantar outros brados.

E — verdadeiro contraste — quando o Maranhão pelos seus politicos mesquinhos é levado a conspirar contra o grande escriptor Coelho Netto, S. Paulo convida um escriptor modesto e obscuro como eu para a sua representação federal... Digo-lhe, porém, com firme sinceridade, se a sua eleição periclitasse e me fosse possivel dar-lhe todos os meus votos aqui — eu o faria promptamente, com a maior alegria.

— Vae ser editado já o "Mau Olhado". Como já lhe disse sahirá sob a égide do seu nome. É a primeira vez que inscrevo uma dedicatoria, e foi bom que nunca o fizesse para que esta me causasse a emoção gratissima que tenho prelibado.

Irei breve ao Rio e então lhe apresentarei pessoalmente todos os protestos desta grande estima e immensa gratidão.

Um grande abraço affectuosissimo do

patricio m.to admirador

Veiga Miranda.

I — 1, 4, 14

EDUARDO SALAMONDE

264.

Rio 25-4-1911.

Caro Netto.

Bom dia. O portador d'esta é o snr. Anisio Fernandes, por quem muito me interesso, machinista scenico de grande valor e que traba-

lhou no Municipal durante a temporada de 1910. Não ha a meu ver aqui quem o exceda na especialidade. É natural que o conheças. Muito me obsequiarás se o recommendares ao Oliveira Passos com algum calor, certo de que elle não comprometterá os que se houverem com o seu patrocínio. O Anisio melhor te dirá a forma por que o podes beneficiar.

De antemão te agradeço a bondade com que o vaes acolher.

Saudades nossas a Gaby e carinho à petisada. Abraça-te

velho am.º

E. Salamonde.

I — 1, 5, 5

265.

Nova Friburgo 10-12-1916.

Caro Netto.

Vou solicitar da tua velha amizade um grandissimo obsequio. Meu filho Cesar, tendo completado em Fevereiro 21 annos, entra no sorteio para o serviço militar. Não me importaria com o facto se a sua saúde fosse perfeita. Applaudo o sorteio e penso que ninguem em boas condições de saude, se deve esquivar ao cumprimento d'esse dever patriotico. O Cesar porem é um pre-tuberculoso. Sabes que o meu outro filho já foi levado pela terrivel peste branca. Este, por ser extremamente fraco, é para mim e para a Yayasinha um motivo de permanentes apprehensões. Determinaram-lhe os medicos que morasse alternadamente na montanha e na beira-mar. Já passou mezes em Icarahy, está agora em Copacabana e deve subir, acabando os exames, para Friburgo. O seu pezo, apezar do regimem de extremas cautelas a que está sujeito, não augmenta. A imposição do serviço militar no Rio será para elle, sob a ameaça da horrivel e traiçoeira molestia um perigo de todas as horas, a cujas consequencias não poderá escapar. E elle é o nosso unico filho. Só teremos tranquillidade se elle for recusado na inspecção medica. É por isso que appello para ti, pedindo-te que exponhas o caso ao teu amigo Gregorio da Fonseca e obtenhas d'elle a promessa de que se interessará pelo Cesar junto aos membros da junta medica, de modo a assegurar a sua exclusão. Fazes-me isso? As minhas relações com o Gregorio são quasi de simples cortejo. É preciso portanto que tu te constituas padrinho do meu filho e te batas pela defeza da sua sorte. Sabes como nós andamos ainda com o coração amargurado, fora de todas as alegrias mundanas, n'um isolamento que chega a ser selvagem. Nada mais justo de que o nosso esforço para o escudar contra o

mal tremendo que o ronda. Toma a ti essa causa e vê se podes mandar-me algumas palavras boas que assegure aos nossos corações a serenidade perdida por essa ameaça do sorteio.

Saudades nossas à boa comadre e abraços ao João Baptista.

Teu *ex-corde*

Eduardo Salamonde.

I — 1, 5, 6

266.

Nova Friburgo 27-12-1916

Meu caro Netto

O Cesar telegraphou-me hontem communicando-me a sua isenção do serviço militar. Não tenho palavras com que te agradeça o grande serviço que lhe prestaste e a tranquillidade que pela tua afortunada intervenção nos restituiste. Não sei quando descerei ao Rio mas logo que ahi fôr irei dar-te n'um grande abraço a expressão do meu reconhecimento pelo bem incalculavel que nos fizeste. A Yayasinha envia-te os seus protestos de gratidão e com elles lembranças saudosas para Gaby, a quem terás a bondade de apresentar tambem os meus affectuosos cumprimentos.

Abraços ao afilhado

Teu *ex-corde*

Eduardo Salamonde

I — 1, 5, 7

JOAQUIM JOSÉ CAMPOS MEDEIROS E ALBUQUERQUE

267.

Paris, 24 de julho de 1912

Meu caro Coelho Netto

O dia está bom para me fazer perdoar. Começo por mandar-te os parabens.

Si não me tem faltado ocaziões de pensar em ti, tenho, entretanto, deixado de escrever-te — o que não admira muito porque sempre fui refractario ao estilo epistolar.

Escreveste-me sobre o Austregésilo. Não teria a menor dificuldade em votar nele, porque faço do seu talento o mais alto juizo. Certo, eu

não tenho entuziasmo algum pelas *Manchas*, as *Novas Manchas* e o romance que ele publicou; mas o essencial é que se trate de um homem de talento e êle o é.

Com a tua carta veio, porém, uma do Paulo Barreto, confirmando um pedido que já recebêra telegraficamente em favor do Lauro Müller.

Ora, do Lauro, não só eu sou amigo, como faço o mais elevado conceito. É talvez de todos os nossos homens politicos a inteligência mais lúcida. De mais, si não é um escritor, tem incontestavelmente bom gosto literario e para ser escritor falta-lhe apenas o ter querido dedicar-se.

De mais, sei que o Ramiz é candidato; mas sei por informações de extranhos. *Nem a meza da Academia, nem ele me comunicaram nada.*

É certo que eu não me dou com o Ramiz e que o regulamento da Academia não exije sinão a comunicação á Meza. Mas, quando alguém quer entrar para uma corporação, da qual terá de fazer parte por tôda a vida, não é de mais que mostre uma certa cortezia, para os que nela já estão. Quando não faça a visita ou a carta de pedido, faça ao menos uma comunicação a cada membro.

É bom notar que eu não teria dificuldade em votar no Ramiz. Mas essa norma, que se vai generalizando, dará como resultado fazer da Academia um *saco de gatos*, em que nem a polidez se guarde...

Vou mandar-te por minha irmã, que d'aqui a alguns dias volta para o Brasil, um livro de Paul Claudel. Não o remeto pelo correio para que não o estrague.

Êsse Paul Claudel é aqui considerado pelos "novos" — um genio!

Não lhe descobri a genialidade. Em todo cazo, é um escritor curioso.

Minha mulher e minha irmã se recomendam a tua Senhora o que eu tambem faço.

Dispõe aqui sempre

do amigo

Medeiros.

I — 1, 1, 1

268.

Paris, 21 de abril de 1916
26, Avenue Marceau.

Meu caro Coelho Netto.

Recebi hontem teu telegrama pedindo-me o voto para o Oscar Lopes, na vaga do Orlando. Em regra, aqui na Europa, nós sabemos da

morte dos colegas, pelos telegramas em que nos pedem o voto para a sua substituição.

Foi o que me sucedeu com o Orlando. Mas o teu telegrama não teve o primeiro premio de velocidade, porque já outro me chegara, no mesmo sentido, no dia 10.

— E que é o que eu respondo?

— Que estarei aí no Rio no momento da eleição.

Eu quero muito bem ao Oscar Lopes. Bem pessoal e bem literario, porque lhe acho grande valor como poeta e como prozador.

Devo partir d'aqui no principio do mez proximo.

Até, pois, muito breve. Recomendações a tua Senhora e saudades do velho amigo

Medeiros.

I — 1, 1, 2

269.

Rio, 8 de março de 1920

Meu caro Netto.

Junto te mando o primeiro capitulo do romance. Si podéres, remete amanhã o segundo.

Não pude obter a colaboração de Julia Lopes. Ela está com uma filha doente e isso a impede de trabalhar. Substituí-a pelo Viriato. Creio que fazes dele o mesmo excelente conceito, que eu faço.

Quero o teu folhetim, para manda-lo ao Afrânio. Vou ver si começo no sabado. Depois, terás que escrever ás segundas e quintas, o Afranio ás terças e sextas e o Viriato ás quartas e sábados. O meu folhetim foi só para tirar a fieira. Não reincido no pecado.

Afetuosas lembranças do

velho amigo

Medeiros.

Endereço para a remessa: Avenida Rio-Branco 137, por cima do Odeon.

I — 1, 1, 3

270.

Rio, 31. out.º 1912.

Meu caro Coelho Neto.

Acabo de saber que a tua Ex.ma Senhora esteve gravemente enferma e que, felizmente, já se acha restabelecida, livre da forte influenza que a attacara.

Dou-te os meus sincéros parabens e peço-te que transmittas á Ex.ª Sen.ª D. Gaby minhas felicitações e respeitosas homenagens.

Dispõe do sempre

grato amigo e collega

Irineu Machado

I — 1, 3, 81

271.

Paris, 14. Nov.º. 1913.

Meu Caro amigo e collega.

Senti immenso não o ter visto em Paris. Desejava apresentar pessoalmente minhas homenagens á sua Ex.ma Esposa D. Gaby. Infelizmente, andamos sempre desencontrados.

Recebi o seu cartão de despedida.

Tem razão: em casa as dôres são attenuadas pelo doce e suave convívio dos amigos e dos parentes.

Fui operado; levantei-me no dia 11 e já estou afivelando as mallas, para voltar ao Brasil.

Chamam-me a cada momento e só agora posso — embora ainda enfermo — seguir viagem a retomar a m.ª antiga actividade . . . se possivel!

Acho-me tão acabrunhado, tão abatido physica e moralmente que nem sei se poderei reerguer-me e renovar a lucta.

Esta, porém, a sorte dos combatentes.

Ainda que feridos, batem-se até o fim e tombam para sempre. A humanidade é injusta: a uns perdoa a perpetua inactividade, o ocio e a calaçaria permanentes; de outros exige tudo e . . . mais do que o que podem dar.

Minhas respeitosas homenagens da mais viva estima, da mais intensa veneração, da mais profunda estima, á tua santa e digna Senhora.
Abraços e saudades do

Amigo e collega

Irineu Machado

P.S. Partirei a 29 do corrente.

Do amigo

I.M.

I — 1, 3, 82

272.

Monte Caseros n.º 560
Petropolis, em 21 Fev.º 920

Meu querido amigo

Li a noticia do seo aniversario natalicio.
Senti immenso não poder ir pessoalmente levar-lhe as minhas saudações e votos de felicidade e apresentar as minhas homenagens á sua Ex.ma Senhora.
Cada vez mais o estimo e admiro, meu caro Neto.
V. conte em mim um amigo certo e incondicional.
Disponha sempre do seu

grato amigo e collega

Irineu Machado

P.S. Não tinha noticia exacta da tua moradia. Tive de informar-me e soube então que ainda estás no mesmo sanctuario da r. do Rozo.

Am.º ex corde

Irineu

I — 1, 3, 83

MELO RESENDE

273.

Paris — 3 nov.bro 1913

Netto

Uma ausencia de dois dias a alguns kilometros da Ville Lumière impede-me de levar-te e a D. Gaby os meus votos de boa viagem e

proximo retorno, á gare du Nord, o que faço nestas linhas, nas quaes quero que fique expressa a impressão, renovada dos tempos idos, da nossa ultima confabulação. Outrosim, quero dizer a D. Gaby a minha profunda gratidão pelas palavras de supremo conforto e elevados sentimentos que houve por bem, ao despedir-nos, depositar, como um balsamo, no meu coração em que a lucta crystalisou emoções. Só uma mulher superior tem assim o dom de, num breve momento, confortar uma alma de artista. Os meus agradecimentos, com a minha homenagem, aos seus pés.

Pedi ao Senador Azevedo uma entrevista, q̃. ainda não me foi concedida. Escrever-tehei para o Rio dizendo o que delle houver obtido, como promessa, esperança ou affirmação. Para memoria, guarda aqui os nomes das pessoas a quem enviei o meu plano: Lauro, Rivadavia, Herculano, Martim Francisco (q̃. aqui me prometteu trabalhar por mim), Francisco Rodrigues Alves Filho, Freitas Valle, Cardoso de Mello. Caso seja preciso eu orçamentar o esboço, fal-ohei, com os detalhes, mas creio que p.ª começar não é possivel fazel-o com menos de 3.000 francos, publicando a cousa duas vezes por mez.

Se julgares que a tua amizade com o Luiz de Rezende te autoriza a uma intervenção em meu favor, rogo-te dizer-lhe, antes de partires, uma palavra. Talvez a idéa de ter um secretario não lhe seja antipathica, e eu preencheria esse mister com tanto mais dedicação quanto seria grato pela investidura de uma funcção que eu consideraria antes como munificencia da sua parte, pretexto p.ª proteger um "necessitado" que eu tomaria como ensejo de trabalhar conscienciosamente. Rogo a D. Gaby reforçar com o seu apoio o que puderes insinuar a esse respeito.

Boa vìagem, breve regresso, saùde imperecivel! Que o espirito de Lutecia te acompanhe e te inspire novos feitos. Não esqueças o meu endereço.

Teu velho

Rezende

8 Rue Claude — Chahu

I — 1, 4, 79

274.

20. abril. 914

Prezado Amigo,

Estive uns dias ausente, na Inglaterra, a convalescer de uma operação de appendicite, tonificando a alma e os nervos no dôce socego das lindas paizagens de Surrey; e só agora, ao regressar a Paris, en-

contro a sua carta de 25 de março, acompanhada de uma outra endereçada ao Senhor D. Luíz.

São bem tristes as noticias que me dá da nossa terra; não obstante, agradeço-as como seu depoimento sobre a mortal apathia que nos vae consumindo a passos largos. Pelo que publicam as gazetas, ha muito percebi o doentio fatalismo musulmano, que alastra por todo o Paiz, relaxando-lhe a resistencia physiologica contra a invasão das enfermidades que nos ameaçam de morte. A nossa situação é muito parecida com a desta generosa França naquelle anno terrivel de 1799.

Conhece o "Avènement de Bonaparte", de Albert Vandal, o mais intelligente historiador desses dias tormentosos? Pois lá encontrará, em uma phrase curta, o retrato fiel do nosso espirito nacional neste momento: "On se plaint de tout et on se soumet à tout". Estamos a morrer de um accesso, ou melhor — de um excesso de submissão, para não dizer de subserviencia. Quem sabe se o nosso Bonaparte já não está em gestação?

Passando a outro assumpto. . . . receba os meus parabens pela campanha que encetou contra o abuso escandaloso da adjectivação nacional. Sempre me pareceu um symptoma de decadencia intellectual e moral este accumular de phrases ôcas, umas gongoricas e outras delambidas, com que entre nós se costuma fazer litteratura e engrossamento. Como se o ideal não fosse escrever com a precisão e a clareza singela, que tanto distinguem os escritores de escol, — um Machado de Assis, para nos servirmos da prata de casa, ou un Renan e um Anatole France, se nos quizermos remontar aos luminares da arte na lingua litteraria por excellencia.

Em janeiro nasceu-nos uma filhinha, que se chama Clarisse. Minha mulher pede-me para communicar á sua Senhora este feliz acontecimento, e para retribuir, com muita sympathia, as lembranças que ella lhe enviou.

Paris fica em plena primavéra, — mas uma daquellas Primavéras, que os poetas outr'ora cantavam, a exemplo de Horacio, toda de verde e de oiro, — alegre, sonóra, macia e luminosa.

Quando pretende voltar?

Receba um affectuoso shake-hand do

Am.º e velho admirador

Melo Rezende

I — 1, 4, 80

275.

Rio. 1-7-1915

Netto

Aqui vai a copia da carta do Valle ao Pinheiro, esquecida aqui. *Tout en ayant l'air de l'ignorer,* pódes, junto ao general, abundar, reforçando — *rinforzando* — na mesma linguagem. Conheces-me quasi ao mesmo tempo que o Valle e creio que o Valle não está longe da verdade resumindo em largos traços como o fez a minha vascolejada existencia, cheia de vontade de bem-fazer, mas sempre sem acertar, com ventos sempre contrarios, remando sem cessar contra a maré. Netto, quanto à nossa amizade, creio que me relevarás lembrar-te que cada vez que uma occasião qualquer se offereceu de t'a provar indefectível, como a minha admiração pela tua vida de trabalho e de energia — fil-o, e com enthusiasmo. Pódes não te lembrar, porque ingratidões recebidas, de que o coração se confrange, não se esquecem — mas as effusões affectivas, esparsas na vida jornalistica, são pouco lembradas. Está na natureza das cousas. Quanto ao nosso caso, eu comtigo tenho até prophetizado, augural. Quando de Campinas voltava a S. Paulo, depois da celebração da tua Pastoral, os meus artigos effusivos no *Popular* assignalavam o homem de theatro que em ti havia, e nos *Anaes,* em certos artigos sobre o Municipal, predisse em ti o unico organisador de um nosso movimento theatral qualquer. Sem fallar num artigo da *Noticia,* consagrado a ti, a proposito de um livro teu, e em que eu, anathematizando governos inartisticos, salientava o teu labor de gigante, invencivel etc. Essas cousas, entre outras, Netto velho, eu lembro-t'as para que saibas que o que fizeres por mim não o farás por um ingrato, mas por um amigo que nunca o deixou de ser, no mais profundo do seu amago. O facto de nunca ter procurado a tua casa — foi timidez que sempre tive, e reserva innata, que a especial ultima situação accentuou. Perdôa-me estes detalhes e age energica, efficaz e velozmente, para o que rógo aos fluidos immanentes que em roda de ti criem e fórmem auras beneficas e therapeuticas. Escrevo com esta algumas linhas a D. Gaby, para lhe pedir um favor e de ante-mão lhe agradecer as energias que te communicar para me valeres.

Teu

Rezende.

71 General Menna Barreto

I — 1, 4, 81

RENATO VIANA

276.

Rio de Janeiro, 25 de Julho de 1916
Mui querido e respeitado Mestre

Ha quase um mez que me debato na tortura insana de uma idéa, que os meus amigos e os seus amigos me fizeram brotar e perpetuar na mente.

— Estás irremediavelmente perdido no conceito de Coelho Netto! — era o que me diziam logo após a divulgação do meu artigo sobre o Dr. Gilberto Amado, no dia de seu julgamento.

Era o que me diziam e continuam a dizer-me, á toda a hora, quase trinta dias passados sobre esse facto.

E davam-me e apresentam-me razões, que não comprehendo bem: "Que Gilberto fôra um ingrato. Que Gilberto fôra brutal. Que Gilberto se revelára indigno do carinho e da protecção do Mestre". Eu debatia-me. Debato-me. A tal ponto, que já não resisto á tentação de lhe endereçar estas linhas, em que mando toda a sinceridade de que se sente capaz minh'alma.

Não lhe peço desculpas, nem perdão, por isso que persisto em me considerar merecedor da sua benevolencia e amisade, ambas que me não lembro de haver marcado com a nodoa d'alguma indignidade.

Não conhecia o sr. Gilberto Amado no dia em que escrevi a seu favor. Não o conheço ainda hoje, quando o impulso que me traz á presença do Mestre, é o mesmo que me levou a enfrentar uma rajada de animosidades, com o artigo.

Dito e feito isto, creio merecer-lhe a indulgencia de uma tranquilisadora resposta, que me venha socegar da emoção que antecipadamente me abala e afflige, ao pensamento de vir a perder a sua consideração e a estima de seu lar, que tanto já me acostumei a amar e venerar.

Beijo-lhe as mãos.

Renato Vianna.

I — 1, 5, 46

277.

Senador Dantas, 19.

Meu querido Mestre

Appello para a sua amizade, arremessado por uma situação violentissima. Não fôra o gráo de paternidade que me tem carinhosamen-

te dispensado, e eu jamais me abalançaria a vir encommodal-o. Mas o Mestre é Bom, porque é sabio, e compreenderá este desespero, em toda a sua grandiosidade.

Venho pedir-lhe a fineza de me emprestar oitenta mil reis. É a quantia que preciso até as 4 horas da tarde, irrevogavelmente. Vejo-me em conjunctura de não ter a quem recorrer, senão ao Mestre. Faço-o envergonhado de mim mesmo, diminuido, humilhado. É a vida. Não é a vida. É a Familia — força maior que nos induz a todas as situações melindrosas. O Mestre perdoará. Mas no dia 15 deste mez devo realisar no "Jornal" uma conferencia, cujos bilhetes começarei a passar amanhã. Logo que tenha passado o sufficiente, me apressarei a restituir-lhe esta quantia que encarecidamente lhe rogo.

Como lhe devo mostrar meu coração — como lh'o poderei mostrar — para que veja a sua tortura?

Não me queria mal, a mim, que tanto o venero. E francamente me dê qualquer resposta pelo portador.

Muito do fundo d'alma,

Renato Vianna.

3. Agosto. 16.

I — 1, 5, 47

278.

Fortaleza, 4 de Setembro de 1916

Meu querido Mestre e Amigo.

Tendo que realisar uma viagem precipitada, foi em vão que tentei dar-lhe o meu abraço de despedida. Venho reparar essa falta já d'aqui, pedindo-lhe perdão. Trouxe-me ao Ceará a saude de minha senhora, e ainda não sei o tempo que por aqui ficarei. Affianço-lhe, porem, com viva satisfação, que todo e qualquer que elle seja, não será inutil. Pretendo, nesta consoladora calma de provincia, preparar o meu livro de estréa — o livro com que irei affrontar a benevolencia dos Mestres complacentes, como o tem sido, para mim, o meu querido amigo.

Pezar da grande distancia, acho-me sempre perto do seu convivio. Tenho aqui os seus livros, e isso é bastante para que o tenha sempre no coração.

Rogo-lhe recommendar-me respeitosamente á dona Gaby, cujo coração piedoso tem em mim, aqui, humilde sacerdote.

A minha conferencia não chegou a realisar-se, por difficuldades de dinheiro, que quase nenhum apurei. Tendo devolvido aos amigos até onde me foi possivel, pouca me resta a fazel-o, e fal-o-ei dentro de breve.

Foi uma decepção. As decepções, no entanto, são a propria vida. Por isso me resigno e me submetto a ellas. Sinto-me sufficientemente recompensado quando me vem um momento de intenso prazer como é este em que lhe escrevo.

Creia-me sempre

seu certo, affectuoso e sincero,

Renato Vianna.

S/c Rua Major Facundo n.º 258.
Ceará — Fortaleza.

I — 1, 5, 48

N. DATY

279.

Aux armées, 20e Juillet 1917.

Monsieur,

Faites excuse si je prends la liberté de vous écrire. Bien que ne vous ayant jamais vu, je crois connaître un peu de votre âme, un peu de votre coeur, et c'est pourquoi j'éprouve un vif plaisir à vous communiquer certaines de mes impressions.

Je suis à l'heure actuelle sur le front, mais je serai bientôt de passage à Paris d'où je pourrai vous expédier ma lettre, afin qu'elle vous parvienne plus directement. Je combats dans les rangs français depuis le début des hostilités et l'idée m'est venue, il y a quelques mois d'apprendre votre langue. Elle est douce, claire, et présente des analogies frappantes avec notre patois du Sud-Ouest.

Depuis donc, j'occupe ainsi mes quelques instants de loisir, muits de veille forcée, heures précédant le quart, rares moments où le service me laisse libre dans les courtes périodes de repos et en tranchée. Cette étude, comme vous voyez, est mon plus agréable passe-temps; elle me passionne.

Je vous écris Monsieur, parce que des souvenirs ineffaçables s'attachent à votre nom.

Avant notre dernière offensive, dans les sombres carrières de Gleunes, je reçus un certain jour d'Avril votre ouvrage intitulé "Romanceiro" — Il me plut des la première page. Mon isolement moral disparaissait; je me sentais alors moins seul, j'avais un ami qui me suivait partout; un ami que je comprenais — pour mon âme, un ami qui la comprenait — et je m'y attachais de plus en plus, en m'apercevant que j'éprouvais ce qu'il avait éprouvé, que je souffrais ce qu'il avait sans doute souffert!

Que de phrases restent gravées en ma pauvre memoire! entre autres une qu'il me plaît de répéter et de traduire comme pour me défendre en face des stupides et funestes erreurs "d'une" époqué, si toutefois nous envisageons l'infini des temps: "Se pudéssemos dissipar a hypocrisia, veríamos a verdade triste:..." Et je lisais quelques jours auparavant dans "Savoir", dernière oeuvre de notre grand savant Le Dautec, un long chapitre sur l'hypocrisie. Le poète lit l'homme de science, me pensais-je, pourquoi notre regretté savant n'aurait-il pas lu le poète?

Oui, la lecture de vos ouvrages m'offre Monsieur le plus vif interêt; je relis certains passages avec plaisir, parce qu'il s'en dégage je ne sais quelle captivante et douce mélancolie, parce qu'ils répondent à mon état d'âme, à ma nature.

"Rhapsodias"! Oh! les charmants petits contes! Quel beau parterre! Quelle fraîcheur! Ils sont imprégnés de douceur, ils sont un peu tristes, ils sont tendres et c'est pourquoi je les aime tant!

Je les ai traduits pour mes hommes aussi bien que j'ai pu, avec toute ma science de trois mois (!), en leur conservant le plus possible de votre âme et de votre coeur.

Après de bien durs moments, après des nuits de misère, avant le sommeil réparateur, ils viennent et me demandent dans notre triste et humide abri qu'une bougie éclaire, ils me demandent — pauvres hommes! —: "Mon lieutenant, un conte de Coelho, je vous prie". Et je les aime ces grands enfants que je console et qui me levient tous leurs secrets, toutes leurs peines et toutes leurs joies, comme si j'étais le confident de tous.

N'apprendrez-vous pas, Monsieur, avec plaisir et aussi avec une louable fierté de coeur, que votre nom est sur leurs lèvres?

Mais je m'arrêt, pardonnez-moi de vous avoir écrit aussi librement et aussi longuement; je garde le meilleur souvenir de vos ouvrages, mes premières lectures de Portugais.

Ces jours-ci je lisais "A Muralha"; demain je lirai "Neve ao Sol".

Je suis jeune et j'espère assister un jour à vos conférences littéraires. J'encouragerai de mon mieux l'étude de votre si belle langue et je ferai tous mes efforts pour que le Brésil ne passe plus aux yeux de bien des Français comme un pays reculé et sauvage, mais bien comme un fruit défendu et tentant auquel on ne peut s'empêcher de mordre.

Recevez Monsieur, mes plus respectueuses sympathies et l'expression de mes meilleurs sentiments

Lieutenant N. Daty

34, Rue de Flandre, 34
Paris — 19e

[Em fôlha anexa:]

Le château de Raray appartient à la vieille famille des Labédoyère. L'un des Labédoyère, s'étant caché en 1793 dans les souterrains du château fut dénoncé par son frère. Il périt sur l'échafaud. Plus tard, un autre, Huchet de Labédoyère, servit avec distinction sous l'Empire. Il était colonel en 1815, lorsque Napoléon revint de l'île d'Elbe. Il fut le premier colonel qui se rangea sous les drapeaux de l'empereur. Arrêté après le retour des Bourbons, il fut fusillé comme coupable de trahison; il n'avait que 29 ans.

I — 1, 2, 26

280.

34. Rue de Flandre. 34
Paris
Aux Armées 20e Novembre 1917

Monsieur,

Votre charmante lettre m'a causé le plus vif plaisir. Je l'ai lue à mes hommes, leur joie n'a pas été moins grande que la mienne. J'ai reçu vos journaux et d'autres ont suivi. Quelle délicatesse! Je ne veux pas attendre que vos ouvrages me soient parvenus pour vous remercier de tout mon coeur et remercier également les chers amis qui ont pensé à moi.

Je ne pourrais vous dire assez combien je suis sensible à l'honneur que vous me faites, à la touchante marque de sympathie que vous nous donnez aujourd'hui. Dans notre pauvre trou fangeux, dans la bien froide tanière où nous veillons nuit et jour accroupis, dans cet isolement profond, nous apprenons qu'il y a là-bas, au-delà du vaste océan, à des milliers de lieues, sous le ciel le plus pur des hommes qui nous regardent, des coeurs qui palpitent en pensant à nos misères ou à nos gloires: quel encouragement meilleur, quel réconfort plus doux pouvions-nous espérer?

Ah! n' est-ce pas un peu de votre beau soleil qui réchauffe ce matin notre âme! Une fois encore un chaleureux Merci! Désormais notre devoir est de vous mieux connaître pour vous mieux estimer et pour vous mieux aimer. Je vois déjà avec plaisir, en lisant les journaux, les revues, les brochures de toutes sortes, que nous commençons à nous intéresser de plus en plus aux affaires du Brésil. Ici, que d'énergies couvent dans la souffrance, que d'hommes attendent assoiffés d'une vie meilleure, plus active, plus large...! Puisse cette horrible catastrophe nous avoir servi à quelque chose!

Pour ma part, en fouillant votre littérature, je me plais à découvrir les brillantes qualités du Brésilien; je me rends compte — ce qui me touche profondement — de la connaissance qu'il a de nous et de nos oeuvres, tant artistiques, scientifiques que littéraires, bref de l' attrait marqué qu'il éprouve pour tout ce qui est français.

Vous voulez, Monsieur, me dites-vous, me forcer à aimer votre si belle langue; je pense à ce que Voltaire disait du célèbre Père Porée: "Son plus grand mérite fut de faire aimer les lettres à ses disciples." — Eh bien! je voudrais pouvoir vous répondre de vive voix: "Votre langue, je l'aime déjà grâce à vous et grâce à vous bien d'autres l' aimeront aussi".

Heureux d'avoir votre amitié, je vous adresse ainsi qui à ceux qui vous entourent, mes hommages les plus respectueux.

Des compliments à vos petits de la part d'un soldat français.

Lieutenant N. Daty

I — 1, 2, 27

281.

Aux Armées, 25e Décembre 1917

photographies [saisi] es [par l'autorité militaire]

Monsieur,

Je sais combien est difficile aujourd'hui le service postal entre nos deux pays; je n'ignore pas les sérieux dangers auxquels s' exposent, sur les mers, passagers et matelots. J'ai même appris par un journal français, non sans éprouver un très vif sentiment de haine, que l'Allemagne avait eu l'intention d'envoyer des sous-marins le long de la côte brésilienne; ces bruits ne sont peut-être pas sans fondement, car la "bête" acculée est capable de tous les crimes. J'ose espérer néanmoins que ma lettre vous parviendra.

Monsieur, je viens vous offrir aujourd'hui, à l'occasion du nouvel an, mes voeux les plus sincères et les meilleurs et aussi ceux de mes hommes. A votre famille, et à votre pays, je souhaite toutes sortes de prospérités. J'espère que 1918 sera l'année de la Grande Paix et du triomphe du droit!

. . . Nous avons quitté les Flandres, monotone et triste pays. Le champ de bataille n'était plus qu'une mer de boue; vous en jugerez par les deux petits clichés que je me permets de joindre à cette missive. A l'heure actuelle, nous sommes au repos à proximité du célèbre "Camp du Drap d'or"; sans ma carte je ne l'aurais certes point remar-

qué, car ce n'est qu'une vaste étendue de terrains cultivés, sans relief et sans autre vestige qu'un moulin délabré. Malheureusement l'hiver commence! Il s'annonce rude. Déjà il gèle à pierre fendre. La nature est d'une tristesse émouvante; pas d'oiseaux, si ce n'est de gros et vilains corbeaux s'abattant par centaines sur les meules de paille; tous ces petits cours d'eau aux rives si peu agrémentées, tous ces nombreux watergangs ne sont plus que des rigides rubans de glace. Une bise balaie cette contrée unie... Cependant, la pipe aux dents, comme il sied à des "poilus" nos braves soldats patinent, plaisantent et jouent.

Le temps me manque pour prendre mes ébats avec eux, — ou plutôt je me distrais à ma façon. Vous lire est toujours mon plus grand plaisir. En attendant de Porto vos nombreux ouvrages je vais avec "Pery" parcourir le sertão.

Mon plus profond respect,

N. Daty

34. R. Flandre. Paris 19.e

I — 1, 2, 28

GIULIO DE MEDICI

282.

Rome, 18 Décembre 1919

Cher Monsieur, — par une heureuse combinaison, j'ai pu acheter un exemplaire de votre roman "Turbilão", dont je suis vraiment enchanté.

J'ai formé le projet de le traduire en Italien, et je m'empresse à vous en demander la permission. Je veux bien espérer que vous n'y aurez des difficultés.

Toutefois, je dois vous informer, que la Maison Editrice, qui le publierait, mets, comme condition *sine qua non,* que les Auteurs doivent renoncer à tout benefice financier. Laissez-moi espérer, Monsieur, que cette condition ne vous impechera pas de me donner l'autorisation que je vous demande, et par laquelle votre nom, pas connu jusqu' à ce moment en Italie, sera apprecié, comme il l'est dejá en Brésil et en Portugal.

La Maison Editrice susdite, dirigée par un homme fort audacieux, consentant aux insistences d'un de mes amis, Mr. G. Beccari, et miennes, iniciera en Janvier prochain, une collection de publications, sous le titre général de "Biblioteca iberica", dans laquelle paraîtront romans et nouvelles des plus reputés hommes-de-lettres castillans, catalans, portugais, brésiliens et du Sud-Amérique espagnol. Mr. Biccari

et moi, nous avons déjà obtenu des oeuvrages de Mss. Pérez Galdós, A. Palacio Valdés, V. Blasco Ibañez, A. de Hoyos y Vinent, P. Baroja, Salaverría, Carmen de Burgos — pour les castillans; Mss. Santiago Rusiñol et N. Oller — pour les catalans; Mss. Eça de Queiroz et Trindade Coelho — pour les portugais; Blanco Zombona — pour le Sud-Amérique espagnol. Votre roman "Turbilão" et votre nom répésentera, pour le moment, le Brésil.

S'agissant de faire connaître en Italie tous les hommes-de-lettres susdits — pour la plus part complètement inconnus chez nous — on ne peut pas reprocher mon éditeur de les vouloir exploiter. Vous comprendrez sans doute les raisons, sans que j'aie besoin de les mentionner.

Il va sans dire que tous les romanciers cités ont déjà concedu les autorisations de traduction, en renonçant à toute compensation.

Vous aurez l'obligéance de me repondre un petit mot à ce sujet le plus tôt possible.

En attendant, je profits de l'occasion pour vous présenter, Monsieur, avec mes remerciements, mes salutations les plus distinguées.

Giulio de Medici

133 Principe Umberto — int. 5
Roma (28)

P. S. Si ma proposition rencontrera votre approbation, je vous prie de vouloir bien me communiquer les titres de ces de vos romans, surtout les derniers, qui ont obtenu le plus de succès en Brésil et en Portugal.

De même je vous prie de m'indiquer le nom et les oeuvrages de quelqu'un des meilleurs romanciers de votre Pays, dont il serait opportum faire connaître l'oeuvrage dans la "Biblioteca iberica".

Merci d'avance!

I — 1, 4, 3

283.

Rome, 5 Août 1920

Monsieur, — j'ai bien reçu, en son temps, votre aimable lettre en date du 31 Janvier ecoulé, et j'ai aussitôt repondu à votre lettre. Mais, n'ayant pas reçu aucune autre nouvelle de votre part, jusqu' à ce jour, je retiens que ma susdite se soit egaré.

Afin d'éviter une nouvelle dispersion postale, je vous remets la presente recommandée — Je vous prie de faire le même.

Je vous remercie derechef d'avoir consenti à me donner votre autorisation pour la traduction de votre roman "Turbilhão", en renon-

çant à vos droits d'auteur. En son temps, on vous remettra les exemplaires de ma traduction, que vous desirez.

J'espère que ma traduction paraîtra dans l'année courante, et j'ai presque achevé mon manuscrit. — Je vous remets ci-joint un prospectus-programme de la "Biblioteca Iberica Moderna" où paraîtra ma traduction — "Turbilhão", comme vous verrez, y est déjà annoncé — Jusqu'à ce jour ont paru les deux volumes de Hoyos y Vinent, dans ce jour paraîtra "Mare Nostrum" de Blasco Ibañez, après "A cidade e as sierras" de Eça de Queiroz (traduit par moi), "El poble gris" de S. Rusiñol (egalément traduit par moi, du catalan) et enfin "Turbilhão".

Suivant la demande de mon Editeur, je vous prie de me faire tenir — par retour du courrier-signé, s'il vous plaît — un de vos derniers portraits, et des notices sur votre vie et sur votre oeuvrage — Je formerai, avec ces dernières, une petite préfaction à "Turbine", servant de présentation au publique italien.

J'ai écrit deux fois, en votre nom, à MM. Lello & Irmão, de Porto, pour me faire adresser vos volumes "Jardim das Oliveiras", "Banzo", "Capital Federal", mais sans recevoir de reponses. Je demande à votre obligeance de me le faire adresser par votre Libraire de Rio, en mé faisant connaître en même temps le montant de mon débit: ça, pour éviter des retards inutiles.

Et maintenant, monsieur, permettez-moi de vous demander une faveur toute personnelle — Contemporainement à ma première lettre, adressé à vous, je remets à la Librairie Garnier, de votre ville, une lettre pour MM. les Hereditiers du regretté romancier Mr. Machado de Assis — Je demandais aux dits Messieurs la permission de traduire en italien le roman "Memorias de Braz Cubas", et l'envoi du texte portugais de ce volume, que j'ai lû dans la traduction française — Je n' ai pas reçu des reponses — Voulez-vous, Monsieur, avoir l'obligéance d'en parler en mon nom avec les Messieurs en question, et me faire obtenir l'autorisation, un exemplaire du volume (que je ne sais pas vraiment où demander) et un portrait de Mr. Machado de Assis?

Vous voudrez en outre me communiquer si le roman "A Carne" de Julio Ribeiro pourrait-être traduit sans permission des heritiers respectifs — Je me proposerais de le faire paraître dans l' *Iberica.*

Veuillez m'excuser, Monsieur, si je profits trop de votre obligeance —

Dans l'attente de votre reponse, j'ai l'honneur de vous présenter, Monsieur, mes remerciements et mes hommages respectueux.

Giulio de Medici

133 Principe Umberto — int. 5
Roma (28)

J'ai bien reçu les trois volumes, que vous m'aviez remis, et je vous en remercie — Suivant votre desire, je suivrai la deuxième édition de Turbilhão, pour ma traduction —

I — 1, 4, 4

284.

Rome, 19 Janvier 21

Monsieur, — je vous prie vivement de m'excuser, si je n'ai pas vous ecrit, pendant ce temps. Mais j'ai été gravement malade pour trois mois et plus — Heureusement pour moi, maintenant je suis presque retabli et, pour première chose, je vous ecrire.

J'ai reçu en son temps votre portrait, et je vous en remercie vivement.

Relativement à la traduction de "Turbilão", je dois vous informer que, suivant mon contrat avec mon Editeur, j'aurais à delivrer mon manuscrit pour le prochain mois de mai — Il y a, toutefois une modification, dont je me permets vous entretenir, en m'augurant que vous aussi serez de mon avis.

Lorsque je vous ai demandé la permission de traduire votre roman "Turbilhão", je ne connaissais, de votre nombreuse oeuvrage, que cette production litteraire exclusivement.

Pendant ma maladie, j'ai eu occasion de lire, grace à l'obligéance d'un de mes amis, les suivants de vos volumes romantiques: "Sertão", "Treva", "Rei barbaro", "Miragem", "Esfinge" et "Inverno em Flor"... C'est assez n'est pas?... Or, j'ai dû constater que — et je vous prie de m'excuser si je vous parle tant franquement! — "Turbilhão" c'est, peut-être, de votre oeuvrage celle qui moins represente votre effective et réelle originalité — "Rei barbaro" et surtout "Sertão" et "Treva" qui respirent toute la magnifique richesse de ces pays tropicaux, et qui sont d'une originalité vraiment frappant, auraient dû être les premières à être traduites en italien, pour mieux faire apprecier votre nom et votre artistique oeuvrage — En conséquent de ce qui precède, je me permets vous proposer, Monsieur, ce qui suit:

1) Tout en me reservant de traduire en italien "Turbilhão" dans l'année courante, je vous prie de m'autoriser à

2) faire paraître, dans la traduction italienne, votre "Rei barbaro" pour le prochain moi:

3) à former un volume, ou plus, en limits reduits (par exemple, un volume de 120 pages, un autre de 200, et peut-être un autre aussi

de 200-280 pages) de nouvelles choisies entre celles qui forment les deux volumes "Sertão" et "Treva" —

J'espère, Monsieur, que vous jugerez ma proposition bien opportune, surtout en tenant compte que ma modification est inspiré par mon desire de faire apprecier dignement votre nom de romancier chez nous.

Si d'accord, vous voudrez bien me faire tenir une autorisation à part pour "Rei barbaro" et *deux* autres, egalement à part, autorisant *de choisir et former un volume italien des nouvelles formant les deux volumes "Sertão" et "Treva".*

Vous aurez l'obligéance de rediger ces *trois* autorisations aux noms suivants: GIULIO DE MEDICI et GILBERTO BECCARI — Mr. Beccari, traducteur de bien d'oeuvrages castillanes, est bien connu en Italie, et suivant un accord intervenu entre nous, est mon collaborateur.

Je dois vous prier encore, Monsieur, de me faire avoir — et je vous prie vivement de m'excuser si je suis trop indiscret — Les suivantes de vos oeuvrages: *Banzo, Capital Federal, O Morto, A Conquista, Tormenta,* que j'aimerais bien lire, car je suis entusiaste de votre oeuvrage — vous voudrez bien me faire communiquer aussi, en même temps, le montant de mon débit.

J'ai reçu en son temps les deux pièces de theâtre de Mr. Claudio de Souza, que, au nom du dit Monsieur, vous m'avez adressé — Je les ai lû, et j'ai été enchanté de son magnificence et fluidité du dialogue: c'est surprenant vraiment — Si vous voudrez bien me communiquer l'adresse de Mr. Claudio de Souza, je vous en serai très tenu, me proposant de lui ecrire directement.

En m'excusant derechef de mon retard, et en vous priant, Monsieur, de me repondre le plus tôt possible, relativement à la modification de traductions que je vous ai proposé, je vous prie d'agréer, avec mes vifs remerciements, mes hommages respectueux.

Giulio de Medici

133 Principe Umberto — int. 5
Roma (28)

P.S. Desirant acheter quelqu'unes des oeuvrages de Mr. Machado de Assis, et surtout les "Memorias de Braz Cubas" et "Os Contos", je demande à votre obligéance, Monsieur, de me les faire adresser par une des librairies de votre ville, en me faisant connaître le montant que j'aurais à rembourser — Chez nous, c'est presque impossible, malheureusement!, de se procurer des libres brésiliens —

Je vous serais en outre trés tenu si vous voudrez bien m'indiquer des oeuvrages litteraires, et les noms des relattis auteurs, que en ces derniers temps ont obtenu les plus de succès dans votre Pays — Je me proposerais en choisir quelqu'une et la traduire en italien, après les vôtres, sans doute.

Merci d'avance!

G. de M.

I — 1, 4, 5

AFONSO DE ESCRAGNOLLE TAUNAY

285.*

S. Paulo, 8 de agosto de 1928.

Exmo. e Illustre Am.º Sr. Dr. Coelho Netto,

Recebi as suas duas cartas. A que me escreveu em resposta e a que me trouxe o illustre pintor portuguez azulejista, Sr. Jorge Collaço. Já ha vinte annos que conhecia o Snr. Collaço, quando da Exposição Nacional de 1908. Tive agora o maior prazer de o rever saudando um verdadeiro mestre nessa arte intrinsecamente portugueza e brasileira. Sua visita me foi tanto mais agradavel quanto me trouxe a carta do meu prezado e illustre Amigo pedindo a minha atenção para o fornecimento de elementos ao artista portuguez que vae fazer uma série de paineis magnificos sobre assumptos da nossa iconographia. Com o maior prazer e interesse procurei servilo, fornecendo lhe, da minha collecção de photographias, tudo quanto lhe pareceu util. Ao mesmo tempo lhe disse que aqui ficava á sua inteira disposição tendo verdadeiro empenho em lhe ser util.

Remetto ao meu illustre Amigo algumas photographias do estado actual do *hall* do Museu, cuja decoração ainda está por terminar. Assim por exemplo sobre as pilastras, vou collocar lindos vasos de bronze sustentaculos de amphoras que conterão a agua *legitima* dos principaes rios do paiz, esboçando assim uma synthese do nosso territorio.

Remetto-lhe tambem uma boa vista do Museu, visto do seu parque e duas outras do conjuncto do monumento da Independencia, Museu e respectivo parque. Foram tiradas por aviadores e são tudo quanto ha de mais moderno. Espero que lhe sejam uteis.

---

* Ao alto, à esquerda, lê-se manuscrito: "ditado a um dactylographo escrevendo em machina não silenciosa!"

Envio-lhe tambem a photographia pedida da nossa estatua de Antonio Raposo Tavares. Muito lhe agredeço as lindas considerações de suas cartas e a generosidade extraordinaria de seus conceitos a proposito de meus modestos trabalhos. É com a maior alegria que antevejo a hypothese de ver a nossa iconographia do M. Paulista servir de suggestão a alguma legítima obra prima a ajuntar-se a bibliographia de Coelho Neto. Quero ver se lhe arranjo outras photographias de S. Paulo para o seu trabalho com aspectos dos mais modernos.

Adeus meu caro Dr; se passar por aqui não deixe de nos dar um pouco do seu precioso tempo e avisar-me.

Disponha do seu sempre mt.º gr.º adm.or am.º

A. de E. Taunay

I — 1, 5, 32

286.

Prezado e illustre Confrade e Amigo,

Perdoe-me a demora destas linhas. Motivou-a a perturbação que me trouxe e aos meus a necessidade subita de um intervenção cirurgica soffrida por minha filha. Felizmente correu admiravelmente mas este inesperado caso transtornou-me completamente a correspondencia.

Muito e m.to obrigado pelas suas palavras e votos tão cordiaes. Quero retribuir-lhe do modo mais effusivo desejando-lhe em 1929 os dias mais felizes.

E permitta-me que lhe peça, á feição dos antigos chronistas, veja Vossa Mercê o que deseja para eu lhe dar gosto no que couber na minha inutilidade estimando ter occasião do seu serviço.

Seu mt.º att.º adm.º e manso cr.º

Affonso de E. Taunay

S. Paulo 12/1/1929

I — 1, 5, 33

287. *

S. Paulo 14/7/31.

Meu prezado e illustre Mestre e amigo.

Voltando hontem de uma excursão nos arredores de S. Paulo, encontrei o seu telegramma pedindo-me o apoio para a candidatura

---

* Cartão

Gregorio Fonseca. Pensava responder-lhe hontem mesmo mas tivemos um dia tão atropellado e cheio de novidades que me distrahi de o fazer.

Vou mander hoje (14) o meu voto por carta expressa registrada ao nosso Presidente como exige o nosso regulamento. Candidato unico e prestigioso como é o G. Fonseca certamente *vavará* no primeiro escrutinio como se diz em nossa gyria eleitoral. Vive S. Paulo tão afastado do Rio que não tenho noticia alguma de nossa vida academica, senão pelos resumos do *Jornal do Commercio*. Ninguem me escreve! nem os melhores amigos... É uma santa lombeira...

Adeus meu illustre amigo, meus respeitos à Ex.ma Snra. D. Gaby. Disponha do seu m.to aff.o e gr.o colla. am.o

A. Taunay

I — 1, 6, 67

BATISTA PEREIRA

288.

S. Paulo, 18-8-1901.

Meu illustre e prezado amigo

Estava para escrever-lhe ha bem tempo, mas uma febre impertinente, especie de vigesima dynamisação da que no Decameron acompanhava a peste negra, não m'o permittiu. Por esse motivo, não lhe enviei ha mais tempo minhas felicitações pela sua nomeação. Não que julgue tal nomeação uma honra para si, porque homens da sua estofa illustram os cargos que occupam em logar de tirar lustre delles, mas por ter esse acto do governo respondido dignamente á sua intenção de professar em Campinas essa literatura que tão profundamente conhece e pela qual tanto tem feito.

Creia que essas minhas felicitações são sinceras. Não são de um ex-concorrente, porque, nesse concurso em que entramos, eu não buscava lhe disputar uma Cadeira que, por todos os titulos, lhe pertencia, mas sim (eis as columnas de Hercules de minhas mais ambiciosas esperanças) buscava uma equiparação que, nada tirando ao nome glorioso e feito de Coelho Netto, muito daria ao nome obscuro e por fazer de Baptista Pereira. — Essas felicitações são de um amigo.

Envio respeitosas saudações á exm.a D. Gaby, beijo os pequenos e, debaixo do escriptor que estava habituado a admirar, abraço o homem de oiro que me habituei a querer.

Baptista Pereira

I — 1, 4, 68

289.

Rio.18.11.916

134 Ruy Barbosa

Meu muito caro Coelho Netto

Tenho o prazer de apresentar-te os meus amigos Casimiro Warchalowski e Jacob Kosinski, que te vão procurar em nome duma das mais nobres causas que possam existir: a da reivindicação dos direitos da Polonia, a grande precursora da Belgica no heroismo e no martyrio.

Teu coração, tão* grande como o teu talento, não será, de certo, surdo ao appello dos que te vão bater á porta. Ahi os tens.

Beija as mãos de d. Gaby e abraça-te muito affectuosamente o velho adm.r e amigo certo

Baptista Pereira

I — 1, 4, 69

OSCAR LOPES

290.

Meu caro Coelho Neto:

Acabo de ler o seu livro, que com tanta bondade me mandou. Aos agradecimentos que lhe fiz na occasião, accrescento os de agora, após a leitura d'aquellas quatrocentas paginas brilhantes. Deve saber que o admiro intensamente, desde as suas primeiras obras, quando eu não passava de uma creança. Minha admiração não amortece, antes se exalta. Nunca jamais esquecerei do novo livro o mysterioso *D. João de Navarra,* o suave *Ciume,* o imprevisto *Violino,* e *Vigilia,* e *Um Audaz,* e todas as paginas magnificas, cada qual no seu genero, onde V. é sempre o prosador eloquente, o artista polymorpho a quem todos os assumptos são familiares.

Deixo-lhe, pois, rapidamente, a impressão que me ficou. Resta-me beijar-lhe as mãos. É o que faço, com excepcional alegria.

Oscar Lopes

5 de Novembro de 1904.

I — 1, 3, 70

---

* *teu,* no autógrafo.

291.

Meu caro Coelho Netto:

Acabo de ler o seu deslumbrante artigo de louvor a meu livro. Suas excellentes palavras entraram-me fundamente n'alma, e é em vão que procuro no meu commovido sentimento a expressão justa, capaz de dizer quanto me encontro orgulhoso e feliz.

Seu artigo, seu bellissimo artigo, é todo feito de uma rara generosidade que palpita dentro de cada qual de suas limpidas frases. O seu louvor a meus versos deixou-me electrisado no primeiro momento; mas, depois, fez-me cerrar os olhos docemente — a pupilla estando fatigada da luz intensa — e fez-me sorrir, sorrir de confortado, de agradecido, pelo presente de oiro enviado, pela dadiva régia recebida.

Muito, muito obrigado, meu querido, meu bom Coelho Netto, Amigo e Mestre. Beijo-lhe as mãos.

Oscar Lopes

I — 1, 3, 71

JOSÉ FAGUNDES SEABRA

292.

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1905

Meu caro Coelho Netto

Recebi a sua cartinha. Foi injusto suppondo que eu me tivesse esquecido de V. Não tem havido vagas de logar que lhe sirva; si alguma houve, foi quando V. estava fóra, e não me occorreu que lhe conviesse então deixar um logar effectivo por um interino, que era o unico de que eu dispunha. A sua admiravel phantasia de poeta imaginou vagalhões e borrascas, onde a agua não passou de um fio escasso, que não bastava para matar a sede de um meio-pretendente.

Venha ver-me quando quizér e sempre, se fôr possivel. De qualquer modo por que V. pretenda, nunca será um pretendente importuno. A sua ameaça por conseguinte vale pela promessa de um prazer.

Sempre seu

Am.º m.to aff.º Adm.or obg.º

Seabra

I — 1, 5, 11

293.

Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1905.

Meu caro Coelho Netto

Não lhe posso dar o logar de archivista, porque é de accesso, na forma do regulamento: art. 30, § 2.º A nomeação dos chefes de Secção e dos archivistas será dependente de accesso, em que prevalecerá o merecimento, etc.

Fica uma vaga de sub-archivista, que tem 3:600$000 annuaes. A nomeação é feita mediante concurso, para cuja inscripção ha um prazo de 60 dias, a contar da publicação do edital. Em falta de outros acho que esse lhe convem, e caso V. queira eu o nomearei desde já interinamente. É um emprego bom pela tranquillidade do trabalho e pelo futuro que tem, si houver como é natural, uma reforma da repartição.

Mando-lhe aqui um exemplar das instrucções para o concurso, a fim de que V. fique informado de tudo e resolva sobre o meu offerecimento. Desculpe-me não lhe offerecer mais; dou o pouco que tenho, mas o dou de coração.

Seu

Am.º aff.º ad.r ob.º

Seabra

I — 1, 5, 12

JOÃO FRANCISCO DE ASSIS BRASIL

294.

Rio de Janeiro, 27 Julho 1906.

Eminente Compatriota,
Sr. Coelho Netto.

Sou muito sensivel á sua gentil palavrinha de Saudação. Inutil é dizer que acompanho com o interesse de sempre a sua esplendida *trajectoria.*

Venha ver o Pan-americano e dar-me uma opportunidade de lhe apertar a mão ao

am.º adm.or

J. F. de Assis Brasil.

I — 1, 1, 68

295.

Rio de Janeiro, 23 agosto 1906.

Meu Caro Sr. Coelho Netto,

A minha pobre memoria, trabalhada nestes momentos mais que nunca, não me dá a certeza de haver eu já, ou não, agradecido e retribuido a sua gentil saudação, enviada ha dias. É apenas certo que tive a melhor intenção de o fazer e, se o não fiz, foi sem duvida por algum dos muitos motivos que me teem feito faltar aos mais gratos deveres, desde que estou neste pandemonio pan-americano. Mil agradecimentos pela sua amabilidade, que prezo tanto quanto o admiro. Porque não vem ver-me a esta Secretaria? Encontraria aqui bons e velhos amigos. Esta casa é visitavel todos os dias, menos nos momentos de sessão. Teria, particularmente, immenso gosto e vel-o

Seu sincero adm.or

e am.o m.o obr.o

Assis Brasil

I — 1, 1, 69

AFONSO CELSO DE ASSIS FIGUEIREDO JÚNIOR

296.

1 de Novembro de 1908

Permitta, Coelho Netto, que lhe apresente Frei Ambrosio, guardião dos franciscanos desta cidade. É um sacerdote exemplar, um espirito superior, digno do seu apreço.

Queira apertar a mão que mui cordialmente lhe estende o seu confrade, admirador e amigo

Affonso Celso.

I — 1, 2, 86

297.

5-II-1910

Muitissimo obrigado, meu eminente confrade e amigo Coelho Netto, por seu bondoso interesse pela saúde de meu Pai que, mercê de Deus, vai melhor e também summamente agradece.

Creia no grande bem que lhe quer e na alta admiração que se desvanece de lhe tributar

Affonso Celso.

I — 1, 2, 87

FIALHO DE ALMEIDA

298. *

Cuba, alemtejo, 1 de Janeiro de 1909.

Ao illustre Coelho Netto envio cordiaes saudações, e faço votos para que lhe seja propício o novo anno, e muitos livros venham acrescentar a sua gloria de prozador e novelista. Com muita admiração e sympathia.

Fialho d'Almeida.

I — 1, 6, 78

299.

Cuba, 14 Janeiro de 1911.

Illustre Coelho Netto e meu amigo.

A sua carta exalta uma saude que eu não tenho, e uma robustez que só a perspectiva fotografica póde illudir.

Ao contrario do que pensa, eu sou um perpetuo enfermo de neurasthenia e máles cronicos. Agora mesmo eu atravesso uma crise tão dificil, que chego a pensar se resistirei a ella ainda algum tempo. Aos meus antigos males, junta-se agora o coração que funciona mal, e a angina pectoris que ronda, á espera da primeira ocasião.

Já vê, meu amigo, que a sua aparente fragilidade significa uma resistencia mais garantida contra a destruição, do que esta carcaça minha d'artritico e de dyspeptico, onde cincoenta e tres annos fazem a figura de setenta, e que o isolamento sertanejo acabou d'enferrujar e encanecer. Enfim!... O seu hymno à terra lusitana enche a minha alma d'amargas nostalgias.

Quando o Coelho Netto aqui vier (se vier), verá como afóra alguns aspectos ridentes do ceu, e alguns frouxos idyllicos da paysagem, tudo o mais — pelo menos n'este momento — cheira aos relentos d'uma decomposição social pouco risonha. Deus o traga n'uma hora mais tranquilla, e lhe poupe os aspectos de demagogia soez que nos

---

* Cartão

ultimos tempos teem perturbado as ruas de Lisbôa. A minha casa é a d'um rustico cavador d'enxada, quasi por completo alheio aos confortos e luxos da civilisação e da fortuna. Os hectares de terreno de meus paes, minhas unicas fontes de receita, não dão que baste para uma vida folgada. Por isso, se um dia cá viesse, pouco mais, n'esta desolada charneca do Alemtejo, lhe poderei oferecer que "vaca e riso". Mas a sua passagem estrellaria no meu espirito um clarão d'orgulho e de prazer; abraçar o primeiro literato do Brasil, ter junto de mim o delicado auctor de tantas obras imortaes,

Fialho d'Almeida

I — 1, 5, 72

EMÍLIO DE MENEZES

300.

Meu caro Netto, amigo e mestre

Para que eu vença todas as reluctancias que o vexame appõe e me abalance á humilhação de pedir, é preciso que haja um motivo muito forte e muito superior á todas as imposições do amor proprio. Esse motivo existe hoje, basta que t'o diga, e tão serio que, sabendo que não tens, que luctas heroicamente pela vida, venho buscar em ti um recurso extremo, uma ultima esperança. Preciso de ti, meu bom Netto, ou por intermedio de pessoa que em ti confie, do auxilio prompto, immediato de cento e cincoenta mil reis. Basta que te diga que essa quantia hoje, sobre ser a remoção de um vexatorio incommodo, me facultará ao mesmo tempo o desembaraçar-me, de vez, mandando para longe, de alguem que tem sido até hoje o maior obstaculo á minha vida, á minha felicidade e, o que é mais, á minha propria arte. Fallo-te com este desembaraço porque me está sendo difficil conter um desabafo que só comtigo faço, ou tenho, e porque tenho a certeza de que, sobre generoso, serás discreto. Sei que no caso de me servires, não o farás mediante condição de ordem alguma, mas sei tambem que não tens e, só por isso, aqui te deixo a affirmação de que, logo que me cheguem recursos que pedi á minha irmã, eu te restituirei essa quantia antes da minha mudança definitiva para o Paraná. Disto também, só tu ficas sabendo. No mais meu bom Netto, completa o teu favor, desculpando-me todos os tropeços, ou ainda erros, que ahi ficaram por esta a cima, tal o estado em que te escrevo, ás 5½ da manhã, depois de uma noite que... não quero recordar. O portador é um homem de confiança e por elle espero a tua resposta.

Esta meu caro Netto, será excusado dizer-to, seja ella qual fôr, em nada alterará a estima e a sincera admiração que, por ti, tem o teu gratissimo

Emílio de Menezes

Em 18-5-909

I — 1, 4, 7

301.

Netto Amigo — Netto Mestre

Acabo de entregar os originais ao Alves, para a 2.ª edição do meu livro. Entre esses originaes ha um soneto "Victoria Regia" que é teu porque é D. Gaby. Consentirás que eu lh'o offereça no livro? D. Gaby quererá honrar-me endossando esse consentimento? É o que de ti espera receber o teu muito affectuoso admirador

Emílio de Menezes

Em 17-1-914

I — 1, 4, 8

URBANO SOARES DOS SANTOS

302. *

Em 22. Maio. 1909.

Patrício e Amigo Coelho Netto,

Vou rectificar por minha vez a narração do Paiz de hoje.
Não é o caso do Patricio e Amigo contestar a parte que lhe diz respeito? Pelo que disse hontem ao Pinheiro Machado e a mim conto que o fará.
Dê sobre isto uma resposta ao
Patricio e Am.º adm.or

Urbano Santos.

I — 1, 5, 9

---

* Ocorre em anexo um rascunho autógrafo de C. N. em resposta a Urbano Santos:

"Rio-22.V.09

Amigo e patricio Senador Urbano Santos.

A minha attitude na representação maranhense é a de um fiel ao programma traçado por Benedicto Leite. Foi como parcial de tal norma que me elegeram no Estado e eu trahiria a confiança dos meus conterraneos se, ao receber o mandato, logo o convertesse em germen de

303.

Rio, 8. Janeiro. 1918.

Patricio

Devolvo-lhe as cartas do Marquez. Percorri-as conforme m'o permittiu o tempo. Ellas revelam a grandeza do homem, o seu genio administrativo e a fortaleza do animo: esta na que escreveu ao filho, quando enfermo e atribulado pelas persiguições, aquelle nas medidas que a cada momento punha em practica e se nos depara quasi que a cada pagina. Tem razão: não se pode escolher; tudo é ouro de lei.

Patricio e amigo

Urbano Santos.

I — 1, 5, 10

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE JÚNIOR

304.*

Am.º Coelho Netto

Este telegrama foi entregue quando eu já estava no Teatro Municipal, onde tive o prazer de assistir a execução da *Bonança*.

Já vê que o mandato não podia ser exercido *in loco*.

Faço-o agora remetendo-lhe o voto artistico do autor dos *Sertões*, o qual, — digo-o á puridade, — saiu do ensaio da sua bela peça dramatica tão excitado que, segundo me afirmou, vai escrever um drama.

Feliz o autor que produz taes movimentos sismicos.

Um abraço sincero do

Araripe Jr.

15.7.909

I — 1, 5, 69

---

sizania no seio do meu partido. Nestas minhas palavras ha a confirmação do que sempre lhe disse e que ainda hontem, repeti ao general a quem muito preso Pinheiro Machado. Não tenho compromissos pessoaes em politica nem quero, de modo algum, perturbar a harmonia que sempre existiu na bancada maranhense, tão fortemente unida, a princípio, em torno de Benedicto Leite, hoje cerrada em volta do programma que elle legou, como doutrina, ao nosso Maranhão querido. Onde assistir o espirito do chefe amado ahi estarei, certo de que, em tal posto, hei de encontrar o meu amigo, que foi uma das mais estremecidas affeições do extincto e na representação Federal um dos mais robustos propugnadores das suas idéas.

Com estima e alta consideração
sou
conterraneo, correligionario e amigo
Coelho Netto".

* Ocorre no verso um telegrama de *Euclides da Cunha* a Araripe Jr.: "Plena procuração para um bravo a creação maravilhosa de Coelho Netto. *Euclydes*."

305.

Am.º Coelho Neto

Chamo a tua atenção para o que escrevi sobre o Teatro Nacional nos ultimos *Dialogos*, publicados no *Jornal* do dia 25.

Não sei si disse demais ou de menos. Desejava continuar, aumentando talvez o *fá bordão*. Que achas?

Penso que é necessario continuar a obra, que Arthur Azevedo fez empacar. Em todo cazo isto não pode continuar como está.

E o autor da *Miragem* é o mais competente, na atualidade, para *assombrar* esses *vampiros*, que andam por ahi a sugar, a pretesto de arte, o sangue melhor e mais sadio dos que trabalham.

Do af.º am.º e confrade

T. A. Araripe jor.

Rua Honorio de Barros, 29.XII.910.
(Botafogo)

I — 1, 5, 71

JOÃO DE BARROS

306.

6.11.1910.

Meu querido Mestre e Amigo:

Venho pedir-lhe o grande favor de colaborar na *"Atlantida"*. Não o fiz ha mais tempo, porque o Paulo Barreto estava encarregado de conseguir um conto ou uma novella seus. Chegou mesmo a dizer-me que o Mestre nos daria a honra de publicar nas paginas da *"Atlantida"* uma sua novela inedita, que provisoriamente se intitulava *"Elixir d'Amor"*.

Com profundo e sincero desgosto — vejo que mudou de tenção. Estou imensamente triste e magoado, pois não sei de acção ou de atitude minha que possa ter sido desagradavel ao Mestre, ao escriptor ilustre que venero e admiro em si. E só por antipatia sua contra a *"Atlantida"* eu explico a sua falta de colaboração. Atrevo-me a esperar que essa antipatia não seja duradoira: — e rogo-lhe que não abandone, na sua travessia aventurosa, esta nau da *"Atlantida"*, que só deseja ser um motivo de maior aproximação entre os dois paizes fraternos.

Junqueiro, que tem estado doente, acaba de prometer-me um artigo para m.to breve. Como poderemos nós dispensar o nome de Coelho Netto?

Os meus respeitos para M.me Coelho Netto, minha Senhora. Abraço o com afetuosa e devotada admiração
o seu amigo m.to grato

João de Barros.

I — 1, 1, 38

307.

1912. 20. IX

Meu querido Mestre

A minha vida ahi foi de tal maneira vertiginosa, que me não deixou tempo para ir apresentar-lhe, e á senhora D. Gaby, minha senhora, os meus cumprimentos de despedida e os protestos do meu reconhecimento. Perdoe-me a involuntaria falta.

Espero ter ocasião de, em Portugal, dizer toda a grande admiração que tenho pela sua obra.

Será o unico meio de me fazer desculpar um pouco.

Com os meus respeitos para a Senhora D. Gaby, acceite, meu querido Mestre e Amigo, as homenagens affectuosas e sinceras do seu admirador m.to grato

João de Barros.

Av.da 5 d' Outubro. F. D. Lisboa.

P.S. Dei ordem para lhe entregarem o *"Anteu"*, que ahi deixei com uma dedicatoria para V. Exa.

João.

I — 1, 1, 39

J. G. PINHEIRO MACHADO

308. *

Ao prezadissimo amigo Coelho Netto

J. G. Pinheiro Machado affectuosamente abraça e agradece as saudações de boas vindas com que o distinguiu.

Rio.14.4.912.

I — 1, 6, 46

* Cartão.

309. *

Prezado amigo Coelho Netto.

Pretendia ir hoje vê-lo, infelizm.[e] acabo de ser surprehendido com a dolorosa noticia do fallecimento de um irmão meu no Rio G.[de] do Sul.

Lanceado por esse amargo desgosto deixo, como tanto desejo, de ir abraça-lo, levando-lhe e aos seus os meus votos de felicidade.

J. G. Pinheiro Machado

Rio, 31-12-1914.

I — 1, 6, 47

ALBERTO NEPOMUCENO

310. *

Netto.

Obrigado, muito obrigado teu telegramma. Elle demonstra que a convicção entrou em teu espirito de que eu tinha razão preferindo o extrangeiro para a primeira audição do meu trabalho e dos outros que se succederem, sem quebra do meu patriotismo; outrosim deves estar convencido que *La Teatral* está cumprindo o seu programma, e eu posso assegurar-te, sem poupar sacrificios.

Abraça-te fraternalmente o teu

Nepomuceno

B. Aires 3. Julho 1913

I — 1, 6, 51

311. *

Meu caro Netto

Accompanha este um exemplar de *Artemis,* impresso, hontem desencaixotado.

Quantas recordações...

Abraça-te o teu

Nepomuceno

Rio, 31- Março. 1914.

I — 1, 6, 52

---

* Cartão.

* Cartão.

* Cartão.

JOÃO DO NORTE (pseud. de JOÃO GUSTAVO DODT BARROSO)

312.

Curió, 20 de outubro (mez dos cajús) de 1914.

Netto

Rompi tres leguas de taboleiros multivios. O pagem esperto admirou-se de não terem os cinco annos de meu afastamento apagado da retentiva a imagem dessas veredas percorridas desde a infancia, dias de sol ou chuva miuda, noites de luar ou de escuro traiçoeiro. E, para maravilhar mais ainda o roceiro singelo com a mocidade de minha memoria, de quando a quando detinha o alazão e perguntava que fim levára uma arvore, que dava sombra a um canto de cerca ou de onde surgira uma outra, nova por certo, que tapava a vista duma clareira. Depois, seguia, espantado, adiante, os bandos cinereos de rolinhas..

Vai alta a manhã. Escrevo-te a uma janella do velho casarão de meus antepassados. Meu bisavô, plantador severo e honrado capitão mór elevou-o quadrado e tosco nos rudes tempos coloniaes. Então, os pregos das portas eram forjados aqui mesmo por elle e nas baixas do sitio floriam os algodoeiros de onde tirava o fio para as suas grandes rêdes de pesca. Minha dôce avósinha, ainda viva, — noventa e muitos annos de amor e de bondade—, vio estas paredes de taipa robusta, quando nasceu, em 1819. Nesse anno Napoleão, vivo, ainda penava em Santa Helena!....

Na alpendrada larga, de onde se avistam os bois de carro, pacientes e rijos, pastarem á sombra de frondentes mangueiras, um grande banco feito de duas pranchas fortes com buracos redondos e vestigios de ferragens, é tudo quanto resta do antigo tronco da camara de Mecejana, apropriado a prender pelo pescoço ou pelos artelhos, qual uma canga chineza, os escravos fugidos, os borrachos incorregiveis, os desordeiros relapsos e os tapuias que se rebellavam nos aldeiamentos....

Ah! meu caro amigo, quantas recordações e quantas tradições se amontôam nos menores recantos do nosso norte amado e infeliz!

Da janella avisto o telheiro acaçapado da casa de farinha. Os aviamentos parados mostram laivos brancos de gomma da ultima farinhada ruidosa. Em derredor começam a pender dos retorcidos galhos dos cajueiros fructos purpureados e doirados. As frondes unidas dum vasto coqueiral tampam-me um pedaço de céu: — céu tão illuminado que o azul esmaia em branco, tão profundo que dóe á vista contemplal-o, tão tranquillo como essa tranquilla abundancia de luz que por tudo gloriosamente se espalha!

Á sombra triste da casa do engenho, um cavallo ruço, preso ao fueiro dum primitivo carro de bois, bufa de instante a instante, batendo com as patas no chão semeado de bagaço velho, numa inquietação impaciente de sacudir os mosquitos importunos. Numa restea de sol brilham, zumbindo, maribondos de oiro. Alem cantam gallos de campina e num tronco, martellando com o bico duro, abre a polpa vermelha do pennacho um pica-páu negro. A areia escura e entorroada do alagadiço cresta-se á ardencia do clima. Dos matagaes mais distantes chega-me ás vezes a restolhada dos tejuassús fugindo, espantados, pelos folhiços...

E em toda esta paz, ignorando noticias sanguentas da guerra, longe de politica, distante da burocracia, meus pensamentos vão, impellidos pela saudade, para ti, para os teus, para todos os que ahi sempre me quizeram bem.

Do teu

João

I — 1, 1, 41

313. *

Meu caro Netto,
Saudades!

Eu pretendia levar-lhe pessoalmente este meu livro; mas a doença grave do meu filho me impediu durante semanas de sahir. Ademais, você mesmo me communicou o máu estado sanitario da terra. De maneira que o livro vae pelo correio e eu surgirei depois. Abraça a petizada, beijo a mão de Gaby e sou sempre o seu amigo certo, leal e que nunca esquece as gentilezas que te deve

João.

I — 1, 6, 6

DIAS DE BARROS

314.

Rio, 25-VII-915.

Meu illustre e prezado Amigo,
Saude!

O motivo, ou antes as causas, que determinaram parecesse me haver eu esquecido, ante-hontem dos meus deveres para consigo, certamente não cabem aqui. Todavia, não me quero privar de o certificar,

---

* Cartão.

com que sympatica e tocante recordação, tive em mente a festa do seu lar feliz e honrado, na glorificação (pois outra significação não pode ter) do casal digno, sob todos os pontos de vista, porque o encare a critica social, e mais particularmente da sua estimavel esposa, companheira desinteressada, leal e carinhosa de um homem que já hoje é uma das mais legitimas glorias da sua patria...

O Sr., meu prezado amigo, cada dia passado, mais sobe no conceito dos seus contemporâneos... Já me não quero referir ao escriptor laureado, que nos ha dotado com tantas obras primas; já me não refiro ao poeta, que tantas novas emoções nos ha succitado, mas tão somente ao homem propriamente, ao ser social por excellencia, objecto do mais entranhado affecto e gratidão para aquelles que lhe tem acompanhado a trajectoria luminosa em caminho da ideal cultura deste paiz.

É, pois, com o mais vivo prazer que hoje me quero desobrigar da falta que, acaso, se me suppuzesse, protestando-lhe, mais uma vez, a minha admiração e a minha solidariedade, n'um dia tão venturoso para o seu lar, e o mais profundo respeito á sua digna companheira de luctas e glorias, a quem daqui, bem como a minha senhora, saúdamos com o maior carinho e sentida estima.

Creia-me seu sempre devotado admirador,

Dias de Barros.

I — 1, 1, 36

315.

Rio, 30-XII-918.

Meu illustre amigo,

Saude!

Venho de reler, aos meus, e ainda mais emocionado, quanto exalou do seu espirito junto de Bilac insepulto!

Não sei si ainda a eloquencia, nem quando, subiu tão alto. De mim lhe direi que, mais elevada, ella se não manifestou jamais!

É o seu mesmo coração que estúa ali! É o sentimento de todos nós; é a alma da Patria que desborda no soffrimento de uma perda irreparavel e unica!

Para tudo dizer-lhe: si o grande poeta que é, nada mais houvesse dito, ou escripto, asseguro-lhe que o seu nome ficaria inesquecivel só com aquellas eternas e altissimas palavras que pronunciou!

Adeus. Creia na maior admiração de que é sempre o mesmo

Dias de Barros.

I — 1, 1, 37

316.

Rio, 22-XII-916
258 r. Humaytá
Meu caro Netto,

Venho recorrer á tua sciencia linguística. Estou escrevendo uma historia da musica, (2 vol. que horror!) e esbarrei com uma difficuldade. Qual a traducção portugueza p.ª instrumentos á cordes *pincées* (alaude, guitarra, harpa, violão)? Responde o diccionario: instrumentos de cordas *dedilhados*. Mas objecto eu: o termo é por demais generico, pois que tambem se tocão com os dedos o piano e o orgão, que não são instrumentos de cordas *pincées*, e sim de teclado aquelle e de sopro com teclado este. Como devo traduzir?

Meus respeitos a tua senhora. Aperto de mão do velho companheiro de lucta

Luiz de Castro.

I — 1, 2, 12

317.

Sexta
258 rua Humaytá
Meu caro Netto,

A denominação de instrumentos ponteados seria realm.te boa, se abrangesse tambem a lyra e a harpa, o que não se dá. O Diccionario a que te referes deve ser o de Raphael Machado, que é de 1842. Consultei-o, mas nada me adiantou, pois que elle propõe instrumentos de *pizzicato*. Está certo, som.te a denominação é italiana, embora empregada em todas as línguas, mas com sentido especial. Eu é que não vejo porque não havemos de imitar o francez e o italiano e de dizer instrumentos de *belisco*, por mais exquisito que pareça. Qual a tua opinião?

Feliz anno novo p.ª ti e p.ª os teus do amigo

Luiz de Castro.

I — 1, 2, 13

ALUÍSIO DE CASTRO

318.

S. C., 12 de Agosto, 1918

Meu nobre amigo:

Seu discurso de hontem me deu a impressão de uma orchestra, mas de uma orchestra de cachoeira, cujas notas não emmudecem com os annos.

Parabens, muitos parabens!

Seu amigo

Aloyzio de Castro.

I — 1, 2, 9

319.

S. C., 15 de Novembro 1928

Meu querido Coelho Netto,

Dando-me este precioso *"Mano"*, não foi um livro o que V. me deu, foi um pouco da sua saudade. Eu chorei quando o li em português. Lendo-o agora nesta linda traducção de Georgina Lopes vejo que as lagrimas se não seccaram.

Abraço cordial do seu amigo

Aloysio de Castro.

I — 1, 2, 10

LEOPOLDO FRÓIS

320.

Ill.mo S.r D.r Coelho Netto
Saudações.

Envio-lhe a comedia "Patinho torto". Foi-me impossivel fazel-a representar no momento opportuno, em vista de já estar organisado o programma d'este anno, programma que, como sabe, obriga a despezas de *montagens,* que já estão feitas, para as peças da temporada.

Assim sendo e aguardando melhor ensejo sou

Ad.dor e patricio.

Leopoldo Fróes.

Rio-26-VIII-918

I — 1, 3, 4

321.

Amigo sr. Coelho Netto

Saudações

Os desgostos que me deram em Lisboa os direitos da sua peça "Quebranto", nem o amigo imagina de que quilate foram.

Junto a esta, em confidencia, a carta do sr. Erico Braga, quando eu, farto de esperar o pagamento, escrevi-lhe dizendo que não estava acostumado a fazer "d'esses papeis", e queria receber o que era devido ao autor. A resposta foi a que junto. É grande a minha magua, mas cumpre-me dizer-lhe que absolutamente não posso responsabilisar-me por uma divida que não contrahi.

Trabalhei como actor na companhia Lucilia Simões-Erico Braga, e sendo convidado para interpretar um papel n'uma peça de um dos mais illustres escriptores da minha terra, é claro que aceitei. Quando de partida para o Brasil tentei receber os direitos, o que não consegui. A minha viagem à Europa, e as despezas que acarretam as manifestações que recebi, por mim e pelo meu paiz, obrigaram-me a dispender demasiado dinheiro.

Não posso ser responsavel pela divida de Erico Braga, acreditando, apezar de tudo, que o meu Amigo receberá o que lhe é de direito receber. Sou em dizer-lhe que lhe não ficarão devendo os seus direitos e não lhe pago no momento porque não posso.

O nosso amigo sr. Loureiro talvez possa solucionar o caso, pois tem negocios com sr Braga.

Perdoe-me a involuntaria falta e com os meus respeitos à sua ex.ma Senhora

Sou o seu

Amigo e ad.dor

Leopoldo Fróes

Rio-18-VII-927

P.S. Peço devolver-me, quando entender, a carta que juncto.

I — 1, 3, 5

ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA SILVA

322.

Carta dirigida ao Academico e divino estylista, Sr. Coelho Netto, por um candidato à vaga de Olavo Bilac na Academia Brazileira de Letras.

Ser immortal! Certo a mizeria humana
Que de ser tal nunca se desenganna
Aspira sempre as ovações da vida
Quer ver a nossa fronte enaltecida
Das lauréolas eternas como os soes
Que Deus destina aos genios e aos heroes.

Porque será que o espirito mais forte
Tem semelhante horror às leis da Morte
E para lhe fugir á conjunctura
Pretende ser creador, sendo creatura?

Trabalhar, dedicar a vida inteira
Á febre, á solidão, a vã canceira
Que nos impõe o instincto da Verdade
É, para nós, certo a fatalidade
Mais cega, mais tyrannica e divina;
Pois prefere a humildade que illumina
Ás pedrarias falsas da existencia
Alheia á Luz ou ás trevas da Consciencia.

Assim vivi e assim tenho vivido
No mar deserto desapercebido.
Sou como a aranha e no meu canto obscuro
Fio a teia desta Arte em que procuro
Ir illudindo as minhas horas rudes,
— Arte de solitudes, beatitudes,
Estrelas mortas, lagrimas caladas,
Rosas murchando á luz das alvoradas,
Sorrisos vagos como o luar dos Poentes,
Consolações de almas convalescentes...

Nunca aspirou jamais minha humildade
A infinitude da Immortalidade.
E se ora vergo a tanta aspiração
É por ceder á generosa mão
Da Juventude, que é tão nobre e pia,

Que quer alçar-me à vossa Companhia.
Lêde, pois, "Solicitudes", sem clemencia
E se, comvosco mesmo, em sã consciencia
Achardes que uma Dor profunda existe
Nesse livro sincero, embora triste,
Dai ao meu nome o vosso acolhimento,
Mas sem despreso e sem constrangimento.

Rio 28-2-919

A. J. Pereira Da Silva.

I — 1, 5, 67

323.

Rio de Janeiro, 21 de Março de 1919.

Meu caro Mestre e amigo: — Approxima-se o dia em que se deverá proceder a eleição do substituto de Olavo Bilac na Academia Brazileira.

Como sabe, pela carta que tive a honra de dirigir-lhe, fui levado por circumstancias extranhas á minha vaidade ou ambição, embora nobre, á audacia de ser pretendente aos louros de uma cadeira tão alta para mim. Sou, portanto, primeiro em reconhecer que sómente por um movimento de afinidade sympathica poderia ter a honra dos votos dos senhores Academicos. Sei que sem o auxilio da ascendencia merecida que tem, para honra das nossas letras, no seio do magno Instituto, a apresentação do meu nome ficaria absolutamente desamparada, senão fôsse tida pela maioria dos immortaes, que me não conhecem pessoalmente, como um gesto insoffrido de impostor.

Ora, eu não me aventuraria áquella candidatura, embora cedendo a instancias de um grupo de generosos intellectuaes da novissima geração, se não tivesse a fortuna de contar com os pendores affectivos do seu grande espirito — o mais digno de nosso culto e o que mais alto elevou a estylistica portugueza, depois de Castello Branco.

Reitero, pois, o pedido que já fiz do seu voto.

A minha psychologia de tímido não permittiu, que eu realisasse até hoje um desejo que sempre tive: — estabelecer os confrontos e os contrastes da geração litteraria mais gloriosa de que se orgulha a America do Sul em Patrocínio, Coelho Netto, Euclydes da Cunha, Francisco de Castro, Raul Pompéa, Arthur Azevedo, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa, Olavo Bilac e tantos outros, mortos e vivos, cujas virtudes electivas ainda não tiveram a exalçal-as a palavra honesta e firme de uma critica tanto mais necessaria quando a terra onde esses nomes floriram e fructificaram, estão florindo e fructifican-

do é mais ingrata terra em que o sopro da Divindade fez cahir a semente do genio.

Ninguem, melhor do que o meu Mestre, é o typo do homem de lettras — heroismo humilde que mantem, na pobreza e no desconforto, o genio das raças e ao qual só a posteridade sabe ser reconhecida. Escusado é dizer que o é, não só pelo thesouro maravilhoso de seus talentos, como tambem pela fatalidade irreparavel de ter nascido inactual e numa "gens" tão longe ainda da cultura que poderia, como entre os povos do Velho Mundo, compensar de certo modo os divinos suores de Prometheu do homem, realmente digno deste nome.

Pois bem! Concorrendo á Academia — creia — a unica vaidade que me alvoroça é a de preceder a vóz glorificadora dos nossos netos da homenagem reconhecida a que se impõe essa phase da nossa vida mental, — a unica que interessa o futuro, e da qual a sua energia de Atlas e os dons inspiradores que a Divindade lhe concedeu o fizeram, sem lisonja ou favor, o nosso luminar.

É certo que não conto, para isso, senão com o unico elemento de êxito que possuo: o respeito ao meu proprio espirito que, nem por ser o mais humilde, deixa de participar no milagre da alma humana quando inspirada e estimulada pelo exemplo das suas irmãs tocadas do divino espirito creador de tudo quanto é eterno.

Precisava, meu caro Mestre, abrir-lhe a minha alma nesta confissão. Sou um recluso. Fiz da minha poesia a minha unica finalidade humana e divina. Tenho muito medo de não ser comprehendido, não pelo vulgo que é sempre innocente, mesmo no seu desdem de pobre de espirito, mas pelas almas luminosas a cuja sombra a minha se ajoelha reconhecida pelos unicos momentos que ainda fruiu na aridez desta miseria quotidiana.

Ainda assim não lhe diria neste momento essas verdades — reflexo da minha consciencia — se ellas não fossem repetição do que eu tantas vezes escrevi a respeito da geração que me precedeu e particularmente a respeito da sua Obra, cuja coroação, digna da estatuaria de Rodin, com o "Rei Negro", provocou em mim o explosivo enthusiasmo com que lhe prestei o meu culto na "Gazeta de Noticias", tendo merecido a honra de sua visita pessoal e guardado no coração aquellas palavras lisonjeiras: "Procure-me. Não se entra assim em nosso espirito sem passar pelo nosso coração".

Creia, pois, na minha sinceridade fundamental, irreductivel e unica fortuna do poeta, por mais obscuro que seja.

A. J. Pereira Da Silva.

I — 1, 5, 18

MANUEL GÁLVEZ HIJO

324.

Buenos-Aires Agosto 25 de 1920

Eminente colega:

Quiero pedirle que me autorice Ud. para hacer traducir *Macambira* y editarlo aquí, en una Biblioteca de novelistas americanos que he fundado. Yo acabo de leer su magnífico libro en la traducción francesa, en un ejemplar que me han enviado Lebesgue y Gahisto. E último de ellos, traduce ahora dos libros míos al francés: *La sombra del convento* y *Nacha Regules*. En caso de aceptar, tendrá Ud. que mandarme un ejemplar en portugués.

Creo que Ud. me conoce. Hace algunos años le envié un libro mío. Usted me escribió una tarjeta. Posteriormente, en un reportage à Ud. que publicó el periodista argentino Aguirre en *Caras y caretas,* leí el amable elogio que Ud. me dedicaba. Yo no conozco de Ud. sino *Macambira* y *La Capital federal*. Este último me lo hizo leer mi querido y malogrado amigo Abel Botelho, que creo, fué también amigo suyo.

En espera de su respuesta, salúdalo con toda simpatía su admirador y colega

Manuel Gálvez hijo

Calle Pampa 2502

I — 1, 3, 24

325.

Buenos Aires Nov. 19 de 1920
Señor Coelho Netto
Rua do Rozo 79
Rio de Janeiro
Eminente colega:

Agradézcole su autorización para traducir y editar "Rei Negro". Es un libro magistral, y no dudo de que, antes de cinco años, será famoso en todo el mundo. Gahisto me escribe que está logrando allá mucho éxito, por lo cual le felicito á usted.

Su libro aparecerá en Mayo del año próximo, más ó menos. La absoluta falta de tiempo me impide traducirlo yo mismo, pero puede usted estar seguro de que revisaré la traducción y corregiré las pruebas.

En la revista "Nosotros" se ha publicado un artículo sobre "Macambira". Si usted no lo tiene, me complaceré en hacérselo enviar.

Cordialmente,

Manuel Gálvez hijo

Pampa 2502

I — 1, 3, 25

GOFREDO T. DA SILVA TELES

326.

Paris, 28 de outubro de 1920.

Meu illustre mestre e amigo
Sr. Coelho Netto.

Envio-lhe nesta o trecho do artigo com que Henri de Réguier saudou, no Figaro de 3 de outubro, o apparecimento da traducção franceza do Rei Negro.

Tomarei a liberdade de lhe mandar igualmente, pensando interessal-o, outras referencias da imprensa d'aqui ao glorioso "romance barbaro", para o qual já se tornam superfluas todas as expressões de elogio.

Acabo de regressar a Paris, após longa excursão, durante a qual fui informado do soberbo exito alcançado por Macambira cujo vulto sobranceiro e exotico fére vivamente a imaginação do publico parisiense. E já pude verificar, percorrendo as livrarias, que a elegante brochura verde-amarella está amplamente divulgada, affirmando-me os livreiros que sua venda tem sido muito consideravel.

Não sei si meu caro Mestre e Amigo recebeu minha carta de Biarritz. Nem sei tão pouco si chegou a destino a que enderecei, ainda de S. Paulo, á Exma. Sra. D. Gaby, e que confiei aos cuidados de meu querido Roberto Moreira.

Não recebi, até agora, os numeros de sua revista sportiva, da qual mandei tomar varias assignaturas por intermedio de um amigo d'ahi. Receiando que o mesmo não se tenha desempenhado de sua incumbencia, escrevo hoje ao Jacintho Silva dando-lhe instrucções positivas a esse respeito.

Peço-lhe que creia na saudade de quem é seu muito sincero amigo e admirador

Goffredo T. da Silva Telles

P.S. Carolina envia-lhe, bem como a D. Gaby, suas affectuosas lembranças.

G. T. S. T.

I — 1, 5, 34

327.

Paris, 15 de Outubro de 1921.

Meu caro Mestre,

Gostaria de lhe escrever mais vezes, mas as mil occupações de quem viaja (assim como as de quem permanece em Paris) não são

muito compativeis com uma grande actividade epistolar. Confirmo, em todo caso, os recados verbaes que lhe tenho mandado por varios amigos, assim como a minha ultima carta de Chamonix.

Venho pedir-lhe hoje a permissão de publicar na "Revue de l'Amérique Latine", cujo programma lhe enviei ha tempos, a traducção franceza de um dos contos do "Sertão" (do Mandovi por exemplo, ou de qualquer outro que lhe pareça mais indicado). A traducção será feita com o maior cuidado por quem conhece bem o portuguez e o francez, podendo ainda ser ella submettida ao autor do conto, caso este o exija.

Ficar-lhe-ei muito grato si acceder ao meu pedido. Interesso-me sinceramente por esta revista que será dirigida por optimos amigos do Brasil e cuja utilidade não pode escapar a quem cogite da propaganda intellectual de nossa terra. Emanação da Universidade de Paris, nasce ella sob excellentes auspicios officiaes, parecendo achar-se desde já assegurada sua ampla divulgação na França e nas republicas hispano americanas. A parte consagrada a estas republicas foi confiada a especialistas de notoriedade. Occupando-me eu, a pedido dos directores, de conseguir e orientar a collaboração brasileira, ser-me-ia muito agradavel que esta não ficasse abaixo de qualquer outra. Eis porque me empenho em que o nome de Coelho Netto já figure em um dos primeiros numeros do sympathico periodico.

Busco obter por outro lado a collaboração commercial, scientifica e politica.

Posso contar com uma urgente resposta sua?

Queira desculpar a sem cerimonia d'esta carta e não recuse o abraço que lhe envio com toda a minha sincera saudade.

o *Goffredo*

P. S.

Maior favor lhe ficaria devendo si alem da permissão requerida, quisesse o Snr. mandar-me tambem um artigo ou varios artigos ineditos sobre assumptos brasileiros.

Meu amigo, Charles Lesca, director e principal proprietario da revista, escreve-lhe nesta data communicando-lhe confidencialmente as condições de remuneração offerecidas aos seus mais nobres collaboradores.

G.T.S.T.

I — 1, 5, 35

GUILHERME DE ANDRADE E ALMEIDA

328.

Meu Grande Mestre e Amigo

Um grupo de confrades do Rio sugeriu-me a idéa de realizar ahi a leitura do meu novo poema *"Era uma vez..."* Encantou-me a proposta: seria uma occasião para conviver uns instantes com essa tão distincta sociedade e com os irmãos de arte, que tanto admiro. Não o poderia fazer, porém sem o alto patrocinio do meu querido Mestre e de D. Gaby. Tomo, portanto, a liberdade de dirigir a ambos o convite, cuja acceitação será o seguro exito da hora literaria que conto ahi fazer.

Penso realizar isso sabbado, 30 do corrente, talvez no salão do "Jornal do Commercio".

Uma resposta sua honrará e estimulará extremamente o seu discípulo e admirador

Guilherme Almeida

São Paulo, Julho, 16, 921.
Rua 15 de Novembro, 6 —

I — 1, 1, 7

329.*

A Coelho Netto — meu mestre e meu amigo incomparavel — pela bondade honrosissima do seu voto, mando este abraço de gratidão e de saudade.

Guilherme de Almeida

I — 1, 6, 1

J. EDUARDO BARRIOS

330.*

Mayo 4 de 1924.

Maestro:

Le debo al menos una excusa por el retardo en el envío de estos libros. Lo que más nos urge más tarda siempre. Desesperaba por satisfacer la ufanía de ser leído por Ud., maestro de todos en América, y mis editores me teníam sin ejemplares. Van siquiera las obras que no

* Cartão.
* Cartão.

están agotadas por el momento. En cuanto sea posible irán las otras, no para molestarle con mucha lectura, sino para ponerlas todas a sus pies. Acepte la mano de amigo que le tiendo con todo mi respeto, con toda mi admiración y con el cariño ineludible que todo grande artista nos enciende.

J. Edo. Barrios.

P.D. Perdone las erratas de esas horrendas ediciones argentinas, hechas sin mi asistencia directa. Cuando me lleguen las ediciones nuevas que se preparan en Madrid, reemplazaré estas.

J.E.B.

I — 1, 6, 5

331.

Santiago de Chile,
22 de agosto de 1924.

Maestro Coelho Netto:

El envío de sus libros ha venido a cumplirme un viejo y muy acariciado deseo. Tuve siempre por Ud. más que admiración, más que respeto, más que ese sentimiento encendido con que los maestros nos inflaman; tuve una veneración humilde, casi temblorosa, y un anhelo de ser siquiera uno de sus amigos menores. Comprenderá Ud., pues, con qué orgullo y qué felicidad he recibido y leído sus libros, por cien conceptos admirables. Su lectura, aunque laboriosa para mí, que no poseo el portugués, que lo leo sólo debido al esfuerzo de querer leer, me ha causado uno de los mayores placeres literarios de mis últimos tiempos. Vivo, sobre todo este año, días de abrumador afán. A no ser por esto, ya habría comenzado el estudio que me propongo hacer de su altísima personalidad. Pero el tiempo holgado me ha de llegar más o menos pronto, y entonces sabrá Ud, fundadamente la talla con que su figura se alza en mí. En esta carta atropellada, escrita entre dos quehaceres urgentes, escrita más que nada por la angustia de sentir correr los días sin agradecerle a Ud. su bondad, no es posible otra cosa que estas líneas de reverencia. Acéptelas, querido maestro, mientras realizo y publico las otras. Y téngame como uno de sus amigos menores, muy humilde, pero seguro y muy fervoroso.

J. Ed. Barrios.

I — 1, 1, 35

332.

Rio de Janeiro, 27-2-925.

Meu querido Mestre.

Venho agradecer-lhe a carinhosa offerta que me fez. Creia que em nenhum momento o seu glorioso e amado nome e o da Escola Dramatica foram por mim esquecidos. Trago-os sempre no meu coração como um perfeito exemplo de trabalho e victoria. E enquanto outros desdenham do sagrado ideal que elles representam, eu vou seguindo o meu caminho, sereno, com um sorriso de piedosa ironia que, em momento feliz, consegui copiar do seu grande espirito.

Na minha humilde officina espero ordens suas para ter a honra de obedecer-lhe mais uma vez.

Permitta agora que o abrace com a minha alma, e beija com infinito respeito a mão de sua esposa.

Seu discipulo humilde

Procópio Ferreira

I — 1, 2, 83

333.

Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1931.

Meu caro mestre

Estou informado de que o Conselho Consultivo do Theatro Municipal de que o meu prezado mestre e amigo é, sem favor, um dos mais prestigiosos e brilhantes ornamentos, cogita, neste instante, da melhor e mais efficaz maneira de applicar a verba de 100:000$000 que esse mesmo Conselho, em decisão anterior, destinou ao theatro de declamação. Tratando-se de uma questão que tão visceralmente nos interessa a todos nós, homens de theatro, venho, por esta, pedir permissão ao meu caro mestre, para expôr-lhe alguns pontos de vista que a pratica da materia me levou, desde muito, a adoptar, e os quaes, salvo mais seguro juizo, poderão servir talvez para melhor consubstanciar a solução que se pretenda dar ao caso, que não deve ser resolvido sem acurado estudo, devendo eu, entretanto, collocar preliminarmente, esses pontos de vista na dependencia da sua judiciosa apreciação.

Ora, tendo chegado ao meu conhecimento, por intermedio de um amigo, a summula de uma proposta apresentada, nesse sentido, á Prefeitura, pela S.B.A.T. e sobre o qual, penso, terá o Conselho que

opinar definitivamente, talvez em proxima sessão, devo apressar-me em declarar-lhe que, por uma feliz coincidencia, essa proposta, nas suas linhas geraes, consulta o meu modo pessoal de encarar a questão. Effectivamente, destinada a alludida verba ao "auxilio" do theatro de declamação, e não a uma "demonstração" temporaria do nosso gráo de cultura theatral, supponho que a sua mais efficiente applicação não seria aquella que resultasse da subvenção a um elenco official ou officialisado, mas sim daquella que estabelecesse condições de vida, de animação, de amparo aos elencos já existentes. Não pense o caro mestre que falo "pro domo mea", não; no caso, não me move outro interesse senão aquelle que resulta de um idealismo que, como brasileiro e como artista, sempre professei pela elevação, entre nós, da nobre arte do theatro, não obstante as contingencias, que só eu conheço, da minha profissão de actor, as quaes podem talvez deixar transparecer o contrario do que affirmo.

Essas condições de amparo e vida podem ter a sua origem num premio que o poder publico se julgue no legitimo direito de discernir ás companhias já organisadas que se submettam a exigencias criteriosamente estabelecidas para que possam ellas fazer jús ao mesmo, e entre ellas se incluem: a idoneidade dos elencos; a obrigação da constituição do repertorio com metade, pelo menos, de peças nacionaes; o compromisso de representarem seis ou sete mezes, ao anno, na capital da Republica; a nacionalidade dos artistas, etc.

Acontece ainda que, pela necessidade imperiosa da sua propria subsistencia, as companhias de declamação, existentes no paiz, são forçadas, muitas vezes, a enscenar peças extrangeiras de preferencia ás nacionaes; com isso a producção nacional vae perdendo, naturalmente o seu melhor estimulo, o que se não daria si, ás emprezas, fosse reservada, por meio de um premio, uma pequena compensação pelo onus que pode advir da montagem de um original brasileiro.

Em uma palavra, a peça nacional soffre, de si, a concorrencia impiedosa da peça extrangeira, o que cumpre obviar; e eu seria o primeiro a prestar-me mais gostosamente a isso do que me estou prestando, desde que, como emprezario, me fosse dada uma situação em que os possiveis sacrificios de uma tentativa nacionalista pudessem ser de alguma sorte minorados. .

O premio annual que a S.B.A.T. pleiteia para as companhias nacionaes, dando possibilidade á montagem de originaes brasileiros, traria como resultado, (o que se verificou em outros paizes da America do Sul) o gosto do publico pelas nossas obras, e, como consequencia, um grande e largo passo em pról da creação, que tanto almejamos, do theatro nacional.

É essa uma consideração para a qual tomo a liberdade de solicitar a preciosa attenção do meu illustre amigo.

Precisamente no momento em que resolvia endereçar-lhe esta carta, chega ao meu conhecimento a informação de que já foi discutida no seio do Conselho Consultivo, uma suggestão, a qual não só mereceu o seu esclarecido apoio como o dos demais membros desse illustre orgão.

Pela informação alludida, fiquei sciente de que a suggestão se faz no sentido da "subvenção total de 100:000$000 para uma temporada de dois mezes, no Theatro Municipal, (que seria cedido sem onus), para um elenco de figuras representativas do nosso theatro, etc.".

Não devo occultar-lhe, meu caro mestre, o meu desapontamento. Pois que? Será possivel que estejamos a caminhar para o mesmo erro, de tão penosas consequencias, já verificado entre nós pelas memoraveis temporadas Da Rosa e Eduardo Victorino, nos quaes se consumiram nada menos de 440:000$000 (e n'aquella época!) sem nenhum resultado pratico? Que se pretende tentar, de novo, com essa providencia? A repetição da mesma inocuidade? Que auxilio, que amparo resultaria para o theatro nacional da realisação de uma temporada de dois mezes, em que viessem á flôr da ribalta, de raspão, quatro ou cinco originaes brasileiros, sonegados á visão e á estima do povo, do mesmo povo que os celebrados marmores do Municipal sempre afastaram da sua sala?

Essa providencia não póde ter, como não terá, a solidariedade publica, indispensavel ao brilho e á victoria de um commettimento de tal natureza. Seria a repetição de um acto já condemnado irremessivelmente pela opinião. Quanto à allegação de que se trata de uma demonstração de theatro elevado, de theatro-cultura, faz-se necessario considerar que estaria a iniciativa destinada ao mesmo fracasso, pois é licito acreditar-se que ella se processaria apenas para gaudio dos 300 de Gedeão, sem a presença do povo, visto que se realisaria numa casa de espectaculos inacessivel, pela sua natureza, á frequencia do elemento popular. A providencia resultaria, em summa, em dar-se a um individuo qualquer, previlegiado, os proventos de uma situação especial — que é a que decorre naturalmente de uma subvenção de cem contos de reis, do producto total da bilheteria, das vantagens de um theatro sem onus para dois mezes obrigatorios de temporada!

Estou certo, certissimo de que, o meu prezado amigo e mestre, só appoz a assignatura do seu illustre e glorioso nome nessa invenção por não ter, até o momento em que a considerou, apparecido suggestão mais razoavel para a solução que se tem em vista do caso. E é essa, entre outras de ordem moral, uma das razões em que me firmo para pedirlhe que attente nas despretenciosas considerações que lhe envio, por

meio desta carta, que lhe faço chegar ás mãos immaculadas no desejo, que me envaidece, e na orgulhosa convicção de que ellas vão merecer o seu estudo, e, quiçá, o seu tão honroso e dignificante apoio.

Aproveitando a opportunidade para fazer-lhe uma affectuosa visita que envolvo nos mais ardentes votos para o definitivo restabelecimento de sua preciosa saúde, com a maior admiração e apreço, sou

leal amigo e discipulo gratissimo

Procopio Ferreira

I — 1, 2, 84

J. MAGALHÃES DE ALMEIDA

334.

381, r. Voluntários da Pátria
Rio, 12 de maio de 1925.

Eminente conterrâneo e amigo Coelho Netto
Cordeaes cumprimentos.

Cumpro hoje, com grande satisfação, a promessa, que lhe fiz, no ultimo encontro que tivemos, na Academia de Letras.

Mando-lhe um retrato e autographos de João Francisco Lisboa, o grande espírito que tanto brilho dá á nossa terra. Os autógraphos são notas de observações sobre o Padre Vieira, outro grande espírito, de que está cheia toda a vida literária do Brasil.

Estou certo de que esses documentos muito interessarão ao meu eminente e glorioso conterraneo.

Aproveito-me da opportunidade para renovar-lhe os protestos da minha mais alta estima e distinta consideração.

At^o^ as^or^ e am.^o^

J. Magalhães de Almeida

I — 1, 1, 8

335.

São Luiz, 20 de setembro de 1929

Eminente conterraneo Coelho Netto

Tenho a satisfação de accusar o recebimento da sua carta de 3 do corrente e, em attenção ao seu pedido, remetto-lhe, pelo correio, algumas photographias do nosso querido Maranhão, para o "Grande diccionario portuguez illustrado", de Lello & Irmão, do Porto.

Muito penhorado agradeço as bondosas referencias á minha pessôa e aguardo a renovação das suas agradaveis ordens que serão sempre acolhidas com o maximo prazer.

Queira acceitar, com os votos que faço pela sua constante felicidade, cordiaes cumprimentos

Do att^{o} ad^{or} e am^{o}

J. Magalhães de Almeida

I — 1, 1, 9

MÁRIO BARRETO

336.

Rio, 12-12-1925
46, rua de Paula Freitas — Copacabana.

Meu querido e eminente Mestre:

Apresentei hoje, na secretaria da Academia de Letras, a minha candidatura à cadeira n.º 21, que há pouco vagou por morte de Mário de Alencar. Pretensão talvez excessiva é esta da parte dum pobre mestre de meninos e humilde cavador da língua portuguesa.

Será; mas não quero deixar de lhe dar parte, nestas linhas, da minha pretensão, para que o sr. não tenha dela conhecimento só oficialmente em sessão da Academia. A muita e cada vez crescente admiração que consagro, desde que comecei a compreender o que leio e a vibrar com as belezas da expressão, a um dos mais excelsos artistas da prosa portuguesa que é o autor de *Miragem* e do *Inverno em flor*, leva-me a escrever-lhe esta carta. Ainda quero dizer-lhe outra coisa, e é que, seja qual for o seu voto no pleito acadêmico, eu o receberei de bom rosto.

Um cordial apêrto de mão do
seu velho admirador e amigo

Mário Barreto.

I — 1, 1, 31

337.

28-7-1926.

Querido e ilustre mestre sr. Coelho Neto:

Cumpriria eu pessoalmente a obrigação de ir entregar nas suas mãos a carta e os votos que, por meu intermédio, lhe envia o ministro

Luis Guimarães, seu colega na Acad. brasileira, se não estivesse retido em casa por um ataque de gripe. A muita consideração que tenho pelo remetente da carta e pelo destinatário obrigava-me a êsse elementar dever de cortesia que não cumpro mau grado meu. Vai até à sua presença em meu nome o nosso am.º sr. D. Pedro Arrua Rodas, vice-cônsul do Paraguai.

Tenho a honra de ser, como sempre,

seu sincero adm.dor e amigo

Mário Barreto.

I — 1, 1, 32

EURICO DE GÓIS

338.

S. Paulo — 25, setembro, 1929.

Coelho Netto, caro amigo:

Dando cumprimento ao que me pede no seu último cartão, envio-lhe, hoje, sob registro:

a) 2 photographias reproduzindo aspectos da Biblioteca Pública Municipal, ou, melhor, da Sala de Leitura, que é a mais frequentada de S. Paulo, desde o primeiro mês após a respectiva abertura.

É, sem favor, a mais confortavel e moderna da capital paulista e dispõe de cêrca de 40.000 volumes, de livros e periodicos, attingindo a perto de 600 as revistas especializadas, de indústrias, artes, sciências, letras, religiões, etc., entre as melhores do mundo, nos principaes idiomas. A sua fundação ou inauguração data de 1926, tendo sido eu o organizador.

b) A minha última photographia, que data de uns 2 annos.

c) O número, de março de 1928, da *Feira Literaria,* em que alêm da poesia *A Troia Negra* — episódio do poema *Os Sertanistas* lida, uma noite, na sua casa, se encontra a relação summária dos meus trabalhos publicados, conforme o seu gentil pedido. Como faltasse a página, nesse exemplar (dada ao Arthur Motta), mandei-a copiar do número existente na Bibliotheca. Vae collada, no logar adequado, de acôrdo com a paginação do fasciculo.

d) Um exemplar da *Bandeira Positivista,* meu último livro, com o rol dos meus titulos (*excusez du peu...*), enumerados adrede, como resposta aos que foram injustos em relação ao meu labor estrenuo e desinteressado, de um patriotismo, aliás, por alguns, tão mal comprehendido.

e) Um album do Lyceu Salesiano, ou do Sagrado Coração de Jesus, no genero do do Mosteiro de S. Bento.

f) Um album referente a S. Paulo, impresso (dir-se-ia na Europa ou nos Estados-Unidos) pela "S. Paulo Editora Limitada", daqui, por occasião da passagem do presidente Hoover, quando seguiu da America do Sul para os Estados-Unidos.

g) Um retalho do *Correio Paulistano,* com um officio do actual prefeito, dr. Pires do Rio, sôbre a sua administração.

h) Outro retalho, do mesmo jornal, a respeito duma phrase do dr. Julio Prestes, assignalando a ausencia de escudo de armas, de bandeira e de hymno relativamente ao Estado de S. Paulo (confirmação do que eu lhe disse).

A proposito, possue Você a *Mensagem,* ultimamente publicada, dêsse presidente? Caso a deseje, envial-a-ei.

No Centro Paulista, obterá Você, facilmente, uma série de conferências que, talvez, lhe interessem — *São Paulo e a sua Evolução* — realizadas, ahi, em 1926. O Centro acha-se installado, em predio proprio, no largo do Rocio. Pode procurar ou telephonar, á tarde, ao Mario Villalva.

Não se constranja em me pedir qualquer outro esclarecimento, ou quaesquer outros dados, que desejar. É uma collaboração cordial de amigo affectuoso e uma vibração commum de enthusiasmo pela terra paulista, que, afinal, engrandece a civilização e o conceito do Brasil.

Quando aqui esteve, ha dias, o Aloysio de Castro, falámos, carinhosamente, na sua pessoa e na querida e excelsa d. Gaby, a quem beijo as mãos.

Saudades e abraços do

Eurico de Goes.

I — 1, 3, 34

339.

S. Paulo — fevereiro, 1932.

Querido Coelho Netto:

Tendo eu estado enfermo e, tambem, durante cêrca de um mês, á cabeceira de meu irmão, que, por duas vezes, se encontrou entre a vida e a morte, não havendo lido jornaes com regularidade, — não tive notícia, antes, do fallecimento da carissima D. Gaby, a quem eu queria e considerava como irmã!

Foi, por isso, que não lhe enviei as expressões do meu profundo pesar, em momento mais proximo do triste acontecimento. Faço-o agóra, com um saudoso e affectuoso abraço para todos os seus.

Eurico de Goes.

I — 1, 3, 35

HUMBERTO DE CAMPOS VERAS

340. *

Vichy, 15-6-30.

Meu querido amigo:

Aqui estou em "reparações". Figado e estomago. Por conseguinte: aguas, duchas e massagens. Não o esqueço, nem aos seus. Mande suas ordens p.ª o Hotel de Paris, 8, Boul. de la Madeleine. Paris.
Abraços affectuosos do velho

Campos

I — 1, 6, 81

341.

Netto —

A Paquita já havia escripto hontem a D. Gaby, indagando, afflicta, pelos d'ahi. Eu, logo que o mal irrompeu, puz a casa em "estado de sitio". Não entrou nem sahiu mais ninguem. E, dentro, foi posto a funccionar o serviço de prophylaxia dos Tupinambás, com o auxilio de todas as fumaças selvagens. D'ahi, a saúde perfeita, de todos, constituindo esta nossa casa uma excepção em toda a rua, senão em toda a cidade.

O nosso bairro, aqui, foi o mais experimentado pelo mal. Sendo este o caminho do cemiterio, os carroções passavam de hora em hora abalando os edificios com o peso dos corpos, e enchendo a gente de pavor, com um frio na espinha.

Felizmente, vae tudo melhorando. Eu fui hontem á cidade com um lenço no nariz, e voltei ás pressas, amedrontado com o luto e a tristeza dos transeuntes.

E adeus, meu velho; muito obrigado. Estavamos anciosos, mesmo, por noticias d'ahi; e a nossa anciedade havia augmentado hoje, com a falta de resposta da carta da Paquita, que foi para o Correio sabbado.

---

* Cartão postal.

Abraços de todos nós, em D. Gaby, nas creanças e em vc., a quem o Henrique manda um punhado de beijos.

Humberto.

I — 1, 5, 44

ANTÔNIO HENRIQUES DE CASAIS

342.

P. Alegre — 22-2-1931.
R. Lôpo Gonçalves — 286
R. Grande do Sul.

Não tenho a ventura de comvosco privar.

Podia tê-la. Entretanto, por natural timidez, receei aproximar-me de vós, medindo minha desvalia e não avaliando os generosos dotes do vosso coração.

Só casualmente, na Academia, quando quasi com o pé no vapor, por demandar terras de P. Alegre, tive a ventura de, por momentos, comvosco confabular.

Isso bastou para vos conhecer.

O golpe que sofreste é daqueles, aos quaes consôlos não curam; para ele só a resignação cristã e a misericordia divina.

Do meu livro "Salterio Cristão", tirei algo, antes que o dê aos prelos, visando um duplo fim: fornecer-vos leitura consoladora e calmante; merecer, caso mereça, algumas linhas vossas.

Pondo ao vosso inteiro dispôr meus apoucados prestimos e pedindo a Deus que se digne de vos conceder e aos vossos queridos saúde, paz de espírito e longa vida, subscreve-se com muita admiração

vosso patrício agradecido

Antonio Henriques de Casaes.

I — 1, 2, 7

343.

Rio-3-VIII-1931.
Rua Uruguai-313.

Ex.mo Sr. Dr. Coelho Netto.

Mil desculpas, mil perdões,
Peço ao ilustre literato,
Nem sempre as ocasiões

Consentem cumprir-se um trato;
Deixam que, á hora aprazada,
Vingue a palavra empenhada.

Sobre o planeta o vivente
Não faz quanto lhe apetece
E dêsse modo conhece
Que é mesquinho e contingente,
Que uma folha desprendida
Fa-lo tropeçar na vida.

Seu curto olhar não abarca
O céu, o horisonte infindo,
Sobre o mar da vida a barca
Deus é quem vai dirigindo;
Si a onda se agita e freme,
Fé, que ha timoneiro ao leme!

Oito horas disse-me, afoito,
Concordei que ás oito iria,
Mas molestia não é biscoito,
Portanto, não poderia
Sair e, cheio de tedio,
Procurei cama e remédio.

Agora já vou melhor,
Já me posso levantar;
Por não ter um mal maior
Devo, porem, esperar;
Mil perdões, si fôr preciso
A graça de um novo aviso.

Ao vosso lar desejando
Sempre o celeste favor,
Aqui termino, ficando
Ao vosso inteiro dispor,
Servir-vos, com mór prazer,
É e será meu dever.

Henriques de Casaes.

I — 1, 2, 8

JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO

344. *

Sabado, 13 dez.

Meu caro Coelho Netto:

O teu cartão, de 8, entregue na Faculdade, só a 11 me veiu ás mãos. Imediatamente providenciei, não directamente, pois até não me dou com o "homem", especie venenosissima de *Crotalus horrificus* (é o insulto latino do Cascavel), mas por interposto amigo, com todo o interesse. Teria conseguido algo, ou terei chegado tarde? Faço votos por que o nosso amigo tenha vingado este trabalho de Hercules, que é aturar e vencer um velho lente, calejado na ruindade... Não é porque reprove, o Leitão da Cunha o faz, e faz bem, porque ensina; o outro não ensina coisa alguma, e só o faz por máu, energumeno de nascença, e sem concerto. Vou mandar-te, melhor (para mim) mandar a D. Gaby, a minha "Fruta do mato", pedindo-lhe, como Verlaine, que *l'humble présent soit doux*. Não ouso esperar isso do teu paladar refinado, de mestre... Até um destes dias. Teu admirado amigo, sempre beato

Afranio

I — 1, 6, 59

345. *

Meu querido Netto:

Ahi tem V. o mofino *"Mysterio"*. Aborreceu-me muito a capa externa, em que o Monteiro Lobato errou a enumeração da autoria: nunca, de meu alvedrio, passarei adiante de Coelho Netto. A capa que revi, a interna, ainda assim saiu errada, pois o — & (Medeiros e Albuquerque) — lá não está assim. Como em tempo conversamos, o unico prestimo será não ficar ahi trapos de escriptos nossos, que um dia sairiam, ainda mais corrompidos, do limbo dos jornaes velhos... Assim, não nos envergonham; se houver outra edição, como fizeram o Eça e o Ramalho, no *"Mysterio da Estrada de Cintra"*, teremos o direito de pôr aquillo direito, e então V. terá os aborrecimentos que agora me cabem. Creia-me seu devoto, seu admirador e seu amigo

Afranio

I — 1, 6, 60

---

* Cartão
* Cartão

RODOLFO TEÓFILO

346.

Fortaleza 26 de Março de 93.

Meu caro Coelho Netto
Os meus affectuosos saudares.

Apresento-lhes o meu prezado amigo Fernando Levino de Carvalho, que vai concluir o curso de Direito nessa Capital. É um moço de grande talento e optima conducta. Peço-lhe o honre com sua amizade e o acolha, como se fosse a mim proprio.

Um grande e affectuoso abraço do

Am.º e adm.or

Rodolpho Theophilo.

I — 1, 5, 37

BELARMINO CARNEIRO

347.

Rio, 18 maio 1895

Meu caro Coelho Netto,

A carta que V. dirigiu ao nosso collega Eduardo Salamonde causou a maior estranheza a todos os companheiros da directoria d' "O Paiz", que resolveram significar-lhe por este meio e pelo meu orgam, como representante da mesma directoria, o pezar com que vêem a injustificavel divergencia levantada na alludida carta por seu estimavel e apreciadissimo collaborador.

A directoria d' "O Paiz" sente-se obrigada a manifestar-lhe que não acceite as escusas por V. apresentadas, as quais lhe causaram o mais profundo desagrado, e devolve o artigo "Fetichismo", que enviou em substituição ao que promettera escrever para a folha de amanhan, lamentando que este incidente venha afastar da collaboração deste jornal tão prestimoso e distincto companheiro.

Agradecendo os seus valiosos serviços em nome da derectoria d' "O Paiz", tenho o prazer de subscrever-me com estima e subido apreço.

Seu am.º e m.to admirador,

Belarmino Carneiro.

I — 1, 2, 1

EDUARDO MÉDRÚ

348.

Capital Federal, 1 de Agosto de 1898

Ex.mo Sr. A. Coelho Netto

Alguns officiaes da Armada Nacional, julgando necessario ao Brazil commemorar o seu 4.º Centenario resolve[ra]m tomar sobre os seus hombros esta pesada tarefa e, presididos pelo Sr. almirante Guillobel e animados pelo Sr. Ministro da Marinha, fizeram uma primeira reunião, em que ficou resolvido dar-se os primeiros passos para esse fim.

Parecendo aos que compareceram á reunião que esses festejos deveriam ser promovidos por todas as classes sociaes do Brazil, unidas á Colonia Portugueza, assentou em expedir convites, para uma primeira reunião preparatoria, a um representante de cada uma dessas classes.

Esta reunião se effectuará, caso este appelo seja correspondido, na proxima 5.ª-feira, 4 do corrente, em uma das salas do Club Naval, á 1 hora da tarde; nella se tratará da formação da grande commissão, que se incumbirá de pôr em execução as ideias capitaes já apresentadas e de dirigir os trabalhos necessarios.

A V. Ex., como o que mais se tem empenhado nesta campanha patriotica, cabe de certo um lugar na nossa reunião, á qual, esperamos, não deixará de comparecer.

Permitta-me approveitar o ensejo para apresentar-lhe os meus protestos de subida consideração.

De V. Ex.ª

ad.or e ven.or

Eduardo Médrú

Cap. Ten.e

I — 1, 4, 10

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

349.

Lisboa 14 de agosto de 1905

Ex.mo Sr.

Tenho a honra de remetter a V Ex.ª o 1.º numero da revista mensal *Serões* que actualmente dirijo, tendo-a moldado, na medida das nossas forças, pelos magazines similares do extrangeiro.

Eu desejaria immenso reunir para a collaboração litteraria a fina flor dos escriptores que, nos dois hemispherios, cultivam a nossa bella lingua commum. Foi naturalmente dos primeiros que me occoreu o nome de V Ex.[a], cujo altíssimo valor eu, infelizmente não ha muito, me foi dado apreciar. Julgará V Ex.[a] ambição demasiada esta honra que desejo para a Revista? No caso contrario, rogo-lhe, como collega e admirador, o grande favor de me remetter algum artigo, seja o que fôr, na indole do magazine, colmando esse obsequio se me proporcionar os meios de o illustrar devidamente. Tudo o que se refira a cousas brazileiras terá para mim um grande apreço, sobretudo sahido de uma penna como a sua. Gratissimo lhe ficará o

De V Ex.[a]

Coll[a] hum[e] e adm[or] sinc[o]

Henrique Lopes de Mendonça

I — 1, 4, 6

JOÃO LUSO

350.

Querido Netto,

Desejo fazer-te assumpto da minha carta deste mez — que está a acabar — para os *Serões.* Podes mandar-me a lista das tuas obras, com as datas das respectivas publicações, e mais alguma nota que a ti proprio te pareça interessante? Eu sei muito bem o que hei de dizer, ou, antes, o que desejo dizer. Entretanto, não ficará mal, entre as minhas historiadas, um pouco de documentação. Não achas? Responde sem demora. Saudades e abraços.

João Luso.

23. 4. 906

I — 1, 3, 79

TEODORO RODRIGUES

351.

Coelho Netto:

D'estas terras quentes do extremo norte, d'este trecho largo e fecundo da Amazonia envio-te um vivo saudar que traduzirá perfeitamente a minha grande admiração por um dos mais brilhantes espiritos da nossa patria — Coelho Netto —, a penna grega que escreveu "Saldunes".

Perdôa-me, se te vou furtar por um momento à gloriosa tarefa intellectual a que te entregaste por temperamento e por vocação.

Os teus repetidos triumphos alcançados nas pugnas do pensamento humano provocam o meu ardente applauso e eu d'aqui, das selvas, das margens d'este colosso que finca o pé no flanco andino e deita a cabeça no travesseiro de ondas do oceano saúdo-te como um forte, um victorioso, um triumphador que conseguiu esmagar a indifferença patricia.

Ninguem como tu tem vencido tanto; és o unico exemplo de tenacidade heroica na peleja literaria no Brasil. E tudo concorre para tua gloria: o hellenismo da forma e a cultura notavel que alcançaste da nossa bella lingua. Não és um escriptor sem grammatica, como tantos que por ahi borbulham; és verdadeiramente um escriptor.

Não conheço no Brasil, em qualquer epoca do nosso desenvolvimento literario, maior fecundidade e mais proveitosa que a tua. A complexidade maravilhosa do teu talento fez de ti uma entidade superior, substituindo a indifferença pelo respeito, o desejo de ler-te pela admiração incondicional, pois não ha hoje no nosso paiz quem não leia uma pagina do auctor do "Inverno em flor".

Eu te saúdo, meu illustre patricio como a mais brilhante affirmativa da literatura nacional.

Admirador e confrade

Theodoro Rodrigues.

Manaus — red. do
"Amazonas" — 14-11-906

I — 1, 5, 3

MARCELO GAMA

352.*

Illmo. Sr. Coelho Netto

A V. Sria. os meus cumprimentos. Tenho a honra de enviar a V. Sria. o unico exemplar que possuo do meu primeiro livro de versos *Via Sacra,* cuja edição está exgottada. Poderosissimas razões que dolorosamente devo calar, impedem-me de ir, como fôra annunciado e como eu promettera a mim proprio, dizer hoje no *S. Pedro,* em homenagem a V. Sria, os ultimos versos que compuz. Para bem avaliar da força do meu impedimento, bastaria que V. Sria tivesse conhecimento dos perfidos commentarios a que me sujeitar a minha ausencia,

* Cartão

hoje, no theatro. Entretanto, antes de V. Sria deixar esta terra que eu não admiro nem amo tanto como poderiam exigir preconceitos e habitos, pretendo prestar a V. Sria, publicamente, a homenagem a que me obriga a velha, profunda e obscura admiração que tenho por V. Sria.

De V. Sria

Marcello Gama.

P. Alegre, 21 Dezembro 1906.

I — 1, 6, 44

ANDRÉ S. DEMARCH

353.

Montevideo 21/3/907

Meu caro Netto,

Imagino a dolorosa impressão que causou-te o meu telegramma com a fatidica palavra: *nada!* Nisso ficam reduzidos os nossos sonhos de arte grande e forte, por demais grandes e bellos n'esta epoca destinada ao triunfo das farinhas, café e feijão.

Pablo Podestá artista-comerciante achou mais seguro aceitar um contrato para as provincias argentinas e nada quiz ouvir de nossas altas idéas de união e intercambio intellectual; razão talvez teria quando homens illustres, que nos conhecemos, podendo fazer muito, nada fizeram.

Os dramaturgos argentinos sentem profundamente que os teus e os meus esforços não foram coroados de triunpho. Nunca achei n'elles um sentimento de amizade mais firme e um desejo tão grande de unir-se intellectualmente a nos.

E nos voltamos, meu caro Netto, ao nosso trabalho de todos os dias, silencioso e fecundo, forjando idéas e creando bellezas novas, no doce e manso socego do lar carinhoso, apartados do mundo, sonhando... sonhando sempre!

Não choro realidades não conseguidas, acho-me bem satisfeito e bem pago pela nova amizade grande, forte e sincera que fui procurar lá, n'essa terra donde a natureza pensa pelo Pão de assucar e pelo Corcovado, canta um eterno hymno de gloria pelas suas flores e pelas suas palmeiras e sonha um longo sonho de poesia nas praias luminosas de Botafogo, Leme e Ipanema!

A tua amizade é para mim o mais precioso dos dons, porque reconheço em ti ao aristocratico cavalleiro, nobre e gentil das lendas de

Wagner e ao irmão intellectual longamente querido e esperado. Tudo isto digo-te em mao portuguez porem com bom coração!

Tambem a Sophia sympathizou muito e bem com a tua gentil Senhora, assim é que não passará muito tempo sem que voltemos para lá. No entanto peço-te que não deixes de me mandar todos os jornaes donde sahia algum conto, poesia ou artigo teu e de me escrever algumas vezes dando-nos noticias tuas, de tua Senhora e de teus filhinhos.

Pelo D.r Gotuzo (membro do Congresso medico) vae um remedio que á Sophia offereceu a D.na Gaby.

Julio Herrera e Reissig desejaria que lhe mandasses os seus sonetos. Eu não pensei em traze-los eu mesmo julgando que elle tivesse alguma copia de elles porem resulta que não é assim;peço-te pois que envies elles, pelo correio — *recomendado* — directamente ao Julio, rua Ituzaingó 235.

Eu e a Sophia sahimos no dia 24 para *Corrientes*, donde ficamos a tuas ordens.

Os meus respeitos para D.na Gaby, com um forte abraço da Sophia.

Para ti o coração de este amigo sincero que não se esquecerá nunca do nobre e bom Coelho Netto.

André S. Demarch.

Muitas lembranças ao Senna, a quem escreverei em breve.

I — 1, 2, 29

JAVIER DE VIANA

354.

B.s A.s mayo 7/907.

Sr Dr Enrique Coelho Netto
Rio de Janeiro.

Ilustre amigo: Aprovechando el placer de haber conocido al Dr Campos, gentil é ilustrado cumpatriota de Ud, le envío mi afectuoso y respectuoso saludo... á cuenta de una carta extensa que queda prometida para en breve. Mucho de lo que en ella tendré el gusto de decirle, se lo anticipará verbalmente nuestro comun amigo Campos. ¿ Luchamos por la aproximación intelectual de ambas naciones?... Yo inauguraré la campaña en estos dias, escribiendo en "La Nación" Confío en que Ud acompañará desde ahi con toda la

influencia de su pluma exquisita, reconocida maestra, allá y aqui... para los pocos, aqui, que tenemos la fortuna de conocerle.

Muy afectuosamente suyo

Javier de Viana.

I — 1, 5, 45

M. TEIXEIRA GOMES

355.

Portimão, 20 de maio de 1907.

Meu excelentissimo camarada:

Apezar do muito que se tem trabalhado para descobrir a "alma portuguesa" moderna e embora seja opinião assente e concorde entre variadissimos e conspicuos mestres que ella existe e já foi destrinçada, obstino-me eu em descrer irreverentemente da realidade de semelhante psychismo.

De resto se todos sentissem a mesma falta que a alma portuguesa me faz a mim, não era em taes investigações que se consummiria o phosphoro dos intellectuaes meus patricios. Mas, enfim, se a razão os não assiste, o goso da mera especulação metaphysica (que outra coisa não é aqui o tentamen sociologico) para que deve existir tolerancia, os absolverá e os recompensará de tão escusadas labutas. Houve talvez, outrora, alma portuguesa, quando o paiz inteiro andava empenhado em heroicas e ainda mais rendosas, aventuras e, do norte ao sul, vibrava a esperança de colher o vellocino de oiro, mas hoje que nenhuma ambição agita unissonamente a população analphabeta, a gente polida, esses pouquissimos e rarissimos que leem e estudam, aqui, se têm alma é franceza, como é franceza a sua cultura mental. E ainda bem que assim é pois afigura-se-me que de outra forma seriamos estheticamente nullos. Dos brazileiros pensava eu ainda peor do que ajuizo acerca de portugueses, encontrando superfluo continuar na sua litteratura, em leituras similares, a enfadonha revista aos reflexos do espirito gaulez sobre superficies sem melhor polimento. Isto não me impediu, porem, uma vez que o meu editor luzitano ingenuo e comido de illusões, me convidou a offerecer exemplares dos meus livros a varios escriptores d'alem-mar, como se tornava indispensavel ao desenvolvimento da sua honrada industria, isto não me impediu, repito, de a todos dar uma roda de "genios" em dedicatorias mirabolantes, embora nunca houvesse lido coisa alguma da lavra de qualquer d'elles. E fil-o sem remorso, parecendo-me que podia acertar melhor não os conhecendo do que quando applicava iguaes epithetos lauda-

torios a outros conhecidos e reconhecidamente sem valor algum. Convem notar que por escrupulos de consciencia e para os poder elogiar mais desafogadamente são rarissimos os escriptores vivos, de lingua portuguesa, que eu leio. Em Portugal escasseiam os elementos essenciais á hypertrophia das individualidades e a nata dos nossos escriptores tresanda a jornalismo francez para uso domestico — o domestico é aqui a pequenez do nosso meio e a insignificancia dos nossos estimulos. E era o que eu mais admirava no Brazil, paiz tão vasto, tão inexplorado, tão prodigo de aspectos e raças diversas, e por lá como por cá a mesma domesticidade nas intelligencias, o mesmo servilismo nos plagiatos.

Porque ser francez, italiano ou hespanhol é fatal ao espirito litterario da nossa raça mas condições particulares — como foram as viagens, aventuras e conquistas do seculo 16 — podem transformal-o sob essas influencias a ponto de lhe incutirem originalidade, e o Brazil parecia-me satisfazer a todos os requisitos favoraveis ao desenvolvimento, á ampliação e á naturalização de qualquer d'aquelles modelos. Vã conjectura. Sempre que abria, esperançado, obra transatlantica era prompto e peremptorio o desengano. Estava n'isto quando um grande amigo meu cujo criterio não é desaproveitavel me recommendou, a leitura do "Sertão". Com a acostumada desconfiança, e mesmo de muito má vontade, recordo que abri o livro, mas empolgado logo ás primeiras paginas levei-o ao fim de uma assentada avidamente. Era uma coisa nova, dita em estylo apropriado; um canto original do mundo que se me desvendava ao som de uma incomparavel musica verbal, orchestrada sem preciosidades inuteis nem ressonancias exorbitantes, embora penetrante, vigorosa, truculenta. Manifestava um sentimento certo, uma vibração afinada, uma adaptação perfeita da intelligencia do artista ás situações romanescas ou naturistas dos personagens em conflicto; era a interpretação lyrica, sagaz, arguta de violentos quadros encandeadores; era, na sua pujança, um espirito juvenil, apaixonado, exacerbando-se em thema adequado as variações de uma esplendida virtuosidade; era, em summa, a incontestavel obra prima... Desculpe meu caro camarada, a pobreza da minha adjectivação, que, sem duvida já muito gasta por outras pennas, lhe parecerá ridiculamente descolorida e não leve a mal que eu escolha o "Sertão", de preferencia a qualquer das suas outras obras, para sobre ella sacudir este farelorio, miseravel resto da minha cornucopia laudativa, exhausta em proveito de tanta mediocridade. Falo do "Sertão" por ser o primeiro dos seus livros que li e pela novidade, aquelle que maior enthusiasmo e surpresa me causou, mas nem por isso encontrei no "Agua de juventa" ou no "A bico de penna" menos intensidade na visão ou menos poder de expressão. — Posto isto; reflectirá o Coelho Netto, como

é que um tão ardente admirador do meu talento fica dois annos sem me agradecer a lindissima noticia que, algo sobrepos, dediquei a um dos peores livros por elle perpetrado: a "Sabina Freire"? Ai do Coelho Netto e ai de mim se eu me puzesse agora a ensartar o rosario de explicações requeridas pelo caso; sahiria um tal e tão longo embrulhado de disparates e loucuras que o meu camarada sobre o diploma de embusteiro não hesitaria em abonar-me aquelle de maçador. E no entanto era a realidade da minha vida que bastaria esmiuçar: o tempo desperdiçado em ninharias sentimentaes, ou gasto honestamente na execução de melindrosas e calamitosas emprezas agricolas, ou aproveitado futilmente em esportes dessaboridos e fatigantes, ou varrido pela resolução obstinada e realisada de não fazer coisissima nenhuma, que até uma simples carta como esta tão facil e agradavel de escrever não encontra ensejo de sair. Perdoe pois o meu querido Coelho Netto, certo de que nunca li palavras para mim tão lisongeiras como as que me endereçou e creia no sincero, fundo reconhecimento do seu devotado camarada e grande admirador

M. Teixeira Gomes

I — 1, 3, 37

JOSÉ MALHOA

356.

Meu Ex.mo amigo, Snr. Coelho Netto.

Recebi a sua carta de 2 d' Abril, que agradeço e guardo religiosamente como precioso autographo que é.

Vou partir para Paris e bem contente, porque vou vêr o efeito do meu quadro no "Salon", que parece têr agradado bastante, pois tenho recebido jornaes franceses, ingleses e allemães, com artigos de critica que me são muito agradaveis; valha-me isto para me dar coragem para continuar a luctar como tenho feito até aqui. —

O quadro já foi reproduzido em Pariz, e d'ali lhe mandarei uma prova.

Tenciono na volta a Lisbôa percorrer o alto Alentejo tão caracteristico com os seus Campinos, e o Caiado das suas Casitas, tão interessante: d'essa digressão espero trazer uma *manchasita* que terei o gosto de lhe mandar, como testemunho bem sincero pelo seu tão belo talento, e tantas tantas provas de bondade que teve para mim.

Desejo-lhe todas as felicidades e aos seus, tantas quanto desejarem.

Peço-lhe de apresentar os meus respeitos a sua Ex.ma Esposa Minha Senhora, e o meu amigo

Creia-me

Amigo e ad.or muito grato

José Malhôa

A/C
Avenida Ant.o Maria de Avellar
Lisbôa 25 Maio 1908.

I — 1, 3, 89

FELINTO DE ALMEIDA

357.

Rio, 14 Abril 1914

Netto

Recebi tua carta ontem, no tumulto de um escritorio comercial e; na ocasião, mal a entendi. Hoje, porém, posso agradecer-te as felicitações que me envias pelo regresso de minha Mulher, e agradeço-te de coração.

Quanto ao erro de que me falas, da incursão do teu grande nome nos noticiarios, estou certo de que me farás a justiça de supor que sou tão alheio a êle como tu proprio. Nada sei do que se pretende fazer. Quanto a mim, que leio poucos jornais, só vi o teu nome na "Noticia". Em qualquer caso, entendo que só tu podes exigir a retificação, impondo-a aos jornais que falsearam a verdade. Eu não me meti nem posso meter-me nisso, nem influir diretamente nem indiretamente no caso.

Beijo as mãos de D. Gaby e aperto afetuosamente as tuas.

Velho amo e confrade

Filinto de Almeida.

I — 1, 1, 6

LUÍS DOMINGUES

358.*

12 junho 1909.

Meu Coelho Netto.

O teu telegramma fez a festa (perdôa o vício de linguagem) do meu anniversário. Um abraço de muita gratidão.

Luiz Domingues

I — 1, 6, 38

---

* Cartão

ZEFERINO BRASIL

359.

Porto Alegre, 7 de setembro de 1909.

Preclaro Mestre.

Muito me desvaneceram vossas palavras escriptas, de que foi portador Lindolpho Collor.

Da extrema bondade vossa já eu sabia graças ao fino espirito desse raro que é Alcides Maya, do vosso coração e de vossa alma de eleito já me haviam fallado, com magnifica eloquencia, os livros com que vindes abrilhantando a nossa litteratura e vestindo de esplendor e gloria o vosso de nós todos tão querido nome.

Alto motivo de orgulho é para mim a vossa intervenção amiga e valioso auxilio à publicação de meus trabalhos litterarios.

Vou dar ao "O Meio" uma melhor apparencia para ir à presença do Preclaro Mestre. Está ainda nas mesmas tiras em que o rascunhei em 1897, quando o li (uma parte) ao Alcides, numa pequena tregua de neurasthenia e delirio, porque este livro, como o "Juca, o lettrado", eu o escrevi — doente, febril, assediado por todos os cães da hostilidade burgueza — sempre assanhados contra a altivez independente dos que não têm a espinha assás flexivel aos argentarios e aos potentados do dia.

Publicados os primeiros capitulos no "Correio do Povo" fui logo obrigado a sustentar polemica com quasi todo o *meio intellectual* deste meu "brioso e heroico ex-porto dos casaes"...

Enojado, mandei cessar a publicação dos folhetins diarios do "Correio", em que dava "O Meio" a ler a *um meio* composto de basbaques de má prosa e de abominavel poetice, e fechei a sete chaves os originaes de meu romance.

Vossa honrosa carta de 6 do mez ultimo, forçou-me a ir buscar essas velhas tiras ao fundo da mala onde aguardavam occasião propicia para sairem caminho do prélo. Porque (parece um caso de telepathia) "O Meio" psycho-phisiologia do alcoolismo, é um livro de opportunidade, e eu estava justamente pensando em publical-o ainda este anno, quando me veio ás mãos vossa carta amiga.

Exultei grandemente.

Presinto que este trabalho, uma vez publicado, vae me empurrar para a lucta, mas a lucta é tudo o que eu mais adóro, e nella sempre me sentí muito bem.

Saído da "hostilidade do meio" este romance não podia deixar de ser violento, ironico, sarcastico, rubramente satyrico; mas, pezar de tudo isso, é também, antes de tudo, um livro de verdade e justiça.

Por todo este mez ou principio de outubro enviar-vos-ei os originaes, e o que o Mestre fizer, com respeito á publicação, será por mim gostosamente recebido.

Uma coisa entretanto infinitamente me assusta: é o pensamento de que talvez o meu trabalho não esteja na altura do carinhoso auxilio litterario do brilhante estylista e Mestre incomparavel da nossa tão grande e opulenta litteratura. No emtanto muitas paginas deste livro sombrio eu as escrevi chorando...

Que quer?

A vida é tão cheia de obscuras tragedias...

"O Meio" é uma autopsia de almas.

O Mestre vae ver.

Com um abraço de amizade e sincero reconhecimento sou

Muito vosso affeiçoado.

Zeferino Brazil.

Rua da Olaria nº 86.

I — 1, 1, 70

BENJAMIM FRANKLIN RAMIZ GALVÃO

360.

Asylo Gonçalves d'Araujo, 19 de Abril de 1910.

Meu caro e illustre amigo

O seu *didáscalo* está bem formado. No theatro grego antigo havia effectivamente o "didáscalos" (διδάσκαλος), que doutrinava e dirigia os choros, — uma especie de actor-mestre (διδάσκω significa propriamente "ensinar").

Poderiamos formar tambem *dramatista* e *theatrista,* que ambos querem dizer "actores" e provêm de boas origens gregas; mas serão melhores? Menos rebarbativos talvez, porêm não sei si mais apropriados.

É o que me é licito responder de prompto á sua cartinha de hoje, cheia como sempre de gentilezas e generosidades p.ª com este seu velho am.º e admir.or

Ramiz Galvão.

I — 1, 3, 23

361.

Em 31-1-911.

Ilm.º Snr. Coelho Netto

Com prazer li a sua carta, que me anima bastante para a continuação da lucta em que me empenhára e já me julgava vencido — a construcção de uma estrada de ferro no Maranhão, que passe em Barra do Corda —. Barra do Corda!.... Eis a inspiradôra de todo o traçado, que será, quando realisado, a salvação do Maranhão. E, quem sabe, a unica que lhe seja possivel?

Sim, amo e amo muito a sua terra. Quanto mais viajo e melhor conheço os estados do Norte, maior amôr dedico ao Maranhão. Ha pouco tempo cheguei de uma viagem de 8 mezes, na qual contornei todo o estado do Ceará, que lhe fica visinho. Falo pois com a experiencia da observação.

Talvez saiba que, ha cerca de 3 mezes, eu apresentei ao Congresso Nacional um pedido de concessão para uma estrada de ferro de penetração, no estado do Maranhão, de accordo com os desejos do Dr. Luiz Domingues e condições technicas verificadas pelo engenheiro Palhano de Jesus, que fôra incumbido de fazer o reconhecimento do terreno, tendo Barra do Corda como ponto obrigado.

O meo requerimento, com a sua justificativa, plantas, etc., deve estar na Secretaria da Camara dos Snrs. Deputados. Mas, no caso que elle não seja encontrado, eu penso que os Snrs. C.el Alfredo Braga e Dr. Americo Lassance, com escriptorio á rua da Quitanda n.º 97 (1.º andar e sala de frente) teem copia da planta que juntei ao requerimento e que podem, de bom grado, dar-lhe noticias e contas do que eu fizéra á respeito. O Snr. poderá telegraphar-lhes em qualquer momento que deseje colher informações e contar com a solicitude d'aquelles cavalheiros. Elles poderão dizer-lhe os motivos de ordem moral que desanimaram-me bastante, logo após a entrega do meu requerimento.

Assim, mais promptamente terá a planta e as informações que pede.

Agradecendo-lhe as bôas qualidades que me empresta, acredite francamente que, eu estarei ao seo lado e inteiramente ao seo dispôr, para ajudal-o no nobre emprehendimento a que se dedica, para o que hypoteco-lhe os meos mingoados prestimos, com lealdade e prazer.

E, se realmente os seos companheiros na representação do Estado, estão igualmente empenhados na salvação da terra amada, nós poderemos conseguir o nosso ideal.

Escreva-me quantas vezes quizer, e disponha de quem é, seu admirador entusiastha.

Arnaldo Pimenta da Cunha.

Caixa postal n.º 173.
Residencia:
Rua da Mangueira n.º 4
(Freguezia de Sant'Anna)
BAHIA.

I — 1, 2, 20

OLEGÁRIO MARIANO CARNEIRO DA CUNHA

362.

Paris, 11-de Julho-de 1911.

Meu caro Mestre.

Recebi na vespera da minha partida a sua carta que me veio consolar e encher de coragem para continuar a fazer versos.

Quiz ir pessoalmente levar-lhe os meus agradecimentos de discipulo que se vê estimulado pelo mestre, mas como não o fiz por não ser possivel devido á falta de tempo, d'aqui de longe lhe atiro um desses grandes abraços que traduzem o grande respeito e a grande veneração que a gente tem por um homem do seu valôr.

Creia sempre na profunda sympathia

do *Olegario Marianno.*

I — 1, 2, 25

EZEQUIEL UBATUBA

363.

Nictheroy, 28-XII-1911

Coelho Netto,

Com os meus cumprimentos affectuosos, tambem vão meus respeitos á D. Gaby.

Não fôra o muito, como te disse, a fazer hontem para a conferencia no Ministerio, decerto teria ido ouvir a leitura da peça do Roberto.

Que tal? Agradou?

Manda-me pelo portador o cabrito.

Sempre ex corde

Eseq. Ubatuba

I — 1, 5, 38

BENTO RIBEIRO

364.

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1912

Snr. D.r Henrique Coelho Netto.

Tendo recebido a melhor impressão possivel da prova publica de fim de anno dos alumnos da Escola Dramatica, realisada no Theatro Municipal em 24 de Dezembro p. findo, cumpro o grato dever de louvar-vos pela alta competencia e extremado amor com que tendes dirigido esse importante instituto de arte, comprovando o meu acerto em vos confiar tão ardua tarefa.

Peço-vos torneis extensivo este elogio aos vossos dignos auxiliares do corpo docente e bem assim aos alumnos pela applicação e aproveitamento que demonstraram.

Saudações.

Gal. Bento Ribeiro

I — 1, 4, 82

FRANCISCO, Bispo do Maranhão

365.

S. Luiz, 5 de Fevereiro de 1912

Ex.mo Sr. Coelho Netto.

Desvanecido e penhorado pelo delicado mimo "Mysterios de Natal", verdadeira joia literaria burillada a primor por artista a quem o *mens divinior* atrahe e seduz, não sei como agradecer, a gentilheza da offerta, que tanto honra minha pequenez.

Bem haja o estylista primoroso que dota nossas letras Patrias com mais essa perola fina; e oxalá, com ella venham-lhe outras a seguir do mesmo valor, para auxiliarem a mentalidade de nossa Patria a alar-se a essas regiões do Infinito, de que anda tão esquecida, mais por ignorancia, do que por culposa indiferença.

Com este voto sincero, que traduz toda minha admiração pelo fecundo escriptor, meu profundo agradecimento de amigo e admirador muito grato.

† *Francisco.* Bispo Maranhão.

I — 1, 3, 1

LAURO MÜLLER

366.

Rio de Janeiro, 19 de Março de 1912.

Illmo. amigo Coelho Netto,

Obrigado. Demorei agradecer pela tonteira das alturas a que me trouxe a rajada. Della me queixarei toda a vida, não tanto pelo mal que a mim fez trazendo-me até aqui, mas porque daqui tirou o nosso grande e querido Rio Branco.

Amizades do

Lauro Müller.

I — 1, 4, 27

BRANDÃO JÚNIOR

367.

Netto.
Rio, 17 — Julho 912.

Gratissimo no fim da vida, sem esperanças que me alentem, nada mais esperando, nada mais querendo para mim, do que a calma *relativa,* até á ultima hora. Não esperando nada, absoluptamente nada, alem da educação das duas filhas de D. Esmeralda, encontrei-me com a crise em que se encontra a Nini, na qual crise V.ce, como na enfermidade anterior, tão dedicado se tem mostrado; por isso disse: gratissimo estou, sou e serei — até *finar-me.* Nada me fará mudar de opinião. *Jurei,* não m.s brigar, seja com quem fôr, *salvo caso* de offensa publica, onde a acção é obrigatoria.

Isso — que digo só o faço para dizer-lhe que quaisquer que sejam as occorrencias extranhas ao meo conhecimento ou por ella — eu serei leal, correcto, amigo, como sempre fui — justo e sincero. Obrigado pelo dever de acceder ás exigencias de Nini, levei-a ao Aug.to Brandão, elle sem *ella saber,* confessou: começo de cancer. Receitou, addiou a operação. Ella, coitada, está m.s animada. Está medicada e aguarda segundo exame a 16 do futuro.

É uma condenada assim ou assado. Com operação já, ou depois.

Levo-te esta comunicação beijando-te as mãos como velho am.o

Brandão Júnior.

I — 1, 1, 66

FIGUEIREDO PIMENTEL

368.

Todos os Santos

(Travessa José Bonifacio n. 7) em 15 de 7bro de 1912

Meu caro Coelho Netto.

São 5 1/2 da manhã, e estou a escrever-te para ver si consigo que esta carta te chegue às mãos o mais rapidamente que for possivel. Não te escrevi hontem mesmo porque não vejo bem á noite.

Hontem, ao entrar na caixa do Theatro Municipal, depois das 11 horas, soube, com pasmo, pelo Candido Campos e pelo Baptista Coelho, e depois pelo Eduardo Victorino, que estavas zangado, disposto a brigar, a matar-me, devido a votar do "Binoculo" e dos "Pequenos Echos", pedindo uma matinée hoje com "A bella mme. Vargas". Candido Campos chegou a dizer que parecia bajulação ao Paulo Barreto ou perversidade para comtigo. Quanto á bajulação, ninguem melhor que Candido Campos me conhece. Elle foi secretario da redacção da "Gazeta", com poderes discricionarios, e nesse espaço de tempo só falei com elle uma unica vez: no dia seguinte em que sahi do hospital, após gravissima enfermidade. Resta a perversidade. Perversidade por que?!... No "Binoculo", quando não elogio, silencio, calo-me. Conheço-te ha cêrca de um quarto de seculo. Ha mais de 20 annos fomos collegas n'"O Paiz". Desde então, sempre que tenho opportunidade, em jornaes, em revistas nacionaes e estrangeiras, verbalmente, não cesso de falar em ti, com os maiores e mais merecidos louvores, dizendo o que sinto: que tens um talento assombroso e que és um dos maiores escriptores da raça latina. Ainda ha poucos dias disse-o nos "Pequenos Echos". Tu bem o sabes.

Se pedi uma matinée, hoje, com "A bella mme. Vargas" foi porque recebi cartas nesse sentido. Escrevem-me diariamente cousas desse jaez: para que a troupe Caramba levasse a Viuva Alegre, o Apollo repetisse o Sarão Vicentino; João Phoca fizesse conferencias; etc., etc.. Que interesse tinha eu em que se representasse hoje "A bella mme. Vargas" e não "O Dinheiro"?!... Nenhum, nem directa, nem indirectamente. Ainda não vi "O Dinheiro". Tenho estado com uma tosse horrivel, que de repente explode, sem poder contel-a.

Hontem (Candido Campos naturalmente já t'o contou) apresseime em pedir ao Baptista Coelho que redigisse a nota de hoje d'"O Binoculo". Fiquei de te escrever esta carta, o que faço com o maior prazer, porque é uma satisfação que te devo; uma desculpa que te peço; e porque sou leal, e faço questão em o ser.

Dou, pois, por encerrado esse incidente, desagradabilissimo para mim, mas com o qual folguei por ter o ensejo de te dizer, mais uma vez, que sempre fui e sou tem grande admirador e teu sincero camarada.

Peço-te que apresentes os meus respeitos à mme. Coelho Netto, cujas mãos beijo com a maior sympathia e veneração.

Sempre teu

Figueiredo Pimentel.

I — 1, 4, 70

IRMÃ INÊS do Sagrado Coração de Jesus

369.

Jesus!

Exmo. Snr. D.r Henrique Coelho Netto,

Sobre V. Excia., desçam as mais escolhidas graças do Céo.

É a menor das filhas de S.ta Tereza de Jesus, é a humilde primasinha de sua digna esposa que ousa dirigir-lhe estas linhas.

Com muito pezar, eu soube que V. Excia acha-se enfermo, e, em minhas pobres orações, peço a Nosso Senhor que lhe restitúa a saude, para a felicidade de sua tão virtuosa esposa, queridos filhos e da Patria.

Queira agora V. Excia permittir-me que eu lhe faça um pedido: Impellida pelo desejo de alistal-o entre os filhos da Virgem do Carmelo, minha tão amada Mãe e Rainha, tomo a liberdade de offerecer-lhe o escapulario do Carmo, rogando-lhe a fineza de recebel-o das mãos do sacerdote e trazel-o sempre ao pescoço.

Apparecendo ao ditoso Santo, a quem coubera a subida honra de annunciar ao mundo o escapulario do Carmo, Nossa Senhora prometteu que não pereceria eternamente quem morresse revestido d'essa insignia. Innumeros milagres, prodigios extraordinarios têm confirmado a consoladora promessa de Maria, a doce Mãe dos homens, o refugio dos peccadores. Queira, pois, V. Excia satisfazer o meu pedido, aceitando esse penhor seguro de salvação, que será o iman que, sobre V. Excia., attrahirá graças copiosissimas, o laço com que Maria o prenderá aos pés do Divino Crucificado. Perdôe-me V. Excia si ouso importunal-o e queira transmittir á cara Gaby a expressão do meu religioso affecto.

Com a mais alta consideração e respeito, subscrevo-me
De V. Excia

Humilde serva em J. Christo

Irmã Ignez do S. Coração de Jesus.

r.c.i.

Carmelo, 14 de Maio de 1913.
R. Ypiranga, 851. — Petropolis.

P.S. / Rogo-lhe encarecidamente o favor de receber o escapulario antes de partir para a Europa. — Queira, outrosim, não dar a ninguem a ler esta carta, (a não ser a Gaby), porque seria para mim um soffrimento, si o obscuro nome de Irmã Ignez sahisse da penumbra.

I — 1, 3, 42

ANTONIO AUGUSTO DE LIMA

370.

Bello Horisonte, 28 de jan.ro de 1914.

Meu querido Coelho Netto,

Bem sabes o quanto admiro e estimo o nosso Humberto de Campos, cujo livro maravilhoso já li tres vezes com enlevo crescente.

Mas, além de grande Poeta, o Humberto, com as suas gentilesas irresistiveis, já dominou o meu coração.

Dada a opportunidade, terei o maximo prazer de contribuir com o meu voto para que elle venha para o nosso meio, que já vae sentindo a falta delle.

A nota do *Diario de Minas* não é minha, mas eu a subscrevo.

Será uma vergonha para o Maranhão, se não te fôr restituida a cadeira que honraste no Parlamento.

Não creio até que se consumme esse desastre que, dada a nossa situação diplomatica, envolverá perfida injustiça a um dos membros da Commissão de Diplomacia que mais valente e denodadamente se bateram pela honra e dignidade da nossa Patria, e em pareceres habilissimos e memoraveis orações levantaram o espirito publico.

Todo teu

Augusto de Lima

I — 1, 3, 56

VIRGÍLIO VÁRZEA

371.

Rio, 18 de abril de 1914.
Meu caro Coelho Netto.

Aqui me tem, pela segunda vez, a solicitar-lhe o voto para uma das cadeiras actualmente vagas na Academia de Letras — a de Salvador de Mendonça e a do dr. Heraclito Graça.

Espero agora que V., um dos meus antigos e mais queridos camaradas de letras, não me ha de deixar sem a glorificação do seu apoio, neste glorioso pleito.

Com verdadeira admiração e forte affecto

o seu

Virgilio Varzea

Rua dos Coqueiros, 20.

I — 1, 5, 42

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

372.

Atenas. Legação do Brasil.
5 de Junho de 1914.

Meu caro Coelho Netto,

A demora d'esta carta deve parecer-te extranha, injustificavel. Vários motivos a ocasionaram. Primeiro de todos a minha fé na tua portentosa fecundidade literaria, trazendo consigo a esperança de ver surgir, logo depois do *Banzo,* o *Rei Negro* anunciado ao mesmo tempo. Em segundo logar o estado mudavel e caprichoso dos meus olhos que, forçados pelo serviço oficial a trabalho frequente e longo de obrigação, andam reduzidos, ao que não seja isso, a só me poderem prestar auxílio irregular, aleatorio. E eu — eis a terceira razão do atrazo — queria escrever-te longamente sobre este teu livro, e tambem, sobre o que da tua musa agreste me dizias na tua afetuosa carta... Não me foi possivel até agora, não o é ainda hoje; mas não desisto da idea, e, se tens gôsto nisso, publicarei as páginas, que pretendo dirigir-te, na *Revista de América,* de Pariz.

Mas não deixarei de exprimir-te agora mesmo o prazer com que te li, sob o ceu da Hélade. Sim, sob o ceu da Hélade, que, com mais alguma pureza de azul por que mais sêco é o clima, se parece tanto com o nosso. E crês tu que fosse tão fundo o contraste entre os cenarios do teu livro e este ambiente? Meu amigo, também agrestes são as terras em tôrno da Pnix e da Acrópole. O rude pastor do Himeto com o seu gorro de ponta caida sobre o hombro, e o seu saiote de fustão branco ou de lan sombria, conduz as cabras do monte á Cidade, passando por muito perto dos Propileus, e embaixo, na planura, por entre as colunas mesmas do templo de Zeus Olímpio. Recordas que, da Edade Média até o comêço do século em que nascémos, o Fôro Romano foi chamado Campo Vaccino, e que o nome italiano de *Campidoglio* em vez de Capitolio se originou de uns olivais que prosperavam sobre os trofeus

derrocados de Cesar e de Trajano? Pois aqui ainda as ruinas gloriosas se acham como se achavam então em Roma, e entre elas e a Atenas moderna, clara, alegre e ajardinada, que em certos pontos lembra Petrópolis ou São Clemente, ha um abismo imenso e visivel de vinte e tantos séculos, sem outros marcos miliarios que as velhas egrejas bizantinas, extranhas elas mesmas como formas de arte, tanto ao Partenón e á cela da Vitória alada, como aos palacetes elegantes dos gregos de hoje...

Mas falemos do teu livro, que me trouxe uma quintessencia capitosa e deliciosa do Brasil, com tanto perfume de mattas virgens e tanto murmurio de rios, tanto vôo variegado dos nossos pássaros e das nossas borboletas, e tanta paixão obscura, trágica da gente sertaneja, compreendida, traduzida pela tua fantasia, que desde o comêço tendeu de preferencia a debruçar-se sobre o misterio crepuscular das almas primitivas. A tua palheta de grande pintor tropical é sempre a mesma. A agudeza dos teus sentidos em colher os movimentos rápidos da luz, da sombra, do vento ou das aguas, com que a onipresença da natureza se revela nas horas mais intensas da vida humana, é sempre admiravel, é portentosa ás vezes. A tua palavra canta, o teu gesto apanha e resume e nos oferece em poucos traços um quadro completo, com garbo de artista e experiencia de mestre. E as tuas *creaturas* surgem, vém, prontas, ao teu apelo, e reais. Em algum caso, porventura, parece haver de tua parte um *fraco* pelas soluções sangrentas, funestas. O leitor desejaria, preferiria, por exemplo em *Atração da terra,* um desenlace clemente, um raio de sol, um arco-iris que despedisse a tempestade cruel... E então volta com alvoraçada complacencia á moreninha linda do *Escrúpulo* e ás suas risadas gostosas, único canteiro de flores frescas, alegres, petulantes, na selva bravia por onde ele vai comtigo. Isto só prova que tu possues o dom de interessal-o pelas tuas personagens e pelas peripecias em que andam envolvidas. E estou que concordarás comigo em que, a despeito de tantos progressos da filosofia e da ciencia, e das suas incursões, nem sempre muito legítimas, nas obras de imaginação, ainda o melhor leitor de contos e romances é aquele que conserva o fundo de ingenuidade com que, em crianças, ouviamos da boca de alguma velha mucama o *Gato de botas,* ou as insídias da *Mãe d'Agua,* arregalando os olhos como diante de gentes e cousas *de verdade,* e ainda, na cama, espantando o sono a pensar e repensar nas maravilhosas histórias... Quanto ao que me dizes na tua carta sobre o valor da inspiração *nacional,* é evidente que, nas linhas gerais do princípio, tenho a tua mesma opinião. Mas tu ahi tocas num problema vasto e complexo, sobre tudo para nós filhos de paizes novos, e que de ordinario não se formúla bem, não se encara de um ponto de vista justo. Mas a isto virei em outra carta, mais longa... ainda! Por hoje te mando

uma plaqueta, *Quasi Parábola,* que fiz imprimir só para os amigos. Acanho-me de corresponder com tão pouco ao oferecimento do teu livro: mas considera que esse... poema em prosa faz parte de um volume que aparecerá mais tarde, e tambem, que breve te mandarei um livro de versos já em via de composição.

Vai tambem um retrato meu, que é uma linda gravura, pedir-te o teu em troca.

E adeus, por hoje. Recomendamo-nos cordialmente a Dona Gabí.

Abraça-te saudoso o muito teu

Azeredo

I — 1, 1, 11

LUÍS DE ORLÉANS BRAGANÇA

373.

Boulogne-sur-Seine, 12 de Julho de 1914

Prezado Dr. Coelho Netto,

Como V. E. já deve saber, sou candidato á cadeira de Casimiro de Abreu, vaga na Academia Brasileira pela infausta morte do Almirante Barão de Jaceguay.

Se me permitto aspirar um logar entre os membros da nossa mais alta corporação litteraria, não é por muto presumir do valor da minha obscura obra, mas pelo desejo de entrar em contacto directo com os mais illustres representantes do talento e da cultura nacionaes, e para poder com elles collaborar no esforçado empenho com que trabalham pelo brilho das nossas lettras.

Como não me é dado fazer pessoalmente a V. E. a minha visita de apresentação, sirvo-me deste meio para cumprir este grato dever, e bem assim para mais uma vez testemunhar ao autor do *Inverno em flor* a minha admiração por sua formosa obra, onde, a par de distinctissimas qualidades de estylo, fulgura toda a pompa da incomparavel paizagem brasileira.

Acceite, prezado Dr. Coelho Netto, as mais cordiaes saudações do patricio e admirador

Luis de Orleans Bragança.

I — 1, 5, 73

ANTÔNIO CARNEIRO

374.

Rio 9-II-915

Meu caro amigo; caro Mestre

Parto para Portugal em fins d'esta semana. Era meu projecto assente — e era o meu dever — ir a sua casa apresentar-lhe, com as minhas reiteradas homenagens, os meus cumprimentos de despedida.

Os meus affazeres, porem multiplicaram-se de tal modo, que até hoje me impossibilitaram de ir visitar V. Ex.ia — e hoje me prohibem de ir pessoalmente fazer-lhes as minhas despedidas.

Sirvo-me d'este meio para desobrigar-me d'um dever imperioso, esperando que V. Exa. me relevem a involuntaria falta.

E collocando-me á disposição de V. Ex.ia em Portugal, rogo-lhes acceitem de novo — o grande escriptor Coelho Netto e sua Ex.ma Esposa — a homenagem bem sincera e viva da minha admiração e respeito.

Antonio Carneiro

Endereço em Portugal:
245 — r. Joaquim Antonio d'Aguiar
Porto

I — 1, 1, 90

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

375.

S. Paulo, 28 de abril de 1915
Chacara do Carvalho
Meu caro Netto,

Venho fazer-te um pedido, o primeiro que faço até agora, a tal respeito e para mim: rogo-te deixares de votar na proxima eleição da Academia, para eu não ver teu nome entre os adversarios de D. Luiz.

Não fiz até hoje a ninguem pedido algum a favor de D. Luiz. Fui portador de algumas cartas delle, mas não as entreguei pessoalmente e disso és testemunha. Quando elle se apresentou, nenhum candidato tinha apparecido, affirmando elle, desse modo, não se mostrar adversario de alguem.

Bem sei que o homem é o mais ingrato dos animaes e o brasileiro o mais ingrato dos homens. É pois natural que o filho de quem sacrificou um throno pela redempção de uma raça; o neto de quem foi

chefe de estado em paiz da America do Sul durante 49 annos e partiu para o exilio com as mãos limpas de sangue e de dinheiro — não ache guarida no seu paiz. O resultado da eleição pouco me importa. Será melhor talvez que o Goulart se eleja.

Mas o que eu não quereria era vêr o meu *padrinho literario*, o escriptor a quem dediquei o meu primeiro conto publicado na Revista Brasileira, *Pedro Barqueiro*, contra mim, na liça de agora. Appello para o coração extremoso de D. Gaby.

Um abraço do velho amigo

Arinos.

I — 1, 3, 2

F. FIGUEIRA

376.

S. C, 24 de Julho de 1915

Meu caro Coelho Netto,

Pode V. accusar me de Tartarin, mas não acredito, tenha paciencia. Ninguem me convence que essa historia de bodas de prata não se destina a algum fim secreto. V. quer persuadir a todos que envelhece e entrou em accordo com sua Sñra, que tacitamente o está desmentindo. Pelo amor de Deus! estou a lembrar me daquelles abysmos, que uma companhia inglesa cavou na Suissa para amedrontar os alpinistas... Não; não é possivel; não mando o abraço.

Do velho amigo,

F. Figueira

I — 1, 2, 85

ALEXANDRINO DE ALENCAR

377.

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1915

Exmo Amigo Sr. Coelho Netto,

Com os meus mais affectuosos cumprimentos restituo ao illustre Amigo o lenço que teve a gentileza de emprestar-me e que tão bons serviços prestou-me na emocionante cerimonia da festa da bandeira.

Envio-lhe ainda humido de lagrimas que não posso deixar de derramar toda a vez que se falla com carinho desta patria que sirvo fielmente há mais de cincoenta anos.

Reitera os penhorados agradecimentos o

admirador amigo obr°

Alexandrino de Alencar

I — 1, 1, 4

MÁRIO COCKRANE DE ALENCAR

378.

Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1915

Meu caro Coelho Netto,

Acabo de ler o seu *Theatro* vol. 5 e estou commovido, particularmente pela *Bonança*. Das tres peças é a que mais afferia com a minha vibração interior; e avivou-me saudade. É tambem a mais simples em tom e expressão, qual pede o meu gosto. As outras têm igual força dramatica, mas eu lhes prefiro por temperamento aquella em que as meias tintas realçam o sentimento contido. Nesta phase do mundo em que parece estar embotada a sensibilidade no tragico real quotidiano, é quasi um milagre que ella reviva ante a cena imaginaria. Pois esse milagre fez V. em mim com o seu talento; abalou-me e alheiou-me momentaneamente da tragedia universal.

Obrigado, com um grande abraço do seu

Amigo e admirador

Mario Alencar

I — 1, 1, 5

M. DE OLIVEIRA ROCHA

379. *

Meu caro e illustre collaborador

A Noticia, forçada por circunstancias bem independentes de sua vontade, foi obrigada a fazer uma reducção de despezas em escala fortissima. Nós, um pouco como todos os jornaes, estamos trabalhando

---

* Ao alto, lê-se: "Recebida em 7 de Outubro 1916. Coelho Netto."

Ocorre em anexo um recorte de *A Noticia*, de 7 de outubro de 1916:

"COELHO NETTO

Muito a contragosto nosso, a "Noticia" se vê privada da primorosa collaboração de Coelho Netto, que só por muita instancia e solicitações reiteradas desta folha, voltára a escrever e com o intenso brilho de sempre a chronica semanal.

Ao eminente homem de letras damos o testemunho publico da nossa gratidão."

p.ª ... o papel de impressão. Não me animo a fallar em reducção de preço p.ª trabalhos que trazem o valor inestimavel do nome de Coelho Netto; mas sou forçado a fazer esta communicação, de uma medida geral, p.ª vêr se seria possivel uma qualquer combinação.

Com mt.os respeitos a Madame Coelho Netto, peço acceitar o testemunho da maior admiração do

am.º obg.º

M. de Oliveira Rocha.

[1916]

I — 1, 5, 1

A. BARRIOS

380.

Rio de Janeiro VIII-29-1916.

Illmo. Sr. Dr. Coelho Netto.
Mi eminente y noble amigo:

Cuando ha pocos días, por vez primeira encaminaba mis pasos hacia aquella mansión de la *rua do Roso,* sabía que iba á transponer los umbrales de un templo en cuyo sagrado recinto un sacerdote oficia diariamente la santa misa del arte en los altares de la Belleza, diosa eterna y todopoderosa. Sabía que el sacerdote de ese templo, rodeado de las transparentes redomas y retortas de su genio, al igual que el alquimista de tiempos pretéritos, había consumido los mejores años de su juventud en la búsqueda de la piedra filosofal de un ensueño. Y mi espíritu, acentuadamente contemplativo, á medida que me acercaba de la mansión de la *rua do Roso,* iba impregnándose del misticismo de aquel sacerdote, que habría alcanzado ya á hacer flotar alrededor de sí el incienzo impalpable de la quinta esencia de las cosas. Un orbe irreal bullía en mi cerebro impresionable, en tanto que, ya al pié del templo, su portal se abría en silencio, hospitalariamente, como debía de haberse abierto el portal del templo de Isis, para dar paso al creyente que iba á iniciar-se en sus misterios. Algunos segundos, y me hallaba en presencia del sagrado ministro que me brindaba una sonrisa benévola y un abrazo sincero. ¿Quién era aquel oficiador de los divinos misterios del Arte? ¿Cómo se llamaba? Simplemente: Coelho Netto: dos sencillas palabras que, como una paradoja propia de los grandes nombres, son al mismo tiempo que, casi monosilábicas, múltiples como Proteo. —

Sí, mi eminente amigo; aquel sacerdote era usted mismo, pese al pudor de su modestia, y cúmpleme manifestarle que de su distinguida persona, de su autorizada palabra y de la cariñosa hidalguía con que

fuí recibido en sua casa-templo guardo la mas grata memoria. Era usted el hombre que, por virtud de glorioso anacronismo es á la vez sacerdote egipcio, que apostol galileo, que Emil Zola. — Y es que aquella vez iba yo en demanda del "pan y la sal" que usted nunca niega á los que van á golpear las puertas de su templo con el corazón sencillo y la fe del creyente. De como me supieron aquel pan y aquella sal generosos puede decirlo la circunstancia de haber retornado á su casa, atraído ya por ese intenso sentimiento de espiritualidad que su selecto espíritu tiene la virtud de inocular en el espiritu de los que van en constante peregrinación á buscar en la placida austeridad de su Cenáculo, un poco de consolación y de razón de ser de la vida. Y en esta segunda oportunidad, nuevamente en el recinto de su templo, las horas habían transcurrido tán gratas, tán inefables á mi alma que, llegué á considerar que la sola compañía de usted y de los seres amabilísimos de su exma. familia, constituiam para mí el más alto premio á mis humildes aptitudes, así como una de las más puras satisfacciones de mi errante existencia. — Pero, usted, mi eminente amigo, extremando la nota de una gentileza peculiar del hijo de la fecunda tierra del *Cruzeiro,* ha querido que la dádiva fuese más allá de mis merecimientos. — Y he aquí que la pluma de Coelho Netto, brillante como el sol de América, despide un rayo más; agrega una nueva pristina claridad al inmenso abanico de luz de su vastísima labor literaria, honra y prez de las letras brasileras, lanzando á la publicidad su crónica con el tonante epígrafe de *"Redención".* — El tema es pobre: *o violão* y junto al "réprobo" un pobre indio guaraní, bohemio y soñador cual los trovadores del medioevo; que va como ellos de villa en villa, cruzando valles y montañas, cantando sus ternezas y sus cuitas, y que apaga su hambre y su sed en el lugar en que le sorprende cada ocaso. — El tema es pobre: pero Anselmo Ribas, gloriosa contrafigura de Coelho Netto, creador y vidente, ha sentido en el uno *vibración* y en el otro *alma.* Y, loado sea Dios!, la misma pluma de oro, de cuya aguzada punta, han brotado, como por extraño sortilegio, cien fulguraciones, iluminando al mundo literario con sagradas lecciones de Amor y de Arte, esa misma pluma se digna consagrar la rehabilitación del uno y de disculpar cariñosamente la bohemia del otro! — Gracias mil, noble amigo mío por el tan señalado honor de que nos ha hecho objeto, á mí y á la doliente compañera de mis peregrinaciones. "Redempção", joya literaria, de erudición y de estilo, es lo mejor que se haya escrito sobre tema tan poco merecedor de la atención de su erudita palabra, y constituirá para mí, se lo digo con el alma, plena de sinceridad un perdurable timbre de orgullo, y la más halagadora y dulce sensación de belleza que pueda experimentar en esta encantadora urbe flumi-

nense. — Si mi guitarra hablase, por cierto que elevaría hasta usted un himno de profunda gratitud. Pero yo soy su intérprete, y por ella y por mí, allá va hasta su templo de la *Rua do Roso,* el poema, inexpresivo talvez de nuestra admiración por usted, de nuestro inmaculado afecto, de nuestra honda gratitud y de nuestro profundo respeto.

A. Barrios.

S/C Rua Buenos Ayres 258 —

I — 1, 1, 34

JOSÉ DA SILVA DUTRA

381.

Fortaleza de Santa Cruz 10 de Setembro 1916

Illmo Snr Dr Coélho Netto

Os sentenciados militares da Fortaleza de Santa Cruz, cujos nomes subscrevem a bellissima oração que V. Excia fez em nome d'elles ao Senhor Ministro da Guerra, que escrevem a V. S. vi-mos penhorar nossa gratidão a V. S.

Finezas como a de V. S. nos captivam profundamente porque não estamos acostumados a isso.

Embora sejamos hommens sem letras sabemos entretanto venerar as nossas glorias Litterarias e V. Excia é uma d'ellas Snr Dr.

V. S. impetrou muito bem os nossos corações diante do Senhor Ministro.

Deus lhe pague.

José da Silva Dutra

I — 1, 2, 74

AGENOR DE ROURE

382.

Rio, 3 de Novembro de 1916

Prezado amo Coelho Netto

Peço-te benevolencia no julgamento da attitude realmente atrevida que tomei, apresentando-me candidato à vaga de Garcia Redondo na Academia Brazileira de Lettras. Trazendo ao teu conhecimento a ousadia desse meu gesto, devo confessar-te estar convencido de que a occupação de uma cadeira na illustrada corporação a que pertences exige merecimentos que não possuo; mas, o desejo de adquiril-os, fre-

quentando as vossas reuniões, poude mais do que a consciencia do meu nenhum valor e venceu a resistencia de um espirito habituado a conhecer-se a si proprio.

Traduzido como vontade de aprender, o meu gesto merece perdão; mas, si o julgares antes uma demonstração de vaidade exagerada e descabida, é peccado confessado e com penitencia conhecida — *não ter votos.*

Todavia, eu espero obter mais do que o teu perdão.

Am.º m.to sincero e velho adm.dor

Agenor de Roure

I — 1, 5, 4

ERASMO BRAGA

383.

Campinas, 13 de dezembro 1916

Caro confrade

Venho agradecer-lhe a honrosa referencia que fez a meus trabalhos na oração com que recebeu a Duque Estrada na Academia Brasileira.

Nunca é tarde para se pagar uma divida affectuosa de gratidão.

Envio-lhe, em outro envolucro, um exemplar de minha conferencia na Universidade de Santiago de Chile. Receba-a como uma singela e despretenciosa lembrança

do que é muito seu

de coração

Erasmo Braga

I — 1, 1, 65

CÂNDIDO CAMPOS

384.

Coelho Netto, amigo.

Bôas Festas desejo a V. e aos seus, com muita sinceridade e affecto.

V. não ignora que o pessoal da Gazeta deseja, numa grata unanimidade, que o maior escriptor brasileiro occupe, amanhã, a 1.ª columna do jornal, com umas linhas sobre o *Natal.* Eis porque peço esse favor grande ao meu querido amigo. E Coelho Netto, lembrando-se

da velha gazeta que tanto honrou, não negará certamente aos novos collegas, que o amam, esse prazer.

Aguardo ansioso a sua resposta.

O telephone de minha casa é central — 454.

Saudades e abraços

do am^{o} gratissimo

Candido Campos.

Rio, 24-12-1916.

I — 1, 1, 88

FRANCISCO DE CASTRO

385.

Rio, 24-Jan-917

Meu eminente amigo
Dr. Coelho Netto

Não tenho mais appendicite nem gatunos em casa nem cousa que me prive de estar de novo na

Assistencia de S.^{ta} Thereza.

Quando poderei ter o prazer de recebê-lo alli com sua Senhora?

Marque-me dia e hora.

Serve-lhe sabbado, 27, pelas 10 hs. da m.^{ã}?

Desculpe a impertinencia do seu grande admirador e amigo grato que affectuosa.^{te} o abraça

Francisco de Castro

I — 1, 2, 11

VALDOMIRO SILVEIRA

386.

Santos, 21-II-1917

Meu grande e querido Coelho Netto:

Contou-me ha pouco o Martins Fontes que fazias annos hoje. Pensei em voltar á cidade para te passar um telegramma, e logo me desfiz dessa idéia, porque tenho alguma coisa a dizer-te e apanho esta occasião, com muita alegria, para o fazer.

O que eu desejava dizer-te (e fartas vezes o tenho repetido ao Martins Fontes, que diàriamente e com immensa ternura me fala de

ti), é que a leitura do teu *Rei negro* me causou uma impressão profundissima, não diminuida até hoje.

Achando-o numa das livrarias da terra tempos depois de publicado, li-o de maravilha em maravilha, de assombro em assombro, e, às vezes, de susto em susto. Ha annos não encontro um livro de tamanha vida artística, e tenho-me entristecido de pensar que, sendo um dos mais notaveis romances escriptos no Brasil, não fizesse a rapida e luminosa carreira de outros livros teus.

Explica-me tu, se pódes explical-o, por que razão não se occupou devidamente do *Rei negro* a critica indigena? A não ser que lhe causasse pavor a grandeza da tarefa, o teu silencio parece-me significativo de clara pasmaceira espiritual...

E já que te transmitti, nestas linhas bem ligeiras e bem sinceras, o que eu pensava com enthusiasmo desse livro raro, aqui te deixo agora o meu parabem muito amigo pelo teu anniversario, com votos de prosperidade e alegria para ti e para toda a tua tribu.

Teu

Valdomiro Silveira.

I — 1, 5, 22

SILVANO MOSQUEIRA

387.

Rio de Janeiro, Febrero 23/917

Exmo. Sr. Dr. D. Enrique Coelho Netto.
Nesta

Mi eminente y querido amigo:

Me es grato poner en manos de V. Ex., por intermedio de nuestro común amigo, Don Pedro Arona Rodas, un ejemplar de la "Revista de la Escuela de Comercio", de Asunción, correspondiente á los números 27 al 31, que acabo de recibir, y en cuyas páginas hallará la versión castellana del artículo *Redención,* con que la gentileza de V. Ex. rindió generoso homenaje á un artista paraguayo.

El Director de la Revista, Sr. Alfonso B. Campos, parece que hubiese adivinado mi pensamiento al encargarse de la traducción y publicación del notable estudio de "Anselmo Ribas" en la Revista que con tanto patriotismo y competencia dirige.

Talvez por el prestigio casi mágico que para cada escritor tiene el idioma nativo, al leer la versión castellana de *Redención* he vuelto á experimentar la sensasión estética de la primera lectura, y aún más,

hasta me parece haber percibido mejor, con más nítida claridad, las delicadezas de sus pensamientos. Evidentemente, el desarrollo magistral de *Redención,* la habilidad con que V. Ex. vierte á manos llenas las flores de su espíritu alrededor de un tema al parecer tan trivial, comprueba, una vez más, la verdad de este pensamiento del eminente Caro: "La grandeza del estilo no consiste en el assunto sino en el modo de tratarlo". Si Barrios redimió el escarnecido instrumento, también se puede decir que el autor de "Invierno en flor" lo adornó y lo coronó con la más brillante de sus guirnaldas.

Con mis respetos para su muy digna consorte, ruego á V. Ex. quiera aceptar las seguridades de mi mayor estima y elevada consideración. De V. Ex. leal amigo y admirador, y S. S.

Silvano Mosqueira

Hotel dos Estrangeiros

I — 1, 4, 20

CLÁUDIO DE SOUSA

388.

S. Paulo, 17-3-1917.

Meu caro Netto,

Teu cartão teve a virtude estimulante de uma massagem sobre o amortecimento de uma contusão... Andava, já ha muito, intrigado com teu silencio, que se não quebrou com a remessa dos originaes que eu te havia confiado; nem, mais tarde, com uma carta que te enviei, ao saber-te doente; nem, ainda, com um cartão de felicitações na data de teu anniversario.

Suppunha-me esquecido! Felizmente — muito felizmente — enganei-me. E, muito felizmente, porque conservo as velhas amizades com o carinho com que se conservam flores trazidas de uma excursão feliz, que continuam a viver na palpitação mansa de uma saudade.

Estou nos 40... Que pavor!... E aos 40 começa-se a viver a vida retrospectiva daquellas saudades, em que se desflorejaram tantas illusões e tantos sonhos!

E quanta tristeza... quanto soluço... quando se inicia a capitulação... a agonia crepuscular da vida! Emfim...

— Muito obrigado pelos teus cumprimentos. Valeu-te a sorte que não tivesses escripto para a "Gazeta", a meu respeito.

Apesar de todo teu prestigio teu artigo não seria publicado. Aqui, como em toda a parte, ha "Côteries", e aqui, como em tôda a parte,

eu continuo a ser o mesmo "frondeur"... Ainda é uma delicia que a vida offereça arestas.

— Minha mulher agradece e retribue tuas saudações, ao mesmo tempo que envia a D. Gaby a expressão mais carinhosa da sua amizade.

Com muitas saudades do

velho am.º e adm.or

Claudio.

I — 1, 5, 24

MANOEL BONFIM

389.

Meu caro Henrique

Commovido, de tristeza e de indignação, quero dizer-te o quanto sinto ao saber que os donos do Maranhão decidiram *diminuir* a representação do teu Estado, e impedir que continues na Camara dos Deputados.

O Maranhão tem a gloria de contar-te entre os seus filhos, e a politica maranhense redimiu-se um tanto, porque tinha a fortuna de que acceitastes — represental-a no Congresso Nacional. Agora, ella aspira a descer e elimina-te.

Em verdade, para nós outros, que amamos a belleza e o pensamento, tu representavas directamente o Maranhão — patria feliz e carinhosa das bellas lettras. O Brazil te deve parte do seu renome, e a politica maranhense, que sempre teve a tua cooperação leal e util, te devia mais do que te dava, pois que brilhava da tua luz. Para ella tu levavas um mesmo prestigio de que todo o Brazil te cerca. E puro, e superior, por tua parte, não te macularias nas mizerias de que essa politica, como toda a politica brazileira, é feita. Foi isso, talvez, que desgostou aos profissionaes da politica.

O caso é de tristeza, porque é degradação que a tua terra não merecia. Será amargura para os outros maranhenses, não para ti, que continuarás a ser para todo o Brazil, o legitimo representante da alma maranhense — desse Maranhão tradi[ci]onalmente glorioso, como és um dos mais legitimos representantes do pensamento e da arte no Brazil.

Acceitta, meu caro Henrique, a sincera e cordial expressão dos meus sentimentos, do velho amigo e admirador

Manoel Bonfim.

19-1-18.

I — 1, 1, 64

LEOPOLDO TEIXEIRA LEITE FILHO

390.

Jan.º 20.18.

Coelho Netto,

Tenho acompanhado as manobras da politicagem do Maranhão. Torpes!

Estou certo que, desta vez, ainda, o teo Estado, que tem tradições a respeitar na politica e nas letras, será representado, por ti, na Camara.

Mas si, no momento opportuno a "boa palavra" não fôr pronunciada — o "abre-te sesamo" para a tua reeleição — quem tem mais a perder, com isso é o proprio Estado do Maranhão, que tem tradições a respeitar, na politica e nas letras...

Um vespertino de hontem disse ser hoje a tua dacta anniversaria; creio que ha engano, nessa informação.

Em todo caso um grande e forte abraço do

Léo.

I — 1, 5, 75

HOMERO PRATES

391.

Eminente e prezado amigo Coelho Netto.

Recebi o cartão, de finas palavras, com que teve a bondade de agradecer-me a *Torre encantada.* Até hoje ainda estou á espera da carta, que prometteu.

Tendo assumido a direcção litteraria da *Panoplia,* juntamente com o meu jovem confrade Guilherme de Almeida, por esta lhe digo que conto, para orgulho da nossa revista, com a sua gloriosa collaboração.

Tenho acompanhado com grande sympathia o movimento intelligente e justo que se tem feito em torno da sua exclusão da chapa official de deputados pelo Maranhão; e me tem custado crêr no inominavel proceder dos politicos do seu querido Estado! Excusado é dizer-lhe que, apezar de tudo, faço votos para que volte á Camara, para gloria do Brasil e satisfação deste, de sempre, seu grande admirador

e amigo ex-corde

Homéro Prates.

P.S. — Recommendações á muito prezada e bôa D.ª Gaby e aceite um cordealissimo e forte abraço do

Homéro

Endereço: Redacção da "*Panoplia*" Rua Direita 8 A sala 4 (1.º andar).

S. Paulo. 1.º Fevereiro 918.

Meu endereço particular é, patrioticamente: Rua do Bugre n.º 36 (Paraiso).

I — 1, 4, 77

CLÓVIS BEVILACQUA

392.*

Rio — 19 de Abril de 1918

Eminente confrade
Saudações cordiaes.

Vou examinar a especie que submette ao meu julgamento. Amanhã estará pronto o meu parecer.

Acceite com a Ex.ª Senhora os cumprimentos da Amelia.

Clovis Bevilacqua

I — 1, 6, 7

F. GUIMARÃES

393.

Paris, 4 de Maio de 1918

Meu caro Coelho Netto

Acabo de ler nos jornaes chegados d'ahi a sua campanha eleitoral no nosso velho Maranhão, e creia que de tão longe lhe mando o meu voto, sentindo somente que elle não possa de facto influir para o seu reconhecimento na Camara. Seria uma tristeza para o Brazil, uma baixesa para o Maranhão e uma diminuição para o Congresso republicano, se a politiquice conseguisse finalmente a sua exclusão da Camara dos deputados!

Tenho a esperança porem de, ao receber (quem sabe quando?) outras noticias d'ahi, ver o nome do illustre maranhense entre os dos

---

* Cartão

novos representantes da nossa terra. Apezar do longo silencio, tão longo, e de tão longa ausencia, não esqueci e não esqueço quão affectuosas já foram as nossas relações e espero que ellas continuem assim por muitos annos. É no exilio que se apuram mais as amisades, a lembrança e a saudade servindo de poderosos filtros atravez do tempo e do espaço.

E a lembrança de como eu era recebido no lar de Coelho Netto, e a saudade do tempo em que minha familia recebia a sua de braços abertos, cada dia mais ganham em nitidez e em força affectiva.

Talvez muito em breve eu vá matar as saudades de tão bons amigos, não como da ultima vez, quando apenas os entrevi, no dia em que vocês chegavam da Europa e no dia em que eu para aqui regressava.

Os Alliados estão neste momento angustioso para a humanidade resistindo, talvez, ao ultimo assalto furioso do barbarismo de Alem Rheno. A repulsa não é provavel que tarde muito tempo. Então o dia da Victoria da Civilisação será chegado...

Assignada a Paz eu tomarei o rumo da terra da Santa Cruz, indo desta vez pelo Norte para ver talvez pela ultima vez o meu querido velho e decrepito São Luiz, coitado!

Mas, nada de projectos. Apresente, meu caro Netto, meus affectuosos cumprimentos á sua gentilissima Gaby e aceite um abraço saudoso do velho amigo

F. Guimarães

6, place de la Madeleine

I — 1, 3, 40

ALONSO GUAIANÁS DA FONSECA

394.

S. Paulo 12 de Junho 1918
Ex.mo Snr. Dr. H. Coelho Netto

Meu filho Alonso Annibal da Fonseca trouxe-me a grata nova de q. V. Ex.a fazia gosto em dar uma recepção aos numerosos amigos de V. Ex.a para a apresentação delle como artista e que havia pedido ao amigo Snr. Stevenson me felicitasse pelo que a muita bondade de V. Ex.a encontrou de apreciavel na sua arte.

Cumpre-me o dever de dizer-lhe que sou infinitamente sensivel á tal manifestação sobretudo pela fonte d'onde ella emana, e julgo mesmo que o rapaz, a ponto de erguer o vôo, não podia encontrar, na sua patria, melhor, mais generoso, e sobretudo mais autorisado Mecenas. O reputado critico Snr. Rodrigues Barboza delle escreveu *ha annos*: "Liszt, se do alto poude ouvir o seu interprete de hontem, deve ter lamentado que a humanidade de hoje ja não possua abnegados da

sua estirpe, que tomem sua protecção esse privilegiado e lhe abram diante dos passos uma estrada de triumpho." (Jornal do com.º de 21 de Out.º de 1915.)

O expontaneo impulso de V. Ex.ª vem demonstrar que a humanidade de hoje, ao contrario, ainda possue generosos altruistas capazes de ajudar os neophitos no caminho da consagração.

Disse-me mais o Alonso Annibal que V. Ex.ª julgava o melhor tempo para os concertos delle a epocha do Lyrico. Estou de pleno accôrdo porque n'aquella epocha estarão no Rio muitos artistas e emprezarios extrangeiros e será de muita conveniencia, delles ser conhecido, sobretudo conhecido tão favoravelmente pela dedicada intervenção de V. Ex.ª

O favor que decorre dessa intervenção será tanto mais meritorio e de agradecer porque realiza tão naturalmente o melhor fito nacionalista — o de facilitar aos nossos a sua carreira no extrangeiro para que o intercambio seja justo e equitativo. Muito bem recebemos os artistas que os emprezarios nos trazem; porque não diligenciarmos por que estes do mesmo modo levem os nossos, facilitando-lhes a carreira lá fóra?

Minha mulher muito grata, pede licença para enviar á Ex.ma Snr.ª suas melhores saudações.

Subscrevo-me com toda estima

De V. Ex.ª patricio e am.º ob.º

Alonso Guayanaz da Fonseca.

Rua Augusta, 273

I — 1, 2, 89

ANTÔNIO SALES

395.

Fortaleza 29 Junho 918.

Meu caro am.º

Sua bella e generosa carta me dá agora direito a este titulo, que eu não consegui conquistar em vinte annos de timidez e esquivança, durante os quaes poderia ter gosado o conforto de sua preciosa amisade.

De minha parte, o incidente Monteiro foi de mais, pois bastaria a nossa convivencia a bordo do "Olinda" para eu o ficar amando tanto quanto o admirava.

E foi de mais, porque eu não queria ter o prazer de defendel-a para não ter tido a tristeza de vel-o aggredido nesta minha terra, que pouco antes tão justamente o victoriara.

Mas o ataque do Zoilo indigena não foi, como você conjectura, o assomo de um jovem irreverente que se servia de seu nome, como de um trampolim, para pular e ser visto...

Foi cousa peor: a aggressão, segundo estou bem informado, foi encommendada pelo Urbano quando de passagem por aqui ao paredro conservador Herminio Barroso, actual deputado, com o fim de annular o effeito das homenagens que antes lhe haviam sido prestadas. Registre mais esse documento da psychologia dos nossos mandarins, e console-se do ataque meditando na baixeza do mandante e do mandatário. Devo informal-o de que mais de uma associação literaria do Estado votaram moções de solidariedade commigo e de condenação ao aggressor.

Não sei si sou o caracter que lhe disseram que eu sou; sei que tenho um coração leal e uma consciencia limpa, e é com estas credenciaes que me apresento ao posto que você me designa na côrte de seus affectos.

Literariamente, eu sou apenas um *raté*, que se contenta com a simples posição de dilettante, sem pretenções e sem rancor.

Tal é o seu novo amigo, que muito se orgulha de sel-o e com o qual você poderá contar para tudo quanto estiver ao alcance do meu pequeno prestimo.

Beijo as mãos a D. Gaby, e abraço-o com m.to affecto

Seu *ex tota anima*

Antonio Salles

I — 1, 5, 8

HOMERO BATISTA

396.

Rio de Janeiro, 5 de agosto de 1918.

Amigo Dr. Coelho Netto

Calaram-me fundo as suas palavras, que antes as considero como manifestação de passageiro desanimo, do que expressão de dolorosa verdade, a se traduzir na impossibilidade de "carrear cibalho e lenha" bastantes para o resto da luminosa existencia de tão justamente acatado intellectual.

Aqui estou para animal-o e encorajal-o no proseguimento da sua obra brilhante e fecunda; e aguardo que o meu nobre amigo facilite o

meu esforço com o indicar-me, com maior clareza, o que lhe possa eu fazer em seu beneficio.

Com todo apreço,

muito amigo e admirador,

Homero Baptista.

I — 1, 1, 42

JOSÉ MARIA BELO

397.

Meu caro mestre Coelho Netto.

Sempre aspirei a Academia. É um estimulo e uma esperança e, sobretudo, um consolo, para nós-outros, que vivemos das lettras, esta illustre companhia. Queria bem lançar a minha candidatura na vaga de Inglez de Souza. Desconfio que levo muito alto as minhas ambições; entretanto, se aquelles que vivem quasi que exclusivamente da litteratura, numa terra em que a sua funcção social ainda não póde ser comprehendida, se retrairem, a Academia terá ás suas portas, todos os medalhões ôcos deste paiz...

Tenho dois livros de critica e por todo este mez deve sair o terceiro. Ao menos, cumpro as formalidades externas do Regulamento... Dar-me-ia por muito feliz se conseguisse do grande escriptor, em cujos livros vivi tantos annos, uma palavra de sympathia e de animação, que me convencesse que não é de todo estulto o meu desejo.

Com a mais viva admiração e a mais sincera estima, att.º e grato amigo

José Maria Bello.

Rio 20-9-1918 (Camara dos Deputados)

I — 1, 1, 44

JOÃO RODRIGUES

398.

Meu presado Am.º Dr. Coelho Netto:

Eu não sei como lhe diga o quanto me esmaga, neste momento, a sua justa contrariedade, em virtude do artigo sobre o governo Wenceslau. Bem deve ser frequente ao seu generoso espirito quão ingrato me fôra reconhecer improfiquo o meu esforçado mpenho, cada vez maior, em nunca, directa ou indirectamente, faltar á lealdade — desde a devi-

da á minha propria consciencia, até á que sempre me imponho no trato com os individuos, sejam indios ou sejam dos maiores entre os homens que encarnam a cultura e a intelligencia dos seculos. E este ultimo é o seu caso.

Na leitura que do artigo o autor me fez, não lhe apanhei, na dispersão de sentidos, todas as agudas asperezas e, dest'arte, mandei-o á composição. Alguma coisa, porém, me impressionou, tanto que, em attenção ao motivo da sua gratidão ao Wenceslau (motivo a que intima e sinceramente me associei), disse-lhe do caso o que me parecera bastante.

Mas, agora, leio com attenção o tal artigo e soffro duplamente: pelo não ter paginado, como cheguei a pensar, e pelo reconhecer que, posto não houvesse de minha parte nem sombra de felonia, elle não podia, nos termos em que está, deixar de causar-lhe a mais justa e respeitavel indignação.

Falo de alma aberta e sabe quanto o preso. Mas isso que, estou certo, não diminuirá nem a sua generosa deferencia para comigo, nem de modo algum a que lhe devo accrescida do respeito e estima em que o tenho, sinto que apressa a hora final da minha obscura, mas cordialissima dedicação á nossa revista, desoccupando o lugar que nella venho tendo.

Creada que foi *A Politica* para o serviço da sua causa, até hoje — e o sería sempre — não me fôra desejo trabalhar com o seu descontentamento.

Della ainda não vivemos, senão para ella temos nós vivido, — o que, não obstante, radicula o amor á propria obra de sacrificios.

Sei de mim que é doloroso o seu desapparecimento, attendendo a compromissos de assignaturas e attendendo, tambem, ao carinhoso habito que de oito meses nos vem religando á sua promettedora victoria. Mas nenhum sentimentalismo inutil deve preponderar, onde a condição poderá augmentar as contrariedades.

Sou indianophilo, mas sem o exaggero do fetichismo — digo-lh'o, de coração, para animal-o a não ter muita consideração pelo que, na honra da sua solidariedade, nunca pensou — e esse sou eu — senão em servil-o, dignamente, lealmente, apesar do que possa, com injustiça, servir á demonstração diversa.

Receba, portanto, o meu mais sincero reconhecimento pela acceitação generosa do meu labor de oito meses á sombra do seu nome, certo de que, meu caro amigo, nunca senão para a sua intima satisfação, tive eu, neste periodo e ao seu lado, actos quaesquer publicos ou particulares.

Da confissão assim tão á puridade, não fosse ella uma exigencia do meu caracter, não a poría numa carta destinada, talvez, a lhe me-

recer entrada no archivo do seu apreço, como lembrança cordial do muito que o quero, apesar de lhe pedir a indicação de uma pessôa que possa a contento substituir-me n'*A Politica.*

Bem deve calcular o quanto para tomar esta resolução me devêra ter ella custado.

Entretanto, se achar preferivel que desappareça a revista, isto poderemos resolver, aqui ou em sua casa, como m'o determinar a sua inspiração, apresentando-lhe eu toda a escripturação e papeis concernentes aos recursos materiaes com que conseguimos fazel-a circular durante 29 semanas.

Sem levar a mal a minha attitude, toda aliás cordialissima, creia-me, meu bom amigo, muito reconhecido e sempre seu

João Rodrigues

Rio, 15 de novembro de 1918.

I — 1, 5, 2

OSCAR DA SILVA

399.

Ex.^{mo} Senhor:

Com aquella confiança que todo o filho de Portugal põe sempre no espirito brazileiro, como se o seu espirito n'este se desdobrasse idealmente para n'elle sobreviver se um dia a desfortuna o tomasse à sua conta, disponho-me a partir brevemente para o Rio de Janeiro como compositor musical portuguez.

É V. Ex.^{a} um artista por estructura mental, um vibracional por natureza, e dado que a arte seja a suggestão gloriosa da belleza vivida, eu, ao pôr-me em contacto com o seu espirito, adivinho a simpathia que ha-de vir proteger a minha obra d'artista d'uma terra onde a sensação e o sentimento são hymnos á Belleza. E desde já quero prestar-lhe a homenagem da minha admiração e do meu agradecimento pela solidaria ternura com que ha-de acolher a minha obra.

Assigno-me de V. Ex.^{a}

m.^{to} att. v.^{or} e ad.^{r}

Oscar da Silva

Casa de V. Ex.^{a}
Estrada da Amorosa, 11
Leça da Palmeira
Porto — Portugal
12/6/919

I — 1, 5, 20

RAUL DE LEÔNI

400.

Rio — 29-8-1919

Eminente Mestre e amigo:

Confesso-lhe que sempre pensei que o seu anti-prussianismo, másculo e vehemente, não tivesse fronteiras entre o sentimento moral e a vida do pensamento; que, pelo cerebro e pelo coração, toda a sua rica e audaciosa mentalidade estivesse empenhada n'um furôr implacavel de destruição contra os chamados bárbaros de além-Rheno. Acreditava, até, que a sua apaixonada parcialidade pelo que se convencionou, em exaltada rhetorica, denominar "a causa da Civilização", não tivesse o necessario equilibrio que deve regular o julgamento nos intellectuaes, sendo capaz de lançar o mesmo anathema terrivel — o mesmo "vae victis" inexoravel sobre o craneo torvo e rude de Hindemburgo e a cabeça divina de Beethoven.

Cria que a sua reacção, envolvendo os mais arraigados e absolutos prejuizos, se atirasse indistinctamente contra a raça inteira, confundindo, no mesmo odio sagrado, a Germania — de hontem, mãe dos maiores idealismos philosophicos, a de hoje que fecundou as grandes ideologias activas que nos governam, — traçando a conducta moderna da intelligencia humana, — com aquella outra, que, pelos compromissos de ingrata genealogia historica, accumulára as táras dos velhos imperialismos militares do Oriente, descendendo de Tamerlan atravéz de Frederico, o Grande. Cuidava que o Mestre, atormentado pela visão macabra dos "hussards" da Morte, a passarem como n'um kaleidoscopio nocturno; contemplando e colhendo as flores de sangue que os soldados de Brandemburgo espalharam pelas aldeias castas e ingenuas da Belgica risonha e distrahida; assistindo a agonia heroica da Cathedral de Reims (aquella que tombou como uma creatura humana, cuidava, dizia eu, que o mestre tivesse esquecido que em cada alma allemã ha um pouco da tortura do infinito e do céu azul da Thuringia, espiralando-se em versos espirituaes de Heine, no rythmo sobrehumano da Tetralogia.

Entanto, a sua ultima chronica de "A Noite" plasmou a attitude harmoniosa de Verdade e de Belleza, que sempre veste os grandes espiritos, nas horas extremas.

Foi uma linda evidencia da generosidade do seu pensamento!

A Allemanha, como facto politico, poderá ter tido uma phisionomia monstruosa.

Como todas as hypertrophias, ella pesou na vida internacional absorvendo correntes, estrangulando tendencias e aspirações alheias,

asphyxiando estados, constrangendo povos, estendendo arrogantemente a sua civilização tentacular sobre todo o planeta; primeiro, com a acção envolvente do seu commercio e das suas industrias; com a seducção diffusiva e toxica da sua diplomacia perversa, com a attracção deslumbrante e austéra da sua sciencia, fórmas efficientes e despercebidas com que ella, passando do Eu transcendental dos seus philosophos para o Eu concreto de seus estadistas, iria com o Leviathan das suas armas installar o seu formidavel sonho imperial.

Mas, agora, que já amputaram os tentaculos ao polvo, desfeito o aranhol insidioso de sua politica externa; agora, que desarticularam o systema allemão nas suas combinações mais intimas; que os congressistas de Versailles procederam ao inventario magnifico de tudo quanto constituia e significava a vitalidade politica da Allemanha, ella ficará como um facto humano, respeitada nobremente, como grito de selecção, como fórma eterna da epopéa aryana — dando-se-lhe que soffra altivamente a grande dôr de sua fatalidade historica.

Pretender, como se quer, apagal-a sem mais nem menos da historia das realizações humanas, negal-a, destruil-a, como a uma legenda infame que se risca da memoria voluvel das areias, será mesmo ridiculo.

É dispensavel o commentario. Não será absurdo que ella continue a "leaderar" o século, na complexidade de suas tendencias.

E aqui fico mestre amigo.

Felicito-o porque vi, no seu "Protesto", que a vingança humana, orgulhando-se das ruinas fumegantes que deixou atráz de si, ainda hoje sabe respeitar... a casa de Pindaro...

Raul de Leoni

I — 1, 3, 55

RODOLFO BERNARDELLI

401.

Mano Netto

Bom dia! lestes a rua de hontem? que historia comprida! Mandei um telegramma a redacção da Rua dizendo que tinham sido mal informados, a quem eu teria rogado!

Estou com o apparelho do telef.º dessarranjado desde sabbado a noute! Só agora é que vieram arranjal-o, e foi preciso mandar um telegramma ao Gerente.

Fico sciente do que me dizes lá estarei.

Sempre teu velho amigo obr.º

Rod. Bernardelli.

21-10-19.

I — 1, 1, 45

ARTUR VIEIRA PEIXOTO

402.

Rio, 18 de Novembro de 1919.

Ao Exm.º Snr. Coelho Netto
Da Academia de Letras.

Os meus respeitosos cumprimentos.

Accuso com indizivel satisfação o recebimento por intermedio da Ex.ª Snr.ª D. Cecilia de Vasconcellos, do livro de V. Ex.ª intitulado ROMANCEIRO que, ao lado de outros da sua possante e extraordinaria lavra, vem enriquecer a bibliotheca desta Casa mantida com o fim exclusivo de, educando a alma e o cerebro, combater a criminalidade.

A bondade de V. Ex.ª me anima a lhe fazer um pedido: conseguir que os seus illustrissimos confrades imitem o seu gesto a um tempo tão digno e tão caritativo.

Prevaleço-me do ensejo que se me depara para apresentar a V. Ex.ª os meus protestos de elevada estima e mais distinta consideração

Arthur Vieira Peixoto.

I — 1, 4, 65

IRINEU MARINHO

403.

Presado amigo

Recebi seu cartão. Quando fui lel-o ao secretario, para conhecer os motivos reaes dos adiamentos, — nenhuma má vontade os poderia determinar, ao contrario! — o Euclydes me communicou que já tivera com o senhor, pelo telephone, explicações concludentes. Permitta, porém, que lhe diga que muito mal nos julga suppondo-nos capazes de desapreços a Coelho Netto, cuja collaboração sempre e ardentemente desejámos. E verbos e pronomes vão no plural porque no singular não teriam expressão, tão pouco póde valer a minha admiração pessoal, que, sendo muito grande, não é menor do que a estima que mesmo de longe, ha longos annos lhe consagro.

Imaginando findo o incidente e dissipadas as dúvidas de que fala, creio não pedir muito pedindo-lhe que aceite um abraço de quem é seu

Sincero amigo.

Irineu Marinho.

Rio, 12-12-919
Riachuelo, 109

I — 1, 4, 1

CIRO COSTA

404. *

S. Paulo — 1920
Rua Plinio Figueiredo, 3.

Meu querido Mestre e Amigo:

Um grande, saudoso abraço. O meu amigo Carlos Ferreira está organizando uma obra importante, commemorativa do "Centenario", amparado pelo Ministerio da Agricultura. Interessando-me tambem mt.º por esse trabalho, venho pedir, ao meu bom amigo e grande Mestre, a fineza de attender ao meu recommendado.

Beijando, respeitosamente, as mãos da boa D.ª Gaby é com um abraço agradecido e affectuoso que me subscrevo como seu adm.or m.to e m.to grato

Cyro Costa.

I — 1, 6, 17

CARLOS DE LAET

405.

Rio de Janeiro, 3 de fev.º de 1920
Meu caro Coelho Netto.

Vae passar pelas aguas do porto do Rio de Janeiro o cadaver do grande prosador uruguayo J. E. Rodó. A Academia, sollicita sempre em tudo quanto possa affirmar a sua cordial fraternidade com o intellectualismo sul-americano, tenciona prestar aos restos mortaes de Rodó as mesmas homenagens que ha tempos prestou aos de Amado Nervo.

---

* Cartão.

Algum de nós, junto ao feretro do illustre morto, dirá palavras de carinhoso affecto e justa saudade. Quem, melhor do que V., está logo designado para tal commissão? Intelligencia, illustração e, sobretudo, coração — tudo em V. se reune. Não se recuse a mais esse serviço que lhe peço em nome da Academia, nestas linhas traçadas *stans pede in uno.*

Aguardo a sua resposta.

Collega e adm.r

Carlos de Laet.

3-fev.-1920.

I — 1, 3, 43

THIERS FLEMING

406.

Nictheroy,
Em 27 de Julho de 1920

Ex.mo A.o Snr. D.r Coelho Netto
DD. Secretario-Geral da Liga
de Defesa Nacional

Attenciosas e cordiaes saudações. Tenho a honra e o grande prazer de accusar e agradecer, muito penhorado, á Directoria da Liga de Defesa Nacional e, muito particularmente á V. Ex. as magnanimas expressões com que coroaram a distincção por mim recebida de representar na Conferencia de Limites Interestaduaes esta patriotica e benemerita Associação. Com especial carinho e desvanecimento guardarei em meu archivo seu precioso officio. Queira o nobre e preclaro Brasileiro acceitar os meus protestos de elevada estima e distincta consideração.

Ao ob.mo Creado ven.or

Thiers Fleming

I — 1, 2, 88

PIETRO AZZI

407.

S. Paulo 19 Janeiro 1921

Prezado mestre,

Ficarei mui penhorado á V. S. Illmo. se tivesse a bondade de permittir-me a traducção para o italiano da sua obra "Inverno em flor".

Ja foi por mim traduzido o livro de "Minha Filha" de Affonso Celso e o de Graça Aranha "Chanaan" cujo ultimo trecho, publicado na Rivista "Varietas" lhe remetto a parte.

Estas duas traducções serão publicadas em breve em volumes de luxo pela Casa Editora "Societá Giovani Autori" de Milano.

No caso de duvida, pode dirigir-se por informação ao mesmo Conde de Affonso Celso; ou a Casa Garnier, a qual com carta de 29 Janeiro de 1920 autorizou-me a traduzir dita obra de Celso.

Á espera de uma cortez resposta, prevaleço-me do ensejo para offerecer-lhe, Prezado mestre, os protestos da minha mais elevada consideração.

Pietro Azzi.

I — 1, 1, 14

HIALMAR LIND

408.

Copenhagen (Dinamarca)
el 16.V.1921.

iglesia sueca en
Copenhagen
Dinamarca

Señor Don Coelho Netto.

Muy illustrissimo señor mio

Soy estudiante sueco y vive en Copenhagen, Dinamarca, y quiere con mucho gusto estudiar la poesía de la mas grande importancia de America del Sul. He leido en un periodico que Ud. debe ser el mas grande poéta de Brasil. Yo no conoce el portogés, de modo que Ud. puede escuchame que escribe la lettra en Español. Pero yo creo que puedo aprender el Portogés con gran facilidad.

Ahora voy á proguntar a Ud ruega Ud darme *el nombre* de su méjor libro (obra), *quanto questa* y *donde* se puede comprarle. (Las señas del distributante.)

Ud. es un hijo de la raza orgullosa de los indios. ¿No es verdad? Nosotros somos grandes amigos de esta antingua y hermosissima raza. He leido algunas noticias sobre los Inkhas que por desgracia no existe mas.

¿Ruego puede Ud escribame algunas palabras — en portoges — sobre el avenido de su raza? ¿Por qué no hay un universidàd de los indios? ¿Que piensa Ud de América del norte y de Europa?

S. S. q. b. s. m.

Hialmar Lind
÷ (HJALMARLIND)

Señas:
Gustafskyrkan (L'église suedoise)
Copenhagen
Dinamarca
Europa

I — 1, 3, 68

VALÊNCIO BARROS FILHO

409.

Barretos, 22-6-921.

Ex.mo Sr. Coelho Netto.

Com grande alegria, e muito desvanecidos, lemos hoje o seu attencioso e delicado cartão e, com elle, mais se alargou ainda o immenso vacuo que a sua ausencia poz em redor dos nossos corações.

Vão algumas ampliações de photographias das cachoeiras "Maribondos" e "Patos", acompanhadas de um bandinho de miudezas entre as quaes o Sr. escolherá as que forem dignas de illustrar o seu artigo sobre Barretos. É tudo trabalho meu.

As photographias tiradas com a sua presença não seguem ainda por exiguidade de tempo que tive de partilhar irmanmente com os meus affarezes profissionaes.

É meu desejo manda-las em cartões postaes, o que demanda um pouco mais de tempo, mas uniformisa o trabalho compondo melhor uma pequena collecção que ha de relembrar as suas proveitosas lições de civismo derramadas em bom terreno e os seus momentos de desconforto vividos neste recanto da Terra Paulista, que tem, hoje e sempre, a alma voltada para a sua personalidade tão cheia de patriotismo, de energia e de carinho.

Vae tambem um grupo de minha familia com o Sr.

Tomo a liberdade de, mais uma vez abusando da sua incomparavel bondade, pedir-lhe a fineza de devolver-m'a com o seu autographo. Será a Reliquia da minha familia.

Não será preciso dizer-lhe que lhe enviarei, sempre com grande satisfação, outras photographias caso lhe interessem.

Os meus meninos não o esquecem. O Octavio até hoje, tem sempre qualquer cousa para contar do *"Coelle Netto"*, e todos lhe beijam as mãos.

Clotilde se recomenda especialmente á Ex.ª Sr.ª D. Gaby e ao Sr., a quem eu peço lembrar-se de vez em quando do grande admirador e am.º

Valencio Barros Filho.

I — 1, 1, 40

ANTENOR NASCENTES

410.

Rio, 25-7-1921.

Caro e ilustre Mestre

Muito grato me foi o seu agradecimento pela justa referência que a seu respeito fiz por ocasião da arguição de Octavio Augusto.

Colocando-o como um dos vértices do triângulo de estilistas que se completa com Manzoni e Flaubert não fiz mais do que render ao seu belo talento a homenagem que lhe era devida.

Creia-me um dos patrícios que mais o admiram.

Antenor Nascentes

Rua Ernesto de Sousa, 62.

I — 1, 4, 30

HENRI CORBIÈRE

411.

Ville d'Avray, le 17 Novembre 1921

Henri Corbière, de la "Société des Gens de Lettres de France" et de la "Société des Poètes Français", prie son illustre confrère brésilien, M. Coelho Netto, "Da Sociedade dos Homens de Letras do Brasil" et de la "Société des Poètes Français", de vouloir bien lui faire l'honneur d'une réponse *en vers* portugais ou en prose sur la feuille ci-jointe.

Cette feuille sera insérée dans son "Album de Maximes de vie des grandes Figures du Monde entier".

Plusieurs réponses lui sont déjà parvenues, notamment celles de:

M.me Selma Lagerlöf,
de l'Académie Suëdoise;
M. le Professeur Nyrop,
de l'Académie Danoise;
Sr. D. Palacio Valdès,
de la Real Academia Española:
M. Ivan Bounine,
de l'Académie Russe;
Dr. Nicholas Murray Butler,
of the American Academy;
Professor Gilbert Murray,
of the British Academy;

Henri de Régnier Brieut,
Paul Bourget, Léon Riotor,
S. Ch. Leconte, V. Em. Michélet,
Charles Le Goffic, etc.;
Henry Lawson, of Australia;
Miss Gessie Mackay, of New-Zealand;
Miss E. Wetherald, of Canada;
Guerra Junqueiro, of Portugal; etc., etc., etc.
Très respectueux hommages.

Henri Corbière

9, rue Pradier
à Ville-D'Avray
(Seine-et-Oise) France.

I — 1, 2, 15

CHARLES DESCOR

412.

Paris, le 20 Décembre 1921

Mon cher Maître,

Notre ami Goffredo da Silva Telles m'a montré la lettre que vous lui avez écrite et je tiens à vous remercier tout de suite, au nom de la Revue, de votre promesse de collaboration.

Nous sommes très flattés et très heureux de savoir que vous nous envoyez un conte inédit et nous espérons que nous ne tarderons pas à le recevoir.

Veuillez agréer Mon Cher Maître, l'expression de mes sentiments de vive admiration et de haute considération,

Charles Descor.

I — 1, 2, 30

JOSÉ JÚLIO SILVA RAMOS

413.

Meu caro Coelho Neto

Devorei, com delicia, as tuas "Conversas" como quem estava a conversar contigo e imaginando-me eu próprio ora um ora outro dos interlocutores, conforme me inclinava, de preferência, à opinião deste ou à daquele.

Do mérito intrínseco do livro nada te direi: quem exercitou a pena em sessenta volumes já escreve brincando, e só haveria uma dificuldade para esse: escrever mal, se um dia lhe desse na veneta faze-lo, para se mostrar indiferente ou superior à critica. Desafio-te a que o consigas.

Muito grato pela dádiva da tua obra e pela amabilidade da dedicatória; abraça-te comovido o

Teu velho am.º

Silva Ramos

Rio S. Clemente, 508
12/6/1922.

I — 1, 4, 78

FRANCISCO MIGNONE

414.

Roma 27-4-1923

Exmo. Dr. Coelho Netto, a liberdade e ousadia que tomo enviando-lhe a presente motiva-as haver-me o maestro Chiaffarelli communicado que o meu trabalho musical "O contractador dos diamantes" foi pela Commissão apresentado ao prefeito, para que o incluisse no programma da estação lyrica do Municipal de 1924. Na missiva do maestro Chiaffarelli leio commovido o interesse que V. S. tomou para que fosse tomado em consideração o meu trabalho. — Sou inimigo de phrases estereotypadas mas a um grande espirito não posso deixar de manifestar toda a gratidão de que a minha alma lhe é devedora. — Espero confiante poder mais adeante demonstrar-lhe e confirmar-lhe com factos artisticos a confiança que em mim depositou.

Sauda-o o obrigado,

Francisco Minhone.

I — 1, 4, 11

FERNANDO DE AZEVEDO

415.

Ao querido Coelho Netto

Fernando agradece a captivante lembrança, que teve, de lhe offerecer um exemplar da "Vida Mundana", que já lhe proporcionara uma dessas horas de fino prazer espiritual, a que o habituou a leitura de

suas paginas magníficas. Pede cumprimentar, em seu nome e no de Elisa, D. Gaby e suas encantadoras filhinhas, e acceitar um grande abraço de quem considera seu unico título de gloria a amizade, com que o honra.

P.S. Quando vem a S. Paulo? Recebeu o relatorio do crime do Espraiado?

S. Paulo, 9/VI/24.

Fernando

I — 1, 6, 4

JOSÉ BENTO MONTEIRO LOBATO

416.*

Coelho Netto

Parabens pela eleição. Seu engressamento, depois do de Machado é a que me parece mais conforme ao *a tout seigneur tout honneur.*

Estou para propor a V. uma coisa e como ando retido em casa por grippe vae por carta antes que me passe. É uma ideia que me occorreu ao ler uma impressão sua sobre R. Pompeia. Porque não faz um livro de memorias, ou antes, de recordações, que equivalha a uma galeria de retratos dos homens retrataveis que V. encontrou na vida? Nossa literatura é tão pobre no genero quanto o publico avido de conhecer os nossos homens atravez de retratos vivos e pittorescos como V. sabe pintar. Uma impressão que Euclides deixou sobre Floriano vive á tona da publicidade. A de Pompeia sobre o 15 de Novembro todos os annos é republicada e sempre lida com o mesmo interesse. Seu livro Conquista é o mais procurado de todos. Somos, os brasileiros, infantilmente curiosos de nossos homens, vistos assim com o relevo que só lhes dá à silhueta psycologica os *croquis d'après.* E o pendor pelo genero não é só nosso, é universal. Na pintura, hoje, o genero tido como o mais alto é justamente o retrato — não a Petit, mas a Hellen, a Whistler. Ora, V., cuja memoria é um deposito maravilhoso de chapas impressionadas por imagens enfocadas por uma potente objetiva Zeiss, está na obrigação de fazer publica a esplendida galeria. Os nossos maiores não nos deixaram retratos dos homens do tempo antigo e é com a maior difficuldade que recompomos hoje figuras primaciaes da nossa terra. O próprio Pedro I, se não fôssem os desenhos feitos pelos diplomatas extrangeiros, seria inapprehensivel para nós. Já que nossos avós revelaram tal avareza, reequilibremos as

---

* No ângulo direito, ao alto, lê-se: "Recebida em 26 de Dezembro 1925. C. Netto."

cousas, legando aos nossos netos o genero que tanta falta nos tem feito. Um livro assim será recebido de braços abertos e recompensado por uma sahida permanente. Quando minha nova editorial estiver funccionando hei-de voltar ao assumpto a ver se contratamos a obra. O meu faro de editor fallido — e portanto com experiencia do publico maior que a dos que não falliram — faz-me ver nesse livro, a par de um bom negocio, um regio presente á mais nobre forma da curiosidade nacional.

Não pude encontrar o romance do Nogueira que lhe prometi. Quando se me deparar um exemplar lá irá e voce vae ver que grande valor tem esse espirito, tão mal conhecido ainda da nossa élite.

Agora, adeus. Até um dia por ahi

Lobato

[1925]

I — 1, 3, 69

JOSÉ MARTINS FONTES

417.

Netto,
Grande!

Leopoldo Fróes, nosso amigo, vai montar a *Partida para Cythera.*

Precisamos dos teus sabios conselhos.

Ahi estarei no começo de junho.

Se a saudade falasse, ouvirias um berreirro continuo.

Beijo as mãos piedosas de Dona Gaby, com uncção religiosa, e a linda face de teus filhos.

Amo-te. Adoro-te.

Martins Fontes

27.5.25.

I — 1, 2, 90

JOÃO GRAVE

418.

Meu illustre amigo e Mestre:
Porto, 5 de set. de 1925

Paz, por um momento, na sua aspera mas sempre brilhante refrega, para me ouvir duas palavras. Ei-las: — Fui antigamente convi-

dado para escrever chronicas semanaes na *Noite,* pelo Irineu Marinho, e embora precise de trabalhar sem repouso para viver e ajudar a viver os meus, porque sou pobre, só aceitei depois de muito instado e de saber que *A Patria,* onde eu já collaborava, não tomava isso a mal — o que eu, por dignidade profissional, considerava como imprescindivel.

As minhas chronicas começaram a apparecer com regularidade, e segundo cartas de leitores illustres, não desagradaram de todo. Houve, porem, o conflicto que o meu eminente amigo conhece, o Marinho saiu de *A Noite* e desde então, os meus artigos foram publicados tão irregularmente que eu expontaneamente escrevi ao snr. Vasco Lima propondo a suspensão imediata das minhas chronicas, o que não foi acceito. O snr. Vasco Lima, com toda a gentilesa, escreveu-me pedindo-me para eu mandar para *A Noite* artigos quinzenaes, affirmando tomar esta resolução, em virtude da falta de espaço com que o jornal lutava. Uma delicadesa exige outra: — cedi. Todavia, quiz a condição de que os meus artigos se publicariam sem demora, para não perderem a opportunidade, e me seriam pagos de dois em dois mezes. Pois bem! Ha quatro meses que envio chronicas para *A Noite,* e ainda não vi nenhuma publicada! Escrevo hoje ao snr. Vasco Lima sobre o assumpto, mas também desejava que o meu eminente Mestre se informasse do caso, tanto mais que é insigne collaborador de *A Noite,* dizendo-me depois a razão disto. Note que não tenho grande empenho em escrever para esse jornal e que, nos ultimos tempos me tenho recusado a escrever para outros jornaes, por falta absoluta de tempo. Se peço isto ao meu nobre e admiravel camarada é unicamente porque a ocorrencia me intriga. Se na *Noite* não queriam a minha collaboração, para que me pediram, em duas cartas, para eu a continuar, quando eu por minha livre vontade a suspendi? Não percebo. A não ser que os artigos não tenham chegado ao seu destino: — mas mando-os sempre registados, para evitar desvios possíveis. Emfim, espero que o meu Mestre não deixará de esclarecer-me. Emquanto não chega carta sua, receba um estreito abraço de admiração e de applauso pelas suas obras recentemente saídas e que constituiram para mim (sou um guloso da sua excelsa forma) um fino regalo espiritual.

Amigo certo, confrade grato e admirador sincero

João Grave

I — 1, 3, 39

ADELMAR TAVARES

419. *

Coelho Netto, meo grande e querido amigo.

Destas boas terras (*que não são da Bahia, mas de Minas...*) de S. Lourenço, mando-lhe um abraço extensivo a D. Gaby. Vou passando bem, e saudoso dos amigos. Devo voltar após a estação médica dos 21 dias.

Adelmar.

29-10-25.

I — 1, 6, 79

G. C. MONTAGNA

420.

Rio Janeiro 14 Novem. 1925
Illustre Professore;

Il più grande poeta e letterato contemporaneo del Brasile mi consentirà ch'io m'indirizzi a lui in italiano, lingua che so essergli famiiare e non discara.

Desidero dirle che lessi nel "Jornal do Brasil" del 1.º corrente e vidi poscia riprodotto in quasi tutti i periodici di questo Paese il suo magnifico articolo intitolato a Casagrande e destinato a lumeggiare l'ardimentosa impresa dell'intrepido aviatore italiano in Sermoni nobili e lusinghieri per quello e per il mio Paese —

Quale reappresentante dell'Italia nel Brasile tengo ad esprimerle vivi sensi di riconoscenza per suo delicato e spontaneo gesto che incarnato della sua penna sublime costituisse un prezioso contributo allo svolgimento della politica dei governi brasiliano ed italiano intesa a rendere sempre più stretti e forti i vincolo di amicizia e di simpatia che per affinità etnica, per comunità d'interessi e per lunga tradizione. legano i due Popoli.

Con i sensi della mia più alta stima mi creda, illustre Professore, il suo

devotado

G. C. Montagna

I — 1, 4, 15

---

* Cartão postal.

RAIMUNDO PONTES DE MIRANDA

421. *

Dr Coelho Netto
2 AGOS. 1926

Irei visital-o opportunamente. Quero porêm que cedo lhe vá o meu pedido vaga Lauro Muller. Dei tudo que não tive vez anterior só seu voto me dóe não ter tido. Creia que me julguei victorioso quando saiba que consegui auxilio illustre mestre.

Saudações.

Pontes de Miranda.

I — 1, 4, 12

BATISTA JÚNIOR

422.

Rio, 19 de Julho de 1926.
Meu caro Netto.

Remetti hoje para a Argentina a autorisação para traducção e representação d'*O Quebranto*. Não ponha as mãos na cabeça, porém, antes de ficar no conhecimento dos motivos que determinaram a minha resolução. Os motivos são os seguintes:

Eu acho, francamente, que não ha mal nenhum em ser a peça traduzida para a representação aqui no Rio e em S. Paulo, pela com-

---

* Telegrama.

Ocorre em anexo um recorte de *A Noite*, de 20-7-926:

"Os candidatos á Academia — Correu que o Sr. Dr. Pontes de Miranda havia retirado a sua candidatura á Academia Brasileira de Letras. Fomos ouvil-o. Disse-nos elle:

— Não retirei. O que não tenho feito nem permitti aos amigos que fizessem foi a cabala. Reputo uma offensa á dignidade de juizes — os academicos são juizes — o pedido, a insistencia, a intriga.

Tenho a minha obra, em muitos volumes, alguns dos quaes com os premios (1.º e *único*) da Academia. A Academia conhece-me. Cabe julgar-me. Tenho por ella grande consideração, respeito-lhe os julgamentos. Se fosse eleito, sómente votaria em homens de letras. Penso que a laurea da Academia não deve ser um botão de commenda, que se ponha á lapella; é um titulo, que só tem significação quando corôa uma vida intellectual. Subi alguns degraos da sua escada. Não quero pular pela janela. Estou á sua porta: se me abrirem, ser-lhes-ei grato. Se não m'a abrirem, respeitarei a vontade da Academia. Vencer no caminho recto é tripla victoria: não vencer não o é menos.

Nenhum anno da minha vida foi mais fertil em producção scientifica e literaria. Como a Academia é expressão da literatura nacional, o que interessa, a mim e a ella, é que um brasileiro escriptor tenha produzido *mais* e *melhor* e não que tenha vencido no *box*, ou nas lutas eleitoraes."

panhia que o Sr. José Quaratino está organisando para o Brasil. Elle não pretende represental-a em Buenos Ayres e sim aqui no Brazil, nas principaes cidades. Esse negocio nada tem de commum com o negocio do Alberto Nóvion de que V. me fallou, outro dia, no camarim do Fróes. Uma coisa não prejudica a outra. E sabendo eu que alguns escriptores nossos estão enviando peças ao Quaratino que as pediu com a promessa de fazel-as traduzir por homens competentes da Argentina, não se comprehenderia que o *Quebranto* ficasse para traz. Dahi a resolução que tomei de remetter a autorisação sem consultál-o. Além disso, — admittida a hypothese aliás gratuita de que *O Quebranto* fosse mal traduzido, — restaria a V., meu caro Netto, o recurso de submetter a peça aqui no Rio a uma revisão, antes de consentir na representação.

Não lhe parecem rasoaveis as minhas considerações?

Você, é claro, si quizesse confundir-me, responderia que não me autorizou a resolver o caso, em seu nome. Mas eu retorqueria que tomei a iniciativa de resolvel-o em nome da nossa velha amisade e certo, certissimo, de que, procedendo como procedi, procurei amparar um interesse seu, — que é aquelle de ser a sua linda peça aqui representada.

Si errei, tenho para mim a compensação que me vem da certeza de ter agido na melhor das intenções. Mas creio q. não. Tanto mais que não é um caso irremediavel, visto como a autorisação pedida é para o Brasil, e uma vez aqui a companhia, haverá sempre tempo de tornar sem effeito a mesma autorisação.

Uma palavra sua, para a Camara, deixar-me-á absolutamente tranquillo. Com um grande abraço, e os nossos respeitos á D. Gaby, sou com a maior admiração

O am.º velho grato

Baptista Júnior.

I — 1, 1, 43

ARTUR OSCAR LOUREIRO DE SOUSA

423.

Rio, 22 de novembro de 1926

Exmo. Snr. Dr. Coelho Netto.

Em nossas mãos sua apreciada carta de 18 do corrente, q.e veio mais uma vez, justificar o elevado conceito q.e os cadetes do Realengo têm formado a respeito de V. Exa. Conceito este cimentado pelo devotamento com q.e V. Exa. communga no altar sagrado da Patria e pela dedicação com q.e sempre pregou o civismo, na tribuna dignificadora do Amor-Patrio.

Desnecessaria, porém, se tornava a missiva de V. Exa. p.[a] justificar a escusa forçada — (do q.[e] não duvidamos jamais) — de corresponder a nossa vontade: — cobrindo, com a pulverização diamantina de sua palavra, a cerimonia do levantamento da primeira pedra do preito de veneração aos Bravos q.[e] renderam á Patria o supremo culto.

Desnecessaria, porq.[e] embora fossem melhor tramadas as intrigas e mais disfarçados os vilipendios da inveja, não conseguiriam abalar siquer, V. Exa., da columna elevadissima de nossa consideração.

O nome de V. Exa., para todo aquelle q.[e] se preza de ter nascido sob os amplos braços abertos do Cruzeiro, tem a chromatisação de uma bandeira de civismo Injurial-o é o mesmo q.[e] romper um symbolo.

Só assim se justifica o quanto, de indignação e revolta, fomos possuidos, ao depararmos com o topico inveridico e insultuoso, procurando —(é o q.[e] parece)— intrigar-nos com V. Exa. e com o Exmo. Snr. Dr. Goulart de Andrade, a quem já tivemos occasião de manifestar a nossa gratidão illimitada e sincera.

Como V. Exa. mesmo reconhece, os alumnos da Escola Militar não podem, de modo algum, concordar com a opinião do articulista, q.[e] desceu á perversidade de envolver, no caso o nome da extremosa filha de V. Exa. Aquelle nome illustre q.[e] m.[tos] de nós, tivemos a honra de suffragar e, todos, a satisfação de vel-a coroada "Rainha dos Estudantes".

Exmo. Snr. Dr. Coelho Netto. Ficamos desvanecidos por ter V. Exa., finalizando a epistola, collocado, o magnanimo coração, entre os nossos, de jovens estudantes e modestos soldados.

Como jovens, temos a honra de guardar o coração do amigo sincero e dedicado da mocidade, incansavel no guial-a pelo exemplo e pela sapiencia dos conselhos.

Como estudantes, curvamo-nos respeitosos ante o coração do Mestre, q.[e] nos inunda com a luz fecunda de seu talento.

Como soldados, seguimos um pedestal elevadissimo, e lá, bem no cimo, onde não pairar a névoa da maledicencia, lá, no azul immaculado pela distancia infinita a q.[e] está da inveja e da calumnia, collocamos, contrictos, o coração do patriota!

— O presidente da S.A.M. ainda em exercicio, num gesto largo de desprendimento, p.[a] q.[e] a nossa modesta Sociedade continue cultuando, na próxima gestão, a amizade de V. Exa., confiou-me a honra immerecida de exprimir o sentimento dos cadetes.

Auctorizando a V. Exa. fazer desta o uso q.[e] julgar conveniente, subscrevo-me de V. Exa. crdo. e patricio

Arthur Oscar Loureiro de Souza.
Presidente eleito da S.A.M.

I — 1, 5, 23

JUANA DE IBARBOUROU

424.

A
Coelho Netto.

Rio de Janeiro.

Maestro: ¡con que orgullo recibo la sorpresa magnifica de sus libros y su carta ¡Cuanto tengo que agradecerle a Sylvio Julio el habérmela proporcionado y con que fruición leeré sus libros que son desde hoy el lujo de mi biblioteca de autores americanos. Mi admiración por Ud., gloria de la literatura brasileira, es grande y ceñida. Fuerte, recio, intenso es lo que conozco de su obra. Ahora que puedo leerla toda, gracias a su munificencia, se cumple uno de mis mas grandes deseos.

Gracias también por sus palabras sobre mis versos. Equivalen a un gajo de laurel y a un brazado de rosas.

Téngame en su amistad se lo ruego, como yo lo tengo en mi lírica devoción. Suya afma.

Juana de Ibarbourou

Abril 28 de 1927 em Montevideo.

I — 1, 3, 41

AVELAR BRANDÃO

425.

Coelho Netto.

Não posso calar o enthusiasmo que me causou a leitura do teu artigo "Gloria" de hontem.

Realmente poeta algum causar-me-ia a emoção que me causaste, porque nenhum contaria com tanto explendôr de linguagem, com tanta doçura no affecto, com tanta verdade nos conceitos, com tanto arroubamento na imaginação a "gloria" do aeronauta, cuja missão é desbravar a vida engolfando-se na mórte gloriosa!

Nunca li de ti, entre tantas óbras tuas, paginas que mais me empolgassem e que me fazem reputar-te o mais fino dos nossos escriptores.

Parabens emocionantes porque o teu "gloria" é a tua gloria de litterato, que glorifica a nossa patria, como elles, os aeronautas, a estam glorificando!

Um intimo e estreito abraço, pois, do teu

Avellar Brandão

P.S. Consta-me que Gaby não está bem de saúde. Lamento-a e a ti, desejando a volta á saúde d'ella para teu maior confôrto.

Rio, 16, 5, 1927.

I — 1, 1, 67

JOSÉ MANUEL EIZAGUIRRE

426.

Buenos Aires, junio 2 de 1927.
Señor
Coelho Netto.
Rua do Rozo 79. — Río de Janeiro.

Distinguido compañero:

Recibí su carta del 23 de mayo anterior. Su lectura me ha impresionado vivamente en la parte en que me dice que razones que particularmente le afectan le imponen retirarse de nuestra compañía como colaborador de "La Prensa".

Considerar su renuncia no es asunto de mi jurisdicción de redactor en jefe; tendría Vd. que dirigir-se a la Dirección de "La Prensa", a cargo actualmente del doctor Alberto Gainza Paz. Pero puedo expresarle, por mi cuenta, que nos sería muy dolorosa su separación de nuestra compañía. Todos aquí estimamos mucho su colaboración, porque tiene ella un verdadero sentido americano y es el fruto de una sólida cultura mental. Siempre leo sus juicios con interés y me será grato continuar leyéndolos.

Pienso que esas razones particulares a que alude no serán invencibles y que podrá Vd. modificar su actual resolución. Esa creencia está fundada en los procedimientos de esta casa y en la convicción del respeto que tienen todos por los hombres de su valor. Confío en que cualquer error será aclarado y salvado y subsanado el inconveniente que hubiera. Ya sabe Vd. que se le estima como a un ilustre colaborador americano de nuestro diario.

Expreso a Vd. las seguridades de mi consideración distinguida y soy siempre su camarada y

S. S.

José Manuel Eizaguirre.

I — 1, 2, 75

LUÍS CARLOS DA FONSECA

427. *

Paris, 16-12-27.

Ao querido Amigo e Mestre glorioso Coelho Netto e Ex.ma Familia os meus cumprimentos de bôas-festas com os votos que faço pela felicidade de todos, no anno-novo.

Luís Carlos.

Até 26 de Janeiro.

I — 1, 6, 12

GABRIELA CARDOSO

428.

Pará, 1928

Senhor

Appoiada ao bello esmalte de meus pequenos dentes, a extremidade fria da minha linda caneta de madreperola; semicerrados os meus "olhos de gato", que nem por isso são mais feios; a mão esquerda mergulhada nos cabellos castanhos da minha arrepiada cabeça, aqui estive, horas seguidas, meditando com seriedade de matrona, medindo, de antemão, as consequencias da ousadia... e concluindo, finalmente que um homem como V. Ex.ia, superior pelo espirito e pela educação, por isso mesmo acima das futeis e hypocritas convenções, não me julgará, por estas linhas, uma pessoa inconsiderada — resolvo realizar a minha velhissima e querida idéa.

Com o que fica anteriormente escripto, conhece V. Exia., mais ou menos, o meu retrato physico... Mas precisa tambem saber que esta creaturinha é esposa, é mãe, enthusiasta, cuidando com amor não só do seu lindo petiz, como tambem dos bellos livros, entre os quaes a formosa collecção de Coelho Netto, incompleta nos seus 39 volumes, occupa logar de destaque; que ella gosta de musica e, cousa rara entre senhoras, prefere á poesia, a prosa.

Terminando, desta forma, minha apresentação, releve o digno patricio que, falando de mim propria eu o faça tão longamente e leve tambem um pouco longe, as expressões, volvidas quasi em elogios, roubando assim, com futilidades, um tempo precioso ao illustre escriptor; mas estou longe, preciso que me conheça o mais possivel, porquanto é mais facil fazer um obsequio áquelles que conhecemos do que aos

---

* Cartal postal.

indifferentes. E eu poderei ser, agora, para o auctor d'"A Conquista", uma importunadora, uma indiscreta, menos porém uma indifferente, porque elle, por minutos embora, volverá o pensamento para estas longinquas paragens nortistas e para a humilde filha do Pará que, além de tudo, é Gabriella.

Desejando ter o autographo do meu escriptor predilecto, esperava, ha muito, uma feliz opportunidade que hoje se me apresenta na pessoa de um amigo que, seguindo para o Rio, gentilmente accedeu ao encargo de fazer chegar ás vossas mãos o meu humilde albumsinho que V. Ex.ia se dignará enriquecer, escrevendo nelle algumas linhas preciosas.

Lembrando V. Ex.ia a longa e arriscada viagem que, unicamente por vossa causa vae fazer o meu querido album e do natural constrangimento que me acompanha por ser forçada a importunar tantas pessoas para conseguir a realisação de um desejo, espero não me devolvereis o livro sem a "joia" que eu ambiciono.

Nem por sombras receio que V. Ex.ia em vista dos humildes autographos já inseridos e, no genero, tambem de valor, se recuse, pela visinhança, a satisfazer o meu pedido e aqui fico, anciosa pelo resultado desta tentativa quasi indiscreta, confessando-me, desde já, reconhecidissima á gentileza de V. Ex.ia.

Respeitosamente

G. Cardoso.

Senhor

Eu poderia escrever a V. Sa. uma carta mais moderna; porém enviando a mesma que escrevi ha annos, verá quanto eu tenho feito para alcançar algumas linhas de Coelho Netto para o meu pequeno album de autographos... Elle já esteve muito perto do senhor, mas não poude ser entregue.. e voltou-me depois de mais de um anno de ausencia, sem a joia que eu ambicionava — o que me causou grande desgosto.

Lembrei-me agora de enviar a V. Sa., registrado, pelo correio, duas folhas extrahidas do album e creio que, desta vez conseguirei o meu desejo, que tem sido quasi uma idéa fixa. V. Sa. poderá devolver-m'as igualmente pelo correio para o estabelecimento dos

Snrs. Mattos Cardoso & Ca.
João Alfredo, 30
Belém — Pará.

E pela realisação do meu sonho, considere fervorosamente grata, sinceramente reconhecida a Gabriella deste cantinho longinquo que é a nossa Belem.

Novembro, 1931.

I — 1, 1, 89

AMADEU ARRUDA AMARAL LEITE PENTEADO

429.

S. Paulo, 12 de Jan.º 1928.

Meu caro Netto!

Recebi ontem à noite a sua carta "reservada" de 7. Antes dela, só me viera às mãos o telegrama; não recebi a 1.ª carta a que V. se refere. Foi mesmo por estar à espera que não acusei a chegada do "Canteiro de Saudades", surpresa que me encantou. Estou-o lendo, já o li em grande parte, pouco a pouco, saboreando êsse bom presente de literatura sincera, humana, rica de ideas e de tons, que bole com todas as potencias da alma do leitor, — bom presente caído do ceu no meio da pavorosa aridez moral dêstes dias! Muito obrigado. E passemos ao caso eleitoral. Antes do seu aviso, eu já havia tomado um certo compromisso em relação ao Ramiz, — porque me disseram que êle seria candidato. Pensei que essa candidatura seria do agrado de todos os amigos, pois já uma vez a Academia esteve para o eleger, e sempre vi que o facto de o não haver feito, sobretudo pelas circunstâncias que rodearam a defecção, era por todos recordado como uma nódoa na história da Academia. Entretanto, diz-me V. que se pensa em dirigir rogativas e instâncias ao barão, para que aceite uma cadeira no cenáculo, — e isso efectivamente não está direito, nem é bonito... Mas que hei de fazer agora? Note V. que eu tenho as melhores disposições p.ª com o Collor. Dei-lhe o meu voto quando pleiteava contra o arcebispo, e *dei-lho independentemente do pedido.* Depois disso, continuei a manter boas relações com êsse moço, e tive ocasião de lhe declarar que persistia em querer vê-lo na Academia, apenas houvesse oportunidade. Sendo candidato o Barão, como me foi dito, já pela segunda vez, e à beira do túmulo, pensei comigo que o Collor, ou qualquer outro jovem, deixaria de se apresentar. Aliás, a *oportunidade* a que me referi não abrangia apenas a ocorrência de uma vaga, mas tambem um pleito em que não houvesse candidato de certo peso — ou pelo valor excepcional, ou pela importância relativa.

Acredite, meu bom e caro amigo, que muito me aborrece, muito mesmo, o saber que V. está empenhado nesta campanha e não poder acompanhá-lo. Faço votos por que o Barão não se deixe mover... Nêsse caso, correrei com o maior prazer a sufragar o nome do Collor, — e já não tanto pelo Collor, que ainda está bem moço e poderia esperar um pouco, mas principalmente por V., meu admirado e querido Netto.

Escrevo-lhe à pena, um tanto às tontas, entre aprontações de viagem, pois daqui a momentos parto para o interior, onde conto passar uns seis ou oito dias.

Adeus, recomendações respeitosas à Senhora — e disponha do seu sincero afeiçoado

Amadeu Amaral

I — 1, 4, 67

WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA, *Presidente do Brasil*

430.

Rio de Janeiro, 18 de Nov. de 1928.

Meu caro Coelho Netto.

Recebi o *Livro de Prata,* que vou ler com attenção que me merecem as suas obras.

Agradeço a dedicatoria, attestado de quanto é antiga a minha admiração pelo seu talento, e que, affirmo, continua sem mudança, a não ser que se considere como tal o augmentar de todos os dias.

Amigo e admirador

Washington Luís

I — 1, 5, 31

BENTO CARQUEJO

431.*

Porto, 24 de abril 1929.

Meu prezadissimo amigo

Agradeço muito a delicada offerta do seu livro — *Mano* — perfumado como a Saudade.

Já deve ter recebido o meu *À Luz do Cruzeiro,* que tambem offereci á Academia Brasileira de Letras.

Um grande abraço do

admirador e amigo sincero

Bento Carquejo

I — 1, 6, 76

---

* Cartão.

AMÁLIA PRADO

432.

Rio de Janeiro, 25 de Agosto de 1929

Ex.mo Sr. Dr. Coelho Netto.

Respeitosos cumprimentos.

Varias vezes tenho tentado escrever ao sr., para dar cumprimento ao artigo XII do regulamento, que rege a bibliotheca escolar por mim fundada no 2.º turno do Grupo Escolar Bolivia e que assim diz:

— Dirigir-se-á a bibliothecaria, sempre que lhe fôr possivel, aos mais notaveis escriptores brasileiros, pedindo seu auxilio em favor da bibliotheca, nunca, porém, auxilio pecuniario.

Sendo o Dr. justamente considerado o Principe dos Escriptores Brasileiros, achei de meu dever dirigir-lhe em primeiro logar o meu appello. Leitora assidua, porém, de seus primorosos trabalhos literarios, faltava-me sempre a coragem quando me lembrava de que as minhas palavras ficariam sujeitas á apreciação do sr. O dever, entretanto, subjugou a minha natural timidez e eis-me junto ao illustre Academico, para, com esta, solicitar tão valioso auxilio em prol de "nossa" bibliotheca.

Eu a digo nossa, porque já lá vae um anno que lhe consagro o meu esforço e como que a sinto com vida e um pouco minha.

Possue a bibliotheca tres trabalhos do sr.: Mano e Apologos, que lhe foram offertados e Alma, por mim adquirido.

O progresso da bibliotheca tem sido animador e, certamente, ella se desenvolverá mais desde que possa contar com o incomparavel auxilio do sr., como o espera que é do Dr.

cr.a m.to obr.a

Amalia Prado.

Grupo Escolar Bolivia
Rua D. Anna Nery, 554

I — 1, 4, 76

ÁLVARO MARTINS FERREIRA

433.

S. Paulo, 29 Setembro, 29.
Exm.o Snr. D.r Coelho Netto

Cumprindo determinação do Snr. Prefeito communico-vos, que, em attenção ao pedido constante de sua carta de 2 do corrente mez,

remetti pelo conhecimento n.º 7 720, a domicilio, photographias de fabricas, escolas, e edificios publicos que nos foi possivel obter.

Com apreço e consideração subscreve-se

Att.º adm.or

Alvaro Martins Ferreira

I — 1, 2, 82

PÉRICLES MORAIS

434.

Manáos, 13 de Outubro de 1929.

Meu caro mestre:

Eis-me a responder, com aprazimento, a sua carta de 2 de Setembro. Antes do mais, os meus votivos anhelos pelo restabelecimento de sua saúde, precioso bem que urge ser conservado a todo transe.

Desobrigo-me hoje da honrosa incumbencia que me commetteu naquella carta, a proposito do "Grande diccionario português illustrado", de Léllo & Irmão, do qual lhe foi confiada, como era de esperar, a parte brasileira. Mando-lhe nesta opportunidade, registrado, o mais recente Album de Manáos, editado ainda este anno pela Prefeitura Municipal. Como verá, se não é uma obra-prima, vale ao menos como um traço revelador do desenvolvimento e da florescencia da linda cidade baré. Vão também alguns postaes, os melhores que aqui encontrei, aspectos e paizagens onde póssam ser escolhidos, a seu criterio, os trechos mais impressivos da terra amazônica. Quanto a essa parte de sua sollicitação, foi tudo o que consegui obter.

Quanto á outra, que se refere aos nossos valores mentaes, susceptiveis de figurar no Diccionario, julgo a tarefa excessivamente delicada e quasi inexequivel. Não quer isso dizer que não tenhamos entre nós varios escriptores de relevo, cujos nomes resistam ao rigor de uma selecção apurada. Mas, espiritos dispersivos uns, outros forçadamente inéditos á mingua de editores, se lhes sóbra talento e cultura para justificar a vigorósa superioridade, falta-lhes, todavia, a credencial do livro, requisito indispensavel na hora da aferição de suas capacidades. Nessas condições está por exemplo, o nosso Leopoldo Peres, jornalista e sociologo, a mais rutilante intelligencia da geração moderna do Amazonas, com um acervo notavel de ensaios esparsos, perdulariamente, na imprensa quotidiana, e que, colleccionados e enfeixados em livro, dariam alguns volumes de alta projecção em

nossa litteratura. É assim tambem Adriano Jorge, o presidente da Academia Amazonense de Lettras, uma fórte envergadura de escriptor e uma das mais solidas illustrações que ainda conheci.

Reciprocamnte, o sr. Raul de Azevedo, com uma bibliographia de cutiliquê, quarenta volumes inuteis, empazinados de prosa chilra, está habilitado, por isso mesmo, a penetrar os humbraes sagrados de uma obra com os intuitos do Diccionario português. Dahi a difficuldade em que me encontro. Ademais, o caso de Leopoldo e Adriano Jorge não é isolado. Ha ainda outros escriptores que, se tivessem documentação bibliographica, mereceriam identico destaque: Alvaro Maia, Raymundo Monteiro, dois grandes poetas, Vieira de Alencar, nobre vocação de critico, Anisio Jobin, experimentado em estudos amazonicos, e mais alguns de menor vulto.

Agora, para compensar, com livros, temos apenas João Leda, que é um dos maiores nomes do Amazonas, por seu espirito de aprimorada cultura e por seus profundos conhecimentos de assumptos vernaculos. Tem tres obras que, nessa especialidade, o consagraram mestre: "Vocabulario de Ruy Barbosa", "Aureos Filões de Camillo" e "Nossa lingua e seus soberanos". É um dos prosadores insignes de nossa terra, e dos que mais lhe honram as tradições intellectivas.

E só, quanto á exigua galeria dos homens de lettras mais representativos do Amazonas.

O meu nome, o mais humilde e desvalioso de todos, está fóra de quaesquer cogitações em tal sentido, tamanhas as virtudes litterarias negativas que o inhibem de aspirar a tão excepcional honraria. Creia, meu Mestre, que não ha nenhum desprimor na franqueza e na sinceridade deste auto-julgamento. Estou convencido de que sómente a sua inexcedivel bondade, reflexo peregrino de um espirito excelso, o levaria a esses extremos de devotamento, que tanta belleza imprimem não apenas á moral do homem, senão, e principalmente, á esthetica das attitudes do escriptor. Por tudo isso, muito a contragosto, sou compellido pela primeira vez a não satisfazer completamente os desejos de quem, por multiplas e reiteradas provas, merece o carinho de minha mais delicada affeição.

Com um grande abraço, meu Mestre e meu amigo, todo o reconhecimento do seu,

muito devotado,

Pericles Moraes.

I — 1, 4, 19

LUÍS DE MENESES

435.

Manaos, 14-10-929
Exmo. Sr. Dr. Coelho Netto

Sabendo que está V. Ex. organizando para a casa Lello & Irmãos, do Porto, o "Diccionario Portuguez Illustrado", remetto-lhe junto um artigo estampado no "Estado do Amazonas", de 28 de Abril ultimo, sobre a personalidade de Pericles Moraes, autor de "Figuras e Sensações" e "Coelho Netto e sua obra". Vale tambem o artigo pelo retrato que estampa do escriptor amazonense, o qual o representa na sua derradeira e recente photographia.

Cumprimentos de seu admirador

Luiz de Menezes

I — 1, 4, 9

ANTÔNIO CASTILHO DE ALCÂNTARA MACHADO DE OLIVEIRA

436.

47, r. Fred. Stuard
S. Paulo, 31. V. 1930.

Não tenho, eminente Mestre, a fortuna de conhecel-o pessoalmente. Mas a cordialidade das relações que manteve com meu Pae e de que são testemunho as cartas encontradas no archivo de Brasilio Machado, autoriza-me até certo ponto a enderesar-lhe estas linhas. Venho pedir-lhe venia para candidatar-me á Academia Brasileira, na vaga deixada pelo desapparecimento do elegante letrado e insigne jurista, que foi Alfredo Pujol. É grande, bem o sei, a minha ousadia. Conforta-me, porém, a certesa de que maior é a benevolência dos que são chamados a julgar-me. Será motivo, para mim, de immensa euforia merecer a sympathia generosa do escriptor, que é uma das culminancias da raça.

Rogo permissão para subscrever-me
m.^{to} seu
velho adm.^{or}

Alcantara Machado

I — 1, 4, 45

CELSO VIEIRA

437.

Rio, 10 de junho, 1930

Eminente Mestre
Sr. Dr. Coelho Netto,

Tenho a honra de communicar a V. Exa. que, fundando em trinta annos de esforço litterario e seis obras já publicadas a minha aspiração, concorrerei á vaga deixada pelo saudoso escriptor e jurista Dr. Alfredo Pujol, cadeira n. 23, na Academia Brasileira de Lettras.

Ao julgamento de Coelho Netto, principe dos nossos prosadores, deixo sem recommendações o meu trabalho constante e obscuro de tres decennios. Que a sua consciencia esthetica decida, na serenidade propria das altitudes mentaes, donde nos vem a belleza ou a justiça, e muito bem decidido estará o pleito.

Homenagens do mais elevado apreço e de infinita admiração

Celso Vieira.

Endereço:
Gabinete do Secretario da Côrte de appelação ou
R. Marinho, n. 2, S.ta Thereza.

I — 1, 5, 49

PAULO DE MAGALHÃES

438.

Rio de Janeiro, 12- Abril- 1931

Meu caro Coelho Netto.

Justamente no dia em que eu perdi o meu querido amigo e pae bonissimo, Você enfermou.

Só por tal não lhe fiz uma visita pessoal ou epistolar como, ha muitos annos, faço sempre que o seu lar está em festa ou em magua.

Agora a Zita, essa doce bonéca mimada, que todos nós — os das lettras e os da Sociedade — queremos, enternecidamente, vem de sua parte — em companhia da formoza e encantadora Conceição — traser o carinho da sua prezença num gesto de consolo a minha mãe adorada.

Disse-me dos seus soffrimentos e dor de D. Gaby — essa Santa querida da nossa devoção — e eu que, sinceramente, já soffria com Você e por Você, compartilho agora, ainda mais, dos seus anceios e faço prèces pela volta da paz ao seu lar glorioso.

Desejo que você fique bom, rapidamente, pelo bem que lhe quero e pela vaidade patriotica que eu tenho de Você — da sua pessoa e do seu nome! ·.·

Nesta hora tragica em que os Homens escasseiam no Brasil é um consolo e um incentivo saber que ha um brasileiro como Você!...

Beijo as mãos de D. Gaby, abraço-o, effusivamente, e reitéro à Zita e à Conceição o meu — muito obrigado! — pela visita.

Seu

Paulo de Magalhães

R. Marquez de Abrantes, 105

I — 1, 3, 88

ANTÔNIO LELLO

439.

Porto 15 de Maio de 1931.

Meu Exmo. Amigo Dr. Coelho Netto

Venho pedir-lhe mil desculpas pelo meu silencio, que peço não leva á conta de menos amizade e consideração, mas factos se deram nestes ultimos mezes, que me teem trazido os nervos um pouco fora do uzual, e tudo isto tem concorrido para uma quazi abulia de vontade, que agora parece principiar a querer desaparecer.

Em fins do ano passado tive a infelicidade de perder minha mulher; e 40 anos de convivio não se esquecem facilmente. Tenho é certo um filho e uma filha, que são o meu orgulho, mas se me animão ainda para a vida, não deixo no entanto de me lembrar de quem me acompanhou 40 anos e creou o nosso lar. Entrei já nos 62, e conto que ainda terei forças para resistir a este golpe.

Depois a juntar a este desgosto, temos a situação economica que de dia a dia se agrava, e não se descortina que tão cedo surja uma melhoria.

As obras de literatura não são procuradas, parece que á gente de agora não lhe interessa as belas letras. E á nossa casa com um capital avultadissimo neste ramo editorial, causa-lhe um certo transtorno esta paralisação. Do Brazil raros pedidos e pagas dificeis e muito atrazadas; o mal do Brazil é o das nossas Colonias, onde já havia um regular mercado de livros, que também está quazi paralisado. E aqui no Paiz, também a crise se faz sentir agora mais agravada, de forma que tudo são dificuldades. Valeu-nos o termos feito como a formiga, guardar dos bons tempos, senão mal nos iria.

E esta situação quando acabará? Ninguem sabe.

Impressões novas não há, nem mesmo do Eça de Queiroz há reedições ha já 2 anos. Lançamo-nos na publicação de obras escolares, primárias e liceus, e com estas obras e o Diccionario Lello, e agora com outra obra — FIGURAS HISTORICAS PORTUGUEZAS, cá vamos movimentando a casa até que melhores dias surjam.

O "LELLO UNIVERSAL" vai tendo dia a dia crescente aceitação o que nos tem animado muito para que cada vez ele seja melhorado sob todos os aspectos.

A assinatura em Portugal é felismente avultada, o que já não se dá com o Brazil, onde parece haver uma certa relutância por obras em fasciculos.

Parece que agora sempre será definitivamente resolvida a questão ortografica entre os dois paizes, e sendo assim teremos depois de publicar um *tomo* no final, com a nova ortografia (vocabulario) tendo a indicação dos vocabulos alterados para assim poder ser procurada a palavra escrita na forma antiga.

Soube tambem que o meu Exmo. Amigo esteve novamente incomodado, mas que já está felismente melhor o que todos estimamos sinceramente. Igualmente desejamos as melhoras de sua Exma. Esposa.

Renovando o pedido de desculpa da mnha falta para com o meu Exmo. Amigo, pelos motivos já expostos, queira dispor sempre do que é com a maior consideração e estima.

De V. Exa. Amigo Muito grato

Antonio Lello.

I — 1, 3, 54

JOSÉ MARIA PENIDO

440.

Em 2 de Junho de 1931.

Meu illustre e presado amigo

Recebi com muito prazer a sua *linda* carta portadora de suas ordens sobre o desembarque do Dr. Heriberto Paiva do E. Floriano.

Procurei immediatamente o Dr. Freitas Filho Director de Saude a quem pedi, como se fôsse meu amigo, o desembarque referido do seu candidato e dedicado amigo. O Dr. Freitas Filho mandou logo a sua proposta p.ª esse fim à Directoria do Pessoal. Amigos meus se interessam alli pelo seu pedido e creio mesmo que já se entenderam com o Dr. Heriberto sobre o caso, pela difficuldade de descobrirem o seu substituto. Não me conformei com qualquer solução que não

esteja de accôrdo com os desejos do meu bom amigo. Continuo a agir e espero resolver o caso antes da partida do "Floriano" mas se o meu distincto amigo dispõe de outros elementos junto ao Ministro, não hesite em empregal-os.

Com os cumprimentos de minha mulher p.ª a sua Ex.ma Esposa a quem apresento respeitosamente as minhas homenagens, receba o affectuoso abraço do seu m.to amigo e sincero admirador

J.e M.a Penido

179 Rua Marquez de Abrantes

I — 1, 4, 66

JOAQUIM AZEVEDO

441.

Exmo. Snr Dr. Coelho Netto

Quem lhe escreve estas linhas é um seu velho conhecido e amigo — o Joaquim do Dolivaes.

Ha mais de 20 annos, transferi a minha residencia para Roma e cá tenho vivido, salvo raras fugidas ao Brasil.

Creio que ainda se recordará de mim, visto que me demonstrou sempre grande sympathia e amizade.

Tenciono voltar ao Brasil na segunda quinzena de Outubro prossimo, e seria para mim motivo de alegria ter o prazer, de, depois de tantos annos, tornar a vêl-o.

Apenas chegue ao Rio, terei o cuidado de telefonar para sua casa, certo como estou, que não recusará a mim seu grande admirador o prazer de nossa pequena visita — para matar saudades.

Com a mais alta consideração, assigno-me.

Seu atto e velho amo

Joaquim Azevedo

Roma 25/8/31 =

I — 1, 1, 13

STANISLAS PAZURKIEWICZ

442.

Warszawa, 19 de Octubre de 1931.
(Varsovia)
Muy distinguido Señor:

Me ocupo en la literatura brasileña y mucho quiero conocer la lista de sus obras *publicadas después de 1925*.

¿Se han escrito muchos estudios *sobre sus libros y sobre la literatura brasileña moderna*?

¿Podria Usted comunicar las direcciones de Señores: Graça Aranha y Olavo Bilac?

En espera de su muy atenta contestación (el portugués) soy de Usted con toda consideración

seguro servidor

Stanislas Pazurkiewicz

P.S. He escrito la carta a Usted, pero no he tenido su contestación. Por esto me apresuro volver a escribirle a Usted. —

Prof. Dr. Stanislas Pazurkiewicz
Polonia, *Warzawa* (22)
(Europa) ul Opaczewska 8. m. 7.

I — 1, 4, 63

LUÍS GONÇALVES JÚNIOR

443. *

São José, 2 de Janeiro de 1932.

D.r Coelho Netto.

Os nossos melhores votos de saude e consoladores confortos para o novo Anno.

Fomos surpreendidos pelo desenlace que feriu o seu nobre e carinhoso coração de esposo; que todas as felicidades cerquem a sensibilissima alma de D. Gaby.

Recebemos ha pouco pelo Jorge a sua carta de 17 de Novembro, eu e Zuleida acolheremos com orgulhoso prazer a sua procuração e muito nos alegramos em baptizar o filho de seus dilectos filhos Jorge e Jussara.

Saudoso e apertado abraço do

Loló

I — 1, 6, 45

---

* Cartão.

CHABI PINHEIRO

444.

Meu querido Coelho Netto
Lisboa 5-2-32.

Aqui em Lisboa vive-se na mais absolucta ignorancia do que se passa por lá!

Não ha jornaes do Rio á venda; de módo que só pelo pessoal da Embaixada ou do Consulado é que, de quando em quando, temos noticias!

Encontrei hontem o nosso Holanda, a quem não via ha muito tempo porque ha quasi seis meses que estou doente, três em Vichy aonde fui duas vezes operado n'uma perna, e os restantes em casa, n'uma convalescença interminavel, que ainda se prolonga.

Pedi-lhe, como costumo, noticias tuas e dos teus, e por elle soube da morte da Santa Gaby!

Perdoa-me o vir evocar com a minha carta o triste acontecimento, mas não quero deixar de dizer-te quanto me affligio o desaparecimento d'aquella Santa criatura que tanto me amparou nas minhas peregrinações pela tua terra.

Agora mesmo estou vendo a vossa casinha da Rua Silveira Martins relembrando os dias felizes que ali passei, respirando a atmosfera d'encanto que ella sabia criar á sua volta.

Minha mulher guarda tambem uma recordação muito grata da pouca convivencia que teve com D. Gaby.

Dize aos teus filhos quanto sentimos a sua morte e recebe abraços dos teus amigos Jesuína e

Chaby Pinheiro

T/C Rua da Vinha 44, 2.º

I — 1, 4, 71

LINDOLFO GOMES

445.

Juiz de Fora, 14-4-932.

Prezadissimo e eminente amigo,
Mestre Coelho Neto.
Afetuoso saudar.

Confesso-me profundamente grato à insigne e generosa honra que me concedeu, prestigiando, com seu dignificante voto, meu obscuro nome no pleito debatidissimo de 7 de Abril, na Academia de Letras.

Jamais olvidarei essa demonstração de suprema bondade, digo-o sinceramente. Jamais!

Creia-me sempre, com profunda amizade e máxima e velha admiração,

seu at^{o} amigo e obscuro

confrade muito grato

Lindolfo Gomes

Rua Floriano Peixoto, 823.

I — 1, 3, 36

AFRÂNIO DE MELO FRANCO

446.

Rio, 29-4-1932.

Meu caro Coelho Netto,
Affectuosos cumprimentos

Recebi sua carta ultima, em que Você me recommenda o Senhor Jayme Cardoso, funccionario do Ministerio das Relações Exteriores, à promoção ao cargo de Consul de 3.ª classe.

O regulamento Vigente prescreve o concurso para o provimento desses cargos; mas, em disposição transitoria, suspendeu por determinado tempo a applicação dessa regra, afim de aproveitar nas vagas os auxiliares de consulado, até que o numero destes baixe a 50, que é o fixado pela lei da reforma. Ha, tambem, nisto o proposito de economia, porque os auxiliares de consulado ganham, no minimo, 3:000$000, ouro, — e, quando nomeados consules de 3.ª classe, passam a ganhar apenas 10:800$000, papel.

Os contractados do Itamaraty não têm sido aproveitados, porque a orientação do governo está sendo aquella — a da reducção da despeza em ouro.

O senhor Jayme Cardoso sabe que tenho por elle toda a bôa vontade e que tenho feito tudo em beneficio dos contractados, cujos logares teriam sido, todos, extinctos, se não fôra a minha defesa. Em verdade, dada ao governo a faculdade de trazer para o Itamaraty pessoal dos dois córpos — diplomatico e consular —, são dispensaveis os contractados.

É meu desejo transferir para os quadros os bons elementos do pessoal contractado, quando se me offerecer o ensêjo. Mas como ficou dito acima, isto não tem sido ainda possivel.

Fazendo votos por sua felicidade e bôa saúde, peço-lhe que me tenha sempre como seu amigo muito adm.^{or} e affectuoso

Afranio de Mello Franco.

I — 1, 3, 3

GILBERTO VEIGA

447.

Dist. Federal, 25 de Maio de 1932.

Exmo. Snr. Dr. Coelho Netto.
Caro Mestre.

Admirador fervoroso e expontaneo da vossa inegualavel intellectualidade, julgo-me, dentro da minha pequenez, no direito de pedir-vos um grande e inestimavel obsequio, quer como vosso discipulo, quer como brasileiro.

Venho collaborando ha dois annos em nossas principaes revistas e jornaes, notadamente no "Fon Fon", revista illustrada sob a orientação e redacção do vosso illustre collega de Academia, Dr. Gustavo Barroso. Resolvendo, agora, compilar os contos publicados, tomo a liberdade de pedir a V. Excia. o prefacio do meu livro, pondo, assim, á prova de realidade, um velho sonho afagado a todos os instantes.

Que gloria para a minha insignificancia, que felicidade para o meu espirito: um livro meu prefaciado pelo o grande, o luminoso, o maior e mais formoso talento contemporaneo!

Bebi, muitas vezes, a inspiração dos vossos livros insuperaveis. E, intimamente, muitas vezes tive inveja da vossa fecundidade grandiosa, á semelhança do sapo que fita, da miseria do charco, o esplendor das estrellas. . .

Aguardo, com o coração nas mãos, a resposta de V. Excia., para levar-vos os meus pobres contos, ou deixal-os adormecidos dentro de mim mesmo.

Terminando, querido Mestre, faço votos pela felicidade pessoal de V. Excia. e da Vossa Exma. Familia, ao tempo em que peço permissão para assignar-me com o mais elevado apreço,

Patricio ás ordens

Gilberto Veiga.

I — 1, 5, 43

XISTO VIEIRA

448.

Rio, 8-8-932.

Ex.mo Amº Dr. Coelho Netto.
Cordeaes saudações.

Eu e minha familia muito penhorados agradecemos, a honra da participação, que nos endereçou, do casamento do seu distincto filho, João Coelho Netto, com a Srta. Elinor Potter.

Augurando ao gentilissimo par as mais fagueiras felicidades, bem como ao nosso bondoso amigo longos dias em que se possa rever nos filhos dos seus filhos, subscrevo-me

am.º obr.º

Xisto Vieira

— Lopes Trovão, 38 — Icarahy.

I — 1, 5, 50

RUI GONÇALVES

449.

Nictheroy, (E. do Rio) 25 de Agosto de 1932.

Exmo. Sr. Dr. Coelho Netto
Cordeaes saudações.

Tomo a liberdade de offerecer a V. Ex. um exemplar da minha novella *"Mandinga"*.

A V. Ex., no momento em que um grupo adverso, acaba de atacar a novella como immoral, quando nella não ha immoralidade, mas, sim, realismo, — venho entregar-lhe o destino, pedindo a valiosa opinião de V. Ex. sobre a questão.

Certo de que V. Ex., *sempre generoso em attender àquelles que procuram a sua protecção, não se recusará em proferir a sentença definitiva* sobre o meu humilde trabalho, peço venia para subscrever-me de V. Ex. o menor dos seus conterraneos e o maior dos seus admiradores.

Ruy Gonçalves.

Endereço:
Rua Visconde de Sepetiba, 312
Nictheroy

I — 1, 3, 38

HILDEBRANDO MELO PEDRA

450.

Casa de Detenção do Districto Federal, em 1933.

Sr. Doutor Coelho Netto.

Paz e socego em vosso lar e que vossos passos seja illuminado.

Sou um condemnado quem lhe escreve, e para isto enchime de coragem. Encontro-me condenado a vinte e poucos mezes de prizão ja tendo cumprido a metade da pena. A vida como V. Ex.cia e pro-

fundo conhecedor tem mystérios que não podemos prescultal-os, e por isso recuso-me em descrever-lhe o motivo de minha prizão, sendo ainda jovem, tenho na cidade de Campos meus paes e meus irmãos.

Encho-me agora de coragem. Aos domingos compro com enorme difficuldade o jornal do Brasil, e sinto grande resignação para o soffrimento quando lheio os vossos artigos dominicaes. Não tendo dinheiro para comprar uma obra de vossa autoria oh sabio, humilho-me em pedir-vos que por graça me conceda a suprema ventura de possuir um livro de vossa autoria. Comprar não posso, então em pagamento que vos offereço? Uma prece ao grande Deus, que vos illumine oh sublime espirito de sabio e escriptor que com um unico artigo, leva ao coração de um homem o arrependimento e a resignação.

Deus vos guarde.

Vosso servo

Hildebrando Mello Pedra
detento

I — 1, 4, 64

MANUEL LEÃO DE SOUSA

451

Coroatá, 14 de janeiro de 1933.

Caro amigo Coelho Neto.

Depois de um longo silencio, volto hoje, dando cumprimento ao meu dever. Isto não fóra descaso e sim obediencia às circunstancias que me forçaram assim fazer. Aos primeiros embates do movimento revolucionario, manifestou-se a mocidade caxiense, tendo eu como orador oficial dos comissios assumido a direção do movimento interno da cidade, tendo por esse motivo sofrido enormes perseguições, até o momento aurorial da vitoria final. Da viagem que empreendi ao Pará a serviço do movimento, passei a residir nesta cidade onde derijo o colegio Joaquim Tavora e onde permaneço ao inteiro dispor do grato conterraneo. Estou montando um jornal de onde tenciono elaborar em pról do progresso do nosso Estado. Comunico ao amigo que, estou esperando os acontecimentos finaes sobre a verdade que nos trará o momento politico, para lançar um manifesto a mocidade do Maranhão, levando seu glorioso nome às urnas na proxima legislatura para mais uma vez representar o nosso grato Maranhão na Camara Federal.

Estive acamado fortemente perdendo mesmo o sentido durante tres meses e ainda ando muito acabrunhado, mas, estou pronto a tra-

balhar pelo nosso Estado que atualmente vem sofrendo crises perigosas. Vai esta carta para ser entregue ao ministro José Americo, com quem estou me entendendo sobre a situação espinhosa que se encontram as vitimas da seca neste Estado.

Peço dar um passo a favor dos nossos irmãos infelicitados pelos flagelos.

Confiado aguardo suas ordens.

Abra[ço]s do conterraneo e amigo

Manuel Leão de Souza

I — 1, 5, 30

ADALBERTO P. DA SILVA

452.

S. Paulo, 18 de Janeiro de 1933

Il.mo Snr. Coelho Netto.

Junto lhe envio uma folha de papel, para o illustre patricio nella escrever o seu soneto — Ser mãe. Isso porque desejo que figure em meu album de sonetos um escripto pelo festejado auctor do "Rei Negro".

Queira acceitar com meus sinceros agradecimentos, o meu voto, igualmente sincero, á sua candidatura ao "Premio Nobel".

Adalberto P. da Silva.

R. Maestro Cardim, 64.
S. Paulo.

I — 1, 5, 17

ARTUR MOTA

453.

S. Paulo, 9 de Fevereiro de 1933

Meu grande e querido Amigo Coelho Netto.
Saudações muito afectuosas.

Tardiamente, embora, venho trazer-lhe o meu grande abraço pela feliz indicação do seu nome ao premio Nobel. Ninguem melhor do que o Amigo, acumúla e exalta credenciaes a tão merecida consagração universal.

Se lhe fizerem justiça, não se saberá o que mais contribuiu para a conquista dos sufragios: se o talento robusto, se as finas qualidades

do artista, se o caráter nacionalista da sua obra opulenta, se as causas dignificantes que defendeu.

O mais rigoroso confronto entre o merecimento da obra dos que já foram contemplados, e o valor da sua, não deixa em plano inferior a do escritor brasileiro. Sou insuspeito para julgar, porque a minha sinceridade já foi comprovada em um estudo sobre a sua individualidade literaria.

Meus parabens e votos de pleno sucésso.

Venho bater á sua porta amiga e hospitaleira, para um premio da mais modesta significação.

Resolvi inscrever-me candidato á vaga de Santos Dumont.

Quando pretendi concorrer á eleição, na vaga de A. Pujol, o meu Amigo aconselhou-me a desistir, em atenção a Mangabeira, prometendo-me o seu trabalho a meu favor, em outra oportunidade.

Creio haver chegado a minha vez, porque fiquei em expectativa quando foram eleitos Alcantara Machado e Gregorio da Fonseca.

Como engenheiro hidraulico, ser-me-á facil apreciar os inventos do glorioso patricio. Resume-se a tarefa em mudança de meio fluido e passar da hidrodinamica para o aérodinamica. E não permanecerei na aridez de apreciar a evolução e finalidade da aeronautica. Seguindo o seu exemplo, virei abeberar-me na fonte da mitologia e, alem desse recurso, terei o vulto polimórfico de Leonardo da Vinci para me inspirar.

Não ficarei em Santos Dumont, porque Graça Aranha e Tobias Barreto fornecerão temas bastante variados.

Ha tres vagas atualmente: a de Alberto de Faria, a que concorrerá Rocha Pombo; a de Luiz Carlos, destinada a Pereira da Silva; e a que pleiteio.

Conto com a honra do seu sufrágio e com a grande influencia do seu trabalho a meu favor.

Um grande abraço o agradecimento sincero do seu amigo e admirador.

Arthur Motta

Praça Amadeu Amaral, n.º 2 (Reservatorio)

I — 1, 4, 21

JOSÉ DE DINIS

454.

Florianopolis, 21/Fev^{o}/1933

Meu querido amigo:

Deus abençoe o meu idolatrado amigo, neste dia tão feliz para os que amam, acima de tudo, a propria Patria. Sim, meu amigo, amar-vos, é amar o Brasil. E quem deseja a felicidade dos maiores Brasileiros, é porque não esquece a gloria que deles emana, para orgulho deste imenso e amado territorio.

Eu vos amo, porque amo o Brasil!

Não vos esqueço. Um dia não se passa que eu não o tenha no coração, diante dos olhos, — na minha biblioteca; na minha cabeceira, ao lado dos meus filhinhos que Deus levou; á mesa da redação —, e um dia não se passa em que, nas minhas orações, eu não envolva o vosso nome, e da querida e saudosa d. Gabi, o do Mano, a vossa casa.

Hoje é o vosso dia, um dia nosso, um dia do Brasil!

Deus vos abençoe, meu grande amigo!

Com o coração, muito vosso,

José de Diniz.

P.S. — Junto a noticia do vosso aniversario, publicada, hoje, na *Patria,* de que sou redator-secretario.

I — 1, 2, 46

M. CASTRO MONTES

455.

Ao illustre e sempre presado amigo
Sr. Coelho Netto

Com uma saudação muito cordial, venho lhe pedir licença para apresentar-lhe o Snr. Amilar Alves meu parente e amigo muito presado, pessôa de destaque na sociedade campineira, ocupando com brilho o honroso cargo de Secretario da Prefeitura desta cidade.

Em carta que lhe dirigirá este meu amigo ele dirá o que deseja de sua benevolencia e si puder servil-o creia que muito e muito lhe será agradecido seu sempre amigo e grande admirador.

M. Castro Montes

Campinas,
14-3-33.

I — 1, 4, 17

AMILAR ALVES

456.

Campinas, 14 de Março 1933

Ex.mo Snr. D.r Coelho Netto.

Rio

Cumprimentos respeitosos.

Tendo resolvido publicar um drama que fiz, intitulado "Degenerados" e desejando que esse meu trabalho tenha, no começo, algumas palavras de V. Ex.cia a respeito, venho consultá-lo se isso será possivel.

Esse drama, que foi representado no "Theatro Municipal" desta cidade em junho do anno findo, é de assumpto simples, mas de objectivo moral, como poderá vêr V. Ex.cia pelas provas typographicas que passo ás suas mãos.

Qualquer referencia que V. Ex.cia lhe faça será para mim grande honra.

Certo de que V. Ex.cia me relevará a ousadia do pedido, desde já, agradeço-lhe o favor, subscrevendo-me

De V. Ex.cia grande admirador e Att.o Cr.o

Amilar Alves.

Rua Luzitana n.º 940. — Campinas — Est. de S. Paulo

I — 1, 1, 10

ELPÍDIO CUTIA

457.

Eminente e illustrado Sr.
Coelho Netto.

Saudações, as mais respeitosas.

Não tendo a honra, á mingoa de ensejo, de conhecer *de visu* a figura mais proeminente das letras nacionaes, que é V. Excia., conhecendo-o não obstante atravez da silva deliciosa e amena dos seus primorosos romances, Exmo. Sr. Coelho Netto, tomei o alvitre de escrever-lhe. Isto em transito pelo Rio Preto de Minas, onde li com vivo interesse o vibrante artigo lançado pela mão do Mestre, no Jornal do Brasil com o sugestivo titulo de Brecha. Receba V. Excia. o meu effusivo parabem deste que se subscreve com alta sympathia e subida admiração

Pe. Dr. Elpidio Cotia.

Rio Preto, 4-4-933

I — 1, 2, 17

IVETA RIBEIRO

458.

Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1933

Exmo. Sr. Dr. Coelho Netto

Desejando "BRASIL FEMININO" continuar no trabalho de organisação de uma pequena bibliotheca literaria para uso das suas assignantes e amigas frequentadoras da redacção, venho solicitar de V. Ex. a remessa de seus valiosos livros, com dedicatoria a nossa revista para valorisar cada vez mais, a já tão interessante collecção de obras de que consta a nossa aludida bibliotheca.

Acreditando que V. Ex. não nos negará a dadiva que solicitamos, das quaes dará noticia a nossa illustre redactora da pagina de "LETRAS", a poetisa Henriqueta Lisboa, e que nos honrára em qualquer dia util, com uma visita a nossa redacção, entre as 15 e 19 horas, antecipadamente apresento-lhe nossos melhores agradecimentos.

De V. Ex.
Am[a] Att[a] Agd[a]
Por "BRASIL FEMININO"
Iveta Ribeiro
Directora

I — 1, 4, 83

FERNANDO DA SILVEIRA

459.

Rio de Janeiro, 29 de Maio de 1933

Exmo. Snr.
Dr. Coelho Netto

É com todo respeito que venho á sua pres[e]nça.

Em data de 12 do corrente enviei-lhe pelo Correio um exemplar de "SERTÃO" para merecer de V. Exa. uma dedicatória, e como até agora não tivesse recebido a devolução, queria saber se V. Exa. recebeu o registrado, pois receio que se tenha extraviado.

Se V. Exa. já fez a remessa do livro, queira, então, ter a bondade de enviar-me o recibo do registro que me habilita a uma reclamação.

Tomo a liberdade de chamar a atenção de V. Exa. para o seguinte: no lado do embrulho onde coloquei o meu enderesso estava um sêlo de $600 para o registro.

Sem outro assunto

assino-me

de V. Exa.

admirador.

Fernando da Silveira.

Fernando da Silveira
Caixa Postal nº 402
Rio

I — 1, 5, 21

FRANCISCO DA CONCEIÇÃO

460.

Ex.mo S.nr Dig.mo Coelho Netto,
Rio 22 de Junho de 933.
Saudações.

Dig.mo S.nr Coelho Netto graças a deus eu embarco na segunda-feira para Victoria, e venho lhe agradecer o grande favor que o Senhor me prestou em me auxiliar em alguma coisa para eu poder completar a minha passagem, S.nr Coelho Netto eu lhe escrivi esta carta para lhe agradecer e o mesmo tempo lhe fazer um pedido ao senhor de uma coisa que eu tanto necicito, e o que eu desejava lhe pedir é o seguinte a minha Roupa melhor que eu tenho está empenhada porque eu tive necicidade de fazer isto, e eu vou deixar a Cautella com o Fidelles para elle tirar no principio do mez que vem, e me remeter para Victoria, porque agora não é possivel e o que eu desejava muito lhe pedir era o seguinte se o senhor tivesse alguma Calça velha e algum Palitot que não queira mas, era outro grande favor que o senhor me fazia em me dar porque a minha roupa está muito ruim, e isto eu já pedi a diversas pessoas e ninguem tem, e pode ser que o senhor possa me arranjar isto, mesmo com o seu filho, ou mesmo do senhor porque a minha Calça está horrivel e o Palitot tambem não está bom, e era este o ultimo favor que eu desejava muito e muito, que o senhor me fiseze a fineza de me arranjar, e eu lhe agradeço isto immensamente este grande favor, e muito obrigado, e o senhor é a minha ultima esperança que eu tenho em poder obter isto que eu tanto necicito agora antes de embarcar para Victoria, e algum dia que eu vier ao Rio fazer uma visita ao meu irmão Fidelles, eu lhe trago uma pequena lembrança

do meu estado Natal, e muito obrigado e queira me desculpar o imcomodo, e amanhã eu vou saber a vossa resposta pela manhã ahi na sua residencia, e mas uma vez muito agradecido, e é favor me attenter pela ultima vez.

do irmão do Fidelles da Conceição seu criado e amigo

Francisco da Conceição

Rio 22-6-933,
Adeus, Rio de Janeiro.

I — 1, 2, 14

UCILA MACHUCA DE GARCIA

461.

Buenos Aires Julio 23 — 933.

Exmo. Maestro Coelho Netto

De mi mayor afecto y respecto:

Saludándole con toda admiración y cariño, formulo fervientes votos por su salud y la de sus queridísimos hijos.

Tendria grandes deseos de ir á verlos este año, y ofrecer á la culta sociedad carioca, unos interesantes conciertos de clave ejecutando música antigua, solo ó con pequeña orquestra.

Perdone lo molesto pero yo le ruego de su poderosa influencia si se podria obtener lo siguiente: que se me permitiera la entrada y salida del instrumento libre de derechos aduaneros, y que se me acepte el primer concierto en el Palacio Guanabara en honor del Exmo. Señor Presidente de la República y las altas personalidades de esa ciudad. Como siempre no me lleva el interés lucrativo, pero si confieso que seria felicisima si pudiera dar esos conciertos y que me apreciaran como clavecinista.

En fin espero Doctor Coelho Netto su respuesta y agradeciéndole vivamente cuanto pueda hacer en mi favor, reciba saludos atentos de todos los de esta casa y reitérale su más devota amistad

S. S.

Ucila Machuca de Garcia

1/c Rivadavia 5894.

I — 1, 3, 33

ASTÉRIO DE CAMPOS

462.

Meu caro Netto: *Particular!*

Como hei de responder ás suas formosissimas letras? Julgo-o bastante conhecedor de minha profunda amizade por seu espirito e por sua bondade para que me tome por *distrahido*. Antes, mesmo, de receber sua carta, estava eu de cama, resfriado, incapaz de sair. Logo que a li, fui procurar o nosso gerente. Devo dizer-lhe, com toda a sinceridade, que a nossa revista já não pertence a uma empresa. Está em negocios para ser liquidada. Não sei como possa sair-me, além do seu, de outros compromisso[s], de que só assumiu por simples amizade a responsabilidade, nalguns casos involuntarios. Venho pedir-lhe que, encarecidamente, remetta ao Sr. Sergio, gerente d'*O Malho,* sem muita demora, uma nota da publicação do *Fogo-Fatuo*. Foi o Sergio, nosso então thesoureiro, que me auctorizou a lhe pedir uma collaboração remunerada. Já com o nosso Kalixto deu-se o mesmo, e eu tive que lhe pagar cincoenta mil réis, porque fui o intermediario! A *Bahia Illustrada* está na imminencia de não mais circular! Imagine V. que situação a minha. Em todo caso, eu proprio irei falar ao Sr. Sergio, e se elle não cumpri[r] o que determinou, fa-lo-ei de mim mesmo.

Mande sempre no coração do

Astério

— Só de viva voz lhe poderei dizer o que se passa aqui.

I — 1, 1, 87

BULHÕES DE CARVALHO

463.

Exmo. Snr. Henrique Coelho Netto

Tenho a honra de convidar a V. Ex. para collaborar nos trabalhos do proximo recenseamento geral da Republica, como membro de uma das Commissões Censitarias que devem funccionar no Districto Federal, de conformidade com o disposto no paragrapho unico do artigo 5.º da Lei n.º 4.017, de 9 de Janeiro do corrente anno.

Appellando para o esclarecido civismo de V. Ex., agradeço antecipadamente a fineza de uma resposta favoravel ao presente convite.

De V. Ex.
Att.o Ven.dor

Bulhões Carvalho.

I — 1, 2, 2

VIRIATO CORREIA

464.

Meu caro Coelho Netto.
Abraços.

Franqueza: sinto uma forte timidez no pedido que lhe vou fazer. na proxima quinta-feira (18 do corrente) vou fazer a minha festa artistica no S. José, com a *Sertaneja,* ja se vê. Era o momento em que eu precisava do appoio e do prestigio dos meus amigos. Esse appoio e esse prestigio eu desejava que os meus amigos me dessem tomando parte no intermedio literario que vou dar no fim da peça, se é que intermedio pode ser no fim.

Já convidei alguns amigos que se promptificaram a ir. Um dos meus maiores desejos é que Coelho Netto tome parte. Falta-me, porem a coragem de o convidar. Coelho Netto não quererá certamente ir até ao S. José, tomar parte no acto litterario de um plumitivo como eu.

No intermedio tomam parte: Goulart de Andrade, Hermes Fontes, Antonio Torres, José Oiticica, eu e outros que ainda vão ser convidados. Estou procurando fazer uma festa estrondosa.

Abraços do

Viriato.

I — 1, 2, 16

LAURINDO COSTA

465.

Casa de V. Ex.a, Rua de Passos Manuel, 211, 2.o *Pôrto*
Ex.mo Senhor Dr. Coelho Neto.

O livro que hoje envio é enriquecido com páginas de V.a Ex.a, que são artisticos baixos relevos.

Como a transcrição das páginas primorosas foi feita dum *Jornal,* natural é que tenha havido gralhas, que V. Ex.ª desculpará.

Com a mais distinta consideração, tenho a honra de ser de V. Ex.ª admirador muito obrigado

Laurindo Costa

I — 1, 5, 68

JOSÉ COELHO DE ALMEIDA COUSIN

466. *

Ao incomparavel Mestre
Coelho Netto

visita o
Almeida Cousin

autor do "Itamonte" que está com o livro quasi impresso e pede a Coelho Netto que seja o patrono da sua bra. O autor tem a fraqueza de querer para o seu livro patrono gigante, como só um existe. Espera seja-lhe marcada uma occasião em que possa ser recebido.

I — 1, 6, 18

MARIUS-ARY LEBLOND

467.

Vendredi soir.
Monsieur,

Je comptais partir demain matin pour la mer, mais je serais trop heureux de vous voir et retarde donc mon voyage. Monsieur Gahisto me demande de vous attendre à *le Né* 48 rue de Renns 48, demain à 4 heures. Vous me rendriez grand service en y venant plutôt à 2 heures, ce qui me permettrait de prendre le train de 4 heures. Si cela vous convient, vous seriez très bon de me le dire par pneumatique à mon adresse personelle 7 rue Guy de la Brosse 7, Paris.

Veuillez aggréer, Monsieur, l'expression de mes sentiments les plus distingués et dévoués

Marius-Ary Leblond.

7 rue Guy de la Brosse
Paris Ve

I — 1, 3, 53

* Cartão.

FERNANDO MAGALHÃES

468.

Ilustre e prezado Confrade Dr. Coelho Netto

Renovo a V. Ex. o meu pedido para comparecer á Liga da Defesa Nacional ás 18 horas de 29 do corrente, terça-feira proxima, afim de resolvermos sobre assuntos de imediato interesse e eficiencia a essa associação.

Muito cordialmente agradece

[*Rubrica*]
(Fernando Magalhães)

I — 1, 3, 87

ZILLA MARGUERITTE

469.

Mon cher confrère

Notre ami et votre colégue, M. Medeiros e Albuquerque, m'avait, au moment de quiter Paris, manifesté l'intention de vous aviser de mon passage à Rio. Je ne sais s'il l'aura fait, mais je suis très assuré de n'être fait importun en vous présentant son souvenir, et en me présentant, par la même occasion, a vous. Je pense arriver a Rio dans quelques jours quittant Buenos-Ayres, le 30 par la *Principessa Mafalda,* et me réjouis de retrouver, dans votre grand pays, des confrères et parmi eux Coelho Netto, grand romancier et dramaturge...

Que ce mot lui porte mon cordial et confraternel salut.

Zilla Margueritte

I — 1, 3, 90

CARLOS MAUL

470.

Querido amigo Coelho Netto.
Saudações.

Ahi vae um retrato da Eleonora (aliás, offerecido a d. Gaby).

Approveito a apportunidade para pedir um obsequio que, estou certo, V. não deixará de attender.

Trata-se do Luiz Guimarães. Elle prestou-me ha dias um favor de alta monta e, com uma circunstancia de valia expontaneamente. Sinto-me, por esse motivo, profundamente grato.

E como n'uma palestra sobre a Academia viesse a tona o seu nome, elle, referindo-se a V. com o maximo respeito mostrou-se receioso quanto á possibilidade de obter o seu voto.

Apellou por isso para os meus fracos prestimos, quando seria mais logico que recorresse ao prestigio de algum figurão.

Escrevo pois recordando-me ainda da ogerisa que V. ha tempos manifestou com relação a essa candidatura.

Terá V. portanto ainda algum escrupulo em revogar as disposições anteriores uma vez que isso proporciona um pouco de importancia e alegria a um amigo dedicado como eu?...

Poderei dizer ao Luis Guimarães que conte com o seu voto?...

Certo de que o meu fraco empenho encontrará em V. um éco, espero que caso ja não seja possivel votar nelle, não lhe combata V. a candidatura.

Agradecendo uma resposta

abraça-o o amigo sempre

Carlos Maul

I — 1, 4, 2

ANTÔNIO MORAIS

471.

Principe Coelho Netto.
Afetuosa visita.

Terminando em pranto pela terceira vez, a leitura do vosso lindo poema de dôr em prosa, intitulado — "Mano", me não pude conter: uma emoção profunda e uma comoção tamanha se apoderaram de mim, que, não pude ficar sem escrever-vos algo; quer pela sutileza da linguagem, quer pela eloquencia do lirismo, quer pelo fino sentimentatalismo do fundo.

Não é de hoje que data a minha imensa admiração pelo vosso enciclopedico saber, e pelas valiosas joias literarias que tendes produzido. Ja ha 14 anos, em minha plena infancia, era o "Patria Brasileira" — livro que colaborastes com Bilac — o meu mestre querido, o farol luminoso que me desviava do atro abismo da ignorancia para a senda fulgurante do saber!

Quando leio uma de vossas preciosas joias, fico como que impregnado da essência divina que dimana de vossas sàbias palavras, e

sinto aos poucos, o vosso saber infiltrar-se na insignificancia de minha inteligencia.

Querido mestre: não obstante o meu isolamento neste longínquo recanto sulino, contudo, não deixo de ter-vos bem pertinho de mim: dois passos apenas de onde vos escrevo esta. É que, me não contentando com o ter o meu ídolo só na mente, encimando a estante de meus livros, como um apóstolo do divino culto de Minerva e como o símbolo da sabedoria, tenho-vos tambem numa artistica ampliação.

Deveis lembrar que, em 1927, a revista "Para Todos" trouxe a vossa simpatica fotografia, e, graças a isso, consegui obter a vossa ampliação. E assim, como o idólatra permanece em postura reverente ante o seu ídolo querido, assim permaneço ante vós, pois tenho-vos a minha frente como um exemplo vivo da força de vontade.

Lembro-me de haver lido que, ha tempo, alguem em crítica, teve a petulancia de querer embaçar o brilho ofuscante do ilimitado saber que revelastes em vosso primeiro livro e aconselhar-vos a mudar de rumo, deixando a arte literaria; mas vos, não rendestes ante essa primeira etapa: impulsionado pelos vossos sonhos de moço, pela ancia de largos vôos das vossas inspiradas ideas que difundir-se-iam por todo o universo, lutastes, alcançando cedo, muito cedo, os loiros da vitória!

E hoje, quem sois? Autor de uma centena de primorosas gêmas, cujo valor literario constitue um precioso monumento, e — na expressão mais justa de Alvaro Moreyra — o Principe da literatura brasileira!

Enriquecendo a modesta estante de meus livros, ja conto dezena e meia dessas empolgantes maravilhas, sendo: "Jardim das Oliveiras", datilioteca que contem o colar das finas pérolas que são os vossos delicados contos, em cujo tesouro ofuscante salienta-se "Expulsa" — a pérola maior, "Fabulario", "Vida Mundana", "Miragem", "O Morto", "Treva", "O Polvo", "Inverno em flor", "Frechas", "A Bico de Pena", "Sertão", "Rei Negro", "Tormenta", "A Conquista" e finalmente "Mano", a vossa obra prima, o vosso grito de dôr inspirado do vosso Nume Tutelar, do vosso querido e malogrado Mano.

Guardo-as com o carinho do avaro que guarda o escrinio do seu tesouro.

Espero muito breve ter o orgulho de possuir a vossa coleção completa.

Felizmente tivemos a dita de ter um Coelho Neto para preencher com vantagem as lacunas deixadas nas letras pela minha tríade predileta: — Assis, Alencar e Euclydes da Cunha o nosso Ingenieros brasileiro.

Carissimo amigo: apesar da distancia que nos separa, todavia, os vossos feitos e as homenagens que recebeis, me não são despercebidos, pois tenho, com imenso prazer, vos acompanhado pelos jornais, em todos os passos de vossa preciosa existencia: quer nas vossas alegrias, quer nas vossas dores. Acompanhei-vos na vossa alegria pela exito que foi coroada nas escolas quando foi aclamada rainha dos estudantes a vossa querida Zita; acompanhei-vos na vossa dôr pela perda irreparavel do vosso idolatrado Mano; acompanhei-vos na ocasião em que, com todo o acerto, Rio em peso vos tributou merecidissimas homenagens, dando o vosso precioso nome a uma das belas ruas daquela encantadora metropole; acompanhei-vos no vosso prazer por ocasião do enlace feliz de vossa filhinha Violeta, e, finalmente, na vossa dôr tremenda com o passamento de D. Gaby vossa pranteada e inolvidavel esposa. Podeis crer que tendes em mim o maior dos vossos admiradores.

Assim como o batracio da lenda vive a mirar com enlevo o argênteo disco da lua, assim vivo eu, enlevado pelos astros que produzistes.

Com admiração e amizade respeitosamente vos abraça o

Antonio Morais.

I — 1, 4, 18

GASPAR DA SILVA

472.

Lisboa, 19 de Agosto
Rua de Paschoal de Mello, 60 — 1.º
Meu caro Coelho Netto.

Que prazer me causou a tua linda carta! Não te havias esquecido de mim. Isso consolou-me um pouco d'uma certa amargura que tenho dos rapazes do meu tempo.

Eu não sou vaidoso, mas fiz alguma coisa no Brasil, alguma coisa boa, no meio de muita leviandade: andei fundando jornaes por toda a parte, em Sorocaba, na Franca, em Uberaba, em S. Paulo; esses jornaes tiveram sempre um cunho litterario que os distinguia; foi no *Diario Mercantil,* de S. Paulo, cujas columnas eu franqueava aos novos, que começaram a brilhar nomes que hoje são celebres — lá escreveram o Theophilo Dias, o Murat, o Xavier da Silveira, o Alberto Torres, o Augusto de Lima, o Raymundo, o Fontoura, o Assis Brasil, o Affonsinho e creio que tu mesmo publicaste lá um conto.

O *Mercantil* marcou epoca, sob a minha direcção. Foi o primeiro jornal que teve telegrammas directos da Europa.

O velho Lisboa, quando soube disso, disse que eu e o Léo estavamos doudos.

Fomos nós que nos lembrámos audaciosamente de levar a Sarah Bernhardt e o Coquelin a S. Paulo. Ninguem pensava n'isso. Era impossivel. A Sarah só trabalhava em grandes capitaes. Com dois telegrammas que lhe expedi, saudando-a à chegada ao Rio e convidando-a a ir a S. Paulo, que era a *capital artistica do Brasil,* venci tudo. Esta phrase, que eu proprio attribui depois á Sarah, foi minha.

Na campanha da abolição, arrisquei a cabeça. Andei com o Raul Pompeia por esses Mogyses a fazer conferencias abolicionistas, isto no periodo mais agudo da questão. Fui dos primeiros a acompanhar o Luiz Gama na prapaganda e mais tarde o Antonio Bento, historiando a sua acção, citou o meu nome como um dos seus mais dedicados auxiliares. Isto sabe-o toda a gente do meu tempo. Nunca tive, porem, a satisfação de ver uma referencia a estes pequenos serviços que prestei ao Brasil. É amargo.

A tua carta suavizou um pouco essa amargura. Tu, que és hoje talvez a primeira figura litteraria da tua patria, não te esqueceste do Gaspar da Silva, que tão enthusiasta foi sempre e é ainda hoje da intellectualidade brasileira. Déste-me uma alegria, que muito te agradeço.

— Passemos a falar do Adelino e do Gualdino Gomes.

Eu ainda não mostrei a este a tua carta, porque tenho estado fóra de Lisboa, a tratar do figado.

Empenhar-me-hei por que elle se encarregue de escrever a biographia e a critica do grande lyrico, sem lhe falar em remuneração, mas entendo que lhe devem pagar.

O Gualdino fará um trabalho interessantissimo e completo, porque viveu intimamente com o Adelino, ouviu-lhe contar a vida aventurosa, os amores, as pandegas, as fomes e as raras alegrias. Conhece-lhe a fundo a raça, o temperamento, a intelligencia e o coração.

Ninguem é mais competente para tratar do Adelino, para o resuscitar. Mas o Gualdino é um bohemio, vive com muitas difficuldades: devem pagar-lhe, para elle trabalhar com o espirito desoppresso e o estomago confortado. Já mandei dizer isto mesmo ao Barcellos.

Quanto á trasladação dos ossos do Adelino, creio que surgirão difficuldades e até impossibilidade de a realizar, como aconteceu com o Guilherme de Azevedo, em Paris.

O Adelino foi sepultado no Cemiterio dos Prazeres em campa rasa. O Gualdino sabe o logar, mais ou menos, mas é possivel que ja se tenham feito outros enterramentos em cima — o que acontece

quando não se adquire o terreno. N'esse caso, como descobrir os ossos do Adelino? Se elle estivesse em caixão de chumbo, havia esperanças.

Quem deve tratar d'isso, ouvindo o Gualdino, é o Pontes, consul.

Alonguei demais esta carta, escripta de corrido. Termino com um abraço m.to saudoso.

Teu velho

Gaspar da Silva.

I — 1, 5, 19

MISSIVAS QUE FOGEM À NORMA DO ÍNDICE

DR. BROCCHI

473. *

Place de Nancy
Parc d'Aviation 101 — 8 Avril 1913

Cher Monsieur.

Que d'événements depuis Plombières en 1913. Je sais quelle sympathie vous avez toujours bien voulu me témoigner en parlant de notre pays, et j'ai gardi le plus charmant souvenir des conversations que nous avons eues ensemble. Mais enfim après 9 mois de guerre, nous sommes très contents et très confiants en l'avenir. J'aurais peut être été vous rendu visite dans votre beau pays, sans les terribles circonstances qui ont bouleversé le monde. J'espère beaucoup l'an prochain, si Dieu me prete, réaliser le projet d'aller au Bresil. J'espère Monsieur que vous et les vôtres étés en bonne santé. Veuillez vous à mes bien sympathiques souvenirs.

Brocchi.

I — 1, 6, 70

ELPÍDIO

474.

Paris, 3-12-913

Caro Coelho Netto

Logo após a sua partida lhe escrevi. Faço sinceros votos para que vá se dando bem ahi, assim como D. Gaby e a meninada.

---

* Cartão postal.

Eu e os estudos continuamos perfeitamente, e os meus distinctos professores cada vez mais satisfeitos commigo. Infelizmente porem fui forçado a umas vacances de 15 dias a conselho medico. Com uma constante dorsinha de cabeça e uma insomnia implacavel, fui ao medico, que diagnosticou começo de *surmenagem*. Mas, ao que me parece, isto não tem importancia —, dentro de uns 10 dias, estarei de novo na lida.

V.ce que aqui esteve pode ter visto em que difficuldades financeiras me vejo para aguentar a linha e para que os meus estudos tirem da minha estadia aqui o melhor proveito.

O meu orçamento é, sem tirar nem por, de quasi 600 francos, restando-me uns 60 a 70 francos para papel, opera, opera-cômica, concertos, locomoção, etc... etc...

Acontece que, pagando eu a Paul Vidal 20 francos por lição, só me é possivel 4 lições por mez. Ora, o tempo urge e eu preciso augmentar essas lições a 8 por mez. Depois, cousa ainda mais importante; mui brevemente precisarei do meu libreto e não sei como pagal-o...

Um amigo aqui, lembrou-me que na Camara poderia ser apresentada uma indicação na cauda do orçamento para que a minha pensão seja considerada em curso. Ja escrevi ao Rogerio a respeito e agora venho pedir o seu concurso para essa tentativa de melhoria da minha situação financeira aqui. Ninguem melhor do que Vce pode servir de testemunha da minha situação aqui.

Com a medida que, mesmo receioso, como estou, de que me julguem um exigente, abusando da boa vontade dos meus amigos, agora peço ao Rogerio para pôr em pratica, quanto não lucrarão os meus estudos e quanto maior não serão as probabilidades de um exito final? Na verdade, com o augmento dos meus recursos financeiros aqui, poderei estar mais em contacto com o Paul Vidal dupplicando as lições, as bellas e instructivas lições delle, assim como poderei ser mais assiduo na Opera e Opera-Comica, assim como nos concertos symphonicos. A começar de 10 a 15 de cada mez, nada disso existe para mim, por falta absoluta de recursos!

Peço-lhe pois que se entenda com o Rogerio a respeito, assim como com o Dias de Barros, a quem tambem escrevo agora, e Vces trez reunidos poderão perfeitamente melhorar a minha situação de estudante — que deseja aproveitar o mais possivel esta occasião unica para tentar a realisação do meu ideal.

Saudades muitas a D. Gaby, beijos aos meninos e abrace ao

amº certo e ob.º

Elpidio.

I — 1, 5, 52

ADALBERTO

475.

Meu caro Netto,

Estrellas de café-concerto, *chemineaux,* e diplomatas gozam privilegiadamente da doçura de não lembrar. Esquecer é renascer. O nosso fado errante propicia o desenvolvimento, até a hypertrophia, dessa faculdade do olvido, presente dos deuses, sem a qual nenhuma vida bohemia seria possivel. Creio mesmo que é a Fada Amnesia quem inclina para o nosso lado a urna da Fonte de Juventa, fazendo a nossa mocidade mais longa que a dos sedentarios.

É por isso, talvez, que os vagamundos têm todos a mesma aspiração egoista de não ser esquecidos dos poucos de quem se recordam, dos raros a quem amam. E não imagina Vcê o contentamento que me deu a sua carta! Tinha eu sahido de excursão com uma bandada de amigos e amigas, a fazer a classica volta da Hollanda de opereta, que se balisa com Alkmaar, Volendam, Monnickendam e ilha de Marken, quando, numa das etapas, trouxeram-me o meu correio. Tal terá sido a expressão d'alegria destacando do maço o seu sobrescripto e lendo a carta, que alguem, olhando com interesse o enveloppe, observou: "Que miniatura de lettra! As mulheres do seu paiz ainda não adoptaram a moda da grande escriptura á ingleza?" E, se a telepathia é um facto, Vcê. deve ter sentido, lá longe, o remorso da *scena* que me representaram, nessa noite, ao jantar, e que, para minha tranquillidade digestiva, não passou além do peixe. Estas lindas *marionettes* do *Guignol* mundano não têm ciumes, nem amor, nem appetite, nem nada por mais tempo que o preciso para tragar uma sopa e uns *hors-d'oeuvre.* Que orgulho, amigo meu, o de ser um barbaro, com instinctos e sentimentos de verdade, que se destacam entremeio das paixõesinhas d'estas gentes commedidas e cultivadas até o scepticismo. Oh! nada do scepticismo philosophico — o da impotencia simplesmente.

Quando olho ao meu redor a população da Ilha da Neutralidade, outro nome d'estes Baixos Paizes, fico-me a pensar se a guerra, que transfigurou a França e a Belgica, foi e é um grande mal ou um grande bem. O crime allemão é o Horror, mas só este cyclone de fogo e de ferro podia purificar as raças supercivilisadas, amollecidas no luxo industrial, desfibradas na devassidão de comer sem fome, beber sem sede e copular sem amor e sem lucta.

Hontem interrompi esta carta e, retomando-a, sinto a injustiça do que escrevi. Chego de visitar as creanças francezas que vieram á Hollanda convalescer da *enfermidade da guerra.*

O desenvolvimento physico das tristes creaturinhas parou ha 30 mezes. As que contam 10 annos têm pouco mais de 7, como uma pobresinha que me dizia, fallando da irman moça: "L'officier boche l'a violée et puis après les autres l'ont tuée avec leurs corps". Adivinha Vcê. o meu estremecimento ao ouvir isto dos labios da pequenita!

A tragedia quotidiana, que, durante mais de dois annos, no Norte da França, foi o espectaculo normal offerecido á contemplação d'estas creanças fez-lhes uma alma extranha. Os estupros, os fuzilamentos, o diario contacto com os mortos de morte violenta — a visão continua do Horror — transformou-lhes o espirito infantil numa psyché monstruosa, sem parelha em nenhuma epocha, em nenhuma historia! Nos seus olhinhos, que haviam de ser ingenuos e risonhos, ha o receioso olhar da caça perseguida, do cervo acuado.

Lá longe, onde Vcês. estão, por mais que leiam e por mais que imaginem, nunca hão de ter a impressão da crueldade alleman como a receberam e guardarão para sempre os que viram estas creanças rachiticas e velhas. E tenho medo que a guerra acabe antes da hora do castigo. A lassidão é geral. Os Russos deitaram a perder a campanha do verão e me temo que mais um inverno extenue as ultimas energias.

A esperança é a America e os Estados Unidos. Saxões teimosos, pode ser que elles consigam insuflar a sua obstinada tenacidade nos outros alliados. Senão... senão é a paz deshonrosa e a inutilidade dos sacrificios consentidos.

Aqui, neste paiz de traficantes enriquecidos com a guerra e tementes a ver o producto do seu commercio arriscado na phase final da lucta, se esta durar — aqui, digo eu, tramou-se a conferencia de Stockholmo, felizmente gorada. Nunca pensei coisa possivel a paz como resultado da parlantina socialista, mas receio que os socialistas, outra vez internacionalmente ligados, suscitem grandes difficuldades á acção dos governos. E a verdade é que o povo francez está quasi exgottado e o inglez sente já o cansaço do immenso esforço, que jamais acreditou que lhe tocaria. Já sei que da Allemanha vêm noticias semelhantes, mas a vocação innata do allemão é servir, obedecer, e o governo sabe que a dynastia não sobreviveria á derrota, ou a uma paz alliada. O imprevisto *outsider* seria uma revolução democratica, como a russa. Esperemos que ella se realise o mais breve possivel. Esperemos, mas não confiemos muito... apezar das ultimas sessões do Reichtag serem animadoras.

Bem queria escrever-lhe uma carta ligeira, cheia de novidades agradaveis de lêr, mas deixei-me ir ao assumpto que absorve todas as forças d'attenção de toda a gente e, de medo de não lh'as mandar, nem releio estas folhas desalinhavadas, preenchidas no clube, nos unicos momentos que tenho de meus. Porque o trabalho continua a ser in-

tenso. Estou pondo todo o meu empenho em fazer desviar para o Brasil uma parte do capital holandez. Assim, depois da guerra, os allemães encontrariam um concurrente já installado. Alguma coisa já fiz e tenho esperanças de conseguir melhor para breve.

E basta, por esta vez.

Peço-lhe que dê muitos recados meus à Dona Gaby e creia Vcê. sempre no seríssimo

Adalberto

Haya
9.X.1917.

I — 1, 5, 51

MARCONDES

476. *

Rio de Janeiro, 26 de Abril de 1919

De ordem do Snr. Presidente, communico-vos que ás 20 1/2 horas de 30 do corrente, reunir-se-á o Conselho desta Confederação para tratar da seguinte Ordem do Dia

Eleições. C. B. D. Football e Torneios Nauticos Intern.ais

Inaugurando-se a nova sede, com a presença do Dr. Frontin, pede o Snr. presidente o obsequio do vosso comparecimento.

Marcondes
2.º secretario

I — 1, 6, 74

C. A. M.

477.

S. Paulo. 29. 11. 1924.
Meu querido Coelho Netto:

Tenho estado doente e, mais do que isso, desencorajado e de tal forma que me não sinto com animo para coisa nenhuma.

Felismente, desde ante-hontem que a coisa se vai equilibrando. Já não é sem tempo...

Tens ahi a razão do meu silencio.

---

* Cartão.

Escrevi a D. Francisca duas linhas, a correr, num cartão de visita, de passagem pelo escriptorio do Monteiro sabado, ao voltar do consultorio do meu medico — que justamente nessa tarde intimou-me a fazer uma estação daguas. Farei isso em fins de Março — ou principios de Abril.

Nada me tens dito sobre a querida D. Gaby. Como vae ella?

A carta endereçada à Leonardo Guerreiro do Couto — rua Guilherme Maw — 4, foi entregue — bem como a do Zito ao Gelosio. Entreguei-as eu pessoalmente aos destinatarios.

Foram tambem entregues todos, *mas mesmo todos,* os exemplares do *Fogo de vista* e, se ninguém te accusou o recebimento, a culpa me não cabe.

Agora o assumpto mais importante: logo que dahi cheguei, procurei o Viriato para receber os teus direitos de autor.

Não encontrei má vontade alguma. Ao contrario disso: muita gentileza. Disse-me que esperasse o Mario Domingues, no momento ausente, em viagem, e que é o encarregado desses pagamentos. Com o Mario, muito depois de minha entrevista com o Viriato, encontrei-me e facilmente liquidei o caso. Pagaram-me 280,00 pelas 7 representações em S. Paulo do *Fogo de vista.*

Se hoje fôr a cidade, hoje mesmo te remetterei essa quantia num cheque.

— A Casa Garraux tem no mostruario varios exemplares do *Fogo.*

Passamos-te um telegramma no dia de teus annos.

Se te não chegou as mãos, a falta é do telegrapho.

Manda-me noticias tuas e de D. Gaby, cujas mãos beijo com muita saudade.

Tem sempre

C. A. M.

I — 1, 3, 80

RAFAEL

478.

Netto, irmão,

Aquelle deslumbramento, de terça-feira ultima, não seria completo, si ao fulgor da apotheose, não se juntasse a fanfarra triunfal do teu verbo inexcedivel. Foste, mais uma vez, helenico. Nada, a meu ver, recorda a Helade, como o Brasil. Foste, portanto, eminentemente

brasileiro. Fizeste sorrir, fizeste chorar. Temperaste, com a magia da tua arte, accentos eschylianos e tonalidades aristhofanescas. Estavas, no theatro, tinhas a tua disposição as "duas mascaras". Maravilhosamente, te serviste de ambas.

Eu queria agradecer-te. Tenho, porem, uma duvida de caracter disciplinar: É licito, ao soldado, agradecer ao general, que o conduz á victoria?

Tu foste, na memoranda noite, o nosso estratego incomparavel. Percebes, pois, e, perdoas, certamente a hesitação...

E, emquanto, a não resolvo, recebe o sincero e commovido abraço do admor e irmão de sempre.

Raphael.

Toneleros 159. 5/XL/925.

I — 1, 5, 54

LA PRENSA (jornal argentino)

479.

Buenos Aires, julio 21 de 1926.
Señor
Coelho Netto.
Distinguido señor:

La presente tiene por objeto confirmarle la aceptación que de sus colaboraciones literarias tuve el gusto de hacer tiempo atrás por intermedio del señor Ubatuba. Me es grato a mi vez expresarle que con la incorporación a mi diario de un escritor de la justa nombradia de Vd. no hago sino proseguir mi campaña de aproximación americana. La intelectualidad brasileña siempre hallará eco en las columnas de LA PRENSA que se abre desde hoy, en la persona de Vd., a uno de los más significativos cultores de las letras.

La colaboración será mensual, a razón de 100 pesos por artículo que refleje la vida literaria o artistica del Brasil. Apreciando debidamente sus dotes de novelista, recibirá asimismo cuentos o relatos de interés novelesco toda vez que Vd. lo crea oportuno.

Saludo a Vd. con mi consideración más distinguida.

[*Assinatura indecifrável*]
Director

N.B. En cuanto a la extensión de los artículos, cúmpleme comunicarle que el limite de extensión es de una columna y media.

I — 1, 5, 55

LA PRENSA (jornal argentino)

480.

Buenos Aires, agosto 27 de 1926.
Señor
Coelho Netto,
79 Rua do Rozo. — Rio de Janeiro.

Estimado colaborador:

Con verdadero agrado ofreceré a nuestros lectores el primer artículo de su colaboración, que recibi ayer acompañado de su amable carta del 14 del mes en curso.

No dudo que esa correspondencia, de positivos valores, agradará al público lector que espera con mucho interés el placer de gustar a uno de los más distinguidos exponentes de la mentalidad del país hermano.

De acuerdo con sus deseos, he impartido ya las instrucciones correspondientes a fin de que reciba Vd. regularmente las ediciones diarias de LA PRENSA.

Con este motivo, me complazco en renovarme su affmo.

y S. S.

[*Assinatura indecifrável*]
Director

I — 1, 5, 56

[INDECIFRÁVEL]

481.

Rue d'Artois, 40.
Paris — 6-10-1930.

Meu caro Netto,

Ha muito tempo não te escrevo. Não tive, porem, resposta aos postaes e á carta que te enviei da Italia (ha muitos mezes) e daqui. As unicas noticias que tive de vocês foram as que me deu o Martins Fontes em julho, quando aqui esteve!

Pas de nouvelles bonnes nouvelles. Espero que assim seja e que tudo em teu lar e em tua vida respire paz e alegria.

Na carta que te escrevi daqui mandei-te dizer a tragi-comedia de minha viagem ás celebridades allemans, que não chegaram a diagnos-

tico a cerca de meus males. Aqui, o repouso me tem dado melhoras. Já faço meu quilometro a pé, sem angustia.

Vendi a edição, ou antes, os direitos da edição franceza de meu ultimo livro a um livreiro parisiense. Tenho, porem, andado em roda viva quanto á traducção. É empresa quasi invencivel!... Indicaram-me tres e cada qual peor! Acabei por acceitar a traducção do terceiro que o editor entregará a um escriptor francez para remodelar, pois como está é impublicavel. A proposito do que fazem taes traductores, envio-te um livro que me deu o Santos Lobo e no qual ha uma cinca de um de teus traductores, pela qual com certeza já te descabellaste (Não poderia fazer o mesmo porque a calvície me tirou este recurso de desespero).

Disse-me o Fróes que o *Candide* transcreveu o infiel passo, sem, porem, o levar á conta do traductor (não fosse elle francez!...) Não vi tal transcripção, pois teria escripto ao jornal pedindo-lhe que desse o seu a seu dono, fosse elle embora de sua mesma raça.

O Fróes cá está ha longos meses. O tal theatro internacional, a respeito do qual muitos telegrammas se enviaram para ahi, nunca passou de vaga idéa.

Como vae Gaby? As meninas já se casaram? Manda-me noticias minuciosas de todos vocês. Não sei se ahi se lembram de mim. Eu, porem, tenho muitas saudades de minhas visitas a esse canto de um velho affecto que me traz tantas recordações. Manda-me, igualmente, tuas ordens.

Da outra feita escrevi-te a machina, para que não reclamasses contra minha aliás elegante caligraphia. Desta vez, já que não tive resposta, vae a mão. Aguenta-te. Muitas e muitas saudades a Gaby e aos teus! Um abraço do

[*Rubrica*]

I — 1, 5, 60

[INCOMPLETA]

482.

Eminente patricio Coelho Netto.

12 de Outubro de 1931.

Dês que sahi do Rio não tive, digno Escriptor, eminente da Academia, a quem, propriamente, mandasse pezames pelo fallecimento de João Rodrigues saudosissimo organisador do Centro Maranhense nessa Capital. Amigos do Maranhão ahi os tenho bastante, mas hoge quasi todos afastados da actividade, não sabendo ao certo o en-

dereço de José Maria e Henrique Almeida e do genial Domingos Barbosa com os quaes estive ultimamente no Rio de Janeiro. Assim como estivesteis na ultima sessão do Centro presidindo, lembro-me, digo presidindo o Centro Maranhense mando, agora, um pouco tarde, as minhas condolencias, não só aos maranhenses residentes no Rio como a si proprio, a quem aquelle patricio tanto elogiou em vida conforme tenho de memoria. Factores extremamente exigentes de vida no Rio fazem-me demandar estas regiões do sul, como acontece commigo agora que estou em Minas fazendo conferencias literarias. Parece-me que o vôou é muito grande e ao mesmo tempo muito pequeno para mim que não tenho um cerebro e uma cultura previlegiados. No entanto si financeiramente a maior parte da população de Minas é economica até ao extremo, não deixa de ter qualidades outras apreciaveis que nos captiva. Deste modo é preferivel supportar esta situação que viver no Rio acalentando no espirito uma esperança que a sociedade cultua e adora, mas que é a situação palpavel da miseranda avalanche de necessitados que transmigram do norte em sua mór parte com os poucos do sul (numero limitadissimo!) e que vão se arrastando na via publica do postibulo ao alcance, aguardando com ancia os favores dos endinheirados e vivendo por fim da caridade publica. Os que subiram na escala social como João Rodrigues e outros e não foram prevenidos em suas economias hoge padecem do mesmo mal que *eu a representação maxima da educação, da justiça do cavalheirismo, da fidelidade em extremo.* O mal não está somente na economia: está em haver estudado antes, aprendido bem, saber fazer amigos, dignos de admiração e de carinho. Como ao illustre patricio assim hei escripto a Rodrigo Octavio a Pedro Mibielli aos maiores da politica do Maranhão e do Brasil. E porque não ocupo posição de destaque, meu digno patricio? Responda-me — . . . .

I — 1, 5, 57

ELZA

483.

Ribeirão-Preto, 29-2-932.
Prezado Sr. Coelho Netto.

Sempre tenho seguido aos impulsos do meu coração, que sendo muito criterioso vive de mãos dadas com a razão "agem juntos".

Venho repartir com o bom e illustre amigo e Mestre, as felicitações, palmas e alegria verdadeiramente patrioticas que me emocionam até ás lagrimas.

O comité pró-constituinte de Ribeirão-Preto convidou-me para fallar no comicio do dia 24 em nome da mulher paulista.

Escrevi esse trabalhosinho, que lhe envio e creia que mais de seis mil pessoas ouviram-me emocionadas e ao terminar fremiram de enthusiasmo patriotico! Estive calmissima e fallei com o melhor de minha'alma, com a expressão sincera de quem já soffreu...

Fallei á minha gente sentindo latentes as fibras de descendente de "Bandeirante" na hora amarga que vive S. Paulo. Estou grandemente recompensada e espero que, o senhor tambem ficará contente. Queira acceitar um abraço do meu Francisco que não occulta a satisfação que lhe causou a sua Elsa, sabendo honrar duplamente — a mulher paulista e o seu grande illustre mestre Sr. Coelho Netto.

Nossas affectuosas saudades a todos dessa querida casa e o Senhor queira abraçar os seus amigos e discipulos dedicados e gratos,

Elza e *Francisco.*

I — 1, 5, 53

CARTAS À D. GABI (GABRIELA C. NETO)

BILI

484.

28 — Julho de 1904

Gabi

Agradece ao Netto o que escreveu hoje sobre o nosso Patrocinio; elle felizmente não nos esqueceu.

Pede ao Netto que me arranje 200$000 duzentos mil reis para amanhã; estamos tão precisados d'essa quantia, que não sei o que será senão os tiver até amanhã.

Amanhã ás 2 horas ahi mandarei um portador de confiança buscar a resposta.

Ainda uma vez agradece ao Netto por mim e por meus filhos o que elle escreveu sobre o nosso Patrocinio.

Acceita um abraço da amiga

Bili.

I — 1, 5, 61

ANÍBAL TEÓFILO

485.

Rio, 28 de Agosto de 1913.
Minha bôa Comadrinha.
Saude paz a Snra. e ao Henrique.

Não tenham cuidado nos filhos que vão bem.

Fui 2 vezes ver como iam. A primeira vez encontrei o João e o Paulo no portão, — festejaram-me ruidosamente com o costumado "Olá, Chico Lambeta". Perguntei por todos a velha Bá. Não entrei porque o Sylvio não estava e a Snra. d'elle havia sahido com as pequeninas. A segunda vez entrei e fiz uma vizita rapida sabendo que todos continuavam sem novidade.

De então para cá tenho andado atarefadissimo, *encrencado* a escrever uma conferencia que será lida no Jornal do Commercio, pois o Alcides sem consultar-me ou avisar-me sequer, incluiu-me na lista dos conferencistas d'este anno. Elle não se convence de que eu só sei fazer versos simples e quer a força collocar-me em *parédrica* evidencia. Que teimoso!

Espero, ou melhor, esperamos todos que a Comadrinha se arme da maior paciencia para que o Netto complete o curativo que foi fazer. Esconda bem as saudades da patria, dos filhos e dos amigos, para não o precipitar a volta sem saude perfeita. Ninguem lhe perdoaria se o trouxesse doente ainda para o convivio dos que muito o querem e muito o admiram.

Muita calma e aguce a curiosidade ante as velhas maravilhas de que esse velho mundo está cheio, para contar-nos as suas impressões, na volta, com o brilho e a graça que tanto a distinguem.

Um grande abraço ao Netto e aqui fica ao inteiro dispor o
am.º resp.ºr muito grato e firme

Annibal Theophilo.

I — 1, 5, 36

JOÃO DO RIO (pseud. de PAULO BARRETO)

486.

Em Paris, a 8 fevereiro, 1914
D. Gaby

Um grande praser em receber o seu cartão. Grande e duplo, por ser de pessoa de tanta estima e porque me aclarou com elle a opinião sobre as impressões do Netto.

Uns diziam-me: Netto saiu odiando Paris
Outros: Netto não comia em Paris
E ainda outros: — Netto foi mal. Comia muito.

Só concordavam todos num facto de q. aliás não me admirei: — D. Gaby voltou ainda mais parisiense.

Ora, pelo seu cartão vi q. Netto devia ter gostado tambem e só tenho pena de não os ter encontrado cá.

No Cairo comprei dois elephantes. Um d'elles (terrivelmente feio) é seu.

A minha *Mme Vargas* foi em Lisbôa. Que terá acontecido a essa senhora só, sem companhia, na capital do Bernardino Machado? Corro a vel-a, e de lá parto a 22 para o Rio no Blücher. Ai de mim! Já começo a sentir os 54.º da amena temperatura carioca...

Beija-lhe a mão com respeitosa
estima o seu dedicado servidor

João do Rio.

I — 1, 1, 33

CIRO DE FREITAS VALE

487. *

Ahi vão os meus melhores votos de felicidade pelo seu anniversario. Bem vê que a distancia, ao contrario do que succede com o meu querido Coelho Netto, em mim só aviva a lembrança dos amigos em verdade inesqueciveis. Do muito admirador

Cyro

Southampton, em 25.7.1919.

I — 1, 6, 68

M. CASTRO MONTES

488.

Campinas, 22 — 4.º — 30
Ex.ma D. Gaby

Desta vez fomos felizes, pois com facilidade foi encontrado, nos livros do Cartorio de S.ta Cruz, a certidão do *baptismo* civil de sua dilecta filha Zita, nascida em 1.º de Janeiro de 1904, em Campinas!.

---

* Cartão postal.

Por tanto, é com muito justificado prazer que aqui junto a referida certidão, ficando satisfeito de ter esta occasião de prestar a amigos que tanto são de minha estima, tão insignificante serviço.

Sempre prompto para o que puder prestar a seu serviço aqui continua sempre affectivo o velho e dedicado amigo e compadre

Castro Montes.

I — 1, 5, 62

OSVALDO ORICO

489.

Rio, 14 de junho de 1930.

Dona Gaby. Saudações respeitozas. A primeira emoção que recebi ao ter noticia do premio que me conferiu a Academia de Letras, pela indicação autorizada do relator da comissão julgadora de romances, só podia ser traduzida com um punhado de flores. Enviando-as á Senhora, eu quiz a alegria de testemunhar ao seu grande espozo e meu prezado amigo a minha admiração pela nobreza do seu julgamento, tão sereno e tão belo nas circunstancias que o rodearam. Não foi apenas o contentamento pessoal que me animou a prestar-lhe essa homenagem: mas tambem a certeza de que o julgamento de Coelho Netto resultou de uma consulta demorada e rigoroza aos trabalhos aprezentados, o que torna mais expressivo o seu veredicto. Na satisfação espiritual que me deu a leitura do parecer do mestre d'"A Conquista" e d'"O Sertão", quero evocar a primeira vez que fui recebido em sua caza e tive o prazer de conhece-la, Dona Gaby. Lembro-me bem de suas palavras animadoras, exalando o perfume da hospitalidade e da simpatia. Evoco-as neste momento, para transmitir-lhe os votos que eu, minha mulher e minha filha fazemos a Deus pela sua saúde, pedindo que repovoe de graças o seu lar tão cheio de tradições.

Devotadamente, seu at^{o} patr. e cr.

Oswaldo Orico.

I — 1, 5, 63

CARLOS MALHEIRO DIAS

490.

Casa de V. Ex.^{a} — Rua Paissandu 111

Minha Senhora e minha boa Amiga,

Uma prosaica e atroz dôr de cabeça, que trouxe do cemiterio, aonde fui acompanhar o enterro do secretario de redacção do "Jornal

do Brasil", torna-me imprestavel e inutilisado para o cumprimento da minha promessa. Espero, porem, que D. Gabby me proporcionará bondosamente outro ensejo de ir á hospitaleira e tão querida casa da rua do Roso. Contraria-me immenso faltar á entrevista de hoje, pois lhe queria pedir lisença para lhe apresentar minha mulher e offerecer-lhe em nome de nós ambos a nossa casa.

Beija-lhe com respeito as mãos o seu

grato e muito amigo creado

Carlos Malh.º Dias.

I — 1, 5, 65

ÍNDICE SINÓPTICO-REMISSIVO

ALBUQUERQUE, JOAQUIM JOSÉ CAMPOS MEDEIROS E.

267. Trata de eleições na Academia Brasileira de Letras e envia um livro de Paul Claudel.

268. Participa que na época das eleições para a Academia já estaria no Rio.

269. Trata de colaborações para periódicos.

ALENCAR, ALEXANDRINO DE.

377. Restitui um lenço que lhe fôra emprestado numa cerimônia da festa da Bandeira.

ALENCAR, MÁRIO COCKRANE DE.

378. Tece comentários sôbre peças teatrais de C. N.

ALMEIDA, FIALHO DE (veja-se ALMEIDA, JOSÉ VALENTIM FIALHO DE).

ALMEIDA, FILINTO DE.

357. Trata da publicação, na imprensa, de falsas notícias sôbre C. N.

ALMEIDA, GUILHERME DE ANDRADE E.

328. Pede o patrocínio de C. N. para uma reunião literária.

329. Agradece voto recebido.

ALMEIDA, J. MAGALHÃES DE.

334. Remete um retrato e autógrafos de João Francisco Lisboa.

335. Remete fotografias do Maranhão, para o **Grande Dicionário Português Ilustrado.**

ALMEIDA, JOSÉ VALENTIM FIALHO DE.

298. Envia votos de Feliz Ano Nôvo.

299. Trata de assuntos particulares.

ALVES, AMILAR.

456. Pede que escreva algumas palavras a respeito de seu drama **Degenerados.**

AMARAL, AMADEU (veja-se PENTEADO, AMADEU ARRUDA AMARAL LEITE).

ARARIPE JÚNIOR, TRISTÃO DE ALENCAR.

304. Felicita C. N. pelo êxito do drama **Bonança.**

305. Chama a atenção de C. N. para artigos que vem publicando.

AZEREDO, CARLOS MAGALHÃES DE.

372. Trata de assuntos particulares.

AZEVEDO, ALUÍSIO TANCREDO GONÇALVES DE.

255. Agradece crônica de C. N. a seu respeito.

256. Justifica voto nas próximas eleições da Academia Brasileira de Letras.

257. Promete auxiliar a resolução de problemas com que se depara um amigo comum.

AZEVEDO, FERNANDO DE.

415. Agradece a oferta do livro **Vida Mundana.**

AZEVEDO, JOAQUIM.

441. Comunica sua volta ao Brasil.

AZZI, PIETRO.

407. Pede autorização para traduzir para o italiano a obra **Inverno em Flor.**

BARBOSA, DOMINGOS.

198. Dá notícias de suas atividades literárias.

199. Fala da resolução de Antônio Lôbo de se candidatar à Academia.

200. Agradece ter sido escolhido como representante de C. N. na inauguração da estátua de João Lisboa.

201. Declara que nada poderia fazer pela reeleição de C. N.

202. Despede-se do amigo.

BARRETO, EMÍGDIO DANTAS.

80. Trata de sua candidatura à Academia.

81. Mostra-se pessimista a respeito de sua candidatura à Academia.

82. Mostra-se inclinado a não mais se candidatar à Academia.

83. Fala de sua candidatura à Academia e faz considerações sôbre os intelectuais brasileiros.

84. Queixa-se de não ter recebido um cartão de C. N.

85. Fala sôbre Gilberto Amado.

86. Fala sôbre a escolha de candidato à Academia na vaga de Rio Branco.

87. Trata da crítica que fizeram a seu livro **Destruição de Canudos.**

88. Fala da crítica feita ao seu livro **Destruição de Canudos.**

89. Fala sôbre a escolha de candidato à Academia Brasileira de Letras.

90. Fala sôbre as eleições para a Academia Brasileira de Letras.

BARRETO, MÁRIO.

336. Comunica sua candidatura à Academia, na vaga de Mário de Alencar.

337. Desculpa-se por não levar pessoalmente uma correspondência.

BARRETO, PAULO (veja-se **RIO, JOÃO DO,** pseud.).

BARRIOS, A.

380. Agradece artigo sôbre sua interpretação como guitarrista.

BARRIOS, J. EDUARDO.

330. Envia livros seus.

331. Agradece oferta de livros.

BARROS, DIAS DE.

314. Fala de sua admiração pelo escritor.

315. Elogia um discurso de C. N. em homenagem a Olavo Bilac.

BARROS, JOÃO DE.

306. Pede que colabore no mensário literário **Atlântida.**

307. Apresenta suas desculpas por não se ter despedido do amigo.

BARROS FILHO, VALÊNCIO.

409. Envia fotografias para ilustrarem um artigo.

BARROSO, JOÃO GUSTAVO DODT. (veja-se **NORTE, JOÃO DO,** pseud.).

BATISTA, HOMERO.

396. Tece comentários sôbre a obra literária de C. N.

BATISTA JÚNIOR.

422. Participa que remetera autorização para se traduzir e representar, na Argentina, a peça **Quebranto.**

BELO, JOSÉ MARIA.

397. Pede apoio moral para sua candidatura à Academia, na vaga de Inglês de Sousa.

BERNARDELLI, RODOLFO.

401. Comenta um artigo saído na **Rua.**

BEVILACQUA, CLÓVIS.

394. Promete parecer sôbre determinado assunto.

BILAC, OLAVO BRAZ DOS GUIMARÃES.

69. Fala a respeito da situação em que se encontram amigos exilados.

70. Pergunta o nome de certa pessoa.

71. Trata de assuntos particulares.

72. Pede notícias do amigo.

73. Manifesta interêsse pelo estado de saúde do amigo.

74. Tece comentários sôbre sua viagem a Europa e outros assuntos.

75. Trata de diversos assuntos.

76. Despede-se, pois embarcaria para a Europa.

77. Fala de sua viagem à Europa.

78. Pede que receba e ampare um amigo seu.

79. Despede-se, pois embarcaria para a Europa.

BITTENCOURT, EDMUNDO.

118. Envia o pagamento de colaboração.

119. Queixa-se de não receber colaborações de C. N. para o **Correio,** e pede um retrato para ser publicado no jornal.

120. Pede que C. N. não interrompa sua colaboração no **Correio da Manhã**.

121. Comunica sua partida para a Europa.

122. Trata de assunto particular.

123. Trata de assuntos particulares.

124. Diz que as páginas do **Correio** estarão sempre abertas a C. N.

BONFIM, MANUEL.

391. Lamenta que C. N. não tenha continuado na Câmara dos Deputados, como representante do Maranhão.

BRAGA, ERASMO.

383. Agradece a referência feita a seus trabalhos na oração com que C. N. recebera Duque-Estrada na Academia Brasileira, e envia um exemplar da conferência que fizera na Universidade de Santiago do Chile.

BRAGANÇA, LUÍS DE ORLÉANS.

373. Comunica sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.

BRANDÃO, AVELAR.

425. Elogia o artigo de C. N. intitulado "Glória".

BRANDÃO JÚNIOR.

367. Trata de assuntos particulares.

BRASIL, JOÃO FRANCISCO DE ASSIS.

294. Agradece palavras de saudação.

295. Reitera agradecimentos pela saudação que lhe fizera C. N.

BRASIL, ZEFERINO.

359. Agradece o interêsse demonstrado pela publicação de seu livro **O Meio.**

BRUSOT, MARTIN.

39. Agradece o recebimento das obras completas de C. N. e promete um estudo sôbre alguns dos livros, o qual sairia no **L'Écho Littéraire** de Berlim.

40. Pede autorização para traduzir uma das obras de C. N.

41. Agradece a autorização para traduzir certa obra de C. N.

42. Trata da tradução de contos de C. N.

43. Agradece o terem-no proposto e eleito membro correspondente da Academia Brasileira de Letras e trata de traduções.

44. Desculpa-se pelo atraso da publicação de algumas traduções e agradece a informação de que o **Jornal do Comércio** publicaria algo sôbre um seu romance.

45. Agradece o envio do **Jornal do Comércio** e do **Imparcial** e declara que lera o livro **Tapera** de Alcides Maia.

46. Comunica o envio de exemplares de um livro de C. N. traduzido para o alemão.

47. Mostra-se contente com a notícia da viagem de C. N. a Viena, onde se poderiam encontrar.

48. Fala de seu desapontamento ao saber da volta de C. N. ao Brasil antes que se pudessem encontrar em Paris.

49. Envia alguns jornais que falaram do livro **Wildnis** e dá notícias do 2.º vol. de suas traduções.

50. Comunica o recebimento de **A Conquista** e **Rei Negro,** e promete escrever sôbre os livros no **Echo Littéraire.**

51. Comenta **Rei Negro** e sugere tema para romance.

52. Envia duas revistas, **Echo Littéraire** e **La Génération Moderne,** e pede o significado de uma série de palavras portuguêsas.

53. Comunica o recebimento de dados biográficos de C. N. e diz que uma de suas produções só seria publicada depois da guerra.

54. Fala das dificuldades de se imprimir um livro na Europa durante a guerra e pergunta se C. N. não poderia custear a edição de traduções suas na Alemanha.

CAMPOS, ASTÉRIO DE.

462. Pede que mande ao gerente d' **O Malho** uma nota sôbre a publicação de **Fogo-Fátuo.**

CAMPOS, CÂNDIDO.

384. Solicita colaboração sôbre o Natal para a **Gazeta.**

CAMPOS, HUMBERTO DE (veja-se VERAS, HUMBERTO DE CAMPOS).

CARDOSO, GABRIELA.

428. Pede dedicatória para um álbum.

CARNEIRO, ANTÔNIO.

374. Despede-se do amigo, pois embarcaria para Portugal.

CARNEIRO, BELARMINO.

347. Comunica que a diretoria de **O País** cancelaria a colaboração de C. N. naquele jornal.

CARQUEJO, BENTO.

431. Agradece a oferta do livro **Mano.**

CARVALHO, BULHÕES DE.

463. Convida para colaborar nos trabalhos do próximo recenseamento geral.

CARVALHO, VICENTE AUGUSTO DE.

140. Fala das próximas eleições da Academia Brasileira de Letras.

141. Indaga se poderia contar com o voto de C. N. nas eleições da Academia.

142. Indaga sôbre o recebimento do livro **Poemas e Canções.**

143. Pede alguns versos e dados biográficos destinados a uma antologia poética.

144. Pede que C. N. o visite a bordo, quando de passagem pelo Rio.

145. Desculpa-se por não ter podido ouvir uma palestra de C. N.

146. Apresenta um amigo.

CASAIS, ANTÔNIO HENRIQUES DE.

342. Promete enviar o seu livro **Saltério Cristão.**

343. Desculpa-se em versos por não ter comparecido a um encontro.

CASTRO, ALUÍSIO DE.

318. Envia parabéns por um discurso de C. N.

319. Agradece a oferta do livro **Mano,** traduzido para o francês.

CASTRO, FRANCISCO DE.

385. Marca dia para uma visita.

CASTRO, LUÍS DE.

316. Pergunta a tradução rigorosa de certa expressão francesa.

317. Trata ainda da tradução de uma expressão francesa.

CONCEIÇÃO, FRANCISCO DA.

460. Trata de assuntos particulares.

CORBIÈRE, HENRI.

411. Pede que escreva alguma coisa para ser incluída no **Album de Maximes de vie des Grandes Figures du Monde entier.**

CORRÊIA, VIRIATO.

464. Convida para tomar parte na sua festa artística.

COSTA, CIRO.

404. Recomenda um amigo.

COSTA, LAURINDO.

465. Envia um livro em que se transcrevem páginas de C. N.

COUSIN, JOSÉ COELHO DE ALMEIDA.

466. Pede o patrocínio de C. N. para obra que publicará.

COUTO, MIGUEL.

193. Recomenda cuidados com a saúde.

194. Fala de sua alegria ao deparar, num jornal da Alemanha, a tradução de um trabalho de C. N.

195. Receita remédios.

196. Fala da leitura de **Canteiro de Saudades.**

197. Receita para uma gripe.

CUNHA, ARNALDO PIMENTA DA.

361. Trata do estabelecimento de uma estrada de ferro no Maranhão.

CUNHA, EUCLIDES RODRIGUES DA.*

227. Trata de sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.

228. Tece considerações várias e fala de eleição na Academia.

229. Fala de suas leituras e pede um artigo sôbre livro de Alberto Rangel.

230. Trata de assuntos particulares.

CUNHA, OLEGÁRIO MARIANO CARNEIRO DA.

362. Agradece as expressões de uma carta.

CUTIA, ELPÍDIO.

457. Elogia um artigo de C. N. publicado no **Jornal do Brasil.**

DATY, N.

279. Elogia as obras de C. N. e diz que na frente traduz-lhe os contos e os lê para os soldados.

280. Agradece o recebimento de uma carta e jornais do Brasil, coisas pelas quais se interessam êle e seus companheiros

281. Dá impressões da guerra.

DEMARCH, ANDRÉ S.

353. Trata de assuntos particulares.

DESCOR, CHARLES.

412. Agradece, em nome da **Revue de l'Amérique Latine,** a promessa de colaboração.

DIAS, CARLOS MALHEIRO.

55. Sugere que fixe residência em Portugal.

56. Participa uma viagem ao Brasil com o fim de ampliar a revista que dirigia, **Ilustração Portuguêsa.**

57. Pede que consiga de um dos grandes jornais do Rio convidá-lo para escrever crônicas sôbre os acontecimentos portuguêses.

58. Agradece a página que enviara para sua revista e pede nôvo artigo.

59. Noticia que não pode anunciar gratuitamente em sua revista certo filme.

60. Pergunta da possibilidade de a Academia patrocinar uma festa de literatura e arte, composta apenas de elementos brasileiros.

61. Diz que acabara a leitura da peça **A Muralha** e que pretendia fôsse ela representada em Portugal.

62. Agradece a crônica de C. N. sôbre suas Cartas de Lisboa e pede informações sôbre quadros de Domingos Antônio de Sequeira.

63. Envia uma obra sua.

64. Pede que lhe envie o título do conto que será publicado em sua revista.

65. Transmite um recado de Mme. Teffé.

66. Pede que encaminhe uma carta a Luís Murat.

67. Fala de uma visita que fôra fazer a C. N.

---

* Veja-se também o n.º 304, nota.

68. Fala de entendimentos com os Editôres Lello.

490. Excusa-se por faltar a um compromisso. *

DINIS, ALMÁQUIO.

154. Pede uma apreciação sôbre seu livro **Zoilos e Esthetas.**

155. Pede uma opinião sôbre seu trabalho **Domingos Guimarães.**

156. Fala do bombardeio havido na Bahia no dia 10 de janeiro [de 1912].

157. Transmite o pedido do Sr. Romualdo dos Santos, dono da Livraria Catilina, para editar ou mesmo reeditar em sua casa um livro de C. N.

158. Fala da possibilidade de editar a coleção de cartas escritas por C.N. em 1903 para o **Jornal de Notícias** da Bahia.

159. Manda informações sôbre a edição baiana de um livro de C. N., **Contos Escolhidos.**

DINIS, JOSÉ DE.

454. Saúda o amigo por motivo de aniversário.

DOMINGUES, LUÍS.

358. Agradece um telegrama de felicitações.

DUQUE-ESTRADA, OSÓRIO.

1. Sugere substituir C. N. numa conferência em Campos.

2. Pede que intervenha junto ao diretor de um colégio, em favor de sua nomeação como professor.

3. Comunica a realização de uma sessão extraordinária do Conselho de Ensino e apela para que C. N. interceda em assunto de seu interêsse.

4. Participa sua nomeação para fiscal de dois colégios.

5. Agradece a interferência na sua nomeação para fiscal do ginásio do Espírito Santo.

6. Diz que conta com o voto de C.N. para sua eleição para a Academia.

7. Comenta notícias ouvidas sôbre a participação de C. N. na campanha eleitoral da Academia de Letras.

8. Pergunta se era possível ler para C. N. seu discurso de posse antes de ser enviado à censura da Academia.

9. Pede que no discurso de saudação, na Academia, C. N. se refira a suas atividades intelectuais.

10. Desculpa-se por não ter ido à Escola Dramática e envia algumas produções poéticas.

11. Sugere data para a sessão de sua posse na Academia.

12. Insta para que seja marcado o dia de sua recepção na Academia.

13. Trata da ida a Palácio a fim de fazer convites para a sessão da Academia.

14. Insiste na marcação de data para sua recepção na Academia.

15. Pede parecer sôbre a letra que escrevera para o Hino Nacional Brasileiro, e pergunta se a achava adaptável à música de Francisco Manuel.

16. Pede que se interesse pela candidatura de Aluísio de Castro à Academia de Letras.

17. Pergunta se poderia contar com a amizade de C. N. caso tivesse que fugir de seus perseguidores.

18. Diz saber que C. N. fôra indicado como membro do júri num concurso de libretos de ópera, e comunica que concorreria com dois libretos.

19. Comenta sua situação no concurso de libretos de ópera.

20. Responde a agradecimentos feitos por C. N.

DURIAU, JEAN.

125. Solicita permissão para traduzir o romance **Turbilhão.**

* A D. Gaby Coelho Neto.

126. Fala de sua tradução, para o francês, do romance **Turbilhão**, e do plano de traduzir também **Os Sertões.**

127. Declara que a tradução de **Turbilhão** já se encontra em mãos de um editor.

128. Fala de seu plano de estudar a literatura brasileira e pede que os escritores brasileiros lhe enviem suas obras, que seriam depois doadas à Biblioteca Brasileira da Universidade de Paris.

129. Solicita plenos poderes para tratar com o editor as condições para publicação, em francês, das obras de C. N.

130. Fala da tradução, para o francês, dos contos **No Rancho, Mau Sangue** e **Traição.**

131. Mostra-se aborrecido com os escritores brasileiros por não terem enviado livros para um trabalho que pretendia fazer sôbre a literatura brasileira; comenta o livro **Imortalidade**, e fala das preferências do público francês.

132. Mostra as dificuldades de se lançar, na França, um autor estrangeiro e desconhecido do público.

DUTRA, JOSÉ DA SILVA

381. Agradece, em nome dos sentenciados da Fortaleza de Santa Cruz, a oração que fêz ao Senhor Ministro da Guerra.

EIZAGUIRRE, JOSÉ MANUEL.

426. Procura dissuadir C. N. da idéia de retirar-se do quadro de colaboradores de **La Prensa.**

FERNANDES, JOÃO RIBEIRO.

109. Pede uma licença para tratamento de saúde.

110. Desculpa-se por não poder ir fazer uma visita a C. N.

111. Pede exoneração do cargo de professor da Escola Dramática, por motivo de viagem à Europa.

112. Diz que seu voto nas eleições da Academia já fôra dado a Gilberto Amado.

113. Fala da improbabilidade de sua readmissão na Escola Dramática.

114. Pede colaboração para a **Revista do Centro de Campinas.**

115. Pede que arranje um meio de o fazer entrar para a Escola Dramática.

116. Envia o livro **Exame de Admissão.**

117. Felicita C. N. por motivo do noivado de um dos filhos dêste.

FERREIRA, ÁLVARO MARTINS.

433. Comunica o envio de fotografias de escolas, fábricas e edifícios públicos.

FERREIRA, PROCÓPIO.

332. Agradece uma oferta.

333. Oferece sugestões para aplicação de verba do Teatro Municipal.

FIGUEIRA, F.

376. Fala das bodas de prata de C. N.

FIGUEIREDO JÚNIOR, AFONSO CELSO DE ASSIS.

296. Apresenta Frei Ambrósio, guardião dos franciscanos de Petrópolis.

297. Agradece o interêsse pela saúde de seu pai.

FLEMING, THIERS.

406. Agradece ter sido escolhido representante da Liga de Defesa Nacional na Conferência de Limites Interestaduais.

FONSECA, ALONSO GUAIANÁS DA.

394. Agradece o interêsse que demonstrou por seu filho, o pianista, Alonso Aníbal da Fonseca.

FONSECA, LUÍS CARLOS DA.

427. Envia felicitações.

FONTES, JOSÉ MARTINS.

417. Fala sôbre o livro **Partida para Cythera.**

FRANCISCO, **BISPO DO MARANHÃO.**

365. Agradece os **Mysterios de Natal,** de C. N.

FRANCO, AFONSO ARINOS DE MELO.

375. Faz comentários sôbre eleições para a Academia Brasileira de Letras.

FRANCO, AFRÂNIO DE MELO.

446. Comunica não ser possível ainda o aproveitamento de um recomendado.

FRÓIS, LEOPOLDO.

320. Envia a comédia **Patinho Torto.**

321. Fala sôbre o pagamento de direitos autorais pela representação da peça **Quebranto.**

GAHISTO, P. M.

21. Fala das recordações que guardaria da convivência com o amigo.

22. Fala em nome de M. Leblond, sôbre a intenção da revista **La vie** de fazer propaganda do Brasil na França, mediante subvenção.

23. Fala do plano de tradução, juntamente com M. Lebesgue, das obras de C. N.

24. Fala da organização de um volume de contos C. N. traduzidos.

25. Fala das dificuldades de se encontrar um editor que publique traduções do português.

26. Declara que a situação política mundial o fizera interromper a tradução do romance **Rei Negro.**

27. Fala sôbre a guerra e a morte de Remy de Gourmont.

28. Comenta o romance **Tormenta** e fala sôbre a guerra.

29. Fala da tradução de **Rei Negro**, que, para o público francês, prefere intitular **Macambira**, e dá notícias dos contos exóticos que enviara para o **Journal Des Débats.**

30. Promete informações documentadas sôbre a conduta das tropas alemãs.

31. Conta que M. Leblond publicara uma carta de C. N. na revista **La Vie**, para mostrar o pensamento brasileiro sôbre a França, e fala da guerra.

32. Dá notícia da tradução de obras de C. N., as quais aguardam publicação.

33. Fala de seu interêsse pela literatura brasileira e sul-americana em geral, e pede que lhe envie revistas e outros documentos sôbre o Brasil.

34. Fala de seu desejo de traduzir **Sertão,** e indaga da possibilidade de o govêrno brasileiro requisitá-lo para algum trabalho técnico, favorecendo-lhe assim o estudo do português e da vida brasileira.

35. Comunica que assinara um contrato para a edição do romance **Rei Negro.**

36. Fala da edição de **Rei Negro**, traduzido sob o título de **Macambira**

37. Fala a respeito da tradução de obras de C. N.

38. Envia uma crônica saída no **Mercure** de France, seção **Lettres Brésiliennes,** sôbre a obra de C.N.

GALVÃO, BENJAMIM FRANKLIN RAMIZ.

360. Trata do têrmo **didáscalos.**

GÁLVEZ HIJO, MANUEL.

324. Pede autorização para traduzir para o espanhol o romance **Macambira**. [É o título da edição francesa de **Rei Negro.**]

325. Agradece a autorização para traduzir e editar o romance **Rei Negro.**

GAMA, DOMÍCIO DA.

133. Dá esperanças de ingresso de C.N. no Corpo Diplomático.

134. Trata ainda do ingresso de C. N. na carreira diplomática.

135. Fala da esperança de nomeação de C. N. para a carreira diplomática.

136. Fala de assuntos particulares.

137. Trata de assuntos particulares.

138. Fala de diversos assuntos.

139. Declara que enquanto estiver ausente do Brasil, não votará nas eleições para a Academia Brasileira de Letras.

GAMA, MARCELO.

352. Envia o livro de versos **Via Sacra.**

GARCIA, UCILA MACHUCA DE.

461. Pede que se interesse pela sua ida ao Brasil, onde desejaria dar concertos de cravo.

GÓIS, EURICO DE.

338. Envia fotografias e algumas publicações.

339. Apresenta pêsames pelo falecimento de D. Gaby Coelho Netto.

GOMES, LINDOLFO.

445. Agradece o voto recebido nas eleições para a Academia Brasileira de Letras.

GOMES, M. TEIXEIRA.

355. Fala da "alma portuguêsa".

GONÇALVES, RUI.

449. Oferece a novela **Mandinga.**

GONÇALVES JÚNIOR, LUÍS.

443. Apresenta pêsames pelo falecimento da espôsa de C. N.

GRAVE, JOÃO.

418. Indaga da razão por que **A Noite** não estava publicando seus artigos.

GUIMARÃES, F.

393. Aplaude a candidatura de C. N. à Câmara dos Deputados.

IBARBOUROU, JUANA DE.

424. Agradece livros recebidos.

IRMÃ INÊS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.

369. Oferece um escapulário.

LAET, CARLOS DE.

405. Pede que, em nome da Academia Brasileira de Letras, C. N. preste uma homenagem póstuma ao prosador uruguaio J. E. Rodó.

LEBESGUE, PHILEAS.

91. Combina a tradução francesa dos contos de C. N.

92. Fala da guerra e pergunta qual das peças de C. N. poderia ser representada na França.

93. Pede que responda a um questionário sôbre a França, cujas respostas seriam publicadas na revista **La Vie.**

94. Fala na possibilidade de editar, por intermédio de **La Renaissance du Livre**, um volume de contos de C. N.

95. Fala da necessidade de melhores relações entre o Brasil e a França.

96. Fala da situação da França em guerra, e comenta livros de C. N.

97. Fala do sucesso das obras de C.N. na França.

98. Fala sôbre a França e sôbre a guerra.

99. Aprecia a tradução francesa de **Mano.**

LEBLOND, MARIUS-ARY.

467. Marca hora para um encontro.

LEITE FILHO, LEOPOLDO TEIXEIRA.

390. Manifesta-se a propósito da reeleição de C. N. para a Câmara.

LELLO, ANTÔNIO.

439. Fala da situação econômica de sua casa editorial.

LEÔNI, RAUL DE.

400. Comenta um artigo de C. N., saído em **A Noite,** sôbre a Alemanha.

LIMA, ANTÔNIO AUGUSTO DE.

370. Trata de eleições para a Academia Brasileira de Letras.

LIMA, MANUEL DE OLIVEIRA.

160. Fala de um artigo publicado sôbre C. N. e pede elementos para uma antologia de autores brasileiros que se tencionava fazer na França.

161. Fala da remessa de exemplares da **Revue** com artigo sôbre Bilac.

162. Declara não poder dar seu voto, nas eleições da Academia, a Dantas Barreto, por já tê-lo prometido a outro.

163. Fala do plano de aumentar o estudo que fêz sôbre C. N. e noticia a pulicação da Antologia de escritores brasileiros.

164. Sugere uma viagem de C. N. à Europa a fim de tratar da saúde, diz que já tinha o seu candidato à Academia e pede que lhe envie os últimos livros.

165. Tece comentários sôbre a candidatura de Humberto de Campos à Academia Brasileira de Letras.

LIMA, SÍLVIO JÚLIO DE ALBUQUERQUE.

223. Participa sua candidatura à Academia Brasileira de Letras e comunica haver dedicado a C. N. um capítulo de seu livro **Penhascos.**

224. Fala de sua candidatura à Academia de Letras, na vaga de Alberto Faria.

225. Agradece o voto recebido no 4.º escrutínio da eleição de 7 de abril de 1932.

226. Envia um livro seu e comenta a organização de banca examinadora num concurso para a Escola Normal.

LIND, HIALMAR.

408. Mostra-se interessado em conhecer a obra de C. N.

LOBATO, JOSÉ BENTO MONTEIRO.

416. Fala sôbre a publicação de um livro.

LOPES, OSCAR.

290. Elogia as obras de C. N.

291. Agradece um artigo de C. N. sôbre seus versos.

LOPES, TOMÁS.

147. Congratula-se pela publicação, no **O País,** do romance **Esphynge** e fala de suas atividades literárias.

148. Fala sôbre a crítica no Brasil.

149. Comenta o discurso feito pelo amigo na recepção de Paulo Barreto na Academia Brasileira de Letras.

150. Fala da crítica no Brasil, de seus planos de trabalho e dá notícias da Europa.

151. Fala do insucesso da edição de seu livro **Paizagens.**

152. Louva os dotes intelectuais do amigo e fala de Paris.

153. Fala de suas atividades literárias.

LUSO, JOÃO.

350. Pede uma bibliografia de C. N.

MACHADO, ALCÂNTARA (veja-se OLIVEIRA, ANTÔNIO CASTILHO DE ALCÂNTARA MACHADO DE).

MACHADO, IRINEU.

270. Felicita pelo restabelecimento da saúde de D. Gaby Coelho Neto.

271. Mostra-se pesaroso por não ter encontrado C. N. em Paris e diz que fôra operado.

272. Felicita por motivo de aniversário.

MACHADO, J. G. PINHEIRO.

308. Agradece votos de boas-vindas.

309. Desculpa-se por uma visita não realizada.

MACHADO, JULIÃO.

243. Trata de diversos assuntos.

244. Fala de assunto particular.

245. Comenta o trabalho de ilustração de um livro.

246. Elogia trabalho de C. N. publicado na imprensa.

MAGALHÃES, FERNANDO.

468. Renova pedido de comparecimento à Liga de Defesa Nacional.

MAGALHÃES, PAULO DE.

438. Deseja melhoras da saúde do amigo.

MALHOA, JOSÉ.

356. Fala de seus quadros.

MARGUERITTE, ZILLA.

469. Comunica sua próxima visita ao Rio.

MARIANO, OLEGÁRIO (veja-se CUNHA, OLEGÁRIO MARIANO CARNEIRO DA).

MARINHO, IRINEU.

403. Trata de assuntos particulares.

MAUL, CARLOS.

470. Pede o voto de C. N. nas eleições da Academia Brasileira de Letras, para Luís Guimarães.

MEDICI, GIULIO DE.

282. Pede autorização para traduzir para o italiano o romance **Turbilhão.**

283. Fala a respeito da tradução do romance **Turbilhão** e pede informações a respeito de Machado de Assis e Júlio Ribeiro.

284. Fala da tradução do romance **Turbilhão** e pede livros de Machado de Assis.

MENDONÇA, HENRIQUE LOPES DE.

349. Remete o 1.º número da revista **Serões** e pede artigos sôbre coisas brasileiras.

MENESES, EMÍLIO DE.

300. Solicita auxílio financeiro.

301. Pede consentimento para dedicar a D. Gaby Coelho Neto um sonêto de livro a ser publicado.

MENESES, LUÍS DE.

435. Remete um artigo sôbre Péricles Morais, publicado no **Estado do Maranhão.**

MÉDRÚ, EDUARDO.

348. Convida para uma reunião destinada a promover comemorações pelo quarto centenário da Armada Nacional.

MIGNONE, FRANCISCO.

414. Fala sôbre o seu trabalho musical **O Contratador de Diamantes.**

MIRANDA, JOÃO PEDRO DA VEIGA.

261. Desculpa-se pela publicação de uma carta de C. N., a quem dedicará seu livro **Mau Olhado.**

262. Agradece um cartão recebido por motivo de seu aniversário, e comunica que se mudaria para o Rio.

263. Agradece a promessa de apoio para sua candidatura à Academia.

MIRANDA, RAIMUNDO PONTES DE.

423. Comunica que se candidatara à vaga de Lauro Müller na Academia Brasileira de Letras.

MONTAGNA, G. C.

420. Agradece o artigo escrito por C.N. no **Jornal do Brasil** sôbre um aviador italiano.

MONTES, M. CASTRO.

455. Apresenta um amigo.

488. Envia uma certidão de batismo.*

MORAIS, ANTÔNIO.

471. Fala de sua grande admiração por C. N.

MORAIS, PÉRICLES.

434. Trata de assuntos literários e envia o **Álbum de Manaus.**

MOSQUEIRA, SILVANO.

387. Remete um exemplar da **Revista de la Escuela de Comercio,** em que se encontra um artigo de C.N. sôbre certo artista paraguaio.

MOTA, ARTUR.

453. Louva a indicação do nome de C.N. para o prêmio Nobel.

MOTA, J. VIANA DA.

208. Informa sôbre preço de um piano.

---

* A. D. Gaby Coelho Neto.

209. Manda explicações acêrca de piano.

210. Trata da importação de um piano da Alemanha.

211. Trata da impossibilidade de se conseguir isenção alfandegária na importação de um piano.

212. Agradece e comenta o livro **Rei Negro,** que êste lhe enviara.

MÜLLER, LAURO.

366. Faz um agradecimento.

MURAT, LUÍS.

239. Felicita C. N. pelo jubileu literário e reitera expressões de amizade.

240. Felicita C. N. pela nomeação para lente da cadeira de Literatura.

241. Manifesta-se a propósito da publicação de umas poesias n'**O País.**

242. Trata de uma nota a respeito de livro seu.

NAPOLEÃO, ARTUR.

258. Oferece seus préstimos para colaborar com o Centro Artístico.

259. Envia um piano.

260. Envia bilhetes para uma festa artística.

NASCENTES, ANTENOR.

410. Reafirma opinião expressa por ocasião da argüição de Otávio Augusto, de que C. N. estava, como estilista, ao lado de Manzoni e Flaubert.

NEPOMUCENO, ALBERTO.

310. Agradece um telegrama.

311. Envia um exemplar de sua composição **Artemis.**

NORMANDY, GEORGES.

218. Agradece a tradução e inserção, no **Jornal do Comércio,** do seu estudo sôbre **En Guerre** de Castro Meneses.

219. Pede o envio da parte dos membros da Academia, dos respectivos **ex-libris,** para um trabalho que estava planejando.

220. Comunica que o **Comité de la Société des Poètes Français** o distinguira com o título de membro correspondente.

221. Comunica que Ventura García Calderón, diretor em Paris da Librairie Excelsior, fundara uma coleção intitulada **Les Cahiers Latins,** e que estava interessado em publicar uma obra do escritor brasileiro.

222. Agradece a publicação em **O País** de um artigo sôbre Maupassant.

NORTE, JOÃO DO (pseud. de JOÃO GUSTAVO DODT BARROSO).

312. Dá impressões de sua terra natal.

313. Envia um livro.

OITICICA, JOSÉ.

213. Agradece o convite para ocupar a cadeira de prosódia na Escola Dramática em substituição ao Professor João Ribeiro.

214. Fala de seu programa de curso na Alemanha e faz observações várias.

215. Queixa-se do desinterêsse do govêrno do Brasil em relação à propaganda do país no exterior.

216. Pede que se informe a respeito de sua situação, em vista da mudança de govêrno.

217. Protesta contra o ato do govêrno que decretara a promoção em massa dos estudantes.

OLIVEIRA, ALBERTO (veja-se OLIVEIRA, ANTÔNIO MARIANO ALBERTO DE).

OLIVEIRA, ANTÔNIO CASTILHO DE ALCÂNTARA MACHADO DE.

436. Pede o voto de C. N. numa eleição da Academia Brasileira de Letras.

OLIVEIRA, ANTÔNIO MARIANO ALBERTO DE.

166. Envia um abraço de boas-vindas.

167. Elogia o amigo, por motivo da publicação do 5.º vol. de **Theatro.**

168. Agradece a oferta do livro **Falando.**

169. Refere-se à organização de um álbum escolar.

170. Trata de um incidente havido na Academia.

171. Envia-lhe um sonêto.

ORICO, OSVALDO.

489. Tributa homenagem pelo fato de haver sido, com o voto de C. N., premiado pela Academia Brasileira de Letras.*

OSÓRIO, PAULO.

235. Declara que gostaria de dedicar a C. N. parte de um livro seu.

236. Fala da dificuldade em que se encontra, em Portugal, e pede a interferência de C. N. para que possa colaborar em jornais brasileiros.

237. Pergunta sôbre uma carta e um livro que enviara a C. N.

238. Agradece uma carta e pede que lhe obtenha oportunidade de colaborar na imprensa do Brasil.

PACHECO, FÉLIX.

100. Declara-se candidato à Academia.

101. Agradece uma carta de C. N.

102. Agradece expressões de apoio.

103. Devolve um livro e fala de discurso que tem pronto.

104. Declara que já podia voltar às suas atividades e envia dois livros ao amigo.

105. Agradece felicitações.

106. Comunica que não poderia estar presente à sessão da Academia, e pede que C. N. externe sua oposição à renúncia de Medeiros e Albuquerque.

107. Agradece um cartão.

* A D. Gaby Coelho Neto.

108. Agradece um telegrama.

PARREIRAS, ANTÔNIO.

172. Pede informações sôbre um concurso de quadros relativos à Independência.

173. Agradece o envio do projeto sôbre o quadro histórico relativo à Independência.

174. Envia a revista **Le Monde Latin,** com artigo sôbre Castro Meneses, e comenta artigos de C. N. sôbre a política do Maranhão.

175. Envia a revista **Le Monde Latin,** com um artigo sôbre C. N. e um livro de Pierre Aguétant, sôbre o qual pede que escreva alguma coisa.

176. Conta que o presidente de certo Estado não lhe havia pago ainda nenhuma prestação por um quadro encomendado.

177. Envia dois livros de Aguétant, que pede sejam entregues à Academia Brasileira de Letras, e fala de seu desejo de que as obras de C. N. sejam conhecidas na França.

PATROCÍNIO FILHO, JOSÉ DO.

203. Solicita a influência de C. N. a fim de conseguir uma nomeação.

204. Agradece um ingresso para a Ópera de Paris e declara não poder ir ao espetáculo.

205. Queixa-se de falta de notícias.

206. Trata de assuntos literários.

207. Pede um favor financeiro.

PAZURKIEWICZ, STANISLAS.

442. Solicita informações sôbre a obra literária de C. N.

PEDRA, HILDEBRANDO MELO.

450. Pede exemplar de uma obra de C. N.

PEIXOTO, ARTUR VIEIRA.

402. Agradece a obra **Romanceiro,** oferecida à biblioteca da Casa de Correção.

PEIXOTO, JÚLIO AFRÂNIO.

344. Trata de assunto particular.

345. Envia um livro.

PENIDO, JOSÉ MARIA.

440. Comunica que tomara as providências pedidas para conseguir o desembarque do Dr. Heriberto Paiva.

PENTEADO, AMADEU ARRUDA AMARAL LEITE.

429. Agradece e comenta **Canteiro de Saudade,** e fala nas eleições para a Academia Brasileira de Letras.

PEREIRA, BATISTA.

288. Regozija-se com a nomeação de C. N. para professor em Campinas.

289. Apresenta os Srs. Casemiro Warchalowski e Jacob Kosinski, poloneses.

PIMENTEL, FIGUEIREDO.

368. Explica por que havia pedido a representação de uma peça que não a sua.

PINHEIRO, CHABI.

444. Trata de assuntos particulares.

PINTO, MANUEL DE SOUSA.

231. Agradece uma lista das obras de C. N.

232. Comenta os livros **Treva** e **Turbilhão.**

233. Agradece os elogios de C. N. a seu livro **Terra Moça.**

234. Comunica seu nôvo enderêço e declara ter enviado a C. N. seu livro **O Gomil dos Noivados.**

PRADO, AMÁLIA.

432. Solicita o envio de livros para uma biblioteca escolar.

PRATES, HOMERO.

391. Pede uma colaboração para a revista **Panóplia.**

RAMOS, JOSÉ JÚLIO SILVA.

413. Agradece o envio da obra **Conversas.**

RESENDE, MELO.

273. Pede a intervenção de C. N. em favor de seus planos de trabalho.

274. Faz considerações sôbre a atualidade nacional.

275. Solicita a interferência de C. N. em favor de certa pretensão.

RIBEIRO, BENTO.

364. Elogia a competência com que C. N. dirigira os alunos da Escola Dramática.

RIBEIRO, IVETA.

458. Pede obras autografadas para a biblioteca da revista **Brasil Feminino.**

RIO, JOÃO DO (pseud. de PAULO BARRETO).

486. Dá impressões de viagem.*

RIO BRANCO, JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS, **BARÃO DO**.

178. Agradece um telegrama.

179. Desmente notícia publicada na imprensa.

180. Agradece um bilhete-postal.

181. Agradece um telegrama.

182. Avisa sôbre um jantar em homenagem a Ferrero.

ROCHA, ARTUR PINTO DA.

183. Envia poemas a serem publicacados numa revista.

184. Trata da publicação de um número especial da revista **Renascença** dedicado ao Rio Grande do Sul.

185. Apresenta o jornalista português Joaquim Madureira.

186. Pede apoio para sua candidatura à Academia.

---

* A D. Gaby Coelho Neto.

187. Louva a escolha de C. N. para Ministro Plenipotenciário do Brasil junto ao govêrno da Argentina.

ROCHA, M. DE OLIVEIRA.

379. Participa que **A Notícia** fôra obrigada a fazer uma redução nas suas despesas, donde a necessidade de um entendimento com seus colaboradores.

RODRIGUES, JOÃO.

398. Trata de um artigo saído em **A Política** sôbre o govêrno Wenceslau Braz.

RODRIGUES, TEODORO.

351. Louva as qualidades estilísticas de C. N.

ROURE, AGENOR DE.

382. Comunica que se candidatara à vaga de Garcia Redondo na Academia Brasileira de Letras.

SALAMONDE, EDUARDO.

264. Pede recomendar um seu amigo a Oliveira Passos.

265. Pede intervir para que se obtenha isenção de serviço militar para o seu filho César.

266. Agradece a influência de C. N. na decisão de darem isenção do serviço militar a seu filho César.

SALES, ANTÔNIO.

395. Trata de assuntos particulares.

SANTOS, URBANO SOARES DOS.

302. Indaga se C. N. contestaria certo artigo publicado no **País.**

303. Devolve documentos emprestados.

SEABRA, JOSÉ FAGUNDES.

292. Comunica não haver no Ministério da Justiça vaga para aproveitamento de C. N.

293. Informa sôbre a nomeação de arquivistas e subarquivistas para o Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

SEIXAS, ARISTEU.

247. Agradece o estímulo recebido na tradução dos **Versos Áureos** de Pitágoras, e pergunta onde poderia encontrar um exemplar da tradução feita por Luís Antônio de Azevedo.

248. Agradece o empréstimo do livro **Versos de Ouro.**

249. Comunica que lhe devolveria um livro emprestado e envia livros de versos.

250. Devolve o livro **Versos de Ouro** e apresenta o portador do mesmo, Sr. Teixeira de Abreu.

SILVA, ADALBERTO P. DA.

452. Pede uma cópia do sonêto **Ser mãe,** de C. N.

SILVA, ANTÔNIO JOAQUIM PEREIRA DA.

322. Apresenta, em versos, sua candidatura à Academia Brasileira de Letras.

323. Refere-se a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Olavo Bilac.

SILVA, GASPAR DA.

472. Agradece uma carta e relembra os tempos em que vivia no Brasil.

SILVA, OSCAR DA.

399. Pede que C. N. se interesse por suas composições musicais.

SILVEIRA, FERNANDO DA.

459. Envia um exemplar de **Sertão,** para que seja autografado.

SILVEIRA, VALDOMIRO.

386. Felicita por motivo de aniversário e elogia o livro **Rei Negro.**

SOUSA, ARTUR OSCAR LOUREIRO DE.

423. Manifesta-lhe o aprêço que a êste votavam os alunos da Escola Militar de Realengo.

SOUSA, CLÁUDIO DE.

388. Agradece um cartão recebido.

SOUSA, JOÃO FRANCISCO PEREIRA DE.

188. Agradece a atitude de C. N., destinando à caridade o produto de uma conferência.

189. Trata da remessa de fotografias.

190. Pergunta da possibilidade de se explorar a indústria agropecuária no Maranhão.

191. Desculpa-se por não ter sido proporcionada melhor acolhida a C. N. quando de sua visita a Santana.

192. Agradece carta recebida.

SOUSA, MANUEL LEÃO DE.

451. Trata de assuntos vários.

SOUSA, WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE, **PRESIDENTE DO BRASIL.**

430. Agradece a oferta da obra **Livro de Prata.**

TAUNAY, AFONSO DE ESCRAGNOLLE.

285. Comunica que atendera ao pintor azulejista Sr. Jorge Collaço, e envia fotografias do Museu Paulista.

286. Agradece e retribui votos de feliz Ano Nôvo.

287. Promete o seu voto para a candidatura de Gregório Fonseca à Academia.

TAVARES, ADELMAR.

419. Envia saudações.

TELES, GOFREDO T. DA SILVA.

326. Envia trecho do artigo com que Henri Régnier saudou no **Figaro** o aparecimento da tradução francesa do **Rei Negro.**

327. Pede permissão para publicar na **Revue de l'Amerique Latine** a tradução francesa de um dos contos do **Sertão.**

TEÓFILO, ANÍBAL.

485. Trata de assuntos particulares.*

TEÓFILO, RODOLFO.

346. Apresenta um amigo.

UBATUBA, EZEQUIEL.

363. Desculpa-se por não ter comparecido a uma reunião.

VALE, CIRO DE FREITAS.

251. Lamenta a exclusão de C. N. da Câmara Federal.

252. Dá impressões sôbre a vida nos Estados Unidos.

253. Agradece a oferta da edição francesa de **Mano.**

254. Apresenta pêsames pela morte de D. Gaby Coelho Neto.

487. Envia votos de felicidades. **

VÁRZEA, VIRGÍLIO.

371. Solicita o voto de C. N. para uma das cadeiras vagas na Academia de Letras.

VEIGA, GILBERTO.

447. Pede que prefacie um livro seu.

VERAS, HUMBERTO DE CAMPOS.

340. Oferece seu enderêço em Paris.

341. Pede notícias e fala sôbre a epidemia que tomara a cidade.

VIANA, JAVIER DE.

354. Fala da aproximação intelectual entre a Argentina e o Brasil.

VIANA, RENATO.

276. Fala das conseqüências de ter escrito um artigo sôbre Gilberto Amado.

277. Pede-lhe um auxílio financeiro.

---

* A D. Gaby Coelho Neto.

** A D. Gaby Coelho Neto.

278. Declara que fôra passar uma temporada no Ceará e que aproveitaria o tempo para redigir um livro.

VIEIRA, CELSO.

437. Declara que concorreria a uma vaga existente na Academia Brasileira de Letras.

VIEIRA, XISTO.

448. Agradece convite para o casamento de João Coelho Neto.

MISSIVAS QUE FOGEM À NORMA DO ÍNDICE

BROCCHI, DR.

473. Manifesta esperança de conhecer o Brasil.

ELPÍDIO.

474. Pede a interferência de C. N. na obtenção de auxílio oficial para seus estudos.

ADALBERTO.

475. Dá impressões sôbre a vida européia.

MARCONDES.

476. Participa reunião do Conselho da Confederação Brasileira de Desportos.

C. A. M.

477. Trata de assuntos particulares.

RAFAEL.

478. Trata de assuntos particulares.

LA PRENSA (jornal argentino)

479. Confirma a aceitação de C. N. como seu colaborador.

480. Comunica a publicação do primeiro artigo de C. N.

__________ *

481. Trata de assuntos particulares.

__________ **

482. Manifesta-se pesaroso pela morte de João Rodrigues, organizador do Centro Maranhense.

ELZA.

483. Fala de sua participação numa manifestação pública.

BILI ***

484. Pede auxílio financeiro.

---

* Assinatura ilegível.

** Carta incompleta, sem assinatura.

*** Espôsa de José do Patrocínio. Carta a D. Gaby Coelho Neto.